



O REI PERVERTIDO

«Uma saga épica
sobre conspiração real
e enganos.»

ENTERTAINMENT WEEKLY



AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

HOLLY BLACK



O REI PERVERSO

«Uma saga épica
sobre conspiração real
e enganos.»

ENTERTAINMENT WEEKLY



AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

HOLLY BLACK





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



Table of Contents

[Holly Black](#)

[Edição original](#)

[Mapa](#)

[Livro Um](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Livro Dois](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

Holly Black

O Rei Perverso
The Folk of the Air

TopSeller

Edição original

Título: *The Wicked King*

Texto: © 2019 Holly Black

Capa: Karina Granda

Imagens da capa: © Sean Freeman

Ilustrações do interior: Kathleen Jennings

Publicado pela Little, Brown and Company, uma chancela do
Hachette Book Group USA, Nova Iorque.

Todos os direitos reservados.

Edição em Português

Título: *O Rei Perverso*

Tradução: Renato Carreira

Revisão: Marta Poiares

Paginação: Raquel Silva

ISBN: 978-989-564-443-8

Depósito legal: 478 796/21

1.^a edição: março de 2021

2.^a edição: abril de 2021

Impresso pela Publito em Braga

© **2021 Topseller**, uma chancela da

20|20 Editora.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia
autorização da editora.

Rua Alfredo da Silva, 14 • 2610-016 Amadora • Portugal

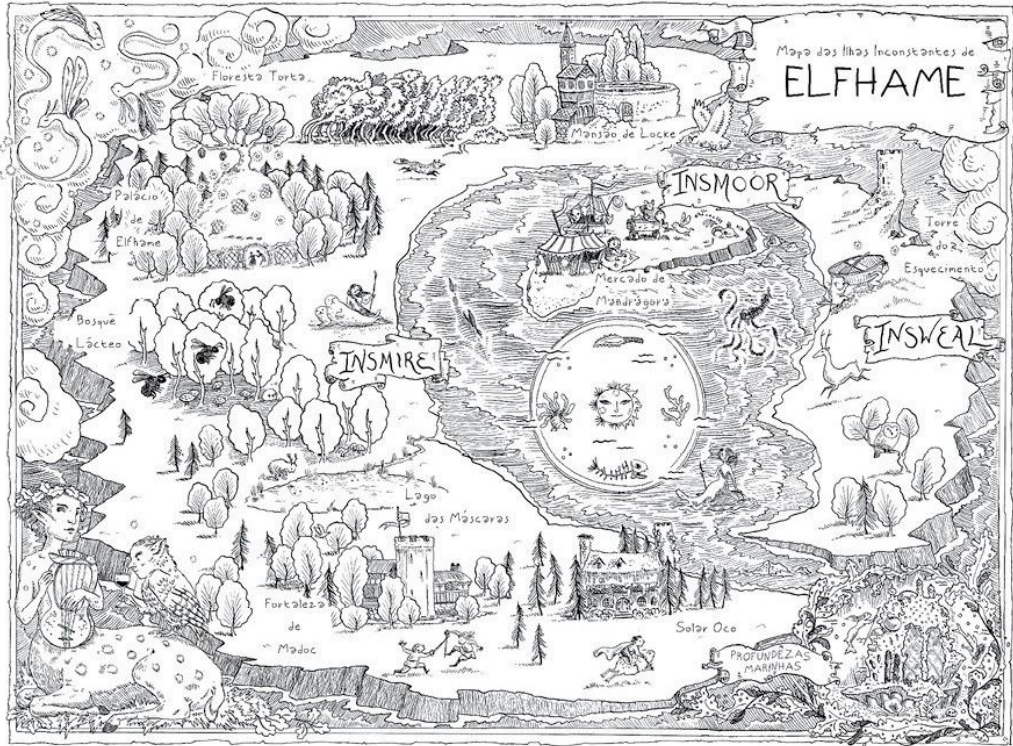
Tel. -1-351 218936000 • GPS 38.742, -9.2304

contacto@topseller.pt • www.topseller.pt • O topseller.pt

Garantia incondicional de satisfação e qualidade: se não ficar satisfeito com a qualidade deste livro, poderá devolvê-lo diretamente à Topseller, juntando a fatura, e será reembolsado sem mais perguntas.

Esta garantia é adicional aos seus direitos de consumidor e em nada os limita.

O Rei Perverso é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.

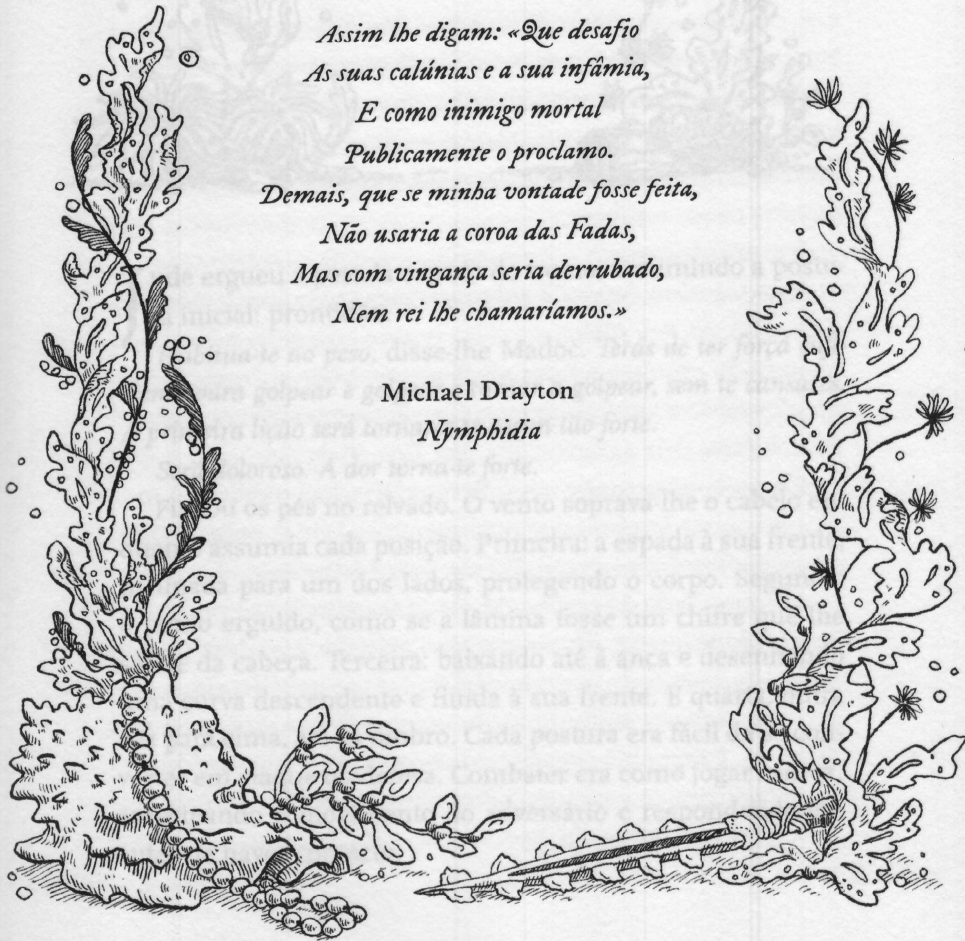


Livro Um

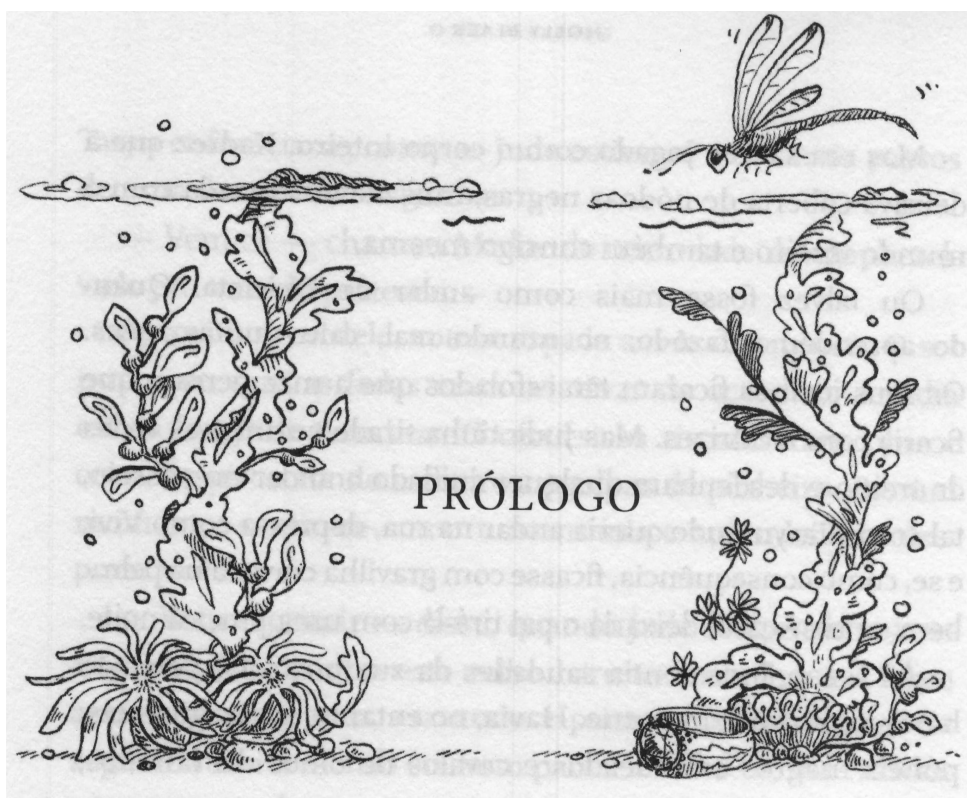
PROLOGO

*Assim lbe digam: «Que desafio
As suas calúnias e a sua infâmia,
E como inimigo mortal
Publicamente o proclamo.
Demais, que se minba vontade fosse feita,
Não usaria a coroa das Fadas,
Mas com vingança seria derrubado,
Nem rei lbe chamariamos.»*

Michael Drayton
Nymphidia



Prólogo



Jude ergueu a pesada espada de treino, assumindo a postura inicial: prontidão.

Habitua-te ao peso, disse-lhe Madoc. Terás de ter força suficiente para golpear e golpear e tornar a golpear, sem te cansares. A primeira lição será tomares-te assim tão forte.

Será doloroso. A dor toma-te forte.

Fincou os pés no relvado. O vento soprava-lhe o cabelo enquanto assumia cada posição. Primeira: a espada à sua frente, inclinada para um dos lados, protegendo o corpo. Segunda: o pomo erguido, como se a lâmina fosse um chifre que lhe saísse da cabeça. Terceira: baixando até à anca e desenhando uma curva descendente e fluida à sua frente. E quarta: outra vez para cima, até ao ombro. Cada postura era fácil de se converter em ataque ou defesa. Combater era como jogar xadrez, antecipando

o movimento do adversário e respondendo-lhe antes de haver contacto.

Mas era xadrez jogado com o corpo inteiro. Xadrez que a deixava coberta de nódoas negras, cansada e frustrada com o mundo inteiro e também consigo mesma.

Ou talvez fosse mais como andar de bicicleta. Quando aprendeu a fazê-lo, no mundo real, caiu muitas vezes. Os seus joelhos ficaram tão esfolados que a mãe pensou que ficaria com cicatrizes. Mas Jude tinha tirado sozinha as rodas de treino e desdenhara qualquer cuidado a andar no passeio, tal como Taryn. Jude queria andar na rua, depressa como Vivi, e se, como consequência, ficasse com gravilha cravada na pele... bem... nesse caso, deixaria o pai tirá-la com uma pinça à noite.

Às vezes, Jude sentia saudades da sua bicicleta, pois não havia nenhuma em Faerie. Havia, no entanto, sapos gigantes, póneis magros esverdeados e cavalos de olhos desvairados, esguios como sombras.

E armas.

E o assassino dos seus pais, agora seu pai adotivo. Madoc, o general do Rei Altíssimo, que queria ensiná-la a cavalgar demasiado rápido e a lutar até à morte. Mas por mais fortes que fossem os seus golpes contra ele, apenas lhe causavam riso. A raiva dela agradava-lhe. Era *fogo*, dizia ele.

Ela gostava de sentir raiva. Era preferível ao medo. Era melhor do que se lembrar que era uma mortal entre monstros. Já ninguém lhe dava a opção de usar rodas de treino.

Do outro lado do campo, Madoc orientava Taryn numa sucessão de posturas. Taryn também estava a aprender a usar a espada, apesar de os seus problemas serem diferentes dos de Jude. As suas posturas eram mais perfeitas, mas odiava a esgrima. Respondia com defesas previsíveis a ataques óbvios e era fácil atraí-la para uma sucessão de movimentos e atingida pela interrupção do padrão. De cada vez que acontecia, Taryn enfurecia-se, como se Jude estivesse a trocar os passos de uma dança e não a ganhar.

— Vem cá — chamou Madoc do outro lado do amplo relvado em tons de prateado.

Aproximou-se dele, com a espada sobre os ombros. O sol punha-se, mas as fadas eram criaturas do ocaso e o seu dia estava longe de terminar. O céu estava riscado com cobre e ouro. Inspirou fundo o cheiro a agulhas de pinheiro. Por um momento, sentiu-se como uma miúda a aprender um desporto novo.

— Vem esgrimir — disse, quando Jude se aproximou. — Vocês as duas contra este velho barrete-vermelho. — Taryn apoiou-se na espada, cravando a ponta no chão. Não devia segurá-la assim — não era bom para a lâmina —, mas Madoc não a repreendeu.

— O poder — disse. — O poder é a capacidade de conseguirmos o que queremos. O poder é a capacidade de tomarmos decisões. E como conseguimos poder?

Jude posicionou-se ao lado da sua gémea. Era óbvio que Madoc esperava uma resposta, e igualmente óbvio que esperava a resposta errada.

— Aprendendo a lutar bem? — disse Jude, para dizer *alguma coisa*.

Quando Madoc lhe sorriu, ela viu as pontas dos seus caninos inferiores, mais longos do que o resto dos dentes. Despenteou-lhe o cabelo, e Jude sentiu as pontas das suas unhas, quase garras, no seu couro cabeludo, de forma demasiado suave para a magoar, mas sem deixar de a lembrar o que ele era.

— Conseguimos poder, tomando-o.

Apontou para uma colina baixa com um espinheiro a crescer-lhe no topo.

— A lição seguinte será um jogo. Aquela colina é minha. Avancem e capturem-na.

Taryn pôs-se a caminho, obediente, seguida por Jude. Madoc acompanhou-as com um sorriso cheio de dentes.

— E agora? — perguntou Taryn, sem qualquer entusiasmo perceptível.

Madoc olhou para o horizonte, como se ponderasse e descartasse várias regras.

— Agora, defendam a colina de um ataque.

— Como assim? — perguntou Jude. — De ti?

— Isto é um jogo de estratégia ou um exercício de combate? — perguntou Taryn, franzindo a testa.

Madoc elevou-lhe o queixo com o dedo, erguendo a cabeça de Taryn até esta fitar os seus olhos dourados de gato.

— Que é o combate senão um jogo de estratégia acelerado? — disse-lhe com grande seriedade. — Fala com a tua irmã. Quando o sol chegar ao tronco daquela árvore, tomarei a minha colina. Derrubem-me uma vez e vencem as duas.

A seguir, partiu para um aglomerado de árvores a alguma distância. Taryn sentou-se no relvado.

— Não quero fazer isto — disse.

— É só um jogo — recordou-lhe Jude, nervosa.

Taryn lançou-lhe um olhar — aquele que trocavam quando uma delas estava a fingir que tudo estava normal.

— Que *achas* que devemos fazer?

Jude olhou para os ramos do espinheiro.

— E se uma de nós atirar pedras enquanto a outra combate?

— Está bem — disse Taryn, levantando-se e começando a enfiar pedras nos bolsos das saias. — Achas que vai ficar chateado?

Jude abanou a cabeça, mas percebeu a pergunta de Taryn. E se as matasse por acidente?

Tens de escolher em que colina morrerás, costumava dizer a mãe ao pai. Era uma daquelas expressões estranhas que os adultos esperavam que compreendesse, mesmo que nada naquilo fizesse sentido — como «mais vale um pássaro na mão do que dois a voar» ou «um pau de dois bicos» ou o mistério total que era «um boi a olhar para um palácio». Agora, estar no alto de uma colina a sério, com uma espada na mão, isso sim, percebia muito melhor.

— Vai para o teu lugar — disse Jude, apressando-se Taryn a trepar ao espinheiro. Jude olhou para o sol e pensou no tipo de truques que Madoc poderia usar. Quanto mais ele esperasse, mais escuro ficaria, e Jude e Taryn não conseguiam ver no escuro como ele.

Mas, afinal, acabou por não usar quaisquer truques. Saiu de entre as árvores e correu para elas, uivando como se comandasse um exército de cem soldados. Jude sentiu os joelhos a tremer de horror.

Isto é só um jogo, recordou a si mesma, frenética. Quanto mais se aproximava, menos o seu corpo acreditava nela. Todos os instintos animais lhe diziam para fugir.

A estratégia que escolheram parecia-lhe tonta perante a enormidade dele e a pequenez delas. Perante o medo que sentia. Recordou a sua mãe a esvair-se em sangue no chão, recordou o cheiro das entranhas dela expostas. A memória pareceu-lhe um trovão na cabeça. Ela ia morrer.

Foge, insistia todo o seu corpo. **FOGE!**

Não. A sua mãe tinha fugido. Jude fincou os pés.

Forçou-se a assumir a primeira postura, mesmo que as pernas lhe tremessem. A vantagem era dele, mesmo enquanto subia aquela colina, porque o ímpeto era seu. As pedras que Taryn lhe atirava mal o abrandaram.

Jude saiu-lhe da frente, sem se dar ao trabalho de tentar bloquear o primeiro golpe. Pondo a árvore entre ambos,

esquivou-se ao segundo e ao terceiro. Quando o quarto veio, atirou-a ao chão.

Fechou os olhos à espera do golpe mortal.

— Podem capturar uma coisa quando ninguém está a ver. Mas defendê-la, mesmo com todas as vantagens do vosso lado, não é tarefa fácil — disse-lhe Madoc, rindo-se. Jude olhou para cima e viu que ele lhe estendia uma mão. — É mais fácil conquistar o poder do que mantê-lo.

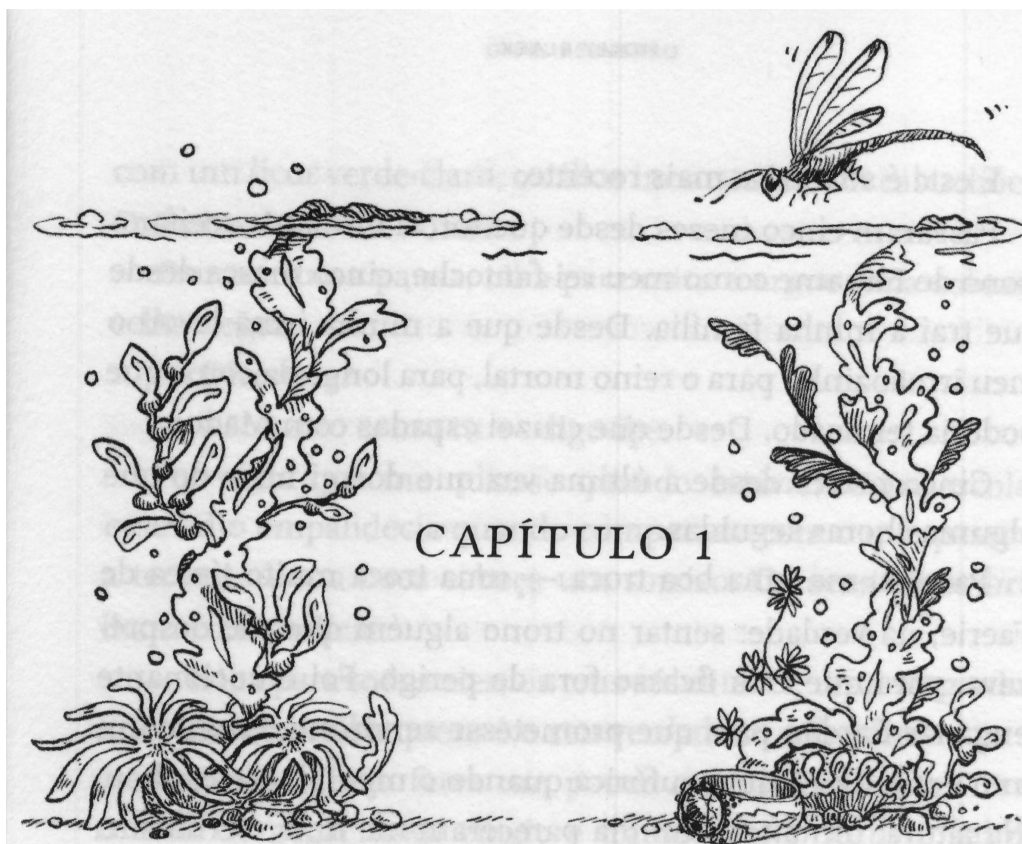
O alívio envolveu-a. Era só um jogo, afinal. Só mais uma lição.

— Isso não foi justo — protestou Taryn.

Jude não disse nada. Nada era justo em Faerie. Tinha aprendido a deixar de esperar que fosse.

Madoc ajudou Jude a levantar-se e cobriu-lhe os ombros com um braço pesado. Abraçou-a e à sua gémea. Cheirava a fumo e a sangue seco, mas Jude deixou-se encostar a ele. Era bom ser abraçada. Até por um monstro.

Capítulo 1



O novo Rei Altíssimo de Faerie repousa no seu trono, com a coroa num ângulo despreocupado sobre a cabeça e a sua capa longa, de um escarlate pérfido, presa nos ombros e a varrer o chão. Um brinco brilha na ponta de uma orelha bicuda. Anéis pesados cintilam-lhe nos dedos. O enfeite mais ostensivo é, no entanto, a sua boca suave e amuada.

Fá-lo parecer um sacana tão grande como é.

Permaneço de pé, ao lado dele, na posição honrada de senescal. Sou, supostamente, a conselheira de maior confiança do Rei Altíssimo Cardan e desempenho esse papel, em vez do meu papel real — a mão por trás do trono, com poder para forçá-lo a obedecer, no caso de tentar trair-me.

Procuro na multidão um espião da Corte das Sombras. Intercetaram uma mensagem da Torre do Esquecimento, onde o

irmão de Cardan está preso, e trazem-na a mim em vez de ao seu destinatário.

E esta é só a crise mais recente.

Passaram cinco meses desde que forcei Cardan a aceitar o trono de Elfhame como meu rei-fantoches, cinco meses desde que traí a minha família. Desde que a minha irmã levou o meu irmãozinho para o reino mortal, para longe da coroa que poderia ter usado. Desde que cruzei espadas com Madoc.

Cinco meses desde a última vez que dormi mais do que algumas horas seguidas.

Pareceu-me uma boa troca — uma troca muito típica de Faerie, na verdade: sentar no trono alguém que me desprezava, para que Oak ficasse fora de perigo. Foi emocionante enganar Cardan para que promettesse servir-me durante um ano e um dia. Fiquei eufórica quando o meu plano resultou. Na altura, um ano e um dia pareceram-me uma eternidade. Mas, hoje, tinha de perceber como conseguiria mantê-lo sob o meu poder — e longe de sarilhos — durante mais tempo. Tempo suficiente para Oak poder ter o que eu não tive: uma infância.

Hoje, um ano e um dia não me parece tempo nenhum.

E, apesar de ter sentado Cardan no trono pelas minhas próprias maquinações, apesar de conspirar para o manter ali, não consigo não me sentir perturbada por vê-lo tão confortável.

Os governantes de Faerie estão ligados à terra. São o sangue e o coração do seu reino, de uma forma mística que não percebo por inteiro. Mas Cardan não o será, certamente. Não com o seu empenho em ser um preguiçoso que não governa nada.

Em grande parte, as suas obrigações resumem-se a deixar que as suas mãos cobertas de anéis sejam beijadas e a aceitar os louvores do Povo. De certeza que essa parte lhe agrada — os beijos, as vénias, a subserviência. O vinho agrada-lhe, definitivamente. Pede uma e outra vez que voltem a encher-lhe,

com um licor verde-claro, o cálice incrustado com cabuchões. O cheiro deixa-me zozna.

Durante uma pausa, olha para mim e ergue uma sobrancelha negra.

— Divertida?

— Não tanto como tu — digo-lhe.

Por mais que me odiasse quando estávamos na escola, esse ódio empalidecia quando comparado com o que passou a ter-me. A sua boca esboça um sorriso. Os seus olhos brilham com malícia.

— Olha para todos eles, os teus súbditos. É uma vergonha que nem um saiba quem é o seu verdadeiro soberano.

A minha cabeça ferve um pouco quando ouço isto. Tem o dom de pegar num elogio e transformá-lo num insulto, numa pontada que dói mais ainda pela tentação de a aceitar pelo que parece ser.

Passei tantos festins a evitar atrair atenções. Agora, todos me veem, banhada pela luz das velas, num de três gibões pretos quase idênticos que uso todas as noites, com a minha espada *Anoitecer* presa na anca. Giram em danças circulares e tocam as suas canções, bebem o seu vinho dourado e compõem os seus enigmas e as suas pragas, enquanto os observo do estrado real. São belos e terríveis, e podem desprezar a minha mortalidade, podem troçar dela, mas eu estou aqui em cima e eles não.

Claro que isso talvez não seja assim tão diferente de me esconder. Talvez seja apenas esconder-me à vista de todos. Mas não posso negar que o poder me agrada, que sinto prazer quando penso nele. Queria apenas que Cardan não o percebesse.

Se olhar com atenção, consigo avistar a minha irmã gémea, Taryn, a dançar com Locke, o seu prometido. Locke, que um dia pensei poder amar-me. Locke, que um dia eu pensei amar de volta. Mas é de Taryn que sinto falta. Em noites como esta, imagino que salto do estrado e vou até ela, tentando explicar-lhe as minhas escolhas.

O casamento dela acontecerá daqui a três semanas, e ainda não falámos.

Não paro de repetir para mim mesma que preciso que seja ela a vir até mim primeiro. Fez-me passar por parva com Locke. Ainda me sinto estúpida quando olho para eles. Se Taryn não pedir desculpa, que, pelo menos, seja ela a fingir que não há motivo para pedir desculpa. Até poderei aceitar isso. Mas não serei eu a dar o primeiro passo ou a suplicar.

Os meus olhos seguem-na enquanto dança.

Não me dou ao trabalho de procurar Madoc. O seu amor fez parte do preço que paguei por esta posição.

Um homem fada baixo e enrugado, com uma nuvem de cabelo prateado e um casaco escarlate, ajoelha-se diante do estrado, esperando ser reconhecido. Tem pedras preciosas nos punhos e o alfinete de mariposa que lhe prende a capa tem asas que se mexem sozinhas. Apesar da sua postura subserviente, o seu olhar é ganancioso.

Ao lado dele, erguem-se dois membros altos do Povo das colinas, com longos membros e cabelo soprado para trás, mesmo que não haja brisa.

Bêbedo ou sóbrio, agora que passou a ser o Rei Altíssimo, Cardan tem de ouvir os súbditos, que esperam que resolva os seus problemas, por mais pequenos que sejam, ou que lhes conceda uma benesse. Não consigo imaginar por que motivo alguém depositaria o destino nas suas mãos, mas Faerie abunda em caprichos.

Felizmente, estou aqui para lhe sussurrar o meu conselho ao ouvido, como qualquer senescal faria. A diferença é que tem de fazer o que lhe digo. E se sussurrar alguns insultos horrendos como resposta, bem, pelo menos será forçado a sussurrá-los.

Claro que, aí, a questão passa a ser se mereço ou não aquele poder. *Não serei horrível por diversão*, digo a mim mesma. *Terá de valer alguma coisa.*

— Ah — diz Cardan, inclinando-se para a frente no trono e fazendo a coroa descer-lhe mais ainda pela testa. Bebe um longo gole de vinho e sorri ao trio. — Deverá ser um problema muito grave, para o trazerem perante o Rei Altíssimo.

— Terás já ouvido falar de mim — diz o pequeno homem fada. — Fiz a coroa que tens sobre a cabeça. Chamam-me Grimsen, o Ferreiro, há muito exilado com o Rei-Antigo. Os seus ossos repousam agora, e há um novo Rei-Antigo em Fairfold, tal como há aqui um novo Rei Altíssimo.

— Severin — digo.

O ferreiro olha para mim, claramente surpreendido por me ouvir falar. A seguir, olha de novo para o Rei Altíssimo.

— Imploro que me permitas regressar à Corte Altíssima.

Cardan pestaneja algumas vezes, como se tentasse focar o olhar no suplicante à sua frente.

— Então foste exilado? Ou decidiste partir?

Lembro-me de Cardan me falar um pouco de Severin, mas não tinha mencionado Grimsen. Tinha ouvido falar dele, claro. É o ferreiro que fez a Coroa de Sangue para Mab e que a cobriu de encantamentos. Diz-se que consegue fazer qualquer coisa de metal, mesmo criaturas vivas — aves de metal que voam, serpentes de metal que rastejam e mordem. Fez as espadas gémeas, a *Caça-Corações* e a *Prometida*, uma que nunca falha e outra capaz de cortar qualquer coisa. Infelizmente, fê-las para o Rei-Antigo.

— Jurei-lhe lealdade como seu servo — diz Grimsen. — Quando foi exilado, fui obrigado a segui-lo... E, quando o fiz, também eu caí em desgraça. Mesmo que apenas lhe tenha feito bugigangas em Fairfold, continuava a ser considerado criatura sua pelo teu pai. Agora que morreram os dois, peço permissão para encontrar um lugar para mim aqui na tua Corte. Não me castigues mais e a minha lealdade será tão grande como a tua sabedoria.

Olho para o pequeno ferreiro com mais atenção e, de repente, tenho a certeza de que está a jogar com as palavras. Mas com que fim? O pedido parecia genuíno e, se a humildade de Grimsen não o é, a sua fama impede que isso seja uma surpresa.

— Muito bem — diz Cardan, parecendo agradado por lhe terem pedido alguma coisa fácil de conceder. — O teu exílio terminou. Jura-me lealdade e serás bem-vindo na Corte Altíssima.

Grimsen faz uma vénia. Há na sua expressão uma alteração dramática.

— Nobre rei, pedes ao teu servo a coisa mais pequena e razoável, mas eu, que sofri por tais juras, temo voltar a fazê-las. Concede-me isto: permite que possa demonstrar-te a minha lealdade pelos meus atos em vez de me comprometer com as minhas palavras.

Ponho a mão no braço de Cardan, mas este ignora o meu sinal de cautela. Podia dizer alguma coisa, e ele seria obrigado — por ordem prévia — a, pelo menos, não me contrariar, mas não sei o que dizer. Ter o ferreiro ali, a forjar para Elfhame, não é coisa pouca. Valerá, pelo menos, a ausência de jura.

E, no entanto, algo no olhar de Grimsen parece demasiado confiante e seguro de si. Desconfio que seja um truque.

Cardan fala antes de eu conseguir perceber mais alguma coisa.

— Aceito a tua condição. E conceder-te-ei uma benesse. Há um velho edifício com uma forja na fronteira dos terrenos do palácio. Será teu e todo o metal que pedires também. Anseio por ver o que farás para nós.

Grimsen volta a fazer uma vénia.

— A tua gentileza não será esquecida.

Isto não me agrada, mas talvez esteja a ser exageradamente cautelosa. Talvez não goste do ferreiro, apenas. Há pouco tempo

para refletir antes de outro suplicante avançar.

Uma bruxa, velha e poderosa que chegue para fazer o ar à sua volta faiscar com o poder da sua magia. Os seus dedos são como ramos, o seu cabelo é da cor do fumo, e o seu nariz como a lâmina de uma foice. À volta do pescoço, traz um colar de pedras, cada conta gravada com espirais que parecem prender e intrigar o olhar. Quando se mexe, a túnica pesada que a cobre acompanha o movimento, e avisto pés com garras como os de uma ave de rapina.

— Rezinho — diz a bruxa. — A Mãe Marrow traz-te presentes.

— A tua lealdade é tudo o que exijo. — A voz de Cardan é delicada. — Por agora.

— Oh, sou leal à Coroa, sem dúvida — diz ela, enfiando a mão num dos seus bolsos e puxando um pano que parece mais negro do que o céu noturno, tão negro que parece absorver a luz à sua volta. O tecido desliza-lhe sobre a mão. — Mas vim aqui para te dar uma prenda rara.

O Povo não gosta de dívidas e é por isso que nunca pagam um favor com um simples obrigado. Deem-lhes um biscoito de aveia, e encherão uma das divisões da casa com cereais, exagerando na compensação para transferir a dívida para quem fez a primeira oferta. Ainda assim, os Reis Altíssimos recebem tributos constantes: ouro, serviços prestados, espadas com nome. Mas não costumamos chamar-lhes *presentes*. Ou *prémios*.

Não sei como interpretar o seu pequeno discurso. Ronrona:

— A minha filha e eu tecemos isto com teia de aranha e pesadelos. Uma vestimenta deste tecido consegue defletir uma lâmina afiada e, no entanto, ser macia como uma sombra na tua pele.

Cardan franze a testa, mas o seu olhar não se afasta do tecido maravilhoso.

— Admito que nunca terei visto igual.

— Então aceitas o que te concedo? — pergunta com um brilho matreiro no olhar. — Sou mais velha do que o teu pai e a tua mãe. Mais velha do que as pedras deste palácio. Tão velha como os ossos da terra. Mesmo que sejas o Rei Altíssimo, a Mãe Marrow aceitará a tua palavra.

Cardan semicerra os olhos. Percebo que o irritou.

Há aqui um truque e, desta vez, percebo o que é. Antes de ele poder responder, digo:

— Falaste em *presentes*, mas só nos mostraste o teu tecido maravilhoso. Estou certa de que a Coroa receberá com agrado o que for livremente oferecido.

O olhar dela fixa-se em mim. Os seus olhos são duros e frios como a noite.

— E quem és tu para falares pelo Rei Altíssimo?

— Sou a sua senescal, Mãe Marrow.

— Permites que esta rapariga mortal responda por ti? — pergunta a Cardan.

Cardan olha-me com tanta condescendência que me sinto corar. O olhar permanece. A sua boca curva-se.

— Suponho que sim — diz, por fim. — Diverte-se a manter-me longe de apuros.

Mordo a língua ao vê-lo fazer uma expressão plácida para a Mãe Marrow.

— É esperta que chegue — diz a bruxa, cuspendo as palavras como uma praga. — Muito bem. O tecido é teu, Majestade. Ofereço-o. Dou-te isto e nada mais.

Cardan inclina-se para a frente como se estivessem a partilhar uma piada.

— Diz-me o resto. Gosto de truques e ardis. Mesmo aqueles em que quase fui apanhado.

A Mãe Marrow inclina-se para um lado e para o outro, sobre os pés com garras. É o primeiro sinal de inquietação que

demonstra. Mesmo para uma bruxa com ossos tão velhos como ela afirmou, a ira de um Rei Altíssimo é perigosa.

— Muito bem. Se tivesses aceitado tudo o que te concedo, ficarías sob uma *geas* que te deixaria casar apenas com uma tecelã do tecido nas minhas mãos. Eu... ou a minha filha.

Sinto um arrepio frio ao pensar no que poderia ter acontecido. Poderia o Rei Altíssimo de Faerie ter sido obrigado a tal casamento? Sem dúvida que teria havido uma saída. Pensei no Rei Altíssimo anterior, que nunca casou.

O casamento é raro entre os governantes de Faerie, porque quem se toma soberano continuará a sê-lo até à morte ou até à abdicação. Entre a gente comum do Povo, os casamentos de fadas são combinados com possibilidade de saída. Ao contrário do «até que a morte nos separe» dos mortais, estes contêm condições como «até ambos renunciarem um ao outro» ou «a não ser que um golpeie o outro em fúria» ou o cuidadosamente formulado «pelo período de uma vida», sem especificar de quem. Mas uma união de reis e/ou rainhas nunca pode ser dissolvida.

Se Cardan casasse, não bastaria retirá-lo do trono para lá sentar Oak. Teria de fazer o mesmo à sua esposa.

As sobrancelhas de Cardan erguem-se, mas sem deixar de demonstrar uma serena despreocupação.

— Lisonjeias-me, senhora. Desconhecia o teu interesse.

O olhar dela não vacila enquanto entrega o seu presente a um dos guardas pessoais de Cardan.

— Que um dia estejas à altura da sabedoria dos teus conselheiros.

— A oração fervorosa de muitos — diz ele. — Diz-me. A tua filha viajou contigo?

— Está aqui — diz a bruxa. Uma rapariga destaca-se da multidão para fazer uma vénia diante de Cardan. É jovem, com cabelo abundante e solto. Como a sua mãe, tem membros compridos e estranhos, semelhantes a ramos, mas tem a graça

que falta ao seu físico ossudo e perturbador. Talvez ajude que os seus pés pareçam humanos.

Mesmo que, verdade seja dita, estejam virados para trás.

— Seria um marido fraco — diz Cardan, olhando a rapariga, que parecia encolher-se sobre si mesma com a intensidade do seu olhar. — Mas concede-me uma dança e mostrar-te-ei os meus outros talentos.

Olho-o com desconfiança.

— Vem — diz a Mãe Marrow à rapariga, e segura-a pelo braço sem grande delicadeza, arrastando-a pela multidão. A seguir, olha para Cardan. — Voltaremos a encontrar-nos os três.

— Todas vão querer casar contigo, sabes? — diz Locke. Reconheço-lhe a voz antes mesmo de o ver ocupar o lugar que a Mãe Marrow deixou vazio.

Sorri a Cardan, parecendo encantado consigo mesmo e com o mundo.

— Será melhor que aceites concubinas — aconselha Locke. — Muitas concubinas.

— Palavras de um homem prestes a casar — recorda-lhe Cardan.

— Oh, deixa-me estar. Tal como a Mãe Marrow, também te trouxe um presente. — Locke dá um passo na direção do estrado. — Com menos espinhos. — Não me olha. É como se não me visse ou como se fosse tão desinteressante como uma peça de mobiliário.

Gostava que não me incomodasse. Gostava de não recordar quando estava no topo da torre mais alta da sua propriedade, sentindo o corpo quente dele contra o meu. Gostava que não me tivesse usado para testar o amor da minha irmã. Gostava que ela não lho tivesse permitido.

Se os desejos fossem cavalos, costumava dizer o meu pai mortal, os mendigos montariam. Outra daquelas frases que não faz sentido até fazer.

— Sim? — Cardan parece mais confuso do que intrigado.

— Gostava de te oferecer *eu próprio*, como teu Mestre de Festins. Concede-me a posição, e tomarei meu dever e prazer impedir que o Rei Altíssimo de Elfhame se aborreça — diz Locke.

Há tantas posições no palácio — criados e ministros, embaixadores e generais, conselheiros e alfaiates, bobos e tecedores de enigmas, mordomos de cavalos e guardadores de aranhas, e uma dúzia de outras posições de que me esqueci. Nem sequer sabia que *existia* um Mestre de Festins. Talvez não existisse até agora.

— Servirei maravilhas que nunca imaginaste. — O sorriso de Locke é contagioso. Servirá sarilhos, sem dúvida. Sarilhos para os quais não tenho tempo.

— Cautela — digo, fazendo Locke olhar-me pela primeira vez. — Decerto não desejas insultar a imaginação do Rei Altíssimo.

— Decerto que não — diz Cardan, de uma forma difícil de interpretar.

O sorriso de Locke não vacila. Em vez disso, salta para o estrado, fazendo os cavaleiros de cada lado avançarem imediatamente para o impedirem. Cardan afasta-os com um gesto.

— Se o nomeares Mestre de Festins... — começo, apressada e em desespero.

— Estás a dar-me ordens? — interrompe Cardan, arqueando uma sobrancelha.

Sabe que não posso dizer que sim, não com a possibilidade de sermos ouvidos por Locke.

— Claro que não. — Recuo.

— Ótimo — diz Cardan, afastando o olhar de mim. — Apetece-me conceder o teu pedido, Locke. As coisas têm sido tão aborrecidas nos últimos tempos.

Vejo o sorriso de Locke e mordo a língua para conter palavras de ordem. Teria sido tão satisfatório ver a sua cara, exibir o

meu poder diante dele.

Satisfatório, mas estúpido.

— Antes, Gralhas, Cotovias e Falcões disputavam o coração da Corte — diz Locke, referindo-se às fações que favoreciam a festança, o engenho ou a guerra. Fações que Eldred ia favorecendo e desprezando. — Mas, agora, o coração da Corte é teu e só teu. Vamos parti-lo.

Cardan olha com estranheza para Locke, como se pensasse, pela primeira vez, que ser o Rei Altíssimo poderia ser *divertido*. Como se imaginasse como seria governar sem precisar de forçar a trela na minha mão.

A seguir, do outro lado do estrado, avisto, por fim, Bomba, uma espia na Corte das Sombras, com o cabelo branco a formar uma auréola à volta da sua cara escura. Faz-me sinais.

Não me agrada deixar Locke e Cardan juntos — não me agrada a sua noção de diversão —, mas tento ignorar isso enquanto me afasto do estrado e me aproximo dela. Afinal, é impossível conspirar contra Locke quando está ocupado com o que mais o diverte neste momento...

A meio caminho do sítio onde Bomba me espera, ouço a voz de Locke ecoar sobre a multidão.

— Celebraremos a Lua do Caçador no Bosque Lácteo e, aí, o Rei Altíssimo dar-vos-á um deboche tal, que os bardos cantarão sobre ele. Prometo-vos.

O pavor forma um nó na minha barriga.

Locke puxa algumas sílfides da multidão para o estrado, com as suas asas iridescentes a refletirem a luz das velas. Uma rapariga ri-se alto e estende a mão para o cálice de Cardan, esvaziando-o. Espero que ele reaja, que a humilhe ou lhe destrua as asas, mas limita-se a sorrir e a pedir mais vinho.

Qualquer que seja o plano de Locke, Cardan parece preparado para alinhar. Todas as coroações de Faerie são seguidas por um mês de festins — banquetes, bebida, enigmas, duelos e

mais. Esperar-se-á que o Povo dance até gastar a sola dos sapatos, do anoitecer ao amanhecer. Mas, cinco meses depois de Cardan se tornar Rei Altíssimo, o grande salão continua sempre cheio, com os chifres a transbordarem de hidromel e vinho de trevo. O festejo mal abrandou.

Há muito tempo que Elfhame não tinha um Rei Altíssimo tão jovem, e o desvario infeta os cortesãos. A Lua do Caçador virá em breve, antes mesmo do casamento de Taryn. Se Locke tenciona avivar, cada vez mais, as chamas da festança, quanto tempo demorará até tornar-se um perigo?

Com alguma dificuldade, viro as costas a Cardan. Afinal, de que serviria captar o seu olhar? O seu ódio é tal que fará o que puder para me desafiar, sem desobedecer às minhas ordens. E ele é muito bom a desafiar.

Gostaria de dizer que sempre me odiou, mas, durante um momento breve e estranho, pareceu-me que nos compreendíamos, ou até que gostávamos um do outro. Aquela aliança improvável tinha começado com a minha lâmina contra a garganta dele e fê-lo confiar o suficiente em mim para se entregar nas minhas mãos.

Uma confiança que traí.

Outrora, atormentava-me por ser jovem, entediado, irritado e cruel. Agora, tinha motivos melhores para os tormentos a que me submeteria quando passasse um ano e um dia. Será muito difícil mantê-lo sempre sob o meu poder.

Alcanço Bomba e esta enfia-me um pedaço de papel na mão.

— Outra mensagem do Balekin para o Cardan — diz. — Esta chegou até ao palácio antes de a intercetarmos.

— É igual às duas primeiras?

Acena com a cabeça.

— Muito parecida. O Balekin tenta usar a lisonja para convencer o nosso Rei Altíssimo a visitar a sua cela. Quer propor um

acordo qualquer.

— Claro que quer — digo, sentindo-me outra vez feliz por ter sido recebida na Corte das Sombras e por ainda contar com eles para olharem por mim.

— Que farás? — pergunta-me.

— Visitarei o príncipe Balekin. Se quer fazer uma proposta ao Rei Altíssimo, terá de começar por convencer a sua senescal.

Um canto da sua boca ergue-se.

— Irei contigo.

Volto a olhar para o trono, fazendo um gesto vago.

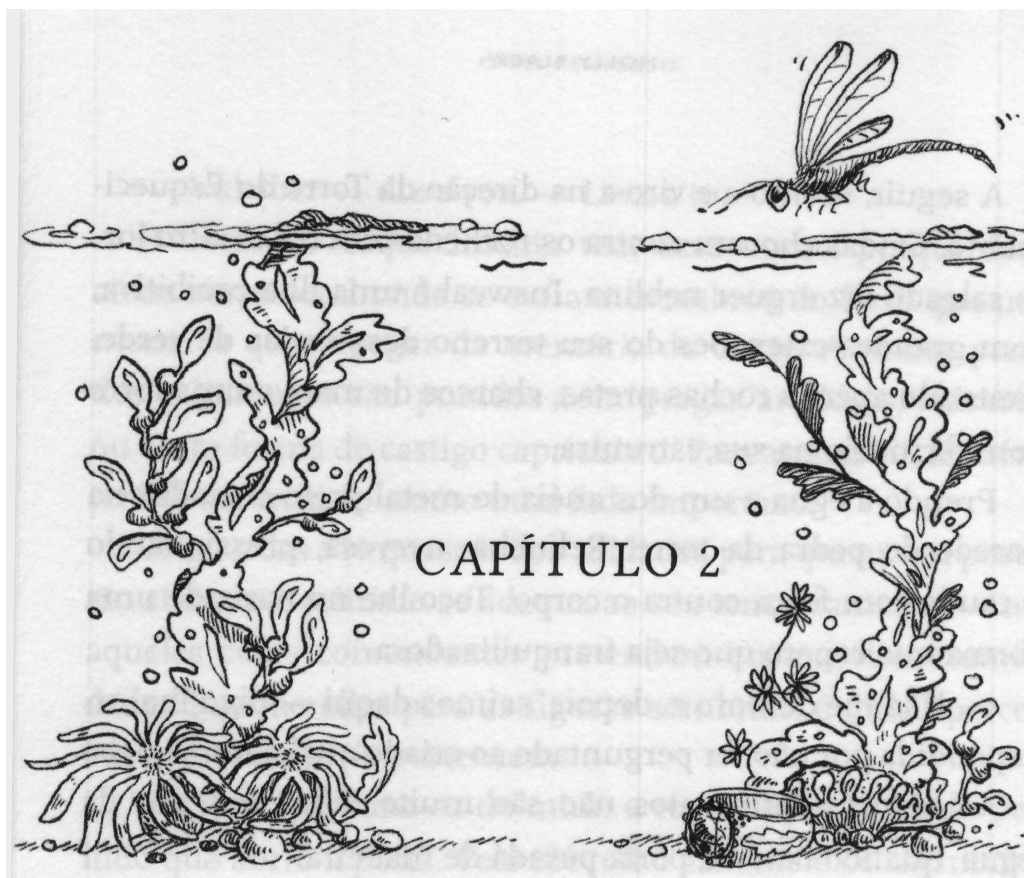
— Não. Fica aqui. Tenta impedir que o Cardan se meta em sarilhos.

— *Ele* é o maior sarilho — recorda-me, sem parecer muito preocupada com a sua própria afirmação.

Enquanto me dirijo às passagens que conduzem ao interior do palácio, avisto Madoc do outro lado do salão, quase envolto em sombras, fitando-me com olhos de gato. Não está perto que chegue para falar, mas, se estivesse, não tenho dúvidas acerca do que diria.

O poder é muito mais fácil de conquistar do que de manter.

Capítulo 2



Balekin está preso na Torre do Esquecimento, na Ilha da Mágoa, no extremo norte de Insweal. Insweal é uma das três ilhas de Elfhame, ligada a Insmire e Insmoor por grandes rochedos e faixas de terra, e povoada apenas por alguns abetos, veados de pelo prateado e, ocasionalmente, por membros do Povo das árvores. É possível que alguém vá de Insmire a Insweal a pé, desde que não se importe de saltar de pedra em pedra, de atravessar o Bosque Lácteo sem companhia, e de ficar pelo menos um pouco molhado.

Importo-me com tudo isso e decido levar um cavalo.

Como senescal do Rei Altíssimo, posso usufruir dos seus estábulos. Nunca fui grande amazona e escolho uma égua que parece dócil que chegue, com pelo de um negro suave e crina decorada com nós complicados e, provavelmente, mágicos.

Conduzo-a lá para fora, enquanto um criado duende me traz o freio e a brida.

A seguir, monto-a e viro-a na direção da Torre do Esquecimento. Ondas chocam contra os rochedos em baixo. Um jorro salgado faz erguer neblina. Insweal é uma ilha proibitiva, com grandes extensões do seu terreno despojadas de verde, contendo apenas rochas pretas, charcos de maré e uma torre com ferro frio na sua estrutura.

Prendo a égua a um dos anéis de metal preto cravados na parede de pedra da torre. Relincha, nervosa, pressionando a cauda com força contra o corpo. Toco-lhe no nariz de uma forma que espero que seja tranquilizadora.

— Não me demoro e, depois, saímos daqui — digo-lhe, arrependida por não ter perguntado ao criado qual o nome dela.

Os meus sentimentos não são muito diferentes dos da égua, quando bato na porta pesada de madeira.

Uma criatura grande e peluda abre-a. Enverga uma bela armadura de folha, com pelo dourado a sair pelas aberturas. Não há qualquer dúvida de que é um soldado, o que antes significava que me trataria bem, por receio de Madoc. Mas, agora, passou a significar exatamente o oposto.

— Sou a Jude Duarte, senescal do Rei Altíssimo — digo-lhe. — Assuntos da Coroa trazem-me aqui. Deixa-me entrar.

Afasta-se, abrindo mais a porta, e entro na antecâmara mal iluminada da Torre do Esquecimento. Os meus olhos mortais demoram a ajustar-se, e mal, à falta de luz. Não tenho o talento das fadas para ver na escuridão quase plena. Há pelo menos três outros guardas ali, mas quase não passam de silhuetas.

— Supõe-se que tenhas vindo ver o príncipe Balekin — diz uma voz ao fundo.

É sinistro não conseguir ver com clareza quem falou, mas tento não mostrar desconforto e aceno com a cabeça:

— Levem-me a ele.

— Vulciber — diz a voz. — Leva-a tu.

A Torre do Esquecimento tem esse nome, porque funciona como local onde se enfiam membros do Povo que um monarca quer apagar da memória da Corte. A maior parte dos criminosos são punidos com pragas ardilosas, missões ou outra forma de castigo caprichoso. Para acabar ali, alguém terá de ter irritado muito uma fada importante.

Os guardas são quase todos soldados para quem um posto tão sinistro e solitário se adequa ao seu temperamento — ou aqueles cujos comandantes pretendem ensinar-lhes humildade. Quando olho para as figuras sombrias, é difícil perceber a que categoria pertencem.

Vulciber aproxima-se de mim, e reconheço o soldado peludo que abriu a porta. Pelo sobrolho saliente e os membros compridos, diria ter sangue de troll.

— Vamos — digo.

Olha-me com dureza, em resposta. Não sei o que lhe desagrada em mim — a minha mortalidade, a posição que ocupo, a interrupção da sua noite. Não pergunto. Limito-me a seguido degraus de pedra abaixo até à escuridão húmida e de perfume mineral. O cheiro a terra é intenso, e há um odor apodrecido a cogumelos que não consigo localizar.

Paro, quando a escuridão se torna demasiado profunda e receio tropeçar.

— Acende as lanternas — digo.

Vulciber aproxima-se. Sinto na cara o seu hálito a folhas molhadas.

— E se não o fizer?

Uma faca fina surge com facilidade na minha mão, deslizando por uma bainha na manga. Pressiono a ponta contra o flanco dele, logo abaixo das costelas.

— Não queiras descobrir.

— Mas não consegues ver — insiste ele, como se lhe tivesse pregado uma partida desonesta por não ficar tão intimidada como estava à espera.

— Ou talvez prefira só um pouco mais de luz — digo, tentando controlar a voz, mesmo que o meu coração bata em desvario e que as palmas das minhas mãos comecem a transpirar. Se tivermos de combater nas escadas, terei de ser rápida e certa, porque será pouco provável que tenha uma segunda oportunidade.

Vulciber afasta-se de mim e da minha faca. Ouço os seus passos pesados sobre os degraus e começo a contá-los, prevenindo a possibilidade de ter de o seguir às cegas. Mas depois um archote ilumina-se, emitindo chamas verdes.

— E então? — diz ele. — Vens?

As escadas passam por várias celas, algumas vazias e outras cujos ocupantes se sentam a distância suficiente das grades para que o archote não os ilumine. Não reconheço ninguém até chegar à última cela.

O cabelo preto do príncipe Balekin está preso por um diadema que recorda a sua condição real. Apesar de estar preso, não parece muito perturbado. Três tapetes cobrem a pedra húmida do chão. Senta-se numa cadeira talhada, fixando em mim olhos velados e brilhantes como os de uma coruja. Um samovar dourado repousa sobre uma mesa pequena e elegante. Balekin abre uma torneira, e um chá fumegante e perfumado enche a frágil porcelana. O cheiro recorda-me algas.

Mas, por mais elegante que pareça, continua a estar na Torre do Esquecimento, com algumas traças avermelhadas pousadas na parede acima dele. Quando derramou o sangue do Rei Altíssimo anterior, as gotículas transformaram-se em traças, que esvoaçaram durante alguns espantosos momentos antes de parecerem morrer. Pensei que tivessem desaparecido todas, mas algumas tê-lo-iam seguido como recordação dos seus pecados.

— A Nossa Senhora Jude da Corte das Sombras — diz, como se acreditasse que essas palavras conseguissem

encantar-me. — Posso oferecer-te uma chávena?

Há movimento numa das outras celas. Penso como serão aquelas horas do chá quando não estou ali.

Não me agrada que saiba da Corte das Sombras ou da minha associação a eles, mas também não posso ficar totalmente surpreendida — o príncipe Dain, o nosso empregador e mestre de espões, era irmão de Balekin. E se Balekin sabia da Corte das Sombras, terá reconhecido um dos seus membros enquanto estes roubavam a Coroa de Sangue e a colocavam nas mãos do meu irmão, para que a pusesse na cabeça de Cardan.

Balekin tem bons motivos para não ficar muito satisfeito por me ver.

— Infelizmente, tenho de recusar o chá — digo. — Não demoro. Enviaste mensagens ao Rei Altíssimo. Falaste de um acordo? Uma proposta? Venho a seu mando para ouvir o que desejas dizer-lhe.

O sorriso dele parece distorcer-se e enfiar.

— Julgas-me diminuído — diz Balekin. — Mas continuo a ser um príncipe de Faerie, mesmo aqui. Vulciber, será que podes dar um bofetão na cara bonita da senescal do meu irmão?

O golpe é de mão aberta, mais rápido do que poderia esperar. O ruído do bofetão foi chocante no momento em que a sua mão tocou a minha pele. Deixou-me furiosa e com a bochecha a arder.

A minha faca voltou à minha mão direita, e a sua gémea encheu-me a esquerda.

Há avidez na expressão de Vulciber.

O meu orgulho impele-me a lutar, mas ele é maior do que eu e estamos num espaço que lhe é familiar. Não seria um simples duelo. Mesmo assim, a vontade de o derrotar e a ânsia de lhe apagar aquela arrogância da cara são avassaladoras.

Quase avassaladoras. *O orgulho é para os cavaleiros, recordo a mim mesma. E não para espões.*

— A minha *cara bonita* — murmuro a Balekin, guardando as facas devagar. Estico os dedos para tocar na cara. Vulciber bateu-me com força suficiente para que eu ferisse o interior da boca com os dentes. Cuspo sangue no chão de pedra. — Que lisonjeiro. Roubei-te uma coroa, suponho que algum rancor seja permissível. Sobretudo quando acompanhado por um elogio. Mas não voltes a testar-me a paciência.

De repente, Vulciber parece inseguro.

Balekin bebe um gole do seu chá.

— Falas com grande liberdade, mortal.

— E porque não haveria de falar? — pergunto. — Falo com a voz do Rei Altíssimo. Achas que ele quer vir até aqui, afastando-se do palácio e dos seus prazeres, para lidar com o irmão mais velho que tanto sofrimento lhe causou?

O príncipe Balekin inclina-se para a frente na cadeira.

— Pergunto-me se saberás o que pretendes dizer.

— E eu pergunto que mensagem queres que transmita ao Rei Altíssimo.

Balekin olha-me — terei, certamente, uma das minhas bochechas corada. Dá outro gole cuidadoso de chá.

— Ouvi dizer que, para os mortais, a paixão é muito parecida com o medo. O teu coração bate depressa. Os sentidos alvoroçados. Sentes-te zozza. Talvez até sintas uma tontura. — Olha-me. — Acertei? Explicaria muito sobre a tua gente, se fosse possível confundir as duas coisas.

— Nunca estive apaixonada — digo-lhe, recusando sentir-me abalada.

— E consegues mentir, claro — diz ele. — Percebo porque o Cardan consideraria isso útil. Porque o Dain o terá considerado, também. Foi inteligente da parte dele acolher-te no seu pequeno bando de párias. Foi inteligente por perceber que o Madoc te pouparia. Diga-se o que se disser sobre o meu irmão, era também de um sentimentalismo maravilhoso.

» Da minha parte, mal pensei em ti e, quando pensei, foi apenas para picar o Cardan com os teus triunfos. Mas tens algo que ele nunca teve: *ambição*. Se tivesse percebido isso, teria uma coroa agora. Mas penso que também terás errado na avaliação que fizeste de mim.

— Ai sim? — Sei que isto não me vai agradar.

— Não te darei a mensagem que destinei ao Cardan. Chegar-lhe-á por outra via e será em breve.

— Então desperdiças o teu tempo e o meu — digo, irritada. Vim até aqui, fui agredida e assustada para nada.

— Ah, o tempo — diz ele. — És a única que o tem limitado, mortal. — Acena com a cabeça a Vulciber. — Podes levá-la.

— Vamos — diz o guarda, empurrando-me sem grande delicadeza para os degraus. Enquanto subo, viro-me para olhar para a cara de Balekin, severa à luz verde dos archotes. A semelhança com Cardan incomoda-me.

Vou a meio da subida quando uma mão de dedos longos passa entre as grades, segurando-me o tornozelo. Sobressaltada, escorrego, raspando as mãos e batendo com os joelhos, enquanto caio pelos degraus abaixo. O velho ferimento de faca no centro da minha mão esquerda palpita de repente. Mal consigo impedir-me de cair pelo resto das escadas.

A meu lado, vejo a cara magra de uma fada. A sua cauda enrola-se numa das barras de metal. Chifres curtos crescem-lhe na testa.

— Conheci a tua Eva — diz-me, com os olhos a cintilar na penumbra. — Conheci a tua mãe. Soube tantos dos seus pequenos segredos.

Levanto-me e subo os degraus tão depressa quanto consigo, com o coração a bater mais depressa do que no momento em que pensei que teria de lutar com Vulciber na escuridão. A minha respiração faz-se com inspirações curtas e rápidas que me fazem sentir dor nos pulmões.

No alto das escadas, faço uma pausa para limpar as palmas das mãos doridas ao gibão e tentar recompor-me.

— Ah — digo a Vulciber, quando a minha respiração acalma um pouco. — Já me esquecia. O Rei Altíssimo entregou-me um pergaminho com ordens. Há algumas mudanças na forma como deseja que o seu irmão seja tratado. Estão lá fora, nos meus alforges. Se poderes seguir-me...

Vulciber dirige um olhar interrogativo ao guarda que o mandou conduzir-me até Balekin.

— Depressa — diz a figura envolta nas sombras.

Vulciber acompanha-me pela grande porta da Torre do Esquecimento. Iluminadas pela lua, as rochas pretas brilham com partículas de sal, revelando uma camada cintilante como a das frutas cristalizadas. Tento focar-me no guarda e não no som do nome da minha mãe, um nome que não ouvia há tantos anos que, por um momento, não percebi porque era importante para mim.

Eva.

— Aquela égua só tem freio e brida — diz Vulciber, franzindo a testa para a montada negra presa à parede. — Mas tu disseste...

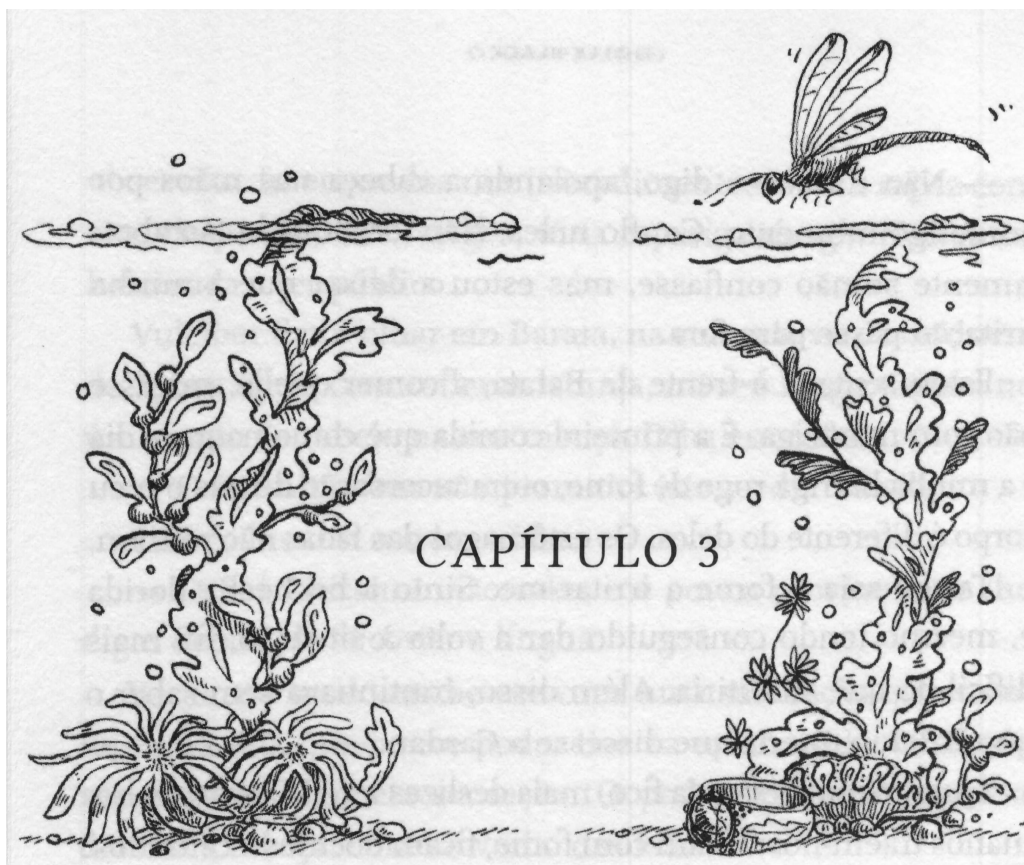
Espeto-lhe no braço um pequeno alfinete que mantenho escondido no forro do meu gibão.

— Menti.

Preciso de fazer esforço para o içar para a égua. Ela conhece ordens militares, incluindo a ordem para ajoelhar, o que ajuda. Mexo-me tão depressa quanto posso, receando que um dos guardas venha ver o que estamos a fazer, mas tenho sorte. Ninguém vem antes de partirmos.

Outro motivo para ir a Insweal a cavalo e não a pé: nunca se sabe o que poderemos trazer connosco.

Capítulo 3



— Pretendes ser uma mestra de espões — diz Barata, olhando-me e ao meu prisioneiro. — Isso deve incluir astúcia. Dependeres só de ti é uma boa forma de seres apanhada. Da próxima vez, leva alguém da guarda real. Leva um de nós. Leva uma nuvem de sílfides ou um trasgo bêbedo. Leva alguém.

— Ter alguém a proteger-me é dar a oportunidade perfeita para me espetarem uma faca de surpresa — recordo-lhe.

— O Madoc teria dito o mesmo — diz Barata, fungando de forma irritada, com o nariz longo e torcido. Senta-se à mesa de madeira da Corte das Sombras, o covil dos espões nos túneis sob o Palácio de Elfhame. Queima as pontas de virotes de besta numa chama e, a seguir, cobre-as com uma grande quantidade de um alcatrão pegajoso. — Se não confias em nós, di-lo. Chegámos a um acordo, poderemos chegar a outro.

— Não é isso — digo, apoiando a cabeça nas mãos por um longo momento. Confio neles. Não teria falado tão abertamente se não confiasse, mas estou a deixar que a minha irritação passe para fora.

Estou sentada à frente de Barata, a comer queijo, maçãs e pão com manteiga. É a primeira comida que como naquele dia e a minha barriga ruge de fome, outra recordação de que o meu corpo é diferente do deles. Os estômagos das fadas não roncam.

Talvez seja a fome a irritar-me. Sinto a bochecha dorida e, mesmo tendo conseguido dar a volta à situação, foi mais difícil do que admitiria. Além disso, continuava sem saber o que Balekin queria que dissesse a Cardan.

Quanto mais exausta fico, mais deslizes terei. Os corpos humanos traem-nos. Ficam com fome, ficam doentes e cansados. Sei que sim, mas, mesmo assim, há sempre tanto para fazer.

Vulciber está sentado a nosso lado, atado a uma cadeira e vendado.

— Queres queijo? — pergunto-lhe.

O guarda grunhe sem responder, mas força as cordas quando me ouve. Acordou há vários minutos e a sua preocupação aumentou com o tempo que passámos sem lhe dirigir a palavra.

— Que faço aqui? — grita, por fim, abanando a cadeira para trás e para a frente. — Soltem-me! — A cadeira tomba, batendo no chão, onde fica deitado de lado. Começa a forçar as cordas a sério.

Barata encolhe os ombros, levanta-se e puxa a venda de Vulciber.

— Saudações — diz.

Do outro lado da câmara, Bomba limpa as unhas com uma faca longa e curva. Fantasma senta-se num canto, tão silencioso que, por vezes, parece nem ali estar. Mais alguns recrutas observam, interessados nos procedimentos — um rapaz com

asas de pardal, três trasgos, uma rapariga *sluagh*. Não estou habituada a ter público.

Vulciber fixa o olhar em Barata, na sua pele verde de duende, e nos olhos com reflexos laranja, no seu longo nariz e no único tufo de cabelo na sua cabeça. Olha em redor.

— O Rei Altíssimo não permitirá isto — diz Vulciber.

Esboço-lhe um sorriso triste.

— O Rei Altíssimo não sabe, e é pouco provável que lhe digas depois de te cortar a língua.

Ver o seu medo enche-me com uma satisfação quase voluptuosa. Eu, que pouco poder tive na minha vida, tenho de me proteger daquela sensação. O poder sobe-me depressa demais à cabeça, como o vinho das fadas.

— Deixa-me adivinhar — digo, virando-me na cadeira para olhar para ele com uma frieza calculada nos olhos. — Achaste que poderias bater-me e que não haveria consequências.

Encolhe-se um pouco depois de me ouvir.

— Que queres?

— Quem diz que quero algo específico? — replico. — Talvez apenas uma pequena vingança...

Como se tivéssemos ensaiado, Barata puxa uma lâmina particularmente medonha do cinto e ergue-a sobre Vulciber. Sorri ao guarda.

Bomba olha por cima das suas unhas, com um pequeno sorriso nos lábios, enquanto observa Barata.

— Parece que o espetáculo está prestes a começar.

Vulciber força a corda, movendo a cabeça para trás e para a frente. Ouço a madeira da cadeira gemer, mas não se liberta. Depois de várias inspirações profundas, desiste.

— Por favor — sussurra.

Toco no queixo como se me tivesse ocorrido uma coisa.

— Ou podes ajudar-nos. O Balekin queria fazer um acordo com o Cardan. Podes falar-me disso.

— Não sei de nada — diz ele, desesperado.

— Que pena. — Encolho os ombros, pego noutro pedaço de queijo e enfio-o na minha boca.

Ele olha para Barata e para a faca medonha.

— Mas sei um segredo. Vale mais do que a minha vida, mais do que aquilo que o Balekin quer do Cardan. Se o contar, juras-me que sairei daqui esta noite ileso?

Barata olha para mim e encolho os ombros.

— Serve — diz. — Se o segredo for o que dizes, e se jurares nunca revelar que visitaste a Corte das Sombras, então contamos e mandamos-te à tua vida.

— A rainha das Profundezas Marinhas — diz Vulciber, ansioso por falar. — O povo dela sobe pelas rochas acima, à noite, e sussurra ao Balekin. Entram na Torre sem sabermos como e deixam-lhe conchas e dentes afiados. Há mensagens que são trocadas, mas não conseguimos decifrá-las. Há sussurros de que a Orlagh pretende violar o seu tratado com a terra firme e usar a informação que o Balekin lhe dá para arruinar o Cardan.

De todas as ameaças ao reinado de Cardan, as Profundezas Marinhas não eram quem esperava. A rainha das Profundezas Marinhas tinha apenas uma filha, Nicasia, alojada em terra firme, e uma das terríveis amigas de Cardan. Tal como Locke, Nicasia e eu tínhamos uma história comum. E, tal como Locke, não era uma boa história.

Mas pensei que a amizade de Cardan com Nicasia significasse que Orlagh ficasse satisfeita por vê-lo no trono.

— Da próxima vez que acontecer uma destas trocas de mensagens — digo —, procura-me sem demora. E, se ouvires mais alguma coisa que acredites que poderá interessar-me, vem dizer-mo também.

— Não foi esse o nosso acordo — protesta Vulciber.

— É verdade — digo-lhe. — Contaste-nos uma história e foi boa. Vamos soltar-te esta noite. Mas posso recompensar-te melhor do que um príncipe assassino que não é favorecido pelo Rei Altíssimo e nunca será. Há postos melhores do que guarda da Torre do Esquecimento — e ao teu alcance. Há ouro. Há todas as recompensas que o Balekin pode prometer e não poderá concretizar.

Olha para mim com estranheza, talvez a tentar perceber se, por ele me ter batido e eu o ter envenenado, ainda podemos ser aliados.

— Consegues mentir — diz, por fim.

— Garanto as recompensas — diz Barata. Estende uma mão e corta as cordas de Vulciber com a sua faca assustadora.

— Promete-me um posto fora da Torre — diz Vulciber, esfregando os pulsos e levantando-se —, e obedeço-te como se fosses o próprio Rei Altíssimo.

Bomba ri-se daquilo, piscando-me um olho. Não sabem ao certo o meu poder sobre Cardan, mas sabem que temos um acordo que implica que eu faça a maior parte do trabalho, que a Corte das Sombras sirva diretamente a Coroa, e que seja paga diretamente também.

Faço de Rei Altíssimo no teatro dela, ouvi Cardan dizer uma vez. Barata e Bomba riram-se. Fantasma não.

Depois de Vulciber trocar promessas connosco e de Barata o conduzir, vendado, pelas passagens que conduziam à saída do Ninho, Fantasma vem sentar-se a meu lado.

— Vamos lutar — diz, tirando um pedaço de maçã do meu prato. — Queima um pouco dessa raiva que ferve dentro de ti.

Rio-me um pouco.

— Não desdenhes. Não é fácil manter a temperatura tão constante — digo-lhe.

— Nem tão alta — responde ele, observando-me atentamente com os seus olhos cor de avelã. Sei que tem humanos na

sua linhagem — consigo vê-lo na forma das orelhas e no cabelo alourado, invulgar em Faerie. Mas não me contou a sua história e, aqui, neste sítio de segredos, sinto-me desconfortável para perguntar.

Mesmo que a Corte das Sombras não me siga, nós os quatro fizemos um voto. Prometemos proteger a pessoa e o cargo do Rei Altíssimo, garantindo a segurança e a prosperidade de Elfhame, pela esperança de mais ouro e menos sangue derramado. Assim foi o que jurámos. Assim me deixam jurar, mesmo que as minhas palavras não me vinculem como as deles os vinculam, por magia. Devo obediência à sua honra e à sua crença de que terei alguma.

— O rei teve audiência com o Barata três vezes na última quinzena. Está a aprender a roubar carteiras. Se não tiveres cuidado, levar-te-á a melhor. — Fantasma foi integrado na guarda pessoal do Rei Altíssimo, o que lhe permite manter Cardan a salvo, mas também conhecer os seus hábitos.

Suspiro. Escureceu por completo e tenho muito para fazer antes da aurora. E, no entanto, é difícil ignorar aquele convite, que me fere o orgulho.

Sobretudo agora, com os novos espões a ouvir a minha resposta. Recrutámos mais membros — criaturas que ficaram deslocadas depois dos homicídios reais. Cada príncipe e princesa empregava uns quantos deles, e nós passámos a empregá-los a todos. Os trasgos são esquivos como gatos, mas são excelentes a farejar escândalos. O rapaz-pardal está tão verde como eu já estive. Gostaria que a cada vez mais numerosa Corte das Sombras acreditasse que não recuo diante de um desafio.

— A verdadeira dificuldade virá quando alguém tentar ensinar o nosso rei a usar a espada — digo, pensando nas frustrações de Balekin nesse campo e na declaração de Cardan de que a sua única virtude era não ser um assassino.

Não é uma virtude que partilhe.

— Ai sim? — diz Fantasma. — Talvez tenhas de o ensinar.

— Vamos — digo, levantando-me. — Vejamos se posso ensinar-te.

Fantasma ri-se daquilo. Madoc educou-me para empunhar a espada, mas, até me juntar à Corte das Sombras, eu só conhecia uma forma de lutar. Fantasma estudou mais tempo do que eu e conhece muitas mais.

Sigo-o até ao Bosque Lácteo, onde abelhas de ferrão negro zumbem nas suas colmeias, no alto de árvores de tronco branco. Os homens-raiz domem. O mar banha a costa rochosa da ilha. O mundo parece silencioso enquanto nos enfrentamos. Por mais cansada que me sinta, os meus músculos lembram-se melhor do que eu.

Desembainho a *Anoitecer*. Fantasma avança com rapidez, aponta a espada ao meu coração, e eu deflito-a, tentando golpear-lhe o flanco com a minha lâmina.

— Não tão destreinada como temi — diz ele, enquanto trocamos golpes, cada um testando o outro.

Não lhe falo dos exercícios que faço à frente do espelho, tal como não lhe falo dos meus outros esforços para tentar corrigir os meus defeitos.

Como senescal do Rei Altíssimo, e como soberana efetiva, tenho muito que estudar. Compromissos militares, mensagens de vassalos, exigências de cada canto de Elfhame escritas em tantas línguas. Apenas alguns meses antes, ainda tinha aulas, ainda fazia trabalhos de casa que seriam corrigidos por peritos. A possibilidade de conseguir resolver tudo parece-me tão impossível como transformar palha em ouro, mas passo todas as noites acordada até o sol ir alto, esforçando-me para fazer isso mesmo.

É esse o problema de um governo fantoche: não vai governar sozinho.

A adrenalina poderá revelar-se fraca substituta para a experiência.

Cansado de me testar os conhecimentos básicos, Fantasma começa o combate real. Dança de forma ligeira sobre o relvado e os seus passos quase não produzem som. Ataca uma e outra vez, construindo uma ofensiva estonteante que bloqueio desesperada, aplicando cada pensamento nisto, na luta. As minhas preocupações desfazem-se enquanto a minha atenção se apura. Até a minha exaustão se desfaz como a penugem de um dente-de-leão.

É glorioso.

Trocamos golpes, para a frente e para trás, avançando e recuando.

— Tens saudades do mundo mortal? — pergunta. Fico aliviada por descobrir que não respira com facilidade.

— Não — respondo. — Mal o conheci.

Volta a atacar. A sua espada é um peixe prateado a nadar pelo mar da noite.

Olha para a espada, não para o soldado, disse-me Madoc tantas vezes. *O aço nunca engana*.

As nossas armas embatem uma e outra vez, enquanto nos contornamos.

— Alguma coisa terás de recordar.

Recordo o nome da minha mãe sussurrado entre grades, na Torre.

Simula que vai para um dos lados e, distraída, percebo tarde demais o que está a fazer. O lado rombo da lâmina dele atinge-me o ombro. Podia ter-me cortado, se não me tivesses desviado no último momento, mas deixará nódoa negra, mesmo assim.

— Nada de importante — digo, tentando ignorar a dor. Podemos usar os dois a distração em nosso favor. — Talvez as tuas recordações sejam melhores do que as minhas. De que te lembras?

Encolhe os ombros.

— Nasci lá, tal como tu. — Golpeia, e eu bloqueio a lâmina.
— Mas as coisas eram diferentes há cem anos, suponho.

Arqueio as sobrancelhas e bloqueio outro golpe, dançando para fora do seu alcance.

— Foste uma criança feliz?

— Era mágico. Como podia não ser?

— *Mágico* — repito. E, com uma torção da lâmina, um golpe ensinado por Madoc, faço-lhe voar a espada da mão.

Pestaneja. Olhos cor de avelã. Boca inclinada, abrindo-se com espanto.

— Tu...

— Tens algo melhor? — pergunto, satisfeita que chegue para não me preocupar com o meu ombro dorido. Parece uma vitória, mas se fosse um combate real, aquele ferimento teria impossibilitado o meu golpe final. Mesmo assim, a surpresa dele encanta-me quase tanto como a minha vitória.

— É bom que o Oak possa crescer como nós não crescemos — digo, após um momento. — Longe da Corte. Longe disto tudo.

Quando vi o meu irmãozinho pela última vez, estava sentado à mesa no apartamento de Vivi, aprendendo a multiplicar como se fosse um jogo de enigmas. Comia pedacinhos de queijo. Ria-se.

— *Quando o rei regressar* — diz Fantasma, citando uma balada —, *pétalas de rosa serão espalhadas no seu caminho e os seus passos trarão o fim da fúria*. Mas como governará o teu Oak, se tem tão poucas recordações de Faerie como nós temos do mundo mortal?

O frenesim da vitória esbate-se. Fantasma esboça-me um pequeno sorriso, como se quisesse reforçar a ferroadada das suas palavras.

Dirijo-me a um ribeiro próximo e mergulho as mãos, grata pela água fria. Com as mãos em concha, levo-a à boca e bebo

com gratidão, sentindo o sabor a agulhas de pinheiro e a terra.

Penso em Oak. Uma criança fada completamente normal, nem particularmente cruel nem particularmente livre de crueldade. Habituada a ser mimada, habituada a ser afastada de qualquer sofrimento por uma Oriana empenhada. A crescer habituada a cereais com açúcar, a desenhos animados e a uma vida sem traição. Recordo o prazer que senti com o meu triunfo temporário sobre Fantasma, a emoção de ser o poder por trás do trono, a satisfação preocupante que senti com o desespero de Vulciber. Será melhor que Oak fique longe daqueles impulsos ou será impossível que governe sem eles?

E agora que descobri em mim mesma um gosto pelo poder, conseguirei abdicar dele?

Passo as mãos molhadas pela cara, afastando esses pensamentos.

Só existe o presente. Só existe o amanhã, esta noite, o agora, o em breve e o nunca.

Pomo-nos novamente a caminho, à medida que o amanhecer torna o céu dourado. Ouço o brado de um veado e o que parecem ser tambores a soar ao longe.

A meio do caminho, Fantasma baixa a cabeça numa vénia parcial.

— Venceste-me esta noite, Jude. Não deixarei que volte a acontecer.

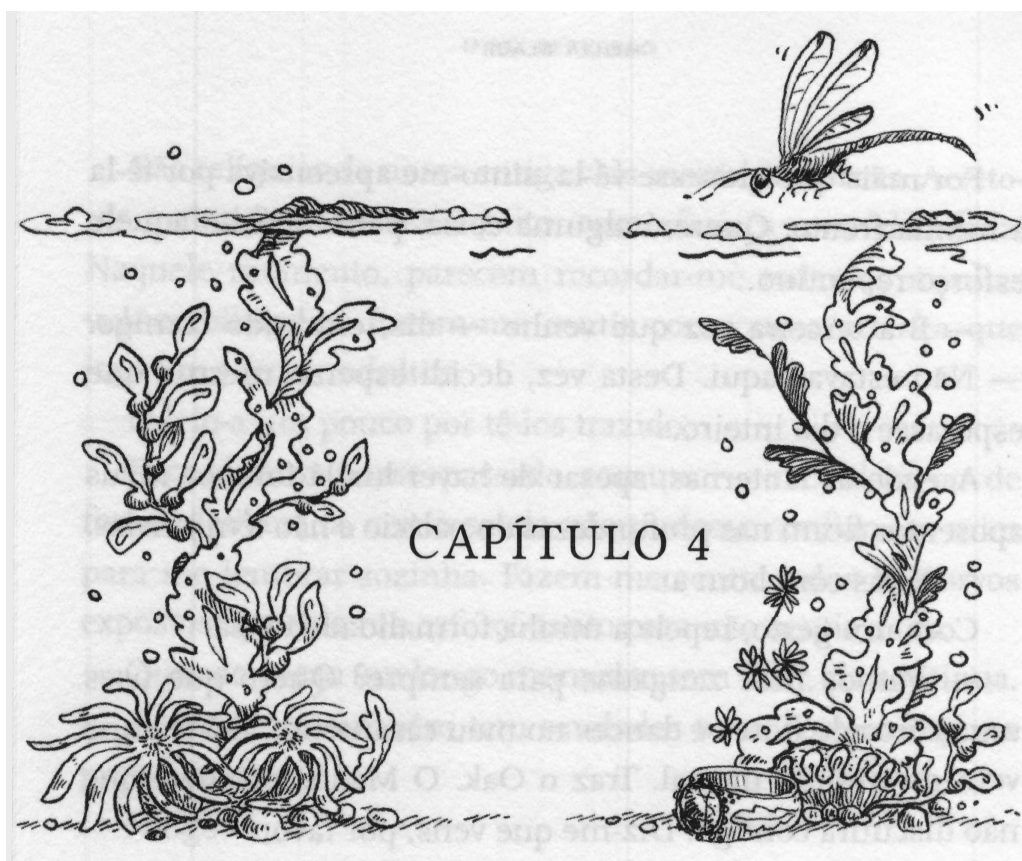
— Se o dizes — digo-lhe, sorrindo.

Quando voltamos ao palácio, o sol vai alto e só quero dormir. Mas, quando chego aos meus aposentos, encontro alguém à porta.

A minha irmã gémea, Taryn.

— Tens uma nódoa negra na cara — diz. São as primeiras palavras que me dirige em cinco meses.

Capítulo 4



O cabelo de Taryn está decorado com uma coroa de louros, e o seu vestido é de um castanho macio, decorado com verde e dourado. Vestiu-se para acentuar as curvas das ancas e do peito, ambas invulgares em Faerie, onde os corpos são tão magros que sugerem debilidade. A roupa assenta-lhe, e há algo novo no ângulo dos seus ombros que lhe fica igualmente bem.

Ela é um espelho, refletindo alguém que eu poderia ter sido, mas não sou.

— É tarde — digo, atabalhoada, destrancando a porta dos meus aposentos. — Não esperava que houvesse alguém acordado. — Já passa muito do amanhecer. O palácio inteiro está em silêncio e é provável que assim se mantenha até à tarde, quando os pajens começarem a correr pelos corredores e os cozinheiros

acenderem fogueiras. Os cortesãos sairão das suas camas muito mais tarde, quase de noite.

Por mais que quisesse vê-la, sinto-me apreensiva por tê-la à minha frente. Quererá alguma coisa, para ter feito aquele esforço repentino.

— É a terceira vez que venho — diz, entrando comigo. — Não estavas aqui. Desta vez, decidi esperar, mesmo que esperasse o dia inteiro.

Acendo as lanternas; apesar de haver luz lá fora, os meus aposentos ficam nas profundezas do palácio e não têm janelas.

— Estás com bom ar.

Com um gesto, repele a minha formalidade tensa.

— Vamos ficar zangadas para sempre? Quero que uses uma coroa de flores e dances no meu casamento. A Vivienne vem do mundo mortal. Traz o Oak. O Madoc promete que não discutirá contigo. Diz-me que vens, por favor.

Vivi vai trazer Oak? Gemo por dentro e penso se conseguirei convencê-la do contrário. Talvez por ser a minha irmã mais velha, há momentos em que lhe custa levar-me a sério.

Deixo-me cair no sofá e Taryn faz a mesma coisa.

Volto a pensar no enigma da sua presença. Penso se devo exigir um pedido de desculpas ou se devo deixá-la saltar essa parte, como é óbvio que prefere.

— Está bem — digo-lhe, cedendo. Tive demasiadas saudades dela para arriscar voltar a perdê-la. Por sermos irmãs, tentarei esquecer como me senti quando beijei Locke. Por mim, tentarei esquecer que ela sabia dos jogos que ele fazia comigo durante o seu namoro.

Dançarei no casamento dela, mesmo temendo que seja como dançar sobre facas.

Enfia a mão no saco a seus pés e tira o meu gato e a minha cobra de peluche.

— Toma — diz. — Achei que não querias deixá-los para trás.

São relíquias da nossa antiga vida mortal. Talismãs. Aceito-os e abraço-os contra o peito, como faria a uma almofada. Naquele momento, parecem recordar-me todas as minhas vulnerabilidades. Fazem-me sentir como uma criança que joga um jogo de adultos.

Odeio-a um pouco por tê-los trazido.

Recordam o nosso passado comum — recordam-no de forma deliberada, como se ela não pudesse confiar em mim para me lembrar sozinha. Fazem-me sentir todos os nervos expostos, quando me esforço tanto para não sentir nada.

Quando passo um longo momento sem falar, ela continua.

— O Madoc também tem saudades tuas. Foste sempre a preferida dele.

Fungo.

— A Vivi é a herdeira. A primogénita. A que ele foi procurar ao mundo mortal. É ela a *preferida* dele. Depois, vens tu, que vives em casa e não o traíste.

— Não digo que *continuas a ser* a preferida dele — diz Taryn, rindo-se. — Mesmo que tenha ficado um bocadinho orgulhoso de ti quando o manipulaste para sentar o Cardan no trono. Mesmo que tenha sido estúpido. Pensei que odiasses o Cardan. Pensei que ambas o odiássemos.

— E odiava — digo, absurda. — E odeio.

Olha-me com estranheza.

— Pensei que quisesses castigar o Cardan por tudo o que fez.

Recordo o horror dele pelo desejo que senti quando cobri a boca dele com a minha, a adaga na minha mão com o gume pressionado contra a pele dele. O prazer corrosivo e arrepiante daquele beijo. Senti-me como se *estivesse* a castigá-lo — como se castigasse a ele e a mim ao mesmo tempo.

Odiei-o tanto.

Taryn está a trazer de volta cada sentimento que quero ignorar. Tudo o que quero fingir que não existe.

— Fizemos um acordo — digo-lhe, aproximando-me mais da verdade. — O Cardan permite-me que seja sua conselheira. Tenho uma posição e poder, e o Oak está fora de perigo. — Quero contar-lhe o resto, mas não me atrevo. Poderá dizer a Madoc ou até a Locke. Não posso partilhar os meus segredos com ela, mesmo que seja para me gabar.

E admito que a vontade de me gabar é intensa.

— Em troca, ofereceste-lhe a coroa de Faerie... — Taryn olha-me como se a minha presunção a chocasse. Afinal, quem era eu, uma rapariga mortal, para decidir quem devia sentar-se no trono de Elfhame?

Conseguimos poder, tomando-o.

Mal ela sabe quão presunçosa tenho sido. *Roubei a coroa de Faerie*, quero dizer-lhe. *O Rei Altíssimo Cardan, o nosso velho inimigo, está às minhas ordens.* Mas claro que não posso dizer essas palavras. Às vezes, até pensá-las parece perigoso.

— Algo assim — digo, ao invés.

— Deve ser um trabalho exigente ser conselheiro dele. — Olha o quarto à nossa volta, forçando-me a vê-lo também. Ocupei estes aposentos, mas não tenho criados além dos do palácio, que raramente deixo entrar. Há chávenas de chá nas estantes de livros e pires no chão, ao lado de pratos sujos com cascas de fruta e côdeas de pão. Há roupas espalhadas onde as deixei cair quando as despi. Há livros e papéis sobre todas as superfícies. — Estás a desenrolar-te como um novelo. Que acontece quando se acabar o fio?

— Teço mais — digo, mantendo a metáfora.

— Deixa-me ajudar-te — diz, alegrando-se.

Ergo as sobancelhas.

— Queres tecer fio?

Revira-me os olhos.

— Oh. Posso fazer coisas para as quais não tens tempo. Vejo-te na Corte. Terás, talvez, dois casacos bons. Posso trazer-te alguns dos teus vestidos e joias... O Madoc não repararia e, mesmo que reparasse, não se importaria.

Faerie funciona sobre dívidas, promessas e obrigações. Por ter crescido ali, percebo o que propõe — uma oferenda, uma benesse, em vez de um pedido de desculpas.

— Tenho *três* casacos — digo.

Arqueia as duas sobancelhas.

— Nesse caso, suponho que não precisas de mais.

Não consigo parar de pensar no motivo para ter vindo agora, logo após Locke ter sido nomeado Mestre de Festins. E continuando na casa de Madoc, penso qual será a sua lealdade política.

Aqueles pensamentos envergonham-me. Não quero pensar nela como preciso de pensar em todos os outros. É minha irmã gémea, tive saudades dela, desejei que viesse, e veio.

— Está bem — digo. — Se quiseres trazer-me as minhas coisas, seria excelente.

— Ótimo! — Taryn levanta-se. — E tens de admitir que revelou grande contenção da minha parte não te ter perguntado de onde vieste esta noite ou como ficaste ferida.

Ao ouvir aquilo, o meu sorriso é imediato e genuíno.

Estende um dedo para acariciar o corpo de peluche da minha cobra.

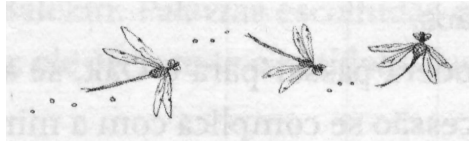
— Amo-te, sabes? Tal como o Sr. Silvo. E nenhum de nós quer ser deixado para trás.

— Boa noite — digo-lhe e, quando me beija a bochecha negra, abraça-a com força, por um instante.

Depois de se ir embora, pego nos meus animais de peluche e sento-os a meu lado, no tapete. Outrora, recordavam-me um

tempo anterior a Faerie, quando as coisas eram normais. Consolavam-me. Olho-os uma última vez e a seguir, atiro-os à fogueira, um a um.

Já não sou uma criança. Não preciso de consolo.



Depois disso, alinho tubos de vidro reluzente à minha frente.

Chama-se mitridatismo ao processo de usar um pouco de veneno para nos protegermos de uma dose completa. Comecei há um ano, como outra forma de corrigir os meus defeitos.

Ainda há efeitos secundários. Os meus olhos brilham demais. As meias-luas das minhas unhas estão azuladas, como se o meu sangue não recebesse oxigénio suficiente. O meu sono é estranho, cheio de sonhos demasiado vívidos.

Uma gota de líquido vermelho como sangue, do cogumelo amanita-vinosa, que provoca uma paralisia potencialmente letal. Uma pétala de morte-doce, que pode causar um sono que dura cem anos. Uma pitada de baga-dos-mortos, que acelera o sangue e provoca uma espécie de desvario antes de parar o coração. E uma semente de maçã-eterna, *a fruta das fadas*, que entorpece as mentes dos mortais.

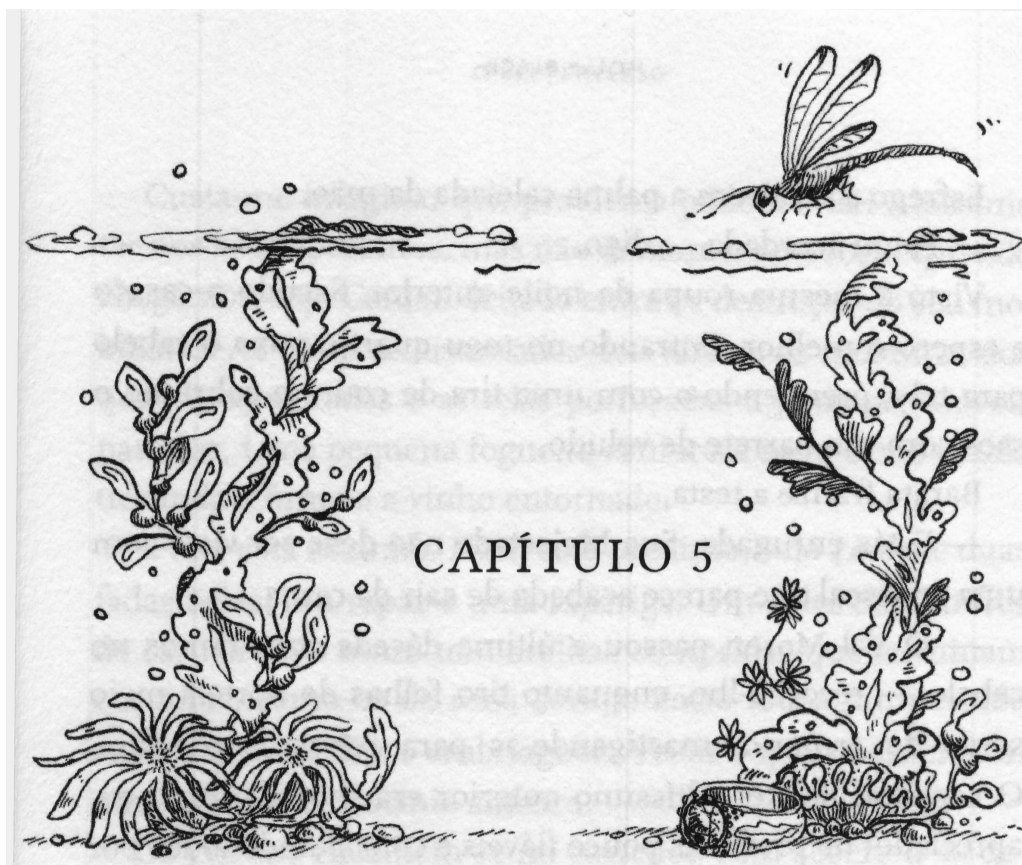
Sinto-me zozna, e um pouco agoniada, quando o veneno me chega ao sangue, mas sentir-me-ia ainda pior se falhasse uma dose. O meu corpo habituou-se e passou a desejar o que devia odiar.

Uma metáfora adequada para outras coisas.

Arrasto-me até ao sofá e fico aí deitada. Enquanto o faço, recordo as palavras de Balekin: *Ouvi dizer que, para os mortais, a paixão é muito parecida com o medo. O teu coração bate depressa. Os sentidos estão alvoroçados. Sentes-te zozna. Talvez até sintas uma tontura. Acertei?*

Não percebo se adormeço, mas sonho.

Capítulo 5



Sobre o tapete diante da fogueira, dou voltas num ninho de cobertores, papéis e documentos, quando Fantasma me acorda. Tenho os dedos manchados com tinta e cera. Ergo-me e olho em redor, tentando recordar o que escrevia e para quem.

Barata está no painel aberto da passagem secreta que conduz aos meus aposentos, fixando em mim os seus olhos brilhantes e nada humanos.

Tenho a pele suada e fria. O meu coração bate depressa. Ainda sinto o sabor do veneno, amargo e repelente, na minha língua.

— Voltou ao mesmo — diz Fantasma. Não preciso de perguntar a quem se refere. Posso ter enganado Cardan para que aceitasse a Coroa, mas ainda não aprendi o truque de o fazer comportar-se com a sobriedade de um rei.

Enquanto eu estive a recolher informação, ele esteve com Locke. Sabia que ia haver problemas.

Esfrego a cara com a palma calejada da mão.

— Estou acordada — digo.

Visto a mesma roupa da noite anterior. Sacudo o casaco e espero o melhor. Entrando no meu quarto, puxo o cabelo para trás, prendendo-o com uma tira de couro e cobrindo o caos com um barrete de veludo.

Barata franze a testa.

— Estás enrugada. Sua Majestade não deve ser vista com uma senescal que parece acabada de sair da cama.

— O Val Moren passou a última década com ramos no cabelo — recordo-lhe, enquanto tiro folhas de hortelã meio secas do armário, mastigando-as para refrescar o hálito. O senescal do Rei Altíssimo anterior era mortal, como eu, apreciador de profecias pouco fiáveis e considerado louco por muitos. — Provavelmente, os *mesmos* ramos.

Barata grunhe.

— O Val Moren é um poeta. As regras são diferentes para os poetas.

Ignorando-o, sigo Fantasma para a passagem secreta que conduz ao coração do palácio, parando apenas para me certificar de que as minhas facas continuam enfiadas nas dobras das minhas roupas. Os passos de Fantasma são tão silenciosos que, quando não há luz suficiente para os meus olhos humanos, é como se estivesse completamente sozinha.

Barata não nos segue. Dirige-se na direção oposta com um grunhido.

— Para onde vamos? — pergunto à escuridão.

— Para os aposentos *dele* — diz-me Fantasma, enquanto saímos para um átrio, uma escadaria por baixo do sítio onde Cardan dorme. — Houve uma perturbação qualquer.

Custa-me imaginar que problema poderá o Rei Altíssimo ter nos seus aposentos, mas não demoro a descobrir. Quando chegamos, vejo Cardan deitado entre os destroços do seu mobiliário. As cortinas arrancadas dos varões, as molduras dos quadros quebradas e as telas perfuradas a pontapé. Móveis partidos. Uma pequena fogueira esmorece num canto e tudo tresanda a fumo e a vinho entornado.

E não está sozinho. Num sofá próximo, vejo Locke e duas fadas belas, um rapaz e uma rapariga. Um deles tem chifres de carneiro e o outro tem orelhas compridas que terminam em tufos, como os de uma coruja. Estão todos num estado avançado de nudez e embriaguez. Veem o quarto arder com uma espécie de fascínio sinistro.

Os criados encolhem-se no corredor, sem saberem se devem arriscar a ira do rei para limpar. Até os seus guardas parecem intimidados. Erguem-se desconfortáveis diante das portas imensas — uma delas pendurada das dobradiças —, prontos para protegerem o Rei Altíssimo de qualquer ameaça que não seja ele próprio.

— Carda... — Lembro-me a tempo e curvo-me numa vénia.
— *Vossa Infernal* Majestade.

Vira-se e, por um momento, parece ver através de mim, como se não me reconhecesse. Tem a boca tingida de dourado e a embriaguez dilatou-lhe as pupilas. A seguir, um lábio ergue-se num esgar familiar.

— Tu.

— Sim — digo. — Eu.

Estende um odre de vinho.

— Bebe um trago. — A camisa de caça, em linho e com mangas compridas, está aberta. Está descalço. Penso que devo sentir-me grata por estar de calças.

— Não tenho cabeça para a bebida, milorde — digo, com franqueza e semicerrando os olhos como aviso.

— Não sou o teu rei? — pergunta, desafiando-me a contradizê-lo. Desafiando-me a recusá-lo. Obediente, porque somos vistos, pego no odre e ergo-o contra os lábios fechados, fingindo beber um gole longo.

Percebo que não o engano, mas não insiste.

— Os outros podem deixar-nos. — Indico as fadas no sofá, incluindo Locke. — Tu. Sai. Já.

Os dois que não conheço viram-se para Cardan, com uma expressão de súplica, mas este parece mal reparar neles e não contraria a minha ordem. Após um longo momento, levantam-se com preguiça e saem pela porta partida.

Locke demora mais a levantar-se. Sorri-me pelo caminho. É um sorriso insinuante, que nem acredito que alguma vez me possa ter parecido encantador. Olha-me como se partilhássemos segredos, mesmo que não os partilhemos. Não partilhamos nada.

Penso em Taryn, à espera nos meus aposentos, enquanto aqueles folguedos começavam. Penso se teria ouvido. Penso se estaria habituada a ficar acordada até tarde com Locke, vendo coisas a arder.

Fantasma abana a cabeça alourada para mim, os olhos a brilhar com deleite. Enverga uma farda do palácio. Para os cavaleiros no corredor, e para todos os outros que olharem, será só mais um membro da guarda pessoal do Rei Altíssimo.

— Vou assegurar que todos ficam onde lhes for ordenado que fiquem — diz Fantasma, saindo pela porta e dizendo o que parecem ser ordens aos outros cavaleiros.

— E então? — pergunto, olhando em redor.

Cardan encolhe os ombros, sentando-se no sofá acabado de desocupar. Puxa um pedaço do estofado de pelo de cavalo que está a sair pelo tecido rasgado. Cada movimento seu é demorado. Parece perigoso fixar o olhar nele durante demasiado tempo, como se o seu deboche fosse tão extremo que pudesse ser contagioso.

— Havia mais convidados — diz, como se fosse uma explicação. — Foram-se embora.

— Não percebo porquê — digo num tom seco.

— Contaram-me uma história — diz Cardan. — Queres ouvi-la? Era uma vez uma rapariga humana que foi raptada pelas fadas e que, por isso, jurou destruí-las.

— Uau — digo. — Acreditares que o teu reinado é capaz de destruir Faerie prova que és um mau rei.

Mesmo assim, as palavras inquietam. Não quero que questionem os meus motivos. Não quero ser vista como influente. Não quero que pensem, sequer, em mim.

Fantasma regressa do corredor, encostando a porta à ombreira e tentando fechá-la. Os seus olhos cor de avelã estão envoltos em sombra.

Viro-me outra vez para Cardan.

— Não foi por essa historieta que me chamaram. Que aconteceu?

— Isto — diz ele, cambaleando para o quarto onde há uma cama. Aí, cravados na madeira lascada da cabeceira, há dois virotes negros.

— Estás irritado porque um dos teus convidados te alvejou a cama? — adivinho.

Ri-se.

— A cama não era o alvo. — Abre a camisa e vejo o buraco no tecido e um rasgão em carne viva no flanco.

Sustenho a respiração.

— Quem fez isto? — pergunta Fantasma. Depois, olhando com mais atenção para Cardan: — E porque não estão os guardas mais incomodados? Não se comportam como se não tivessem conseguido evitar uma tentativa de homicídio.

Cardan encolhe os ombros.

— Acho que os guardas acreditam que tentei alvejar um dos meus convidados.

Aproximo-me mais um passo e vejo algumas gotas de sangue numa das almofadas caídas. Há também algumas flores brancas dispersas, que parecem ter brotado do tecido.

— Mais alguém foi atingido?

Acena com a cabeça.

— O virote acertou na perna dela, que começou a gritar e a não dizer coisa com coisa. Percebes porque alguém poderá concluir que fui eu que disparei contra ela, quando não havia mais ninguém presente. O verdadeiro atirador voltou para dentro das paredes. — Semicerrou os olhos para Fantasma e para mim, inclinando a cabeça, com a acusação a arder-lhe no olhar. — Parece que há uma passagem secreta.

O Palácio de Elfhame foi construído no interior de uma colina, com os antigos aposentos do Rei Altíssimo Eldred no centro, de paredes atravessadas por raízes e trepadeiras. A Corte inteira supôs que Cardan os ocuparia, mas este afastou-se deles tanto quanto podia, instalando-se no topo da colina, com painéis de cristal colocados na terra como janelas. Antes da sua coroação, tinham pertencido ao membro menos privilegiado da família real. Agora, os residentes do palácio lutavam para conseguirem ficar alojados mais perto do novo Rei Altíssimo. E os aposentos de Eldred, abandonados e demasiado grandiosos para serem reclamados com justiça por mais alguém, permaneciam vazios.

Conhecia apenas algumas formas de entrar nos aposentos de Cardan — uma janela grande e de vidros grossos, encantada para nunca se partir, um par de portas duplas e, ao que parecia, uma passagem secreta.

— Não vem no mapa de túneis que temos — digo-lhe.

— Ah — diz ele. Não sei se acredita em mim.

— Viste quem disparou? E porque não contaste aos teus guardas o que aconteceu? — questiono.

Olha-me com exasperação.

— Vi um borrão negro. E não esclareci os guardas, porque te protegia e à Corte das Sombras. Achei que não quererias a guarda real inteira nas vossas passagens secretas!

Não tenho resposta para aquilo. O mais perturbador em Cardan é a forma como se faz de parvo para disfarçar a sua inteligência.

À frente da cama, fica um armário embutido que ocupa a parede de uma ponta à outra. Tem um relógio pintado com constelações em vez de números. Os ponteiros do relógio indicam uma configuração de estrelas que profetiza um amante de notável fervor.

No interior, parece um simples armário cheio de roupas de Cardan. Puxo-as, deixando-as cair numa pilha de veludo, punhos, cetim e couro. Da cama, Cardan emite um som de incómodo fingido.

Encosto a orelha ao fundo de madeira, tentando ouvir o assobio do vento e sentir uma corrente de ar. Fantasma faz a mesma coisa do outro lado. Os seus dedos encontram um trinco e uma porta fina abre-se.

Mesmo que soubesse que o palácio estava repleto de passagens, nunca teria sonhado que houvesse uma no quarto de Cardan. E, no entanto... deveria ter passado em revista cada centímetro de parede. Poderia, pelo menos, ter pedido a um dos outros espiões que o fizesse. Mas evitei-o, porque evitava ficar sozinha com Cardan.

— Fica com o rei — digo a Fantasma e, pegando numa vela, avanço pela escuridão atrás da parede, evitando voltar a ficar sozinha com ele.

O túnel é pouco iluminado, com mãos douradas na parede que empunham archotes com uma chama verde sem fumo. O chão de pedra está coberto por uma passadeira gasta, um pormenor decorativo estranho para uma passagem secreta.

Alguns metros à frente, encontro a besta. Não é a arma compacta que eu teria escolhido. É enorme, com mais de metade do meu tamanho, sendo óbvio que foi arrastada até ali — consigo ver a forma como a passadeira está enrugada na direção de onde veio.

Quem tiver disparado, disparou dali.

Passo-lhe por cima e sigo em frente. Esperaria que uma passagem como aquela tivesse muitas ramificações, mas não as encontro. Desce de forma gradual, como uma rampa, e vira-se sobre si mesma, mas permite um único caminho. Apresso-me, cada vez mais rápido, protegendo a chama da vela com a mão, para impedir que se apague.

Chego a uma pesada tábua gravada com o brasão real, o mesmo que decora o anel de sinete de Cardan.

Empurro-a e esta move-se, sendo claro que foi construída para isso. Há uma estante do outro lado.

Até ali, só tinha ouvido histórias sobre o luxo dos aposentos do Rei Altíssimo Eldred no coração do palácio, com os grandes ramos do trono a serpentear pelas paredes. Apesar de nunca os ter visto antes, as descrições detalhadas tornam impossível pensar que poderei estar noutra sítio qualquer.

Caminho pelo enorme espaço cavernoso dos aposentos de Eldred, com uma vela numa mão e uma faca na outra.

E ali, sentada na cama do Rei Altíssimo, com a cara manchada de lágrimas, vejo Nicasia.

A filha de Orlagh, princesa das Profundezas Marinhas, alojada na Corte do Rei Altíssimo por um tratado de paz celebrado há décadas entre a sua mãe e Eldred. Nicasia fez parte do quarteto de amigos mais próximos e mais horríveis de Cardan. Era também sua amada até o trair com Locke. Não a via ao lado de Cardan com a mesma frequência desde a sua subida ao trono, mas ignorá-la não me parecia ofensa punível com morte.

Seria isto o que Balekin andava a conspirar com as Profundezas Marinhas? Seria esta a ruína de Cardan?

— Tu? — grito. — Foste tu quem disparou contra o Cardan?

— Não lhe digas! — Olha-me com fúria, limpando os olhos molhados. — E guarda essa faca.

Nicasia veste um roupão bordado em grande detalhe com uma fénix, cingido ao corpo. Três brincos decoram-lhe os lóbulos, serpenteando pelas orelhas acima até às pontas bicudas e azuladas. O cabelo escureceu desde a última vez que o vi. Sempre exibiu as múltiplas cores do mar, mas agora tornou-se como o mar de uma tempestade, com um negro profundo e esverdeado.

— Enlouqueceste? — grito. — Tentaste assassinar o Rei Altíssimo de Faerie.

— Não o fiz — diz ela. — Juro. Só queria matar a rapariga com quem ele estava.

Por um momento, fico demasiado atordoada pela crueldade e pela indiferença com que fala.

Volto a olhar para ela, para o roupão que aperta com tanta força. Com as palavras dela a ecoarem-me na cabeça, percebo, de repente, o que aconteceu.

— Quiseste surpreendê-lo nos seus aposentos.

— Sim — diz.

— Mas não estava sozinho... — continuo, esperando que continue a história.

— Quando vi a besta na parede, não achei que fosse assim tão difícil mirar — explica, esquecendo a parte em que a arrastou pela passagem, mesmo sendo pesada e incómoda, algo que também não deve ter sido fácil. Penso na raiva que terá sentido, capaz de lhe bloquear toda a razão.

Claro que também poderá ter pensado com total clareza.

— Sabes que é traição? — pergunto. Percebo que tremo. Consequência de acreditar que alguém tentou assassinar Cardan, de perceber que ele poderia ter morrido. — Vão executar-te. Vão obrigar-te a dançar até à morte com sapatos de

ferro aquecido. Será uma sorte se te puserem na Torre do Esquecimento.

— Sou uma princesa das Profundezas Marinhas — diz com altivez, ainda que eu perceba o choque na sua cara enquanto interioriza as minhas palavras. — Isenta de cumprir as leis da terra firme. Além disso, disse-te que não era ele o alvo.

Agora compreendo os piores momentos do comportamento dela na escola: pensou que não podia ser castigada.

— Alguma vez tinhas usado uma besta? — pergunto. — Puseste a vida dele em risco. Podia ter morrido. Sua idiota, *e/le podia ter morrido*.

— Já te disse que... — começa a repetir para si mesma.

— Sim, sim, o acordo entre o mar e a terra — interrompo-a, continuando furiosa. — Mas sei que a tua mãe pretende violar o tratado. Dirá que foi assinado pela rainha Orlagh e pelo Rei Altíssimo Eldred e não entre a rainha Orlagh e o Rei Altíssimo Cardan. Já não se aplica. Isso quer dizer que não te protegerá.

Depois de ouvir aquilo, Nicasia fica de boca aberta a olhar para mim, sentindo medo pela primeira vez.

— Como sabes isso?

Não tinha a certeza, penso. Agora tenho.

— Vamos pressupor que sei tudo — digo-lhe, em vez disso. — Tudo. Que sempre soube. Mesmo assim, estou disposta a fazer um acordo contigo. Direi ao Cardan, aos guardas e ao resto deles que o atirador escapou, se fizeres uma coisa por mim.

— Sim — diz, antes mesmo de lhe explicar as condições, tornando clara a extensão do seu desespero. Por um momento, um desejo de vingança cresce dentro de mim. Uma vez, riu-se da minha humilhação. Agora, podia mostrar-me altiva com a dela.

É isto o poder. Poder puro e ilimitado. É ótimo.

— Conta-me o que a Orlagh planeia — digo, repelindo aqueles pensamentos.

— Pensei que já soubesses tudo — responde, amuada, começando a levantar-se da cama, mantendo uma mão no roupão. Suponho que vestiria pouca roupa por baixo. Ou nenhuma.

Devias ter entrado, quero dizer-lhe, de repente. Devias ter-lhe dito que esquecesse a outra rapariga. Talvez tivesse esquecido.

— Queres o meu silêncio ou não? — pergunto, sentando-me na ponta da cama. — Temos tempo limitado até alguém vir procurar-me. Se te virem, será tarde demais para negações.

Nicasia suspira, de forma longa e sofrida.

— A minha mãe diz que é um rei jovem e fraco, e que deixa os outros influenciarem-no demais. — Depois, olha para mim com dureza. — Acredita que cederá às exigências dela. Se ceder, nada mudará.

— E se não ceder...?

Ergue o queixo.

— Nesse caso, a trégua entre a terra e o mar acabará e será a terra a sofrer. As ilhas de Elfhame serão engolidas pelas ondas.

— E depois disso? — pergunto. — É pouco provável que o Cardan durma contigo se a tua mãe inundar isto tudo.

— Não estás a perceber. Quer que nos casemos. Quer que seja rainha.

Fico tão surpreendida que, por um momento, me limito a olhar fixamente para ela, contendo um riso de pânico e desvario.

— Acabaste de *disparar* contra ele.

O olhar que fixa em mim ultrapassa o ódio.

— Bem, tu assassinaste o Valerian, não foi? Vi-o na noite em que desapareceu e falava em ti, dizia que te faria pagar por o teres apunhalado. As pessoas dizem que morreu na coroação, mas não acredito.

O corpo de Valerian está enterrado na propriedade de Madoc, ao lado dos estábulos, e, se tivesse sido desenterrado, eu já saberia. É um palpite dela.

E se o tivesse feito? Sou o braço direito do Rei Altíssimo de Faerie. Ele pode perdoar-me qualquer crime.

Mesmo assim, aquela recordação desperta o terror de lutar pela minha vida. Recorda-me como ela ficaria encantada com a minha morte, tal como ficou encantada com tudo o que Valerian me fez ou tentou fazer. Como a encantava o ódio de Cardan.

— Quando *me* surpreenderes a cometer um ato de traição, podes forçar-me a contar-te os *meus* segredos — digo. — Neste momento, prefiro ouvir o que a tua mãe quer fazer com o Balekin.

— Nada — diz Nicasia.

— Achava que o Povo não conseguia mentir — digo-lhe.

Nicasia caminha de um lado para o outro no quarto. Tem nos pés uns chinelos com pontas que se curvam para cima como fetos.

— Não minto! A minha mãe acredita que o Cardan vai aceitar as condições dela. Está só a bajular o Balekin. Deixa-o acreditar que é importante, mas não será. Não poderá ser.

Tento juntar as peças do plano.

— É o seu plano de contingência, se Cardan recusar casar contigo.

A minha mente está frenética com a certeza de que, acima de tudo, não posso permitir a Cardan que case com Nicasia. Se casasse, seria impossível arrancá-los aos dois do trono. Oak nunca reinaria.

E eu perderia tudo.

O olhar dela semicerra-se.

— Já te disse que chegue.

— Ainda acreditas que isto é só um jogo — digo.

— Tudo é um jogo, Jude — diz ela. — Tu sabes isso. E, agora, é a tua vez de jogar. — Com aquelas palavras, dirige-se para as enormes portas e abre uma delas. — Vai e diz-lhes o que quiseres, mas quero que saibas isto: alguém em quem confias já te traiu. — Ouço o bater dos chinelos dela na pedra e, a seguir, o estrondo da porta de madeira a fechar.

Os meus pensamentos cedem à confusão, à medida que volto pela passagem. Cardan espera-me no quarto principal dos seus aposentos, reclinado num sofá, com uma expressão astuta. Mantém a camisa aberta, mas uma ligadura recente cobre-lhe a ferida. Uma moeda dança entre os seus dedos — reconheço-o como um dos truques de Barata.

Alguém em quem confias já te traiu.

Do que resta da porta, Fantasma espreita de entre a guarda pessoal do Rei Altíssimo. Percebe o meu olhar.

— E então? — pergunta Cardan. — Não descobriste nada do meu aspirante a assassino?

Abano a cabeça, sem conseguir mentir-lhe com palavras. Olho para os destroços dos aposentos à minha volta. É impossível que sejam seguros, e tresandam a fumo.

— Vamos — digo, pegando no braço de Cardan e puxando-o até ficar de pé com dificuldade. — Não podes dormir aqui.

— Que te aconteceu à cara? — pergunta ele, fixando em mim um olhar desfocado. Está suficientemente perto para eu conseguir ver as suas pestanas longas e o anel dourado à volta do negro da sua íris.

— Nada — digo.

Deixa-me levá-lo para o corredor. Enquanto saímos, Fantasma e o resto dos guardas colocam-se em sentido.

— À vontade — diz Cardan, acenando com a mão. — A minha senescal está a levar-me para algures. Não se preocupem. De certeza que terá um plano qualquer.

Os guardas alcançam-nos e alguns deles franzem a testa enquanto o levo para os meus aposentos, alternando entre conduzi-lo e carregá-lo. Odeio levá-lo para lá, mas não há outro sítio onde me sinta confiante com a sua segurança.

Olha em redor, espantado, percebendo a confusão.

— Onde... Dormes mesmo aqui? Talvez seja melhor pegares fogo também aos teus aposentos.

— Talvez — respondo, conduzindo-o à minha cama. É estranho pôr a mão nas costas dele. Sinto o calor da sua pele através do linho da camisa e sinto-o a fletir os músculos.

Parece-me errado tocar-lhe como se fosse uma pessoa normal, como se não fosse o Rei Altíssimo, meu inimigo.

Não precisa de encorajamento para se estender no meu colchão, com a cabeça na almofada e o cabelo preto espalhado como penas de corvo. Olha para mim, com os seus olhos cor de noite, belos e terríveis ao mesmo tempo.

— Por um momento — diz —, pensei se não serias tu a disparar contra mim.

Faço-lhe uma careta.

— E que te fez decidir que não era?

Sorri-me.

— Falharam.

Disse algumas vezes que tem o poder de fazer um elogio e de o tornar doloroso. Percebo que também consegue dizer algo que deveria ser um insulto, de uma forma que me faz sentir verdadeiramente vista.

Os nossos olhos fixam-se e há uma centelha perigosa.

Ele odeia-te, recordo a mim mesma.

— Beija-me outra vez — diz, embriagado e tonto. — Beija-me até me fartar dos teus beijos.

Sinto aquelas palavras. Sinto-as como um pontapé no estômago. Vê a minha expressão e ri-se. É um som cheio de troça.

Não percebo de qual de nós se ri.

Odeia-te. Mesmo que te deseje, odeia-te.

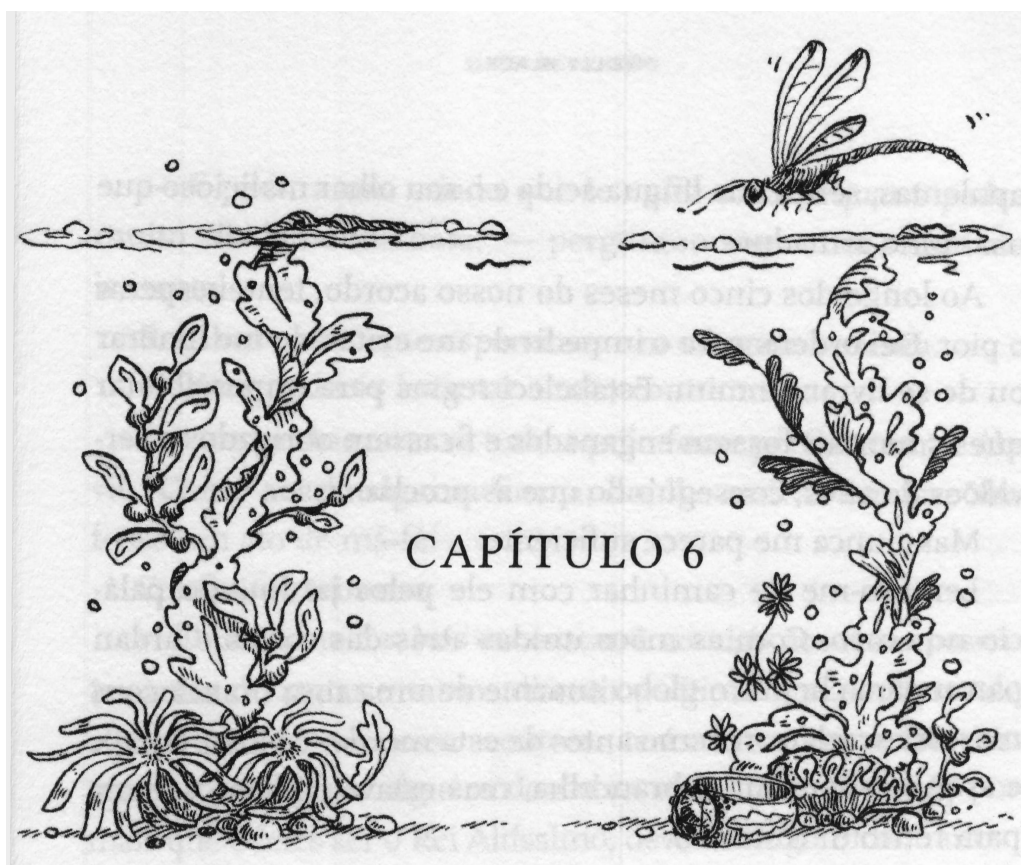
Talvez te odeie mais ainda por isso.

Após um momento, fecha os olhos. A sua voz reduz-se a um sussurro, como se falasse sozinho.

— Se és a doença, suponho que não possas ser também a cura.

Ele adormece, mas eu estou completamente acordada.

Capítulo 6



Passo a manhã inteira sentada numa cadeira inclinada contra a parede do meu quarto. Tenho a espada do meu pai sobre o colo. A minha mente não para de recordar as palavras de Nicasia.

Não estás a perceber. Quer que nos casemos. Quer que seja rainha.

Mesmo estando do outro lado do quarto, o meu olhar regressa muitas vezes à cama e ao rapaz que nela dorme.

Os olhos pretos estão fechados e o seu cabelo cobre a minha almofada. Pareceu-me que não conseguia ficar confortável, enrolando os pés nos lençóis, mas a sua respiração acabou por se tornar regular e os seus movimentos também. Continua tão belo como sempre, com boca macia, lábios en-

treabertos e pestanas tão longas que, quando fecha os olhos, tocam a sua bochecha.

Estou habituada à beleza de Cardan, mas não à sua vulnerabilidade. Parece desconfortável vê-lo sem as suas roupas opulentas, sem a sua língua ácida e o seu olhar malicioso que usa como armadura.

Ao longo dos cinco meses do nosso acordo, tentei esperar o pior. Dei ordens para o impedir de me evitar, de me ignorar ou de se livrar de mim. Estabeleci regras para impossibilitar que os mortais fossem enganados e ficassem obrigados a servidões de anos, conseguindo que as proclamasse.

Mas nunca me parece suficiente.

Lembro-me de caminhar com ele pelos jardins do palácio no ocaso. Com as mãos unidas atrás das costas, Cardan parou para cheirar o globo enorme de uma rosa branca com marcas escarlate, mesmo antes de esta morder o vazio. Sorriu e arqueou-me uma sobrancelha, mas estava nervosa demais para retribuir o sorriso.

Atrás dele, no limiar do jardim, havia alguns cavaleiros reunidos, a sua guarda pessoal, onde Fantasma tinha já sido integrado.

Mesmo que tivesse pensado uma e outra vez no que lhe diria, continuava a sentir-me como uma tonta que acreditava que, com as palavras certas, conseguiria transformar um único desejo numa dúzia deles.

— Vou dar-te ordens.

— Ai sim? — disse. Sobre a sua cabeça, a coroa dourada de Elfhame refletia a luz do anoitecer.

Inspirei fundo e comecei.

— Nunca poderás negar-me uma audiência ou dar uma ordem para impedir que esteja a teu lado.

— Porque quereria que deixasses de estar a meu lado? — perguntou com voz seca.

— E não podes ordenar que seja presa ou morta — digo, ignorando-o. — Nem ferida. Nem sequer detida.

— E pedir a um criado que te enfie uma pequena pedra muito afiada na tua bota? — perguntou com uma seriedade irritante.

Retribuí com o que esperei ser um olhar de censura.

— Nem poderás levantar a mão contra mim.

Fez um gesto como se tudo aquilo fosse perfeitamente óbvio. Como se, de alguma forma, dar-lhe ordens em voz alta fosse um ato de má-fé.

Continuei, teimosa.

— Todas as noites, vais encontrar-te comigo nos teus aposentos antes do jantar e vamos discutir política. E, se souberes de algum mal que me possa acontecer, terás de me avisar. Deverás tentar impedir que alguém descubra como te controlo. E, por mais que odeies ser o Rei Altíssimo, deverás fingir o contrário.

— Não odeio — disse, olhando para o céu.

Virei-me para ele, surpreendida.

— Que queres dizer com isso?

— Não odeio ser o Rei Altíssimo — disse ele. — Não sempre. Pensei que odiaria e, no entanto, não odeio. Interpreta isso como quiseres.

Senti-me enervada, porque era muito mais fácil quando sabia que, além de não ter capacidades para reinar, também não tinha interesse em fazê-lo. Quando olhava para a Coroa de Sangue na cabeça dele, tinha de fingir que não estava lá.

Não ajudou a rapidez com que convenceu a Nobreza do seu direito de os governar. A sua reputação de crueldade fez com que se mostrassem relutantes em contrariá-lo. A sua libertinagem fazia-os acreditar que todos os deleites eram possíveis.

— Portanto — disse eu. — Gostas de ser meu peão?

Esboçou um sorriso preguiçoso, como se não o incomodasse que tentasse arrancar-lhe respostas.

— Por agora.

A atenção com que o olhava intensificou-se.

— Por muito mais do que isso.

— Conquistaste um ano e um dia — disse-me. — Mas pode acontecer muita coisa num ano e num dia. Dá-me as ordens que quiseres, mas nunca conseguirás pensar em tudo.

Outrora, tinha sido eu a desequilibrá-lo, a despertar a sua raiva e a dilacerar o seu controlo, mas, de alguma forma, os papéis tinham-se invertido. Senti esse deslize todos os dias desde então.

Enquanto o observo agora, estendido na minha cama, sinto-me mais desequilibrada do que nunca.



Barata entra no quarto no final dessa mesma tarde. Pousada no seu ombro, estava a coruja com cara de gnomo, antiga mensageira de Dain, agora mensageira da Corte das Sombras. Chamam-lhe Boca-de-Lobo, mas não sei se é um nome de código.

— O Conselho Vivo quer ver-te — diz Barata. Boca-de-Lobo fixa em mim os olhos sonolentos, enquanto pestaneja.

Gemo.

— Na verdade — diz, indicando a cama com a cabeça —, querem vê-lo *a ele*, mas só te podem dar ordens a ti.

Levanto-me e espreguiço-me. A seguir, pondo o cinto da espada, dirijo-me à sala dos meus aposentos para não acordar Cardan.

— Como está o Fantasma?

— Repousa — diz Barata. — Circularam muitos rumores na noite passada, mesmo entre os guardas do palácio. Os boatos começaram a tecer as suas teias.

Dirijo-me para a minha câmara de banhos para me lavar. Gargarejo com água salgada e esfrego a cara e as axilas com um pano embebido em sabão de verbena e limão. Escovo os nós do cabelo, demasiado exausta para conseguir fazer qualquer coisa mais complicada.

— Suponho que já tenhas verificado a passagem — digo, elevando a voz.

— Sim — diz Barata. — E percebo porque não estava em nenhum dos teus mapas — não há uma ligação com as outras passagens em qualquer ponto. Nem sequer sei se foi construída ao mesmo tempo.

Recordo a pintura do relógio e das constelações. As estrelas que profetizavam um amante fervoroso.

— Quem dormia lá antes do Cardan? — pergunto.

Barata encolhe os ombros.

— Vários membros do Povo. Ninguém de especial relevância. Hóspedes da coroa.

— Amantes — digo, encaixando as peças, por fim. — As amantes do Rei Altíssimo que não eram consortes.

— Hum. — Barata indica Cardan com um movimento do queixo na direção do meu quarto. — E foi esse o sítio onde o nosso Rei Altíssimo escolheu dormir? — Barata dirige-me um olhar expressivo, como se esperasse que conhecesse a solução daquele enigma, quando nem sequer tinha percebido que se tratava de um.

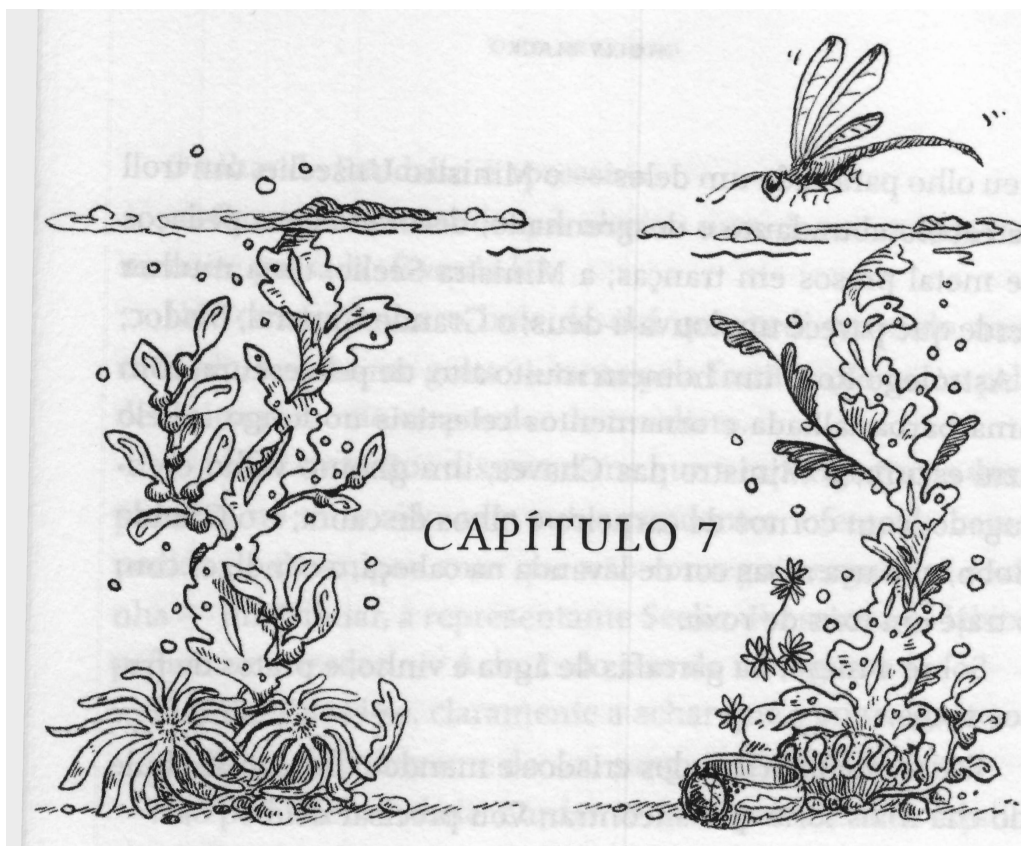
— Não sei — digo.

Abana a cabeça.

— É melhor que vás à reunião do Conselho.

Não posso dizer que não senti um alívio por perceber que não estaria ali quando Cardan acordasse.

Capítulo 7



O Conselho Vivo foi constituído antes do reinado de Eldred, oficialmente para ajudar o Rei Altíssimo a tomar decisões, e depois como grupo a que era difícil alguém opor-se. Não tanto pelo poder individual dos ministros — mesmo que muitos deles fossem formidáveis — mas, como órgão coletivo com autoridade para tomar muitas pequenas decisões relativas ao governo do reino. O tipo de pequenas decisões que, juntas, conseguiriam causar dissabores até a um rei.

Depois da coroação perturbada e do homicídio da família real, e após a irregularidade com a Coroa, o Conselho mostrou-se cético em relação à juventude de Cardan, e confuso pela minha ascensão ao poder.

Boca-de-Lobo conduz-me à reunião, por baixo de uma copa entrelaçada de salgueiros e à volta de uma mesa de madeira fossilizada. Os ministros veem-me caminhar sobre o relvado e eu

olho para cada um deles — o Ministro Unseelie, um troll de cabelo abundante e desgrenhado, decorado com pedaços de metal presos em tranças; a Ministra Seelie, uma mulher verde que parece um louva-a-deus; o Grande General, Madoc; o Astrólogo Real, um homem muito alto, de pele escura, com uma barba talhada e ornamentos celestiais no longo cabelo azul-escuro; o Ministro das Chaves, um gnomo velho e enrugado, com cornos de carneiro e olhos de cabra; e o Grande Bobo, que usa rosas cor de lavanda na cabeça, a condizer com o traje em tons de roxo.

Sobre a mesa, há garrafas de água e vinho, e pratos de frutos secos.

Estico-me para um dos criados e mando-o buscar um bule do chá mais forte que encontrar. Vou precisar dele.

Randalin, o Ministro das Chaves, senta-se na cadeira do Rei Altíssimo. As costas de madeira daquela réplica de um trono estão decoradas com o brasão real gravado a fogo. Percebo a mudança e a mensagem implícita. Nos cinco meses que passaram desde que assumiu o manto de Rei Altíssimo, Cardan não veio ao Conselho. Só há uma cadeira vazia — entre Madoc e Fala, o Grande Bobo. Mantenho-me de pé.

— Jude Duarte — diz Randalin, fixando em mim os seus olhos de cabra. — Onde está o Rei Altíssimo?

Estar de pé à frente deles intimida sempre, e a presença de Madoc torna isso pior. Faz-me sentir que sou uma criança pequena, ansiosa para dizer ou fazer algo inteligente. Parte de mim quer apenas provar que sou mais do que esperam que seja: a nomeada fraca e tonta de um rei fraco e tonto.

Que há outro motivo para Cardan ter escolhido uma senescal mortal além de poder mentir por ele.

— Substituo-o — digo. — Falo por ele.

O olhar de Randalin é opressivo.

— Corre um rumor de que alvejou uma das suas amantes na noite passada. É verdade?

Um criado poussa o bule de chá que pedi perto do meu cotovelo, e sinto-me grata — tanto pela fortificação como pela desculpa para não responder de imediato.

— Hoje, cortesãos disseram-me que a rapariga trazia uma pulseira no tornozelo com rubis pendentes, oferecida como pedido de desculpas, mas que não conseguia erguer-se sozinha — diz Nihuar, a representante Seelie. Pressiona os lábios pequenos e verdes. — Acho tudo isso de mau gosto.

O Bobo Fala ri-se, claramente a achar que é ao *seu* gosto.

— Rubis pelo derrame do seu sangue de rubi.

Não podia ser verdade. Cardan teria de providenciar aquilo no tempo que demorei a vir dos meus aposentos até ao Conselho. Mas isso não significa que outro não o tenha providenciado no seu lugar. Todos estão ávidos para ajudar um rei.

— Prefeririam que a tivesse matado? — pergunto. Os meus dotes diplomáticos não são tão apurados como o meu talento para gerar irritação. Além disso, estou cansada.

— Não me importaria — diz o representante Unseelie, Mikkel, rindo-se. — O nosso novo Rei Altíssimo parece totalmente Unseelie e creio que nos favorecerá. Poderíamos dar-lhe um deboche melhor do que aquele de que o seu Mestre de Festins se vangloria, agora que sabemos o que lhe agrada.

— Há outras histórias — continua Randalin. — Diz-se que um dos guardas alvejou o Rei Altíssimo Cardan para salvar a vida dessa cortesã. Que ela carrega no ventre o seu herdeiro real. Deves dizer ao Rei Altíssimo que o seu Conselho está pronto para o aconselhar, para que o seu reinado não seja envenenado por tais histórias.

— Fá-lo-ei, sem dúvida — digo.

O Astrólogo Real, Baphen, olha-me com curiosidade, como se adivinhasse a minha intenção de não dizer nada daquilo a Cardan.

— O Rei Altíssimo está unido à terra e aos seus súbditos. Um rei é um símbolo vivo, um coração que bate, uma estrela sobre a qual se escreve o futuro de Elfhame. — Fala em voz baixa e, mesmo assim, é bem audível. — Decerto terás reparado que, desde o início do seu reinado, as ilhas estão diferentes. As tempestades chegam mais depressa. As cores são mais vivas e os cheiros mais intensos. Têm sido vistas coisas nas florestas — continua. — Coisas antigas, que há muito se pensava terem desaparecido do mundo, voltam agora para o olharem.

» Quando se embriaga, os seus súbditos ficam zonzos sem perceberem porquê. Quando o seu sangue é derramado, crescem coisas. A Rainha Altíssima Mab chamou Insmire, Insmoor e Insweal do mar. Todas as ilhas de Elfhame, formadas em apenas uma hora.

O meu coração vai acelerando enquanto Baphen fala. Sinto que os meus pulmões não recebem ar suficiente. Porque nada daquilo pode descrever Cardan. Não pode ter uma ligação tão profunda à terra, não pode conseguir fazer tudo aquilo sem deixar de estar sob o meu controlo.

Penso no sangue na sua colcha e nas flores brancas dispersas ao lado.

Quando o seu sangue é derramado, crescem coisas.

— Compreendes, então — diz Randalin, sem perceber que estou à beira do pânico —, que cada decisão do Rei Altíssimo muda Elfhame e influencia os seus habitantes. Durante o reinado de Eldred, quando nasciam crianças, eram-lhe levadas à força para jurarem fidelidade ao reino. Mas, nas Cortes baixas, alguns herdeiros eram alojados no mundo mortal, crescendo longe do alcance de Eldred. Estas crianças mutantes regressaram para governar, sem terem feito juras à Coroa de Sangue. Pelo menos uma Corte tornou uma destas mutantes sua Rainha. E quem sabe quantos no Povo selvagem conseguiram escapar a tais votos. Além disto, a general da Corte dos Dentes, Grima Mog, parece ter abandonado o seu posto. Ninguém sabe ao certo o

que pretende. Não podemos tolerar descuido por parte do Rei Altíssimo.

Já tinha ouvido falar de Grima Mog. É assustadora, mas não tanto como Orlagh.

— Também precisamos de vigiar com atenção a rainha das Profundezas Marinhas — digo. — Tem um plano e pretende avançar contra nós.

— O quê? — pergunta Madoc, interessado na conversa pela primeira vez.

— Impossível — diz Randalin. — Como podes saber tal coisa?

— O Balekin tem-se encontrado com os representantes dela — explico.

Randalin funga.

— E suponho que tenha sido o príncipe a dizer-te isto? Se mordesse a língua com mais força, ficaria sem ela.

— Tive mais do que uma fonte. Se a aliança que tinham foi estabelecida com Eldred, acabou.

— O Povo do mar tem coração frio — diz Mikkell. A princípio, parece que concorda comigo, mas o tom de aprovação da sua voz mina essa primeira impressão.

— Porque não consulta o Baphen os mapas astrais? — pergunta Randalin, num tom apaziguador. — Se encontrar uma ameaça aí profetizada, continuaremos a discussão.

— Estou a dizer-vos... — insisto, frustrada.

É nesse momento que Fala salta para cima da mesa e começa uma dança... interpretativa, creio. Madoc ri-se. Um pássaro pousa no ombro de Nihuar e começam uma conversa com assobios baixos e trinados.

É evidente que nenhum deles quer acreditar em mim. Afinal, como poderia eu saber algo que eles não sabiam? Sou jovem demais, imatura demais, mortal demais.

— A Nicasia... — recomeço.

Madoc sorri.

— A tua amiguinha da escola.

Gostava de poder dizer-lhe que é só por mim que continua sentado no Conselho. Apesar de ter trespassado Dain com a sua própria mão, continua a ser o Grande General. Poderia dizer que o quero manter ocupado, que será preferível sermos nós a usá-lo do que ter alguém a usá-lo contra nós. Que é mais fácil para os meus espiões vigiarem-no quando sabem onde está, mas parte de mim sabe que continua a ser o Grande General, porque não consegui forçar-me a despojar o meu pai de tanta autoridade.

— Resta a questão do Grimsen — diz Mikkel, prossequindo, como se eu não tivesse falado. — O Rei Altíssimo acolheu o ferreiro do Rei-Antigo, o criador da Coroa de Sangue. Agora, vive connosco, mas ainda não trabalha para nós.

— Teremos de fazer com que se sinta bem-vindo — diz Nihuar, num raro momento de sintonia entre as fações Unseelie e Seelie. — O Mestre de Festins fez planos para a Lua do Caçador. Talvez possa acrescentar uma diversão especial para o Grimsen.

— Depende daquilo que agradar ao Grimsen, suponho — digo eu, desistindo de os convencer de que Orlagh avançará contra nós. Estou por minha conta.

— Talvez lhe agrade foçar a terra — diz Fala. — À procura de bufas.

— Trufas — corrige Randalin, automaticamente.

— Não — diz Fala, torcendo o nariz. — Dessas não.

— Empenhar-me-ei para descobrir quais são os seus folgedos preferidos. — Randalin faz uma anotação rápida num pedaço de papel. — Também me foi dito que um representante da Corte das Térmitas participará no festim da Lua do Caçador.

Tento esconder o meu espanto. A Corte das Térmitas, liderada por Lorde Roiben, ajudou a sentar Cardan no trono. E, pelos seus esforços, prometi que, quando Lorde Roiben me

pedisse um favor, lho concederia. Mas não faço ideia do que poderá querer e não é o melhor momento para mais uma complicação.

Randalin pigarreia e vira-se, fixando em mim um olhar carregado.

— Transmite o nosso pesar ao Rei Altíssimo por não termos conseguido aconselhá-lo diretamente e diz-lhe também que estamos preparados para vir em seu auxílio. Se não conseguires transmitir-lhe isto, encontraremos outra forma de o fazer.

Faço uma breve vénia e não respondo ao que é, sem dúvida, uma ameaça.

À medida que saio, Madoc caminha a meu lado.

— Sei que falaste com a tua irmã — diz, baixando as sobrancelhas grossas no que será pelo menos um simulacro de preocupação.

Encolho os ombros, recordando a mim mesma que, hoje, não disse uma palavra para me ajudar.

Olha-me com impaciência.

— Não me digas que estás muito ocupada com aquele fedelho coroadado, apesar de imaginar que precise de muita ajuda.

De alguma forma, em poucas palavras, transformou-me numa filha temperamental e a si num pai sofredor.

Suspiro, derrotada.

— Falei com a Taryn.

— Ótimo — diz. — Passas tempo demais sozinha.

— Não se finja de solícito — digo. — Insulta-nos aos dois.

— Não acreditas que possa gostar de ti, mesmo depois de me teres traído? — Observa-me com os seus olhos de gato. — Continuo a ser o teu pai.

— É o assassino do meu pai — exclamo.

— Posso ser as duas coisas — diz Madoc, sorrindo e mostrando os dentes.

Tentei abalá-lo, mas consegui abalar-me apenas a mim própria. Apesar de já terem passado meses, a memória do seu último golpe, depois de perceber que tinha sido envenenado, continuava fresca na minha memória. Lembro-me de parecer capaz de me rachar ao meio.

— E é por isso que nenhum de nós deverá fingir que não está furioso comigo.

— Estou furioso, filha, mas também estou curioso. — Faz um gesto indiferente na direção do Palácio de Elfhame. — Era mesmo isto que querias? *Ele?*

Tal como aconteceu com Taryn, engasgo-me com a explicação que não consigo dar.

Quando não falo, ele chega às suas próprias conclusões.

— Tal como pensei. Não te avalei da melhor forma. Ignorei o teu desejo de te juntares aos cavaleiros. Não dei o devido valor à tua capacidade para a estratégia, para a força... e para a crueldade. Esse erro foi meu e não o repetirei.

Não percebo se aquilo é uma ameaça ou um pedido de desculpas.

— O Cardan é o Rei Altíssimo e, enquanto envergar a Coroa de Sangue, jurei servi-lo — diz. — Mas nenhum juramento te prende. Se te arrependeres da tua jogada, faz outra. Há mais jogos para jogar.

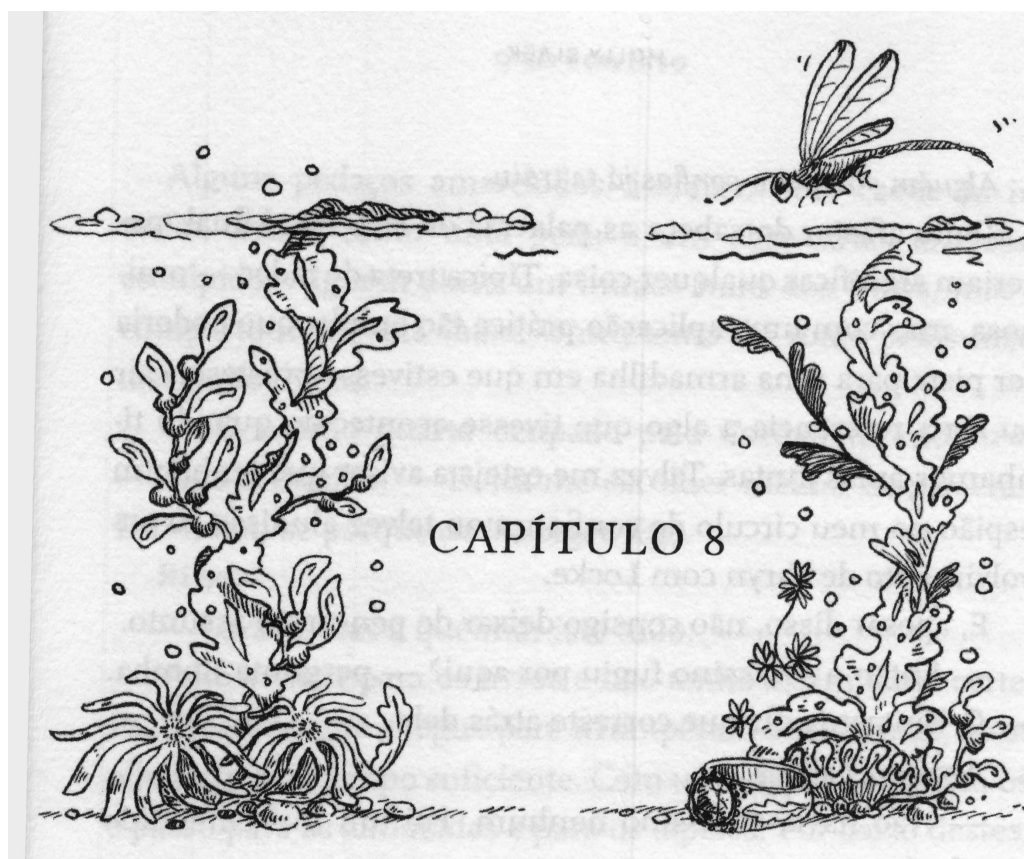
— Já ganhei — recordo-lhe.

Sorri.

— Voltaremos a falar.

Enquanto se afasta, não consigo deixar de pensar que talvez estivesse melhor quando me ignorava.

Capítulo 8



Encontro-me com Bomba nos antigos aposentos do Rei Altíssimo Eldred. Desta vez, estava determinada a vasculhar cada centímetro dos quartos, antes de Cardan ser para lá transferido — e tinha a certeza de que ele devia ficar ali, na parte mais segura do palácio, independentemente das suas preferências.

Quando chego, Bomba acende a última das velas grandes sobre uma lareira. A cera derretida acumulou-se tanto, que formou uma espécie de escultura. É estranho estar aqui, neste momento, sem Nicasia para me ocupar com conversa fiada ou qualquer outra coisa que me impedisse de olhar em volta. As paredes brilham com mica e o teto é formado por ramos e trepadeiras verdes. Na antecâmara, brilha a concha de um enorme caracol, uma lamparina do tamanho de uma mesa pequena.

Bomba dirige-me um sorriso breve. O seu cabelo branco está preso em tranças, fixas com algumas contas brilhantes em prata.

Alguém em quem confias já te traiu.

Tento afastar da cabeça as palavras de Nicasia. Afinal, poderiam significar qualquer coisa. Típica treta de fadas — omí-nosa, mas com uma aplicação prática tão ampla, que poderia ser pista para uma armadilha em que estivesse prestes a cair ou uma referência a algo que tivesse acontecido quando tínhamos aulas juntas. Talvez me esteja a avisar que tenho um espião no meu círculo de confiança ou talvez aludisse ao envolvimento de Taryn com Locke.

E, apesar disso, não consigo deixar de pensar no assunto.

— Então o assassino fugiu por aqui? — pergunta Bomba. — O Fantasma diz que correste atrás dele.

Abano a cabeça.

— Não havia assassino nenhum. Foi um mal-entendido romântico.

Ergue as sobrancelhas.

— O Rei Altíssimo não tem jeito nenhum para romances — digo eu.

— Suponho que sim — diz ela. — Queres revistar a sala enquanto eu me ocupo do quarto?

— Claro — aceito, dirigindo-me para a porta.

A passagem secreta fica ao lado de uma lareira esculpida na forma da boca sorridente de um duende. A estante continua aberta, revelando degraus em espiral pela parede adentro. Fecho-a.

— Acreditas mesmo que vais conseguir convencer o Cardan a mudar-se para aqui? — pergunta Bomba, da divisão ao lado.

— É um desperdício que este espaço todo fique por usar.

Curvo-me para começar a puxar livros das estantes, abrindo-os e sacudindo-os um pouco, para ver se há alguma coisa no seu interior.

Alguns pedaços amarelados desfazem-se e caem do interior, assim como uma pena e um abre-cartas em osso esculpido. Alguém abriu um buraco num dos livros, mas o compartimento está vazio. Outro tomo foi roído pelos insetos. Deito-o fora.

— O último quarto ocupado pelo Cardan incendiou-se — digo a Bomba. — Deixa-me escolher melhor as palavras. Incendiou-se porque *ele lhe pegou fogo*.

Ri-se.

— Levaria dias a queimar isto tudo.

Volto a olhar para os livros e não tenho assim tanta certeza. São secos que chegue para irromperem em chamas, se os olhar durante tempo suficiente. Com um suspiro, empilho-os e passo para as almofadas e para os tapetes. Por baixo destes, encontro apenas pó.

Despejo todas as gavetas sobre a secretária imensa: aparos metálicos de penas, pedras esculpidas com caras, três anéis de sinete, um dente longo de uma criatura que não consigo identificar e três frascos cujo líquido preto no interior solidificou.

Noutra gaveta, encontro joias. Um colar de azeviche preto, uma pulseira de contas com fecho, anéis de ouro pesados.

Na última, encontro cristais de quartzo cortados como globos e lanças lisas e polidas. Quando ergo uma à luz, algo se move no interior.

— Bomba? — chamo, com uma voz um pouco aguda.

Entra, trazendo um casaco tão decorado com pedras preciosas, que me surpreende que alguém consiga manter-se de pé com ele vestido.

— Que se passa?

— Alguma vez viste algo assim? — Ergo uma bola de cristal.

Espreita.

— Olha. É o Dain.

Olho para dentro. Um jovem príncipe Dain está montado sobre um cavalo, segurando um arco numa mão e maçãs na outra. Elowyn senta-se num pônei a seu lado e Rhyia está do lado oposto. Dain atira três maçãs ao ar e todos erguem os arcos e disparam.

— Isto aconteceu? — pergunto.

— É provável — responde ela. — Alguém deve ter encantado estes globos para o Eldred.

Penso nas espadas lendárias de Grimsen, na bolota dourada que libertou as últimas palavras de Liriope, no tecido da Mãe Marrow, capaz de defletir até a lâmina mais afiada, e em toda a magia tresloucada oferecida aos Reis Altíssimos. Aqueles objetos eram suficientemente banais para serem enfiados numa gaveta.

Retiro um, para ver o que há no interior. Vejo Balekin recém-nascido, com os espinhos a despontarem-lhe da pele. Agita-se nos braços de uma parteira mortal com o olhar vidrado por um encantamento.

— Olha para este — diz Bomba, com uma expressão estranha.

É Cardan em criança. Está vestido com uma camisa grande demais para ele. Pende como um vestido. Está descalço e os pés e a camisa estão manchados com lama, mas traz argolas penduradas nas orelhas, como se um adulto lhe tivesse dado os seus brincos. Uma fada com chifres está por perto e, quando Cardan corre para ela, agarra-lhe os pulsos para impedi-lo de lhe tocar nas saias com as mãos sujas.

Diz qualquer coisa severa e empurra-o. Quando ele cai, ela mal dá por isso, de tão ocupada que está a conversar com outros cortesãos. Espero que Cardan chore, mas não o faz.

Em vez disso, corre para uma árvore que um rapaz mais velho trepa. O rapaz diz alguma coisa e Cardan tenta agarrar-lhe o tornozelo. No momento seguinte, o rapaz está no chão e a mão pequena e suja de Cardan forma um punho. Ouvindo a zaragata, a fada vira-se e ri, sendo óbvio que aquilo a deleita.

Quando Cardan olha para ela, também sorri.

Volto a enfiar o cristal na gaveta. Quem guardaria aquilo? É horrível.

E, no entanto, não é *perigoso*. Não há motivo para fazer alguma coisa com aquilo, além de deixá-lo onde estava. Bomba e eu continuamos a revistar o quarto juntas. Depois de nos convencermos de que será seguro, passamos por uma porta decorada com uma coruja, regressando ao quarto de dormir do rei.

Uma enorme cama de meio dossel ocupa um lugar central, com cortinas verdes decoradas com o símbolo da dinastia da Moita Verde bordado com fio de ouro reluzente. Grossos cobertores de seda de aranha foram alisados sobre o colchão que, pelo cheiro, parece ter enchimento de flores.

— Vamos — diz Bomba, deitando-se na cama e girando o corpo para ficar virada para o teto. — Vamos garantir que é segura para o nosso novo Rei Altíssimo. Como precaução.

Surpreendo-me, mas sigo-a. O meu peso pressiona o colchão e o cheiro intoxicante a flores inunda-me os sentidos.

Estender-me sobre as cobertas do rei de Elfhame, inspirando o ar que perfumou as suas noites, tem uma qualidade quase hipnótica. Bomba apoia a cabeça nos braços como se não importasse, mas recordo a mão do Rei Altíssimo Eldred na minha cabeça e a ligeira explosão de nervos e orgulho que sentia de cada vez que reconhecia a minha presença. Deitar-me na cama dele parece-me equivalente a limpar os meus pés sujos de camponesa no trono.

E, apesar disso, como podia não o fazer?

— O nosso rei é um sortudo — diz Bomba. — Gostava de ter uma cama destas, com espaço suficiente para um ou dois

convidados.

— Ai sim? — pergunto, em jeito de provocação, tal como em tempos faria com as minhas irmãs. — Alguém em particular?

Afasta o olhar, envergonhada, e isso faz-me prestar atenção. Apoio-me num cotovelo.

— Espera! É alguém que conheço?

Não responde, por um momento. O que é tempo suficiente.

— É! O Fantasma?

— Jude! — exclama. — Não.

Franzo-lhe a testa.

— O Barata?

Bomba senta-se na cama, puxando a coberta para ela com os seus dedos longos. Como não consegue mentir, limita-se a suspirar.

— Não percebes.

Bomba é bela. Tem feições delicadas e pele de um moreno quente, com cabelo branco rebelde e olhos luminosos. Penso que terá uma combinação de charme e talento que lhe permitirá ter quem quiser.

A língua negra de Barata, o seu nariz torcido e o tufo de pelo no alto do crânio reforçam a sua aparência impressionante e terrível. Mas, mesmo de acordo com a estética de Faerie, mesmo num sítio onde a beleza inumana é celebrada juntamente com uma fealdade quase opulenta, não sei se adivinharia que Bomba suspira por ele.

Eu nunca teria adivinhado.

Mas não sei como poderei dizer-lhe aquilo sem parecer que o insulto.

— Suponho que não — concedo.

Puxa uma almofada para o colo.

— A minha gente morreu numa guerra interna brutal numa Corte, há um século, deixando-me sozinha. Fui para o mundo humano e dediquei-me a crimes de pouca monta. Não era especialmente boa nisso. O que mais fazia era usar encantamentos para esconder os meus erros. Foi aí que o Barata me encontrou. Disse-me que não era grande coisa como ladra, mas era hábil a preparar poções e bombas. Passámos décadas juntos. Era tão afável e animado que conseguia vigarizar mortais sem precisar de magia.

Sorrio quando o imagino de chapéu de coco e relógio no bolso do colete, entretido pelo mundo e por tudo o que este continha.

— Depois, teve uma ideia: roubar à Corte dos Dentes, no Norte. O golpe correu mal. A Corte apanhou-nos e encheu-nos de maldições e *geas*. Mudou-nos. Forçou-nos a servi-los. — Estala os dedos e voam faíscas. — Divertido, não é?

— Aposto que não foi — digo.

Volta a deitar-se e continua a falar.

— O Barata... O Van. Não posso chamar-lhe Barata quando falo assim. Foi o Van que me fez aguentar o tempo que lá passei. Contou-me histórias. Contou-me como a rainha Mab prendeu um gigante do gelo, como venceu todos os grandes monstros do passado e conquistou a Coroa Altíssima. Histórias impossíveis. Sem o Van, não sei se teria sobrevivido. Depois, arruinámos uma missão e caímos nas mãos do Dain. Tinha um plano para traírmos a Corte dos Dentes e para nos juntarmos a ele. Foi o que fizemos. O Fantasma já estava com ele e formámos uma equipa formidável, os três. Eu com explosivos. O Barata a roubar tudo e todos. E o Fantasma, um atirador furtivo de pés ligeiros. E aqui estamos, de alguma forma seguros na Corte de Elfhame, a trabalhar para o próprio Rei Altíssimo. Olha para mim, deitada na cama real dele. Mas aqui não há nenhum motivo para o Van pegar na minha mão ou para me cantar quando sofro. Não há motivo nenhum para se preocupar comigo.

Permanece em silêncio. Ficamos as duas a olhar para o teto.

— Devias dizer-lhe — digo. Não é um mau conselho, acho. Não é um conselho que eu aceitasse, mas isso não o torna mau.

— Talvez. — Bomba levanta-se da cama. — Nada de truques ou armadilhas. Achas que é seguro deixar aqui o nosso rei?

Penso no rapaz do cristal, no seu sorriso orgulhoso e no punho fechado. Penso na fada cornuda, que seria a mãe dele, empurrando-o para longe. Penso no pai dele, o Rei Altíssimo, que não se tinha dado ao trabalho de intervir, que nem sequer se tinha dado ao trabalho de garantir que ele estava vestido ou que tinha a cara limpa. Penso na forma como Cardan evitou aqueles aposentos.

Suspiro.

— Gostava que houvesse um sítio em que ficasse mais seguro.



Sou esperada num banquete à meia-noite. Sento-me a várias cadeiras de distância do trono e remexo com o garfo um prato de enguias fritas. Um trio de sílfides canta-nos à capela, enquanto os cortesãos tentam impressionar-se uns aos outros com a sua inteligência. No alto, candelabros pingam longos fios de cera.

O Rei Altíssimo Cardan sorri à mesa com indulgência e boceja como um gato. Tem o cabelo despenteado, como se só tivesse usado os dedos para se pentear, desde que se levantou da minha cama. Os nossos olhares cruzam-se e sou eu a afastá-lo primeiro, sentindo a cara a ferver.

Beija-me até me fartar.

Trazem vinho em garrafas coloridas. O seu brilho tem cor de turquesa e safira, de citrino e rubi, de ametista e topázio. Trazem outro prato, com violetas açucaradas e orvalho gelado.

A seguir, chegam-nos cúpulas de vidro, sob as quais pequenos peixes prateados repousam numa nuvem de fumo azul pálido.

— Das Profundezas Marinhas — diz uma das cozinheiras, vestida para a ocasião. Faz uma vénia.

Olho para Randalin, o Ministro das Chaves, do outro lado da mesa, mas este esforça-se por me ignorar.

À minha volta, as cúpulas erguem-se, e o fumo, com cheiro a pimenta e ervas, enche o salão.

Vejo que Locke se sentou ao lado de Cardan, puxando para o colo a rapariga a quem o lugar pertencia. Esta esperneia, agitando os pés com cascos, e atira para trás a cabeça cornuda enquanto se ri.

— Ah — diz Cardan, erguendo um anel de ouro do prato. — Vejo que o meu peixe tem alguma coisa na barriga.

— Também o meu — diz um cortesão do outro lado, erguendo uma pérola brilhante tão grande como a unha de um polegar. Ri-se com deleite. — Uma oferenda do mar.

Cada peixe prateado contém um tesouro. Os cozinheiros são convocados, mas fazem juras gaguejantes, garantindo que os peixes são frescos e que o Povo da cozinha os alimentou apenas com ervas. Olho para o meu prato com a testa franzida, vendo as contas de vidro marinho que encontrei por baixo das guelras do meu peixe.

Quando olho para cima, Locke ergue uma única moeda de ouro, talvez retirada do tesouro de um navio mortal afundado.

— Vejo que olhas para ele — diz Nicasia, sentando-se a meu lado. Esta noite, traz uma coroa de ouro rendilhado. O seu cabelo escuro de turmalina está preso com dois pentes dourados em forma de mandíbulas de tubarão, dentes incluídos.

— Talvez esteja apenas a olhar para as bugigangas e para o ouro com que a tua mãe acredita que consegue comprar o apoio desta corte — digo.

Tira uma das violetas do meu prato e coloca-a com delicadeza na língua.

— Perdi o amor do Cardan pelas palavras fáceis do Locke e pelos seus beijos ainda mais fáceis, açucarados como estas flores — diz. — A tua irmã perdeu o *teu* amor para conseguir o do Locke, não foi? Mas todos sabemos o que perdeste.

— O Locke? — Rio-me. — Boa viagem.

Franze a testa.

— Sem dúvida que não seria para o Rei Altíssimo que olhavas.

— Sem dúvida que não — repito, mas sem olhar para ela.

— Sabes porque não contaste a ninguém o meu segredo? — pergunta. — Talvez digas a ti mesma que gostas de ter alguma coisa para usares contra mim. Mas, na verdade, penso que é por saberes que ninguém acreditaria em ti. Eu pertenço a este mundo. Tu não. E sabes disso.

— Nem sequer pertences à *terra firme*, princesa do mar — recordo-lhe. E, no entanto, não consigo deixar de recordar a forma como o Conselho Vivo duvidou de mim. Não consigo ignorar a forma como as palavras dela me arrepiam.

Alguém em quem confias já te traiu.

— Este nunca será o teu mundo, *mortal* — diz ela.

— Isto é meu — digo, com a raiva a tornar-me descuidada.

— A minha terra e o meu rei. E vou protegê-los aos dois. Diz o mesmo. Vamos.

— Ele não pode amar-te — diz-me, com a voz a fraquejar repentinamente.

É óbvio que não lhe agrada que reclame a posse de Cardan, continuando apaixonada por ele. E também é óbvio que não sabe o que fazer a esse respeito.

— Que queres? — pergunto-lhe. — Estava aqui sentada, a jantar sem incomodar ninguém. Foste tu quem veio até mim. És

tu quem me acusa de... nem sequer sei de quê.

— Diz-me o que tens contra ele — diz Nicasia. — Como o convenceste a nomear-te seu braço direito, logo a ti, alguém que desprezava e odiava? Como podes agora segredar-lhe ao ouvido?

— Digo-te se me disseres uma coisa em troca. — Viro-me para ela, dando-lhe toda a minha atenção. Tenho-me questionado acerca da passagem secreta no palácio e acerca da mulher no cristal.

— Já te disse tudo o que estou disposta a dizer-te... — começa Nicasia.

— Não é isso. A mãe do Cardan — digo, interrompendo-a. — Quem era ela? Onde está ela agora?

Nicasia tenta transformar a sua surpresa em troça.

— Se são assim tão bons amigos, porque não lhe perguntas?

— Nunca disse que éramos amigos.

Um criado com a boca cheia de dentes afiados e com asas de borboleta traz o prato seguinte. O coração de um veado, malpassado e recheado com avelãs. Nicasia tira um pedaço e rasga a carne, com o sangue a escorrer-lhe entre os dedos.

Passa a língua sobre os dentes vermelhos.

— Não era ninguém. Só uma rapariga das Cortes baixas. O Eldred nunca a tornou consorte, mesmo depois de lhe ter dado um filho.

Pestanejo com surpresa evidente.

Parece satisfeita de uma forma insuportável, como se a minha ignorância provasse de uma vez por todas a minha inadequação.

— Agora é a tua vez.

— Queres saber o que fiz para o fazer promover-me? — pergunto, inclinando-me para ela, até ficar tão perto que con-

segue sentir a minha respiração. — Beije-o na boca e ameacei beijá-lo um pouco mais, se não fizesse exatamente o que queria.

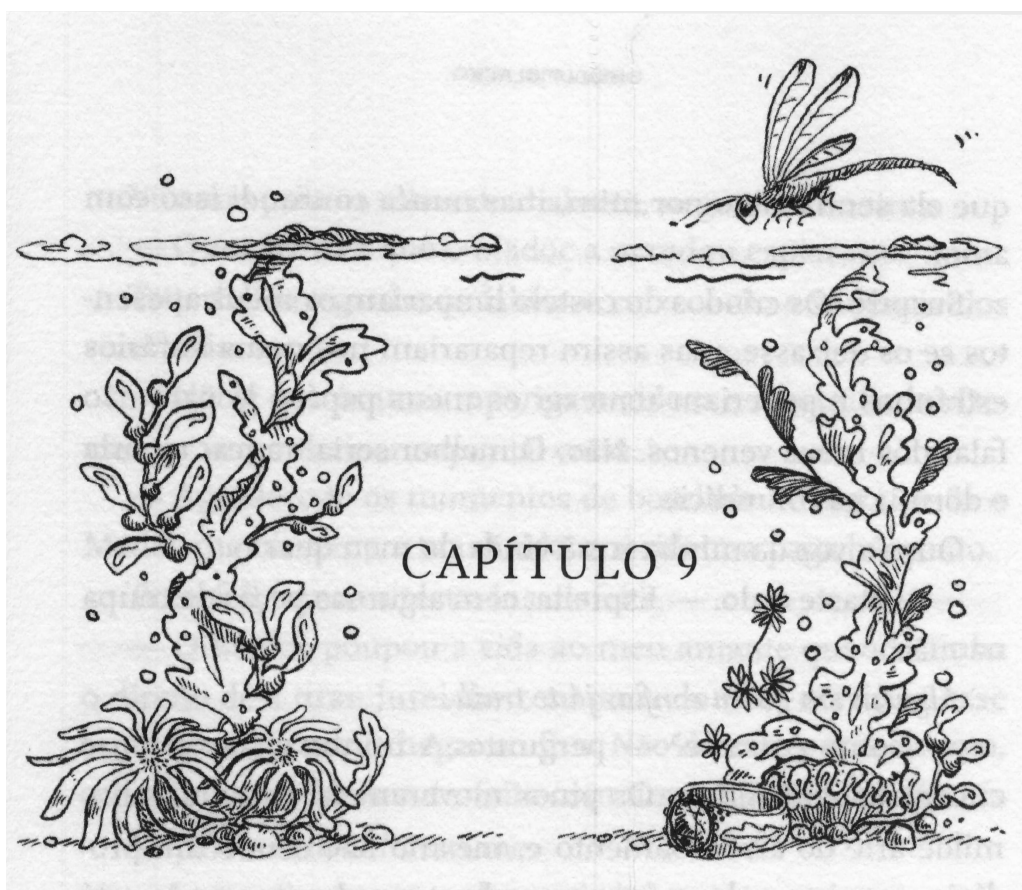
— Mentirosa — silva.

— Se são assim tão bons amigos — digo, repetindo-lhe as suas próprias palavras com uma satisfação pérfida —, porque não lhe perguntas?

O olhar dela fixa-se em Cardan, com a boca manchada de vermelho pelo sangue do coração e com a coroa sobre a testa. Parecem iguais. Um par de monstros. Não olha na nossa direção, ocupado a ouvir o tocador de alaúde que compôs, ali mesmo, uma ode animada ao seu reinado.

O meu rei, penso. Mas apenas por um ano e um dia, e cinco meses já passaram.

Capítulo 9



Tatterfell espera-me quando regresso aos meus aposentos. Os seus olhos de besouro enchem-se de reprovação quando apanha as calças do Rei Altíssimo do meu sofá.

— Então é assim que tens vivido — resmunga o pequeno diabrete. — Um verme num casulo de borboleta.

Há algo na repreensão que me é familiar de uma forma confortante, mas isso não quer dizer que me agrade. Viro-me para que ela não consiga ver o meu embaraço pela desordem a que deixei que as coisas chegassem. Sem referir o que parece que fiz e com quem.

Tendo jurado servir Madoc até pagar uma antiga dívida de honra, Tatterfell não podia estar ali sem o seu conhecimento. Pode ter cuidado de mim desde a infância, escovando-me o

cabelo, remendando-me os vestidos e fazendo colares com bagas de sorveira para impedir que eu fosse encantada, mas é a Madoc que é leal. Não que não acreditasse que ela sentia afeto por mim, mas nunca confundi isso com amor.

Suspiro. Os criados do castelo limpariam os meus aposentos se os deixasse, mas assim reparariam nos meus horários estranhos e poderiam remexer os meus papéis, já para não falar dos meus venenos. Não. O melhor seria trancar a porta e dormir na imundície.

Ouçõ a voz da minha irmã vinda do meu quarto.

— Voltaste cedo. — Espreita, com algumas peças de roupa na mão.

Alguém em quem confias já te traiu.

— Como entraste? — pergunto. A minha chave girou e encontrou resistência. Os pinos moveram-se. Aprendi a humilde arte do arrombamento e, mesmo não sendo um prodígio, consigo, pelo menos, perceber quando uma porta está trancada.

— Oh — diz Taryn, rindo-se. — Fiz-me passar por ti e consegui uma cópia da tua chave.

Quero pontapear uma porta. É óbvio que todos sabem que tenho uma irmã gémea. É óbvio que todos sabem que os mortais conseguem mentir. Não deveria um deles ter, pelo menos, feito uma pergunta com rasteira antes de lhe permitir o acesso aos aposentos no palácio? Mas, para ser franca, eu própria menti uma e outra vez sem ser descoberta. Não poderei censurar Taryn por fazer o mesmo.

Por azar meu, foi aquela a noite em que decidiu entrar ali, com as roupas de Cardan espalhadas sobre o meu tapete e com uma pilha de ligaduras ensanguentadas sobre uma mesa baixa.

— Persuadi o Madoc a oferecer-te o que resta da dívida da Tatterfell — anuncia Taryn. — E trouxe-te os teus casacos, vestidos e joias.

Viro-me para os olhos do diabrete, negros como tinta.

— Queres dizer que o Madoc a mandou espiar-me.

Tatterfell arreganha os lábios e eu recordo a violência dos seus beliscões.

— Não é que és uma rapariga maldosa e desconfiada? Devias ter vergonha por supor tal coisa.

— Agradeço-te os momentos de bondade — digo. — Se o Madoc me ofereceu a tua dívida, considera-a paga há muito.

Tatterfell franze a testa, insatisfeita.

— O Madoc poupou a vida ao meu amante quando tinha o direito de a tirar. Jurei-lhe cem anos do meu serviço e esse tempo está quase a chegar ao fim. Não desonres o meu voto, achando que pode ser desfeito com um gesto da *tua* mão.

As palavras dela ferem-me.

— Lamentas que te tenha enviado?

— Ainda não — responde, voltando ao trabalho.

Dirijo-me para o meu quarto, pegando nas ligaduras ensanguentadas de Cardan, antes que Tatterfell possa fazê-lo. Quando passo pela lareira, atiro-as ao fogo. As chamas avivam-se.

— E então? — pergunto à minha irmã. — Que me trouxeste?

Aponta para a minha cama, onde espalhou as minhas velhas coisas sobre os meus lençóis recém-enrugados. É estranho ver as roupas e as joias que não vejo há meses, as coisas que Madoc me comprou, as coisas que Oriana aprovou. Túnicas, vestidos, equipamento de combate, gibões. Taryn até trouxe as roupas caseiras que costumava vestir para me esgueirar do Solar Oco, e as roupas que vestíamos nas nossas incursões ao mundo mortal.

Quando olho para tudo aquilo, vejo uma pessoa que sou e não sou ao mesmo tempo. Uma miúda que ia às aulas e que não acreditava que as coisas que aprendia fossem assim tão importantes. Uma rapariga que queria impressionar o único pai

que conhecia, que queria um lugar na Corte, que ainda acreditava na honra.

Não sei se estas roupas ainda me servem.

Mesmo assim, penduro-as no meu armário, ao lado dos meus dois gibões pretos e de um único par de botas altas.

Abro a minha caixa de joias. Brincos que me foram oferecidos em aniversários, uma pulseira de ouro, três anéis — um deles com um rubi que me foi oferecido por Madoc num festim de Lua de Sangue —, um anel com brasão que nem sequer me lembro de receber, e um anel fino de ouro oferecido por Oriana. Colares de selenite, pedaços de quartzo, osso talhado. Enfio o anel de rubi na mão esquerda.

— E trouxe também alguns desenhos — diz ela, pegando num molho de papéis e sentando-se de pernas cruzadas na minha cama. Nenhuma de nós era grande artista, mas os desenhos de roupa que ela fazia eram fáceis de perceber. — Quero levá-los ao meu alfaiate.

Imaginou-me com muitos casacos pretos de golas altas e saias com rachas laterais para facilitarem o movimento. Os ombros parecem blindados e, em alguns casos, desenhou o que parece ser uma manga única em metal reluzente.

— Podem tirar-me as medidas a mim — diz ela. — Nem sequer tens de ir às provas.

Demoro-me a olhar para ela. Taryn não gosta de conflito. A sua forma de lidar com todo o terror e confusão das nossas vidas tem sido a adaptação constante, como um daqueles lagartos que mudam de cor para se camuflarem na envolvência. É ela quem sabe o que vestir e como se comportar, porque estuda as pessoas com cuidado e as imita.

É boa a escolher as nossas roupas para transmitir uma determinada mensagem — mesmo que a mensagem dos desenhos dela pareça ser «mantenham-se longe de mim ou corto-vos a cabeça» — e acredito que queira ajudar-me, mas o

esforço que investiu naquilo, especialmente com a proximidade do seu casamento, parece extraordinário.

— Está bem — digo. — Que queres?

— Que queres dizer com isso? — pergunta ela, toda inocente.

— Queres que voltemos a ser amigas — digo, numa dicção mais moderna. — Isso agrada-me. Queres que vá ao teu casamento, o que é ótimo, porque quero estar lá. Mas isto... isto é demasiado.

— Posso ser simpática — diz ela, sem me olhar nos olhos.guardo. Por um longo momento, nenhuma de nós fala. Sei que viu a roupa de Cardan atirada ao chão. Não ter começado por me questionar sobre aquilo deveria ter sido a primeira pista de que queria alguma coisa.

— Muito bem. — suspira. — Não é importante, mas há uma coisa que queria discutir contigo.

— A sério? — pergunto. Não consigo evitar um sorriso.

O olhar que fixa em mim é de irritação imensa.

— Não quero que o Locke seja o Mestre de Festins.

— Eu também não.

— Mas tu podes fazer alguma coisa para o impedir! — Taryn aperta as saias com as mãos. — O Locke cobiça experiências dramáticas. E, como Mestre de Festins, pode criar — nem sei o que lhes chamar — *histórias*. Não vê uma festa como comida, bebida e música, mas sim como uma dinâmica capaz de criar conflito.

— Está bem... — digo, tentando imaginar o que significará aquilo para o contexto político. Nada de bom.

— Ele quer ver como vou reagir às coisas que faz — diz.

É verdade. Queria saber, por exemplo, se o amor que Taryn sentia por ele era suficiente para o deixar cortejar-me, enquanto ela observava em sofrimento silencioso. Penso que ele teria

estado interessado em descobrir o mesmo a meu respeito, mas revelei-me muito espinhosa.

Continua.

— E o Cardan. E os Círculos da Corte. Ele já andou a falar com as Cotovias e as Gralhas, encontrando as suas fraquezas e calculando que conflitos conseguirá inflamar, e como.

— O Locke poderá ser benéfico para as Cotovias — digo. — Pode dar-lhes uma balada para escreverem. — Quanto às Gralhas, se conseguir competir com os seus deboches, suponho que deveria aplicar-se nisso, mas sou esperta que chegue para não dizer isto em voz alta.

— Pela maneira como fala, às vezes, tudo parece divertido, mesmo que seja uma ideia terrível — diz Taryn. — Será horrível se for Mestre de Festins. Não me importa que tenha amantes, mas odeio que esteja longe de mim. Jude, por favor. Faz alguma coisa. Sei que vais dizer que me avisaste, mas não me importo.

Tenho problemas maiores, é o que quero dizer.

— O Madoc diria, sem dúvida, que não tens de casar com ele. A Vivi diria o mesmo, aposto. Na verdade, aposto que o disseram.

— Mas tu conheces-me bem demais para te dares ao trabalho. — Abana a cabeça. — Quando estou com ele, sinto-me a heroína de uma história. Da *minha* história. É quando ele não está que as coisas não me parecem bem.

Não sei como responder àquilo. Poderia salientar que parece ser ela quem está a inventar a história, pondo Locke no papel de protagonista, enquanto ela ocupa o de interesse romântico que desaparece quando não está na página.

Mas lembro-me de estar com Locke, de me sentir especial, escolhida e bonita. Agora, pensando nisso, sinto-me estúpida.

Suponho que *poderia* ordenar a Cardan que despojasse Locke do título, mas Cardan ficaria ressentido se usasse o meu poder por um motivo tão mesquinho e pessoal. Far-me-ia parecer

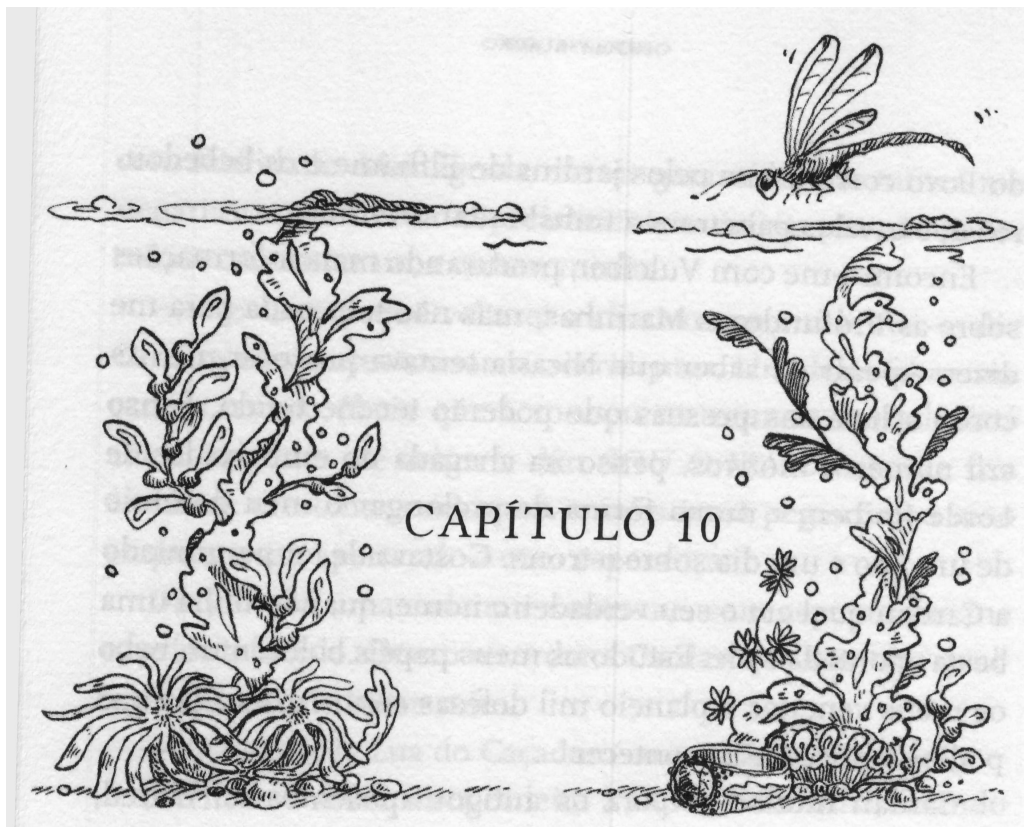
fraca. E Locke perceberia que teria sido eu a culpada pela perda do título, por não ter escondido o meu desagrado. Saberia que tinha mais poder sobre Cardan do que faria sentido.

E tudo o que motivava as queixas de Taryn aconteceria da mesma forma. Locke não precisava de ser o Mestre de Festins do Rei Altíssimo para se meter em sarilhos daquele tipo. O título apenas lhe permitia que o fizesse numa escala mais grandiosa.

— Vou falar com o Cardan sobre isso — minto.

O olhar dela fixa-se nas roupas dele espalhadas pelo meu chão, e sorri.

Capítulo 10



Com a aproximação da Lua do Caçador, o nível de deboche no palácio aumenta. O tom das festas muda — tornam-se mais frenéticas, mais desvairadas. A presença de Cardan deixa de ser necessária para justificar tamanha lascívia. Agora que os rumores o descrevem como alguém que alvejaria uma amante por desporto, a sua lenda cresce daí.

Recordações da juventude, da forma como entrava pelas nossas aulas montado num cavalo, as lutas que teve, as crueldades que executou, são esmiuçadas. Quanto mais horrível a história, mais apreciada é. As fadas podem não conseguir mentir, mas as histórias crescem ali como em qualquer outro sítio, alimentadas pela ambição, pela inveja e pelo desejo.

Durante as tardes, passo sobre corpos adormecidos nos corredores. Nem todos são cortesãos. Criados e guardas parecem ter sucumbido à mesma energia selvagem e abandonaram

os seus deveres para se dedicarem ao prazer. Membros do Povo correm nus pelos jardins de Elfhame e os bebedouros dos cavalos passaram a transbordar de vinho.

Encontro-me com Vulciber, procurando mais informações sobre as Profundezas Marinhas, mas não tem nada para me dizer. Apesar de saber que Nicasia tentava provocar-me, recorro a lista das pessoas que poderão ter-me traído. Penso em nomes e motivos, penso na chegada do embaixador de Lorde Roiben, e numa forma de prolongar o meu domínio de um ano e um dia sobre o trono. Gostava de ter perguntado a Cardan qual era o seu verdadeiro nome, quando tinha uma besta apontada a ele. Estudo os meus papéis bolorentos, bebo os meus venenos e planeio mil defesas contra estocadas que podem nunca vir a acontecer.

Cardan mudou-se para os antigos aposentos de Eldred, e os quartos queimados são trancados por dentro. Se Ihe é desconfortável dormir onde dormiu o seu pai, não o demonstra. Quando chego, está deitado, indiferente aos criados que retiram tapeçarias e poltronas, libertando espaço para uma nova cama feita de acordo com as suas exigências.

Não está sozinho. Um pequeno círculo de cortesãos acompanha-o — alguns que não conheço, e Locke, Nicasia e a minha irmã, rosada pelo vinho e a rir-se no tapete à frente da fogueira.

— Vão — diz ele, quando me vê atravessada na porta.

— Mas, Majestade — começa uma rapariga. Tem pele clara e dourada, e enverga um vestido azul-claro. Antenas compridas e pálidas erguem-se das pontas das suas sobranceiras. — Decerto as notícias enfadonhas que a tua senescal traz exigirão o antídoto da nossa alegria.

Pensei com cuidado nas ordens que poderei dar a Cardan. Demasiadas, e ficaria ressentido. Poucas, e esquivar-se-ia com facilidade. Mas agrada-me ter garantido que nunca me negaria a entrada. Fico especialmente satisfeita por não poder nunca contrariar uma ordem minha.

De certeza que voltarei a chamar-vos em breve — diz Cardan, e os cortesãos saem, sorridentes. Um deles leva uma caneca, sendo óbvio que a roubou no mundo mortal. Está cheia de vinho até acima e diz: *SOU O MAIOR*. Locke fixa em mim um olhar curioso. A minha irmã pega-me na mão enquanto sai, apertando-a com esperança.

Dirijo-me a uma cadeira e sento-me, sem esperar que me convide a fazê-lo. Quero recordar a Cardan que não tem qualquer autoridade sobre mim.

— O festim da Lua do Caçador é amanhã à noite — digo.

Estende-se sobre uma cadeira à frente da minha, fixando em mim os seus olhos pretos, como se fosse eu quem devesse temer.

— Se queres saber pormenores, devias ter mantido o Locke aqui. Sei pouco. Será mais uma das minhas exposições. Folgarei, enquanto tu planeias.

— A Orlagh das Profundezas Marinhas vigia-te...

— Todos me vigiam — diz Cardan, mexendo no anel de sinete com inquietação, girando-o uma e outra vez.

— Parece-me que não te importas — digo. — Disseste que não odeias ser rei. Talvez até te agrade.

Olha-me com suspeição.

Tento esboçar-lhe um sorriso genuíno em resposta. Espero conseguir ser convincente. Preciso de ser convincente.

— Ambos podemos ter aquilo que queremos. Tu podes governar durante muito mais do que um ano. Basta que prolongues o teu voto. Deixa-me comandar-te por uma década, por uma vintena de anos e, juntos...

— Não me parece... — diz, interrompendo-me. — Afinal, sabes como seria perigoso sentar o Oak no meu lugar. Está apenas um ano mais velho. Não está preparado. E, no entanto, em apenas alguns meses, terás de me ordenar que abdique em seu favor ou preparar um acordo que nos exija que confiemos um

no outro; em vez de eu apenas confiar em ti, sem esperança de merecer confiança em retorno.

Fico furiosa comigo mesma por pensar que ele poderia aceitar manter as coisas como estão.

Dirige-me o seu sorriso mais doce.

— Talvez então pudesses ser a minha senescal a sério.

Cerro os dentes. Em tempos, uma posição como senescal iria além dos meus sonhos mais desvairados. Naquele momento, parece uma humilhação. O poder é contagioso. O poder é ganancioso.

— Tem cuidado — digo-lhe. — Posso fazer com que os meses que faltam passem muito devagar.

O sorriso dele não vacila.

— Mais alguma ordem? — pergunta. Devia dizer-lhe mais sobre Orlagh, mas pensar na sua exultação com a proposta dela é mais do que conseguiria suportar. Não posso deixar que esse casamento aconteça e, neste momento, não quero ser provocada com isso.

— Não bebas até à morte, amanhã — digo. — E mantém-te atento à Taryn..

— Ela pareceu-me bem que chegue esta noite — diz. — Bochechas rosadas e alegria nos lábios.

— Vamos garantir que continua assim — digo.

Ergue as sobrancelhas.

— Queres que a seduza para a afastar do Locke? Posso tentar. Não prometo que resulte, mas talvez a tentativa te divirta.

— Não, não, nem pensar, não faças isso — digo-lhe, sem examinar o pânico que as palavras dele provocam. — Só quero que impeças que o Locke esteja no seu pior quando ela estiver presente. Mais nada.

Semicerra os olhos.

— Não devias encorajar exatamente o oposto?

Talvez fosse melhor para Taryn descobrir a infelicidade com Locke tão depressa quanto possível. Mas é a minha irmã e não quero causar-lhe dor. Abano a cabeça.

Faz um gesto vago no ar.

— Como queiras. A tua irmã será envolvida em cetim e serapilheira, tão protegida de si mesma quanto eu conseguir.

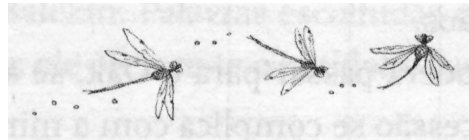
Levanto-me.

— O Conselho quer que o Locke prepare algumas diversões para agradar a Grimsen. Se for apazível, talvez o ferreiro te faça um cálice que nunca fique sem vinho.

Cardan dirige-me um olhar entre pálpebras semicerradas que me custa interpretar, e também se levanta. Pega-me na mão.

— Nada é mais doce — diz, beijando-a — do que aquilo que é raro.

Quando saio, o seu pequeno círculo está no corredor, esperando autorização para regressar aos seus aposentos. A minha irmã parece um pouco agoniada, mas, quando me vê, força um largo sorriso. Um dos rapazes musicou uma rima divertida, tocando-a uma e outra vez, cada vez mais depressa. O riso deles enche o corredor, soando ao crocitar de corvos.



Percorrendo o palácio, passo por uma câmara onde alguns cortesãos se reuniram. Aí, torrando uma enguia nas chamas de uma imensa lareira, sentado num tapete, vejo o poeta da Corte e senescal do Rei Altíssimo Eldred, Val Moren.

Artistas e músicos do Povo sentam-se à volta dele. Desde a morte da maior parte da família real, viu-se no centro de uma das fações da Corte, o Círculo das Cotovias. Tem ramos enfiados no cabelo e canta em voz baixa para si mesmo. É mortal como eu. Também é provável que seja louco.

— Vem beber connosco — diz uma das Cotovias. Mas eu recuso.

— Bela, bela Jude. — As chamas dançam nos olhos de Val Moren quando me olha. Começa a puxar a pele queimada e a comer a carne branca macia da enguia. Entre dentadas, pergunta: — Porque ainda não procuraste os meus conselhos?

Diz-se que, outrora, foi amante do Rei Altíssimo Eldred. Já estava na Corte muito antes de eu ter chegado com as minhas irmãs. Apesar disso, nunca viu a nossa mortalidade como causa comum. Nunca tentou ajudar-nos, nunca tentou contactar-nos para que nos sentíssemos menos sozinhas.

— Tens algum conselho para me dar?

Olha-me e enfia um dos olhos da enguia na boca. Vejo-o brilhar sobre a sua língua. A seguir, engole-o.

— Talvez. Mas pouco importa.

Estou tão farta de enigmas.

— Deixa-me adivinhar. Porque quando te pedir um conselho, não mo darás?

Ouço-lhe uma gargalhada seca e oca. Penso na idade que terá. Por baixo dos ramos, parece jovem, mas os mortais não envelhecem se não saírem de Elfhame. Mesmo que não veja a idade em rugas na sua cara, vejo-a nos seus olhos.

— Oh. Dar-te-ei o melhor conselho que alguém alguma vez te deu. Mas não o seguirás.

— Então para que serves? — questiono, prestes a virar-lhe as costas. Não tenho tempo para interpretar frases de algara-viada inútil.

— Sou um excelente malabarista — diz, limpando as mãos às calças, manchando-as. Enfia as mãos nos bolsos e tira uma pedra, três bolotas, um fragmento de cristal e o que parece ser um osso da sorte. — O malabarismo é só atirar duas coisas ao ar ao mesmo tempo, percebes?

Começa a atirar e a apanhar as bolotas, acrescentando o osso a seguir. Algumas das Cotovias empurram-se umas às outras, sussurrando com deleite.

— Por mais coisas que acrescentes, só tens duas mãos e só podes atirar duas coisas. Só tens de atirá-las cada vez mais depressa, cada vez mais alto. — Acrescenta a pedra e o cristal, e os objetos voam-lhe entre as mãos tão depressa, que é difícil perceber o que são. Sustenho a respiração.

A seguir, tudo cai com ruído no chão de pedra. O cristal estilhaça-se. Uma das bolotas rebola até perto do fogo.

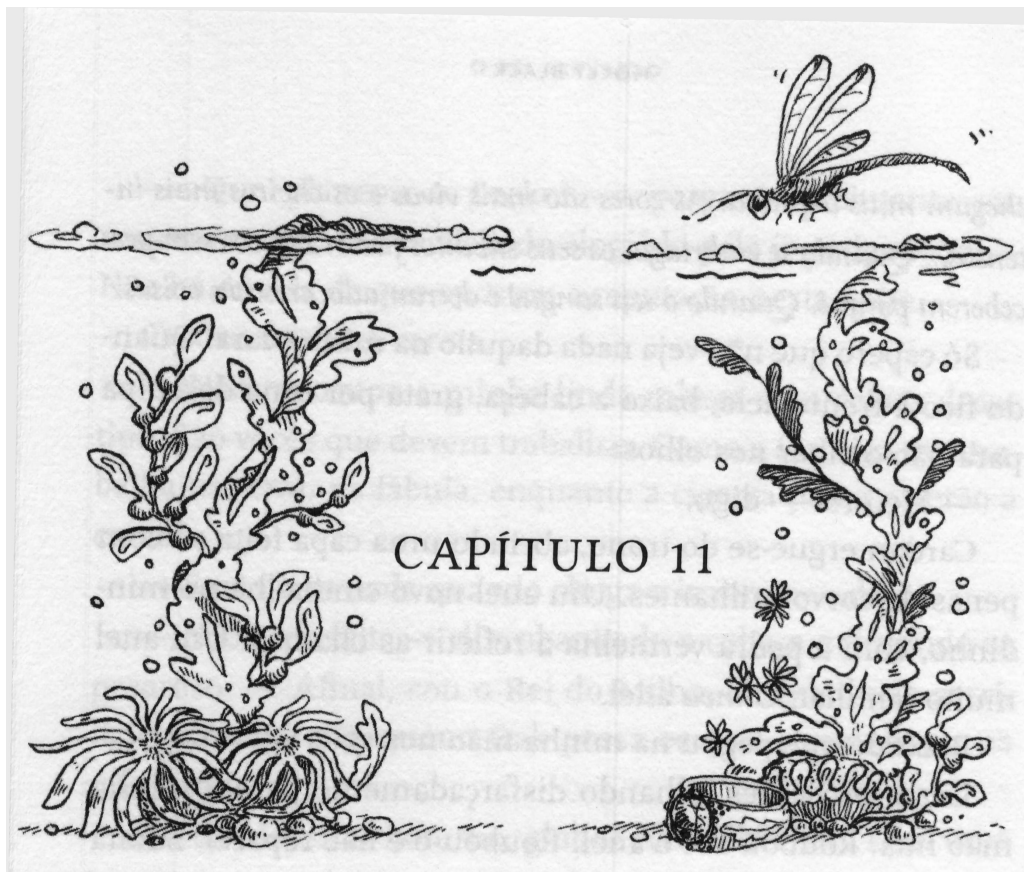
— O meu conselho — diz Val Moren — é que aprendas a ser melhor malabarista do que eu fui, senescal.

Durante um longo momento, fico tão furiosa que não me consigo mexer. Sinto-me incandescente com raiva, traída pela única pessoa que devia perceber como é duro ser o que somos ali.

Antes de fazer alguma coisa de que me arrependa, dou meia volta e saio.

— Previ que não seguirias o meu conselho — diz, enquanto me afasto.

Capítulo 11



Na noite da Lua do Caçador, a Corte inteira dirige-se ao Bosque Lácteo, onde as árvores estão cobertas com mantos de seda que, aos meus olhos mortais, se parecem apenas com sacos de ovos de traças ou, talvez, repastos de aranhas.

Locke mandou construir uma estrutura de pedras planas como se erigiria uma parede, dando-lhe a forma aproximada de um trono. Uma laje imensa faz de encosto, com uma pedra larga como assento. Ergue-se acima do bosque. Cardan senta-se ali, com a coroa reluzente sobre a testa. A fogueira queima salva e milefólio. Por um momento de miragem, Cardan parece maior, tornado mito, o verdadeiro Rei Altíssimo de Faerie e não o fantoche de alguém.

O espanto abrandá-me os passos e o pânico segue-o de perto.

Um rei é um símbolo vivo, um coração que bate, uma estrela sobre a qual se escreve o futuro de Elfhame. Decerto terás reparado que, desde o início do seu reinado, as ilhas estão diferentes. As tempestades chegam mais depressa. As cores são mais vivas e os cheiros mais intensos... Quando se embriaga, os seus súbditos ficam zonzos sem perceberem porquê. Quando o seu sangue é derramado, crescem coisas.

Só espero que não veja nada daquilo na minha cara. Quando fico à frente dele, baixo a cabeça, grata por uma desculpa para não o olhar nos olhos.

— Meu rei — digo.

Cardan ergue-se do trono, abrindo uma capa feita só com penas de corvo brilhantes. Um anel novo cintila-lhe no mindinho, com a pedra vermelha a refletir as chamas. Um anel muito familiar. O *meu* anel.

Recordo que pegou na minha mão nos seus aposentos.

Cerro os dentes, olhando disfarçadamente para a minha mão nua. Roubou-me o anel. Roubou-o e não reparei. Barata ensinou-o a fazer aquilo.

Penso se Nicasia contaria isso como uma traição. Parece-me uma traição.

— Acompanha-me — diz, pegando-me na mão, enquanto me conduz através da multidão. Gnomos e *grigs*, peles verdes e castanhas, asas esfarrapadas e vestimentas de casca de árvore esculpida — todo o Povo de Elfhame está no seu melhor. Passamos por um homem que veste um casaco bordado com folhas douradas e por outro com um colete de couro verde e um barrete que se encaracola como um feto. Mantas cobrem o chão, suportando tabuleiros com uvas do tamanho de punhos e cerejas vermelhas como rubis.

— Que fazemos? — pergunto-lhe, enquanto me conduz até à orla da floresta.

— Entedia-me que todas as minhas conversas sejam ouvidas — diz. — Quero que saibas que a tua irmã não está aqui.

Certifiquei-me disso.

— Que planeou o Locke? — pergunto, relutante em mostrar-me grata e recusando elogiá-lo pelo jogo de mãos. — Não há dúvida de que apostou a reputação nesta noite. Cardan faz uma careta.

— Não preocupo a minha linda cabeça com coisas desse tipo. São vocês que devem trabalhar. Como a formiga que trabalha na terra, na fábula, enquanto a cigarra passa o verão a cantar.

— E não tem nada quando chega o inverno — digo.

— Nada me falta — diz, abanando a cabeça e fingindo-se pesaroso. — Afinal, sou o Rei do Milho, destinado ao sacrifício para que o pequeno Oak possa ocupar o meu lugar na primavera.

Flutuando no ar noturno, globos acesos brilham com uma luz quente e mágica, mas as palavras dele provocam-me um arrepio de medo.

Olho-o nos olhos. A mão dele desliza até à minha anca, como se quisesse puxar-me mais para ele. Durante um estúpido momento de tontura, algo parece tremeluzir no ar entre nós.

Beija-me até me fartar.

Não tenta beijar-me, claro. Não dispararam contra ele, não está a delirar com a bebida, não está preenchido com autocomiseração suficiente.

— Não devias ter vindo esta noite, pequena formiga — diz ele, soltando-me. — Volta para o palácio. — A seguir, abre caminho entre a multidão. Cortesãos curvam-se por onde passa. Alguns, os mais ousados, seguram-lhe o casaco, namoriscam, tentam puxá-lo para uma dança.

E ele, que outrora arrancou as asas às costas de um rapaz por este não fazer uma vénia, permite agora toda aquela familiaridade com uma gargalhada.

Que mudou? Está diferente porque o forcei a sê-lo? Por estar longe de Balekin? Ou não mudou nada e só vejo o que quero ver?

Continuo a sentir a pressão quente dos dedos dele na minha pele. Algo está muito errado comigo para desejar o que odeio, para desejar alguém que me despreza, mesmo que também me deseje. Só me consola que não saiba o que sinto.

Qualquer que tenha sido o deboche planejado por Locke, terei de ficar para encontrar o representante da Corte das Térmitas. Quanto mais depressa for ultrapassado o meu favor ao seu Lorde Roiben, mais depressa ficarei com menos uma dívida a pender-me sobre a cabeça. Além disso, duvido que pudessem ofender-me mais do que já tinham ofendido.

Cardan volta ao trono enquanto Nicasia chega com Grimsen, que prende a capa com um alfinete de traça.

Grimsen começa um discurso que é, sem dúvida, lisonjeiro, e tira algo do bolso. Parece um brinco — uma gota que Cardan ergue e admira. Suponho que terá feito o seu primeiro objeto mágico ao serviço de Elfhame.

Na árvore à sua esquerda, vejo Boca-de-Lobo, a coruja com cara de gnomo, a olhar para baixo. Mesmo que não consiga vê-los, Fantasma e vários outros espiões estão por perto, observando o festim com distância suficiente para estarem presentes se alguém tentar alguma coisa.

Um músico parecido com um centauro com corpo de veado avançou — traz uma lira esculpida em forma de sílfide, cujas asas formam a curva superior do instrumento. As cordas parecem ter muitas cores. O músico começa a tocar, enquanto a sílfide esculpida começa a cantar.

Nicasia dirige-se ao sítio onde o ferreiro está sentado. Traz um vestido roxo que, quando reflete a luz, fica azul como penas de pavão. O cabelo está preso numa trança que lhe dá a volta à cabeça e, sobre a testa, há uma corrente da qual pendem dúzias de contas roxas, azuis e âmbar.

Quando Grimsen se vira para ela, a sua expressão fica mais ligeira. Franço a testa.

Malabaristas começam a atirar vários objetos ao ar, de razananas vivas a espadas brilhantes. Vinho e bolos de mel são passados de mão em mão.

Por fim, avisto Dulcamara, da Corte das Térmitas. O seu cabelo vermelho-papoila está penteado com caracóis, e vejo que tem uma lâmina de duas mãos presa às costas. O seu vestido prateado é soprado pela brisa. Aproximo-me, tentando não parecer intimidada.

— Bem-vinda — digo. — A que devemos a honra da tua visita? Ocorreu ao teu rei alguma coisa que possa fazer...

Interrompe-me, olhando para Cardan.

— Lorde Roiben quer que saibas que ouvimos coisas até nas Cortes baixas.

Por um momento, faço um inventário mental de todas as coisas que Dulcamara pode ter ouvido, até me recordar que o Povo tem espalhado rumores sobre como Cardan disparou contra uma das suas amantes só por diversão. A Corte das Térmitas é uma das poucas Cortes que tem membros Seelie e Unseelie. Não sei se os incomodaria a cortesã ferida ou apenas a possibilidade de um Rei Altíssimo instável.

— As mentiras podem existir mesmo sem mentirosos — digo, com cuidado. — Quaisquer que sejam os rumores que ouviram, posso explicar o que aconteceu.

— Porque devo acreditar em ti? Não me parece. — Sorri. — Podemos invocar a nossa dívida quando quisermos, mortal. Lorde Roiben pode enviar-me até ti, por exemplo, para ser tua guarda pessoal. — Encolho-me. Diz *guarda*, mas o que quer dizer é *espia*. — Ou talvez levemos o vosso ferreiro, Grimsen, emprestado. Poderia fazer uma lâmina capaz de cortar juras para Lorde Roiben.

— Não esqueci a minha dívida. Na verdade, estava à espera de que me deixasses pagá-la agora — digo, tentando transmitir-

lhe toda a minha autoridade. — Mas Lorde Roiben não deverá esquecer...

Cala-me com um rosnado.

— Assegura que *não* te esqueces. — Com aquilo, afasta-se, deixando-me a pensar em todas as coisas inteligentes que poderia ter dito. A minha dívida para com a Corte das Térmitas mantém-se e continuo sem ter forma de ampliar o meu poder sobre Cardan. Continuo sem fazer ideia de quem poderá ter-me traído ou do que poderei fazer para lidar com Nicasia.

Pelo menos, aquele festim não parecia muito pior que qualquer outro, apesar de toda a bazófia de Locke. Penso se, afinal, será possível fazer o que Taryn quer e afastá-lo do cargo de Mestre de Festins só por ser aborrecido.

Como se conseguisse ler-me os pensamentos, Locke bate com as mãos para silenciar a multidão. A música para e, com ela, param também a dança, o malabarismo e até o riso.

— Tenho outra diversão para vós — diz. — Chegou o momento de coroarmos um monarca esta noite. A Rainha da Folia.

Um dos tocadores de alaúde toca um improviso animado. Ouvem-se risos espalhados pelo público.

Sinto um arrepio. Ouvi falar do jogo, mesmo sem nunca o ter jogado. É simples que chegue: rapta-se uma rapariga mortal que é embriagada com vinho das fadas, lisonja das fadas e beijos das fadas; e, a seguir, esta é convencida de que a honram com uma coroa, sem nunca deixarem de empilhar insultos sobre a sua cabeça, alheia ao que acontece.

Se Locke trouxe alguma rapariga mortal para ali para se divertir às suas custas, terá de se entender comigo. Prendo-o às rochas negras de Insweal para ser devorado pelas sereias.

Enquanto ainda estou a pensar naquilo, Locke diz:

— Mas sem dúvida que só um rei poderá coroar uma rainha.

Cardan ergue-se do trono, descendo pelas pedras até ficar ao lado de Locke. A sua longa capa decorada com penas desliza

atrás dele.

— Onde está ela? — pergunta o Rei Altíssimo, com as sobrancelhas arqueadas. Não parece divertido e tenho esperança de que acabe com aquilo antes de começar. Que satisfação poderá ter com o jogo?

— Não adivinhaste? Só há uma mortal entre nós — diz Locke. — A nossa Rainha da Folia é a Jude Duarte.

Por um momento, a minha cabeça fica vazia. Não consigo pensar. A seguir, vejo o sorriso de Locke e as faces sorridentes do Povo da Corte, e todos os sentimentos se reduzem a horror.

— Saudemo-la — diz Locke.

Gritam com as suas vozes inumanas, e eu preciso de suprimir o pânico. Olho para Cardan e vejo-lhe um brilho perigoso nos olhos — não encontrarei ali qualquer compreensão.

Nicasia sorri, exultante, e, a seu lado, a diversão do ferreiro Grimsen é óbvia. Dulcamara, no extremo oposto do bosque, observa para ver o que farei.

Percebo que, finalmente, Locke fez alguma coisa bem. Prometeu deleites ao Rei Altíssimo e tenho a certeza absoluta de que Cardan estará completamente deleitado.

Posso ordenar-lhe que impeça o que quer que aconteça a seguir. Ele também o sabe e, por isso, supõe que odiarei o que está prestes a fazer, mas não o suficiente para lhe dar uma ordem e expor tudo.

Claro que suportaria muita coisa antes de fazê-lo.

Vais arrependerte disto. Não digo as palavras, mas olho para Cardan e penso-as com tanta força que é como se gritasse.

Locke dá um sinal, e um grupo de diabretes avança, carregando um vestido feio e esfarrapado, juntamente com um círculo de ramos. Há cogumelos pequenos e medonhos presos à coroa improvisada, do tipo que produz um pó de cheiro pútrido.

Praguejo entre dentes.

— Uma nova vestimenta para a nossa nova rainha — diz Locke.

Ouvem-se gargalhadas dispersas e exclamações de surpresa. É um jogo cruel, concebido para ser jogado com raparigas mortais, encantadas para não perceberem que se riem delas. É essa a piada, a sua tolice. Deleitam-se com vestidos que lhes parecem ricos. Exultam de cobiça com coroas que lhes parecem cintilar com pedras preciosas. Sentem-se zonzas com a promessa de verdadeiro amor.

Graças à *geas* do príncipe Dain, os encantamentos das fadas não funcionam comigo, mas, mesmo que funcionassem, todos os membros da Corte esperam que a senescal humana do Rei Altíssimo use algum talismã de proteção — um fio de bagas de sorveira, um pequeno molho de ramos de carvalho, freixo e espinheiro. Percebem que vejo, verdadeiramente, o que Locke me está a oferecer.

A Corte olha-me com respirações ansiosas, suspensas. Tenho a certeza de que nunca viram uma Rainha da Folia que sabia ser alvo de troça. É um jogo novo.

Diz nos o que pensas da nossa senhora — pergunta Locke a Cardan, erguendo a voz e esboçando um sorriso estranho.

A cara do Rei Altíssimo fica rígida, suavizando apenas por um momento, quando se vira para a Corte.

— Com demasiada frequência me vi perturbado por sonhos com a Jude — diz, com uma voz que ecoa. — A sua cara é presença de relevo no meu pesadelo mais frequente.

Os cortesãos riem-se. Sinto-me corar porque lhes conta um segredo, usando-o para troçar de mim.

Quando Eldred era o Rei Altíssimo, os seus festins eram contidos, porém, um novo Rei Altíssimo não é apenas uma renovação da terra, mas também da própria Corte. Percebo que os maravilha com os seus caprichos e a sua capacidade de ser cruel. Fui tola por pensar que ele seria diferente do que sempre foi.

— Alguns entre nós não acham os mortais belos. Na verdade, alguns de vós poderão jurar que a Jude é o oposto de bela.

Por um momento, penso se *quer* que fique furiosa que chegue para lhe ordenar que pare, expondo o nosso acordo à Corte. Mas não. Sentir o coração a palpitar na cabeça quase me impede de pensar.

— Quanto a mim, acredito que é apenas porque a sua beleza é... única. — Cardan faz uma pausa preenchida com mais risos e vaias. — Dolorosa. Alarmante. *Perturbadora*.

— Talvez precise de uma nova vestimenta para realçar o seu verdadeiro encanto — diz Locke. — A mais bela vestimenta para alguém tão belo.

Os diabretes avançam para enfiarem o vestido esfarrapado sobre a minha roupa, para deleite do Povo.

Mais riso. Sinto o corpo inteiro a arder. Parte de mim quer fugir, mas sou imobilizada pelo desejo de lhes mostrar que não me deixarei vergar.

— Esperem — digo, erguendo a voz para ser ouvida. Os diabretes hesitam. A expressão de Cardan é indecifrável.

Baixo as mãos, seguro a bainha do vestido e dispo-o pelo corpo acima. É simples, sem corpete nem colchetes, e sai com facilidade. Ergo-me no centro da festa de roupa interior, desafiando-os a dizerem alguma coisa. Desafiando Cardan a falar.

— *Agora*, estou preparada para o meu novo vestido — digo. Há algumas palavras de júbilo, como se não percebessem que a humilhação era o objetivo do jogo. Surpreende-me ver que Locke parece maravilhado.

Cardan aproxima-se de mim com um olhar devorador. Não sei se aguentarei nova ofensa. Por sorte, parece não ter palavras.

— Odeio-te — sussurro, antes de ter tempo para falar.

Inclina a minha cara para a dele.

— Repete — diz, enquanto os diabretes me penteiam o cabelo para colocarem a coroa feia e fedorenta sobre a minha cabeça. Mantém a voz baixa. As palavras São só para mim.

Afasto-me da mão dele, mas não sem antes lhe ver a expressão. É a mesma cara que fez quando foi forçado a responder às minhas perguntas, quando admitiu o desejo que sentia por mim. Parece estar a confessar alguma coisa.

Sinto um calor alastrar pelo corpo todo. É confuso, porque me sinto furiosa e envergonhada ao mesmo tempo. Viro a cara.

— Rainha da Folia, está na hora da tua primeira dança — diz-me Locke, puxando-me na direção da multidão.

Dedos com garras fecham-se sobre os meus braços. Riso inumano ecoa-me nos ouvidos, à medida que a música começa. Quando a dança recomeça, faço parte dela. Os meus pés batem na terra ao ritmo trovejante dos tambores, o meu coração acelera com o trinado de uma flauta. Giram-me, passam-me de mão em mão pela multidão. Empurrada uma e outra vez, beliscada e dorida.

Tento resistir à compulsão da música, tento libertar-me da dança, mas não consigo. Quando tento arrastar os pés, mãos puxam-me em diante até a música voltar a dominar-me. Tudo se torna um borrão desvairado de som e tecido esvoaçante, de olhos negros brilhantes e dentes demasiado afiados.

Perco-me naquilo, fora do meu controlo, como se voltasse a ser uma criança, como se não tivesse feito um acordo com Dain, como se não me tivesse envenenado e roubado o trono. Isto não é um encantamento. Não consigo parar de dançar, não consigo impedir o corpo de se mover, mesmo quando o meu terror cresce. Não pararei. Dançarei até gastar o couro dos sapatos. Dançarei até ficar com os pés sangrentos. Dançarei até cair no chão.

— Parem de tocar! — grito tão alto quanto posso, com o pânico a aproximar a minha voz de um grito. — Como vossa Rainha da Folia, como senescal do Rei Altíssimo, permitirão que escolha a dança!

Os músicos param. Os passos dos dançarinos abrandam. Será, talvez, uma pausa momentânea, mas nem isso tinha a certeza de conseguir. Treme com fúria e medo e com o esforço de lutar contra o meu próprio corpo.

Endireito-me, fingindo que estou vestida com roupas ricas em vez de farrapos.

— Vamos fazer uma roda — digo, tentando imaginar a forma como a minha madrasta, Oriana, teria proferido as palavras. Pela primeira vez, a minha voz sai como quero, plena de uma autoridade fria. — E vou dançá-la com o meu rei, que me honrou com tantos elogios e dádivas nesta noite.

A Corte fixa em mim os seus olhos brilhantes e húmidos. Estas são as palavras que esperariam ouvir de uma Rainha da Folia, as palavras que, certamente, inúmeros mortais já proferiram em circunstâncias diferentes.

Espero que os incomode saber que estou a mentir.

Afinal, se querem insultar-me recordando a minha mortalidade, esta será a minha resposta: também aqui vivo e conheço as regras. Talvez as conheça melhor do que eles, porque nasceram dentro delas, enquanto eu tive de as aprender. Talvez as conheça melhor, porque eles têm maior liberdade para as violarem.

— Danças comigo? — pergunto a Cardan, curvando-me numa vénia e com acidez na voz. — Porque te acho tão belo como me achas a mim.

Um silvo alastra entre a multidão. Marquei um ponto contra Cardan e a Corte não sabe como reagir. Gostam de coisas que não são familiares, gostam de surpresas, mas talvez estejam a pensar se gostarão desta.

Mesmo assim, parecem empolgados pela minha pequena exibição.

O sorriso de Cardan é indecifrável.

— Com muito prazer — diz, enquanto os músicos recomeçam a tocar. Recebe-me nos braços.

Já tínhamos dançado numa ocasião, na coroação do príncipe Dain. Antes de começarem as mortes. Antes de prender Cardan sob ameaça. Penso se recordará esse momento enquanto me faz girar pelo Bosque Lácteo.

Pode não ser particularmente experiente com uma lâmina, mas, como disse à filha da bruxa, é um dançarino hábil.

Deixo que me guie por passos que certamente me fariam tropeçar se estivesse sozinha. O meu coração palpita e sinto o suor na pele.

Traças esvoaçam sobre as nossas cabeças, descrevendo círculos, como se a luz das estrelas exercesse sobre elas uma atração trágica.

— Faças o que fizeres — digo, demasiado furiosa para ficar calada —, posso fazer pior.

— Oh — diz, apertando-me os dedos nos dele. — Não penses que me esqueço disso por um momento que seja.

— Então *porquê?* — questiono.

— Achas que planeei a tua humilhação? — Ri-se. — Eu? Parece-me demasiado trabalhoso.

— Não me importa se o fizeste ou não — digo-lhe, demasiado furiosa para compreender o que sinto. — Só me importa que te tenha agradado.

— E porque não me agradaria ver-te incomodada? Enganaste-me — diz Cardan. — Fizeste-me de tonto e, agora, sou o Rei dos Tontos.

— O Rei *Altíssimo* dos Tontos — digo, com troça na voz. Os nossos olhares encontram-se e há um choque de compreensão mútua quando percebemos que os nossos corpos estão demasiado próximos. Apercebo-me da minha pele, do suor sobre os meus lábios, do deslizar das minhas coxas uma contra a outra. Apercebo-me do calor do pescoço dele por baixo dos

meus dedos entrelaçados, do roçar áspero do seu cabelo e da vontade que tenho de mergulhar as mãos nele. Inspiro o seu cheiro — a musgo, carvalho e couro. Fito a sua boca traiçoeira e imagino-a sobre mim.

Tudo nisto está errado. À nossa volta, o festim recomeça. Alguns dos cortesãos olham na nossa direção, porque uma parte da Corte olha sempre para o Rei Altíssimo, mas o jogo de Locke está quase no fim.

Volta para o palácio, disse Cardan. E ignorei o aviso.

Recordo a expressão de Locke enquanto Cardan falava, a avidez na sua cara. Não era para mim que olhava. Pela primeira vez, penso se a minha humilhação terá sido accidental, um isco para o seu anzol.

Diz-nos o que pensas da nossa senhora.

Para meu imenso alívio, no fim da roda, os músicos voltam a parar, olhando para o Rei Altíssimo à espera de instruções.

Afasto-me dele.

— A emoção esmaga-me, Majestade. Peço a tua permissão para me afastar.

Por um momento, penso no que farei se Cardan negar o meu pedido. Dei muitas ordens, mas nenhuma delas teve como objetivo poupar os meus sentimentos.

— És livre de partir ou de ficar, como desejares — diz Cardan, magnânimo. — A Rainha da Folia é bem-vinda onde quer que vá.

Viro-lhe as costas e cambaleio para fora do festim, para me encostar a uma árvore e inspirar golfadas de ar marinho frio. Sinto as bochechas quentes. A minha cara está a arder.

Na orla do Bosque Lácteo, vejo as ondas baterem contra as rochas negras. Após um momento, reparo em formas na areia, como se as sombras se movessem sozinhas. Volto a pestanejar. Não são sombras. São selkies a erguerem-se do mar. Uma

vintena, pelo menos. Despem as suas peles finas de foca e erguem lâminas de prata.

As Profundezas Marinhas vieram ao festim da Lua do Caçador.

Capítulo 12



Corro na direção oposta, com tanta pressa que rasgo o vestido comprido em ramos e espinhos. Dirijo-me sem hesitar ao membro da guarda mais próximo. Sobressalta-se quando me acerco dele a correr, sem fôlego, ainda vestida com os farrapos da Rainha da Folia.

— As Profundezas Marinhas — consigo dizer. — Selkies. Vêm aí. Protejam o rei.

Não hesita. Não duvida de mim. Chama os seus cavaleiros e ordena que rodeiem o trono. Cardan olha-os, primeiro confuso e, logo a seguir, com uma pequena centelha de pânico. Recordará, sem dúvida, a forma como Madoc ordenou que os guardas rodeassem o estrado na cerimônia de coroação do príncipe Dain, mesmo antes de Balekin começar a matar gente.

Antes de poder explicar, os selkies atravessam o Bosque Lácteo. A nudez dos seus corpos esguios está coberta apenas com longas cordas de alga e pérolas à volta dos pescoços. A música cessa. O riso esmorece.

Levando a mão à coxa, puxo a faca longa escondida numa bainha.

— Que é isto? — pergunta Cardan, levantando-se.

Uma mulher selkie faz uma vénia e dá um passo ao lado. Atrás deles, aproxima-se a nobreza das Profundezas Marinhas. Caminham sobre pernas que não sabia que possuíam até uma hora atrás, e deslizam pelo bosque com vestidos, gibões e meias ensopados, não parecendo minimamente perturbados. Parecem ferozes até com as suas melhores vestes.

Os meus olhos procuram Nicasia na multidão, mas nem ela nem o ferreiro estão presentes. Locke está sentado num dos braços do trono, parecendo acreditar que, se Cardan é o Rei Altíssimo, ser o Rei Altíssimo não poderá ser assim tão especial.

— Majestade — diz um homem de pele cinzenta, com um casaco feito de pele de tubarão. Tem uma voz estranha, que soa rouca pela escassez de uso. — A Orlagh, rainha das Profundezas Marinhas, envia-nos com uma mensagem para o Rei Altíssimo. Permite-nos que falemos.

O semicírculo de cavaleiros à volta de Cardan aperta.

Cardan não responde logo. Em vez disso, senta-se.

— As Profundezas Marinhas são bem-vindas neste festim da Lua do Caçador. Dancem. Bebam. Que ninguém diga que não somos anfitriões generosos, mesmo para quem não foi convidado.

O homem ajoelha-se, mas não há qualquer humildade na sua expressão.

— Grande é a sua generosidade. Mas não podemos participar até entregarmos a mensagem da nossa senhora. Deve ouvir-nos.

— Devo? Muito bem — diz o Rei Altíssimo após um momento. Faz um gesto altivo. — Que tem ela para me dizer?

O homem de pele cinzenta acena a uma rapariga com um vestido azul encharcado e o cabelo entrançado. Quando ela abre a boca, vejo-lhe dentes finos, ferozmente afiados e com uma transparência estranha. Entoa as palavras num cântico:

*De um noivo necessita o Mar,
De uma noiva precisa a Terra.
Esta união há que forjar,
Ou a maré se fará adivinhar.
Ofende o Mar uma vez,
Provaremos o teu sangue.
Ofende o Mar duas vezes,
Provaremos o teu barro.
Ofende o Mar três vezes,
A tua coroa levaremos.*

O Povo da terra firme, incluindo cortesãos, suplicantes, criados e aristocracia, arregalou os olhos ao ouvir as palavras.

— Isso é uma proposta? — pergunta Locke. Parece-me que pretendia ser ouvido apenas por Cardan, mas a sua voz ecoa no silêncio.

— Receio que seja uma ameaça — responde Cardan. Arregala os olhos para a rapariga, para o homem de pele cinzenta, para toda a gente. — Entregaram a vossa mensagem. Não tenho algaraviada para enviar como resposta — culpa minha por ter uma senescal que não pode desempenhar também as funções de poeta da Corte —, mas, quando tiver, vou amarrotar um papel qualquer e atirá-lo à água.

Por um momento, todos ficam como estavam, sem se mexerem.

Cardan bate palmas, sobressaltando o Povo do mar.

— E então? — grita. — Dancem! Alegrem-se! Não foi para isso que aqui vieram?

A sua voz ecoa com autoridade. *Já não parece* apenas o Rei Altíssimo de Elfhame. Também soa como o Rei Altíssimo.

Sinto um arrepio premonitório.

Os cortesãos das Profundezas Marinhas, com as suas vestes encharcadas e pérolas cintilantes, fixam nele olhos pálidos e frios. As suas caras são suficientemente inexpressivas para não se perceber se os gritos de Cardan os perturbaram. Mas, quando a música recomeça, unem as mãos com membranas interdigitais e juntam-se à roda, saltando e rindo como se fosse algo que também faziam para se divertirem debaixo das ondas.

Os meus espiões permaneceram escondidos durante aquele encontro. Locke afasta-se do trono para rodopiar com duas selkies quase nuas. Não vejo sinais de Nicasia e, quando procuro Dulcamara, também não a vejo. Vestida como estou, não me atrevo a falar com alguém no exercício do meu cargo oficial. Arranco a coroa fedorenta da cabeça e atiro-a ao chão.

Penso em despir o vestido esfarrapado, mas antes de decidir fazê-lo, Cardan chama-me ao trono com um gesto.

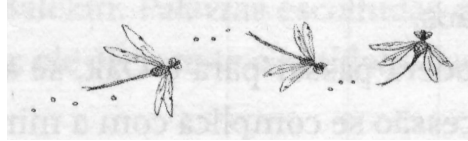
Não faço uma vénia. Naquela noite, afinal, sou também uma monarca em pleno direito. A Rainha da Folia sem graça.

— Pensei que te ias embora — exclama ele.

— E eu pensei que a Rainha da Folia fosse bem-vinda onde quer que fosse — silvo em resposta.

— Convoca o Conselho Vivo para os meus aposentos no palácio — diz-me, num tom frio, remoto e régio. — Irei logo que consiga escapar-me.

Aceno com a cabeça e já estou a cortar a multidão quando percebo duas coisas: a primeira foi que me deu uma ordem. A segunda foi que obedeci.



Depois de chegar ao palácio, envio pajens para convocarem o Conselho. Envio Boca-de-Lobo com uma mensagem aos meus espões para que descubram para onde foi Nicasia. Esperei que se mostrasse disponível para ouvir a resposta de Cardan, mas, considerando que a sua incerteza acerca dos sentimentos de Cardan foi suficiente para disparar contra uma amante rival, talvez estivesse relutante em ouvi-la.

Mesmo que ela acredite que ele a aceitaria para evitar uma guerra, isso não seria dizer muito.

Nos meus aposentos, dispo-me à pressa e lavo-me. Quero livrar-me do perfume dos cogumelos, do fedor do fumo e da humilhação. Parece-me uma bênção ter ali as minhas velhas roupas. Enfio um vestido castanho aborrecido, demasiado simples para o meu cargo, mas muito confortável. Prendo o cabelo de forma implacável.

Tatterfell já não está por ali, mas é óbvio que esteve. Os meus aposentos estão arrumados e a minha roupa foi passada a ferro e pendurada.

E sobre a minha mesa, uma mensagem: *Do Grande General do Exército do Rei Altíssimo para a Senescal de Sua Majestade.*

Abro com um rasgão. A mensagem é mais breve do que o que está escrito no envelope:

Vem imediatamente à sala de planeamento estratégico.

Não esperes pelo Conselho.

Sinto o meu batimento cardíaco nos ouvidos. Penso em fingir que não recebi a mensagem e faltar à convocatória. Mas isso seria cobardia.

Se Madoc ainda tiver esperança de conseguir sentar Oak no trono, não poderá permitir um casamento com as Profundezas Marinhas. Não tem motivo para saber que, nisto, pelo menos, estou totalmente do lado dele. É uma boa oportunidade para o fazer mostrar o seu jogo.

E assim, dirijo-me com relutância para a sua sala de planeamento estratégico. É-me familiar. Brinquei ali em criança, por baixo de uma grande mesa de madeira coberta por um mapa de Faerie, com pequenas figuras esculpidas que representavam as Cortes e os exércitos. As suas «bonecas», como Vivi costumava chamar-lhes.

Quando entro, noto que há pouca luz. Velas muito gastas ardem sobre uma escrivaninha ao lado de algumas cadeiras rígidas.

Lembro-me de ler um livro, encolhida numa daquelas cadeiras, enquanto planos violentos eram urdidos ao meu lado.

Erguendo os olhos, Madoc levanta-se e indica-me uma cadeira à frente dele, como se fosse sua igual. O cuidado que demonstra comigo é interessante.

Sobre o tabuleiro estratégico há apenas algumas figuras. Orlagh e Cardan, Madoc e uma figura que não reconheço até a estudar com mais atenção. Olho para mim própria, esculpida em madeira. Senescal. Mestre de espões. Fazedora de reis.

De repente, tenho medo do que possa ter feito para acabar naquele tabuleiro.

— Recebi a sua mensagem — digo-lhe, instalando-me numa cadeira.

— Depois desta noite, pensei que mudasses finalmente de ideias acerca de algumas das escolhas que fizeste.

Abro a boca para falar, mas vejo-o levantar uma mão com garras para me calar.

— Se estivesse no teu lugar — continua —, o meu orgulho talvez me fizesse fingir que não. O *Povo* não consegue mentir,

como sabes, não com as nossas línguas. Mas podemos enganar. E somos tão capazes de nos enganarmos a nós mesmos como qualquer mortal.

Magoa-me que saiba que fui coroada Rainha da Folia e que a Corte se riu de mim.

— Acha que não sei o que faço?

— Bem — diz, com cuidado. — Não tenho a certeza. O que vejo é que te humilhas com o mais jovem e mais tolo dos príncipes. Prometeu-te alguma coisa?

Mordo a língua para me impedir de ripostar. Por mais miserável que me sinta, se me achar uma tola, terei de me permitir ser uma tola.

— Sou a senescal do Rei Altíssimo, não sou?

É difícil distanciar-me daquilo com o riso da Corte a ecoar-me ainda nos ouvidos. Com o pó peçonhento daqueles cogumelos ainda no cabelo, e com a recordação das palavras ofensivas de Cardan.

Dolorosa. Alarmante. Perturbadora.

Madoc suspira e abre as mãos à sua frente.

— Sabes porque o Eldred não se interessava pelo seu filho mais novo? O Baphen viu infortúnio nas suas estrelas desde o dia em que nasceu. Mas, enquanto o Cardan tiver a Coroa de Sangue, jurei-lhe lealdade como ao seu pai e como faria, sem dúvida, ao Dain ou até ao Balekin. A oportunidade que surgiu na coroação — a de mudar o rumo do destino — perdeu-se, para mim.

Faz uma pausa. Quaisquer que sejam as palavras que escolhe, o significado é o mesmo. A oportunidade perdeu-se porque lha roubei. Sou eu o motivo para Oak não ser o Rei Altíssimo e para Madoc não usar a sua influência para refazer Elfhame à sua imagem.

— Mas tu — diz Madoc —, tu não ficas limitada pelas tuas palavras. As tuas promessas podem ser negadas...

Recordo o que me disse depois da última reunião do Conselho Vivo, enquanto caminhávamos: *Mas nenhum juramento te prende. Se te arrependeres da tua jogada, faz outra. Há mais jogos para jogar.* Percebo que escolheu aquele momento para desenvolver o tema.

— Quer que traia o Cardan — digo, apenas para clarificar.

Levanta-se e chama-me, com um gesto, para a mesa estratégica.

— Não sei o que aprendeste sobre a rainha das Profundezas Marinhas com a sua filha, mas, antigamente, o seu reino era um sítio muito parecido com a terra. Tinha muitos domínios, com muitos governantes entre selkies e sereias.

» Quando a Orlagh se sentou no trono, perseguiu cada um desses pequenos senhores e assassinou-os, para que as Profundezas Marinhas inteiras lhe respondessem só a ela. Restam ainda alguns senhores do mar que não conseguiu esmagar — alguns deles poderosos demais e outros demasiado remotos. Mas se casar a sua filha com o Cardan, podes ter a certeza de que pressionará a Nicasia para fazer o mesmo em terra.

— Assassinar os líderes das Cortes mais pequenas? — pergunto.

Sorri.

De todas as Cortes. Talvez, a princípio, pareça uma série de acidentes, ou algumas ordens menos precavidas. Ou talvez seja outro banho de sangue.

Olho-o atentamente. Afinal, o último banho de sangue foi obra sua, pelo menos em parte.

— E discorda da filosofia da Orlagh? Teria feito a mesma coisa se fosse o poder atrás do trono?

— Não o teria feito para favorecer o mar — diz. — Ela quer ter a terra firme como vassalo. — Estende a mão para a mesa e ergue uma pequena figura esculpida para representar a rainha Orlagh. — Acredita na paz forçada do poder absoluto.

Olho para o tabuleiro.

— Querias impressionar-me — diz. — Adivinhaste, com razão, que não veria o teu verdadeiro potencial até me venceres. Considera-me impressionado, Jude. Mas seria melhor para os dois que parássemos de lutar um com o outro e nos concentrássemos no nosso interesse comum: o poder.

Aquilo paira no ar com um peso ominoso. Um elogio em forma de ameaça. Continua:

— Volta para o meu lado. Volta, antes que eu avance realmente contra ti.

— Como seria o regresso? — pergunto.

Demora o olhar em mim, como se pensasse no que pode dizer.

— Tenho um plano. No momento certo, podes ajudar-me a pô-lo em prática.

— Um plano que não ajudei a conceber e acerca do qual não me dirá grande coisa? — pergunto. — E se estiver mais interessada no poder que já tenho?

Sorri, mostrando os dentes.

— Nesse caso, suponho que não conhecerei muito bem a minha filha. Porque a Jude que conheci arrancaria o coração àquele rapaz pelo que te fez esta noite.

A vergonha por me atirar o festim à cara faz-me perder o controlo.

— Deixou-me ser humilhada em Faerie desde pequena. Deixou o Povo magoar-me, rir-se de mim e mutilar-me. — Ergo a mão com a falange em falta, mordida por um dos seus guardas. Há outra cicatriz na palma, onde Dain me forçou a trespassar a mão com uma adaga. — Fui encantada e levada para um festim, chorosa e sozinha. Tanto quanto percebo, a única diferença entre esta noite e todas as outras noites em que sofri indignidades sem me queixar foi que essas indignidades o beneficiaram. E, quando suporte esta, beneficia-me a mim.

Madoc parece abalado.

— Não sabia.

— Não quis saber — respondo.

Olha para o tabuleiro, para as peças sobre ele, para a pequena figura que me representa.

— Esse argumento é uma bela estocada, em cheio no fígado, mas não sei se resulta tão bem como defesa. O rapaz é indigno...

Teria continuado a falar, mas a porta abre-se e Randalin está ali, a espreitar para dentro com as vestes de ofício vestidas à pressa.

— Ah, estão os dois. Ótimo. A reunião está prestes a começar. Apressem-se.

Assim que me viro para o seguir, Madoc segura-me o braço. Fala com voz baixa.

— Tentaste dizer-nos que isto aconteceria. Tudo o que te peço esta noite é que uses o teu poder como senescal para travar qualquer aliança com as Profundezas Marinhas.

— Sim — digo, pensando em Nicasia, em Oak e em todos os meus planos. — Isso posso garantir.

Capítulo 13



O Conselho Vivo reúne-se nos enormes aposentos do Rei Altíssimo, à volta de uma mesa gravada com o símbolo da dinastia da Moita Verde — flores e espinhos com raízes emaranhadas.

Nihuar, Randalin, Baphen e Mikkel estão sentados, enquanto Fala se ergue ao centro, entoando uma pequena canção:

*Peixinhos. Peixinhos. Pondo os pés.
Casa com um peixe e serás feliz como não és.
Frita-a e tira-lhe as espinhas.
Sangue de peixe é frio como adivinhas.*

Cardan atira-se para um cadeirão próximo com um movimento dramático, desdenhando a mesa por inteiro.

— Isto é ridículo. Onde está a Nicasia?

— Devemos discutir esta proposta — diz Randalin.

— *Proposta?* — troça Madoc, sentando-se. — Pela forma como foi feita, não sei como poderá ele casar com a rapariga sem parecer que a terra teme o mar e que cedeu às suas primeiras exigências.

— Talvez o tom tenha sido um pouco desajustado — diz Nihuar.

— É chegado o momento de nos prepararmos — diz Madoc. — Se é guerra que quer, será guerra que lhe daremos. Arrancarei o sal ao mar antes de deixar que Elfhame trema perante a fúria da Orlagh.

Guerra, exatamente aquilo que temia que Madoc nos impusesse e, no entanto, chegou sem que ele precisasse de a instigar.

— Bem — diz Cardan, fechando os olhos como se pudesse adormecer ali mesmo. — Nesse caso, não preciso de fazer nada.

Madoc arreganha os lábios. Randalin parece um pouco abalado. Passou tanto tempo a querer Cardan nas reuniões do Conselho Vivo, e agora não sabe bem como lidar com a sua presença.

— Poderás tomar a Nicasia como tua consorte e não como noiva — diz Randalin. — Põe-lhe um herdeiro no ventre para governar terra e mar.

— Então não tenho de casar porque a Orlagh me ordena, só tenho de me reproduzir? — questiona Cardan.

— Quero ouvir a Jude — diz Madoc, para minha enorme surpresa.

O resto do Conselho vira-se para mim. Parecem confusos pelas palavras de Madoc. Nas reuniões, o meu único papel tem sido o de veículo de transmissão entre os membros do Conselho e do Rei Altíssimo. Agora, com ele a representar-se a si mesmo,

é como se eu fosse uma das pequenas figuras de madeira num tabuleiro estratégico, e esperam que fale tanto como uma delas.

— Porquê? — pergunta Randalin.

— Porque não lhe demos ouvidos antes. Disse-nos que a Rainha das Profundezas Marinhas avançaria contra a terra firme. Se tivéssemos acreditado, poderíamos não estar agora desesperados por uma estratégia.

Randalin encolhe-se.

— É verdade — diz Nihuar, como se tentasse pensar numa forma de negar importância àquela perturbadora demonstração de competência.

— Talvez nos diga o que mais sabe — diz Madoc.

Mikkel ergue as sobrancelhas.

— Há mais? — pergunta Baphen.

— Jude? — diz Madoc.

Penso bem nas palavras que direi a seguir.

— Como disse, a Orlagh tem comunicado com o Balekin. Não sei que informação lhe transmitiu, mas o mar envia membros do Povo à terra firme com presentes e mensagens para ele.

Cardan parece surpreendido e o seu desagrado é inegável. Percebo que não lhe falei de Balekin e das Profundezas Marinhas, apesar de ter informado o Conselho.

— Também sabias da Nicasia? — pergunta.

— Eu... hum... — começo, sem conseguir dizer mais nada.

— Ela gosta de manter o seu próprio conselho dentro do Conselho — diz Baphen, com malícia.

Como se fosse culpa minha que nenhum deles me desse ouvidos.

Randalin arregala os olhos.

— Nunca explicaste como descobriste tudo isto.

— Se perguntas se tenho segredos, facilmente poderia perguntar-te a mesma coisa — recordo-lhe. — Antes, não te interessavam os meus.

— Príncipe da terra firme, príncipe sob as ondas — diz Fala.
— Príncipe das prisões, príncipe dos canalhas.

— O Balekin não é nenhum estratega — diz Madoc. É o mais próximo que estive de admitir que a execução de Eldred foi responsabilidade sua. — Mas é ambicioso. E orgulhoso.

— *Ofende o Mar uma vez, provaremos o teu sangue* — diz Cardan. — Suponho que estejam a falar do Oak.

Madoc e eu partilhamos um olhar breve. A única coisa em que concordamos é em manter Oak em segurança. Fico feliz por ele estar longe dali, longe do mar, com espiões e cavaleiros a zelarem por ele. Mas, se Cardan estiver certo acerca do significado dos versos, penso se precisará de mais proteção ainda.

— Se as Profundezas Marinhas planeiam raptar o Oak, talvez tenham prometido a coroa ao Balekin — diz Mikkel. — É mais seguro que a linhagem tenha apenas dois membros, quando um é necessário para coroar o outro. Três será supérfluo. Três será perigoso.

É uma forma indireta de dizer que alguém devia matar Balekin antes que Balekin tente assassinar Cardan.

Também não me importaria de ver Balekin morto, mas Cardan tem teimado na oposição à execução do irmão. Recordo as palavras que me disse na Corte das Sombras: *Posso ser podre, mas a minha única virtude é que não sou um assassino.*

— Terei isso em conta, conselheiros — diz Cardan. — Agora, desejo falar com a Nicasia.

— Mas ainda não decidimos... — diz Randalin, calando-se quando percebe o olhar fulminante que Cardan lhe lança.

— Jude, vai buscá-la — diz o Rei Altíssimo de Elfhame. Outra ordem.

Levanto-me, rangendo os dentes, e vou à porta. Fantasma espera-me.

— Onde está a Nicasia? — pergunto.

Descubro que a puseram nos meus aposentos com Barata. O seu vestido cinza-pomba está disposto sobre o meu divã como se posasse para um quadro. Penso se terá saído a correr para poder mudar de roupa para aquela audiência.

— Vejam quem foi trazida pelo vento — diz ela quando me vê.

— O Rei Altíssimo exige a tua presença — digo-lhe.

Esboça-me um sorriso estranho e levanta-se.

— Fosse isso verdade.

Percorremos o corredor, com os cavaleiros a vê-la passar. Parece majestosa e miserável ao mesmo tempo e, quando as portas enormes dos aposentos de Cardan se abrem, entra com a cabeça erguida.

Durante a minha ausência, um criado trouxe chá. Enche um bule no centro de uma mesa baixa. Uma chávena cheia fumega, presa nos dedos esguios de Cardan.

— Nicasia — diz. — A tua mãe enviou-nos uma mensagem aos dois.

Ela franze a testa, olhando para os outros conselheiros, percebendo a falta de um convite para se sentar e da oferta de chá.

— O plano é dela, não meu.

Cardan inclina-se para a frente, deixando de parecer sonolento ou aborrecido, e tornando-se o aterrador senhor das fadas, de olhos vazios e poder incalculável.

— Talvez, mas sabias que o faria, aposto. Não brinques comigo. Conhecemo-nos bem demais para usar truques.

Nicasia baixa o olhar, com as pestanas a roçar as bochechas.

— Deseja um tipo de aliança diferente. — O Conselho poderia vê-la como dócil e obediente, mas eu ainda não sou tão tola.

Cardan levanta-se e atira a chávena de chá à parede, estilhaçando-a.

— Diz à Rainha das Profundezas Marinhas que, se voltar a ameaçar-me, verá a sua filha como minha prisioneira e não como minha noiva.

Nicasia parece abalada.

Randalin consegue falar, por fim.

— Não é aconselhável atirar coisas à filha das Profundezas Marinhas.

— Pequeno peixe — diz Fala —, despe as pernas e nada para longe.

Mikkel ri-se.

— Não podemos precipitar-nos — diz Randalin, sem poder fazer mais nada. — Princesa, deixa o Rei Altíssimo pensar durante mais tempo.

Temi que Cardan se sentisse divertido, lisonjeado ou tentado. Em vez disso, está claramente furioso.

— Deixem-me falar com a minha mãe. — Nicasia olha em redor, para os conselheiros, para mim, antes de decidir que não irá persuadir Cardan a mandar-nos embora. Faz o que pode fazer, fixando o olhar só nele e falando como se não estivéssemos presentes.

— O mar é duro e os métodos da rainha Orlagh também. Ela exige quando devia pedir, mas isso não significa que não haja sabedoria no que pretende.

— Então casarias comigo? Unirias o mar à terra para nos unires no sofrimento? — Cardan olha-a com todo o desprezo que outrora me reservou. Sinto que o mundo ficou virado do avesso.

Mas Nicasia não recua. Em vez disso, aproxima-se.

— Seríamos lendas — diz-lhe ela. — As lendas não precisam de se preocupar com algo tão banal como a felicidade.

Então, sem esperar ser dispensada, vira-se e sai. Sem que isso lhes seja ordenado, os guardas deixam-na passar.

— Ah — diz Madoc. — Aquela comporta-se como se já fosse a rainha.

— Saíam — ordena Cardan. A seguir, vendo que ninguém reage, faz um gesto desvairado no ar. — Saíam! Saíam. De certeza que desejam deliberar como se eu não estivesse presente. Por isso, façam-no onde eu não estou. Saíam e não me incomodem mais.

— Perdão — diz Randalin. — Queríamos apenas...

— Saíam! — grita ele. Nesse momento, até Fala se dirige para a porta.

— Menos a Jude — diz. — Tu ficas mais um pouco.

Tu. Viro-me para ele, com a humilhação da noite ainda presente no meu corpo. Penso em todos os meus segredos e planos, e no que significará uma guerra com as Profundezas Marinhas, no que arrisquei e no que já se perdeu para sempre.

Deixo os outros saírem, esperando até o último membro do Conselho Vivo abandonar os aposentos.

— Voltas a dar-me uma ordem — digo — e mostro-te o que é a verdadeira vergonha. Os jogos do Locke não serão nada comparados com o que te obrigarei a fazer.

Depois de dizer aquilo, sigo os outros para o corredor.



Na Corte das Sombras, penso que planos serão possíveis.

Assassinar Balekin. Mikkel não estava enganado quando disse que isso tornaria mais difícil arrancar a coroa à cabeça de Cardan.

Casar Cardan com outra pessoa qualquer. Recordo a Mãe Marrow e quase me arrependo de interferir. Se Cardan tivesse a filha de uma bruxa como noiva, talvez Orlagh não tivesse iniciado uma Corte tão marcial.

Claro que, nesse caso, os meus problemas seriam outros.

Uma dor de cabeça começa a surgir-me atrás dos olhos. Passo os dedos sobre o nariz.

Com o casamento de Taryn tão próximo, Oak chegará em meros dias. Não me agrada pensar nisso com a ameaça de Orlagh a pairar sobre Elfhame. Oak é demasiado valioso no tabuleiro estratégico, demasiado necessário para Balekin, demasiado perigoso para Cardan.

Recordo a última vez que vi Balekin, a influência que exercia sobre os guardas, a forma como se comportava como um rei exilado. E todas as informações recebidas de Vulciber sugeriam que não tinha havido grande mudança. Exige luxos e recebe visitas do mar que deixam poças e pérolas para trás. Penso no que lhe terão dito, nas promessas que lhe foram feitas. Mesmo que Nicasia acredite que Balekin não será necessário, Balekin acreditará exatamente no oposto.

A seguir, recordo outra coisa — a mulher que queria falar-me da minha mãe. Passou lá todo aquele tempo e, se estiver disposta a trocar um tipo de informação pela sua liberdade, talvez também esteja disposta a trocar outro tipo.

Enquanto penso melhor no que gostaria de saber, ocorre-me como seria mais útil enviar informação a Balekin em vez de lhe arrancar informação.

Se deixar essa prisioneira acreditar que lhe concederia liberdade temporária para me falar da minha mãe, talvez pudesse pôr-lhe informações na cabeça. Qualquer coisa sobre Oak, qualquer coisa sobre o paradeiro dele ou sobre a sua vulnerabilidade. Não mentiria quando passasse essa informação a mais alguém. Acreditaria que tinha ouvido a verdade e dito a verdade.

Questiono-me um pouco mais e percebo que não. É demasiado cedo para isso. Aquilo de que preciso neste momento é de dar à prisioneira informação simples que ela possa transmitir. Informação que consiga controlar e verificar, para que também eu possa ter a certeza de que será uma boa fonte.

Balekin queria enviar uma mensagem a Cardan. Encontrarei uma forma de permitir que o faça.

A Corte das Sombras começou a formalizar a escrita de documentos sobre os habitantes de Elfhame, mas nenhum dos documentos atuais dizem respeito a quaisquer prisioneiros na Torre além de Balekin. Percorrendo o corredor, vou até ao novo gabinete de Bomba.

Está lá dentro, a atirar adagas a uma pintura do pôr-do-sol.

— Não gostavas dele? — pergunto, apontando para a tela.

— Gostei que chegue — responde. — Agora, gosto mais.

— Preciso de uma prisioneira da Torre do Esquecimento. Temos fardas suficientes para vestir alguns dos nossos novos recrutas? Os cavaleiros da Torre viram-me a cara. O Vulciber pode ajudar, mas prefiro não arriscar. Será melhor forjar papéis e tirá-la de lá sem grandes perguntas.

Franze a testa enquanto se concentra.

— Quem queres?

— Há uma mulher. — Pego num pedaço de papel e traço o piso térreo da melhor forma que consigo. — Estava no alto das escadas. Aqui. Sozinha.

Bomba franze mais a testa.

— Consegues descrevê-la?

Encolho os ombros.

— Cara magra, chifres. Bonita, suponho. Vocês são todos bonitos.

— Que tipo de chifres? — pergunta Bomba, inclinando a cabeça para um lado, como se pensasse em alguma coisa. —

Direitos? Curvos?

Aponto o topo da cabeça, onde me lembro de ver os dela.

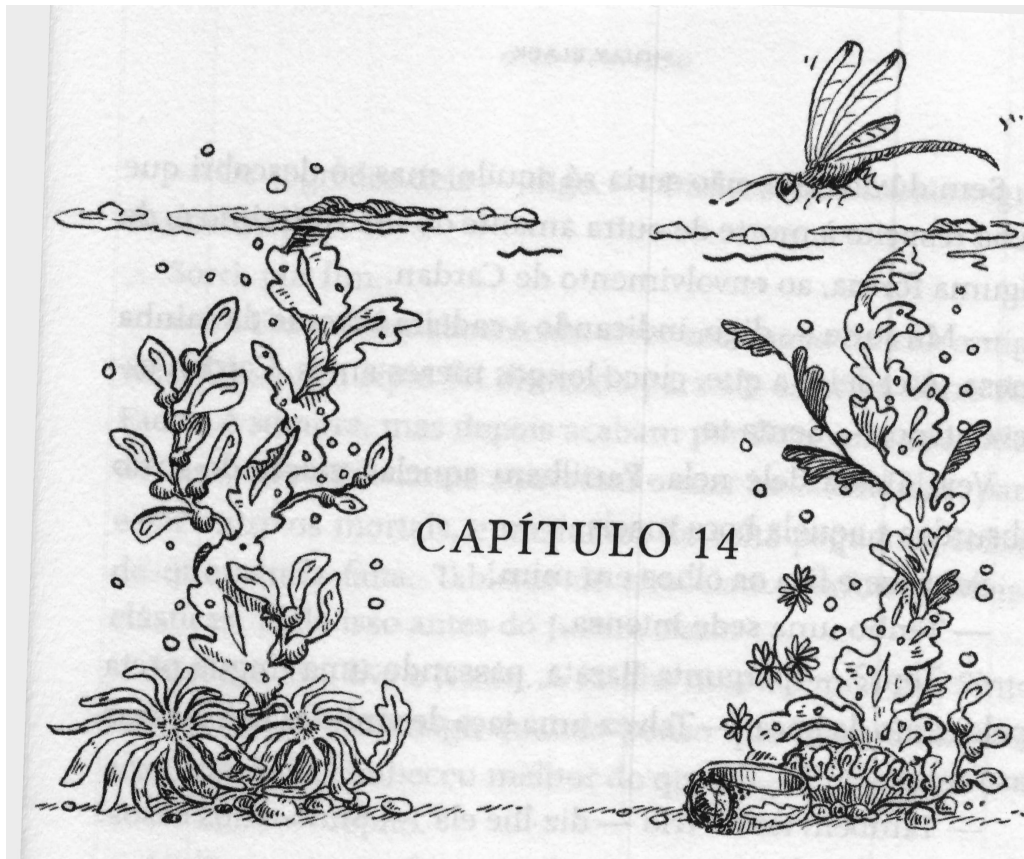
— Pequenos. Como os de uma cabra, acho. E tinha uma cauda.

— Não há muitos membros do Povo na Torre — explica Bomba. — A mulher que descreves...

— Conhece-la? — pergunto.

— Nunca lhe disse uma palavra — diz Bomba. — Mas sei quem é... ou quem foi: uma das amantes do Eldred que lhe deu um filho. É a mãe do Cardan.

Capítulo 14



Faço as minhas unhas tamborilarem na velha mesa de Dain, enquanto Barata traz a prisioneira.

— Chama-se Asha — diz ele. — A *Senhora* Asha.

Asha está magra e tão pálida, que parece um pouco cinzenta. Não se parece muito com a mulher risonha que vi no globo de cristal.

Olha em redor num êxtase confuso. É óbvio que lhe agrada estar longe da Torre do Esquecimento. Os seus olhos estão famintos, interiorizando todos os pormenores daquela divisão bastante enfadonha.

— Qual foi o crime dela? — pergunto, fingindo saber menos do que sei. Espero que, assim, baixe a guarda e se revele mais.

Barata grunhe, alinhando no jogo.

— Era consorte do Eldred e, quando este se cansou dela, foi atirada para a Torre.

Sem dúvida que não seria só aquilo, mas só descobri que dizia respeito à morte de outra amante do Rei Altíssimo e, de alguma forma, ao envolvimento de Cardan.

— Má sorte — digo, indicando a cadeira à frente da minha mesa. A cadeira a que, cinco longos meses antes, Cardan esteve atado. — Senta-te.

Vejo a cara dele nela. Partilham aquelas maçãs do rosto absurdas e aquela boca macia.

Senta-se e fixa os olhos em mim.

— Tenho uma sede intensa.

— Tens? — pergunta Barata, passando uma língua preta pelo canto da boca. — Talvez uma taça de vinho te restaurasse as forças.

— Também tenho frio — diz-lhe ela. — Sinto-o nos ossos. É como o frio do mar.

Barata olha-me.

— Fica aqui com a nossa Rainha das Sombras e eu cuido do resto.

Não sei o que fiz para merecer um título tão extravagante, e temo que me tenha sido conferido como alguém dá a alcunha «Pequeno» a um troll enorme, mas parece impressioná-la.

Barata sai, deixando-nos sozinhas. O meu olhar segue-o por um momento, pensando em Bomba e no seu segredo. A seguir, viro-me para a Senhora Asha.

— Disseste que conhecias a minha mãe — recordo, esperando fisgá-la com aquilo até perceber como passar ao que preciso mesmo de saber.

A sua expressão é de ligeira surpresa, como se estivesse tão distraída pela envolvimento que tivesse esquecido o motivo da sua presença ali.

— Pareces-te muito com ela.

— Os segredos dela — digo. — Disseste que sabias segredos sobre ela.

Sorri, por fim.

— A Eva achava aborrecido viver sem *nada* da sua antiga vida. Oh, a princípio foi divertido para ela estar na Terra das Fadas; é sempre, mas depois acabam por ficar com saudades de casa. Costumávamos atravessar o mar às escondidas, para estar entre os mortais, e trazíamos de volta pequenas coisas de que sentia falta. Tabletes de chocolate. Perfume. Meias elásticas. Tudo isso antes do Justin, claro.

Justin e Eva. Eva e Justin. A minha mãe e o meu pai. Sinto um aperto no estômago quando penso que eram duas pessoas que Asha conheceu melhor do que eu.

— Claro — repito.

Inclina-se para a frente, sobre a mesa.

— És parecida com ela. És parecida com os dois.

E tu és parecida com ele, penso.

— Aposto que ouviste a história — diz Asha. — Como um deles ou os dois mataram uma mulher e queimaram o seu corpo para esconder ao Madoc o desaparecimento da tua mãe. Posso falar-te disso. Posso contar-te como foi.

— Trouxe-te aqui para fazeres isso mesmo — digo-lhe. — Para poderes dizer-me tudo o que sabes.

— Para depois me atirares outra vez para a Torre? Não. O que sei tem um preço.

Antes de poder responder, a porta abre-se e Barata entra, trazendo um tabuleiro com queijo e pão escuro empilhados ao lado de uma taça de vinho com especiarias. Traz uma capa nos ombros e, depois de pousar a comida, põe a capa sobre ela, como se fosse um cobertor.

— Mais algum pedido? — pergunta.

— Ela estava mesmo a chegar aí — digo-lhe.

— A liberdade — diz ela. — Quero ficar longe da Torre do Esquecimento e quero um salvo-conduto para sair de Insmoor, Insweal e Insmire. Além disso, quero a tua promessa de que o Rei Altíssimo de Elfhame nunca saberá da minha libertação.

— O Eldred está morto — digo-lhe. — Não tens nada a temer.

— Sei quem é o Rei Altíssimo — diz ela num repente. — E não quero que me descubra quando for libertada.

Barata ergue as sobrancelhas.

No silêncio, bebe um grande trago de vinho. Morde um naco de queijo.

Ocorre-me que Cardan poderá saber muito bem para onde foi enviada a sua mãe. Se não fez nada para a tirar de lá desde que se tornou Rei Altíssimo, foi intencional. Penso no rapaz no globo de cristal e na veneração no olhar que lhe dirigiu. Penso no que terá mudado. Mal me lembro da minha mãe. mas faria muito para voltar a vê-la, mesmo que apenas por um momento.

— Conta-me algo de valor — digo. — E penso no que me pedes.

— Então não receberei nada hoje? — quer saber.

— Não te alimentámos e não te vestimos com roupas nossas? Além disso, podes passear pelos jardins antes de regressares à Torre. Inspirar os cheiros das flores e sentir a relva de baixo dos pés — digo-lhe. — Deixa-me ser clara: não suplico por recordações confortantes ou histórias de amor. Se tiveres alguma coisa melhor para me oferecer, talvez tenha alguma coisa para ti. Mas não penses que preciso de ti.

Amua.

— Muito bem. Uma velha passou pela propriedade do Madoc quando a tua mãe estava grávida da Vivienne. A velha era dada à profecia e lia sinas em cascas de ovo. Sabes o que

lhe disse? Que a filha da Eva estava destinada a ser uma arma maior do que qualquer uma que o Justin pudesse forjar.

— A Vivi? — pergunto.

— A filha dela — diz Asha. — Mas ela deve ter pensado na criança que tinha no ventre quando ouviu isto. Talvez tenha partido por isso. Para proteger a criança do destino. Mas ninguém consegue escapar ao destino.

Fico em silêncio. A minha boca é uma linha rígida. A mãe de Cardan bebe outro gole de vinho.

Não permitirei que a minha cara mostre nada do que sinto.

— Mesmo assim, não chega — digo, mantendo-me focada na esperança de que aquela informação chegue a Balekin. Na esperança de ter encontrado uma forma de ser mais inteligente do que ele.

— Se te lembrares de alguma coisa melhor, podes enviar-me uma mensagem. Os nossos espiões monitorizam mensagens que entram e saem da Torre do Esquecimento — normalmente, no ponto em que são passadas para o palácio. Envies o que enviares, qualquer que seja o destinatário, se sair da mão dos guardas, será visto por nós. Será fácil avisares-me se te lembrares de alguma coisa com mais valor.

Com aquilo, levanto-me e saio. Barata segue-me até ao corredor e pousa-me uma mão no braço.

Durante um longo momento, fico ali sem palavras, tentando pôr ordem nos pensamentos.

Abana a cabeça.

— Fiz-lhe algumas perguntas no caminho para aqui. Parece que ficou fascinada pela vida no palácio, embriagada com as atenções do Rei Altíssimo, rejubilando com a dança e o canto e o vinho. O Cardan ficou para trás para ser amamentado por uma pequena gata preta cujas crias nasceram mortas.

— Sobreviveu com leite de gata?! — exclamo. Barata olha-me curioso, como se me tivesse escapado o mais importante da

história.

— Depois de a Senhora Asha ter sido enviada para a Torre, o Cardan foi enviado para o Balekin — continua.

Volto a pensar no globo que segurei no gabinete de Eldred, em Cardan esfarrapado, a olhar para a mulher que está à minha frente, à espera de uma aprovação que só conseguia quando tinha um comportamento horrível. Um príncipe abandonado, alimentado com leite de gata e crueldade, deixado a vaguear pelo palácio como um pequeno fantasma. Penso em mim mesma, encolhida numa torre do Solar Oco, vendo Balekin encantar um mortal para espancar o seu irmão mais novo pela sua falta de talento para a esgrima.

— Leva-a de volta para a Torre — digo a Barata.

Arqueia as sobrancelhas.

— Não queres ouvir mais coisas sobre os teus pais?

— Agrada-lhe demasiado contar. Conseguirei extrair-lhe a informação sem tanta negociação. — Além disso, tinha deixado na terra uma semente mais importante. Bastava-me esperar para ver se crescia.

Esboça-me um meio sorriso.

— Gostas disto, não é? De fazer jogos connosco? De puxar os nossos cordéis para ver como dançamos?

— Referes-te ao Povo?

— Imagino que também gostarias com mortais, mas é connosco que tens experiência. — Não parece reprovar, mas, mesmo assim, sinto-me atacada. — E talvez alguns de nós tenham um sabor particular.

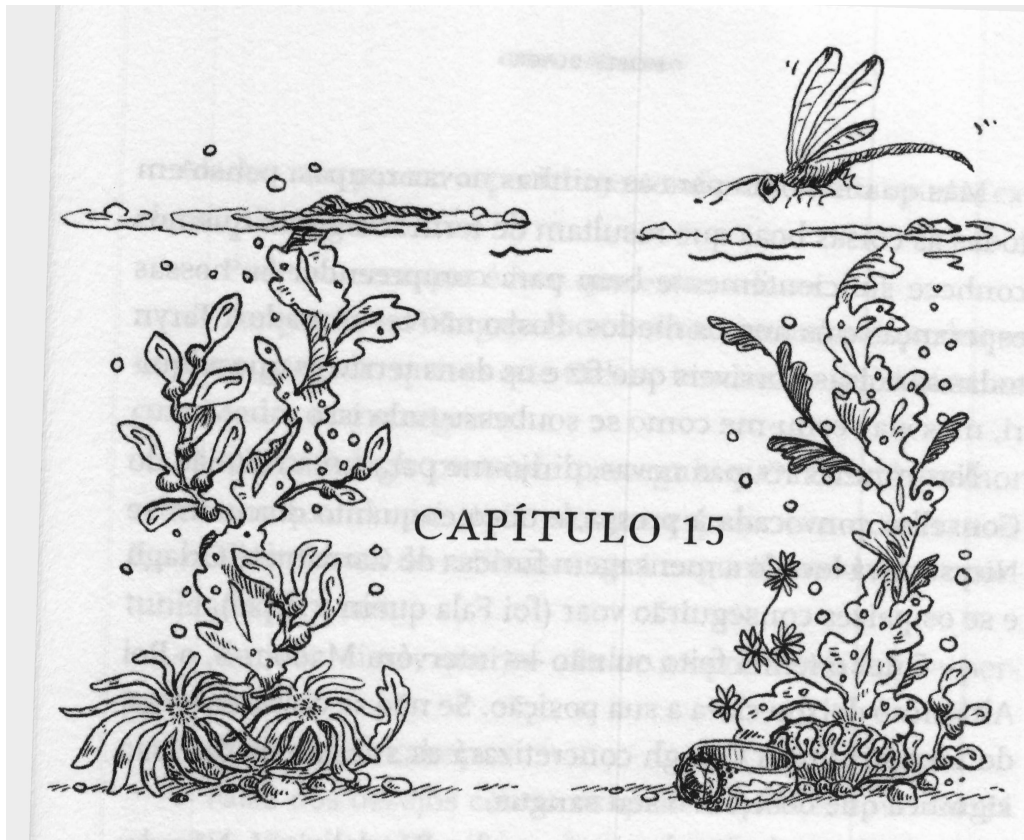
Olha-me sobre o seu nariz curvo de duende, até eu responder:

— Isso é um elogio?

Ao ouvir aquilo, o seu sorriso desabrocha.

— Não é um insulto.

Capítulo 15



Os vestidos chegam no dia seguinte, caixas deles, juntamente com sobretudos e casacos pequenos e astutos, calças de veludo e botas altas. Tudo aquilo parece ter pertencido a alguém feroz, a alguém que era, ao mesmo tempo, melhor e pior do que eu.

Enquanto me visto, Tatterfell entra. Insiste em pentear-me o cabelo e em prendê-lo com um travessão novo, esculpido com a forma de um sapo e com um cimófono como olho.

Vejo-me ao espelho num casaco de veludo preto com decorações de prata, e penso no cuidado com que Taryn terá escolhido a peça. Quero pensar nisso e em nada mais.

Uma vez, disse que me odiava um pouco por testemunhar a sua humilhação com a Nobreza. Penso se será por isso que me custa tanto esquecer o que aconteceu com Locke. Porque ela viu

e, sempre que a vejo, volto a recordar como me senti quando me fizeram de parva.

Mas quando olho para as minhas novas roupas, penso em todas as coisas boas que resultam de termos alguém que nos conhece suficientemente bem para compreender as nossas esperanças e os nossos medos. Posso não ter contado a Taryn todas as coisas horríveis que fiz e os dons terríveis que adquiri, mas ela vestiu-me como se soubesse tudo isso.

Nas minhas roupas novas, dirijo-me para uma reunião do Conselho convocada à pressa, e ouço enquanto discutem se Nicasia terá levado a mensagem furiosa de Cardan até Orlagh e se os peixes conseguirão voar (foi Fala quem o disse).

— Quer o tenha feito ou não — intervém Madoc —, o Rei Altíssimo deixou clara a sua posição. Se não se casar, teremos de assumir que a Orlagh concretizará as suas ameaças. Isso significa que desejará o seu sangue.

— Avanças muito depressa — diz Randalin. — Não deveremos considerar também que o tratado poderá continuar válido?

— Para que serve considerar isso? — pergunta Mikkel, com um olhar enviesado para Nihuar. — As Cortes Unseelie não sobrevivem de desejos.

A representante Seelie estica os lábios da sua boca pequena como a de um inseto.

— As estrelas dizem que vivemos um tempo de grande agitação — diz Baphen. — Vejo a vinda de um novo monarca, mas não sei se isto prenuncia a deposição do Cardan, o derrube da Orlagh ou a coroação da Nicasia. Não consigo perceber.

— Tenho um plano — diz Madoc. — O Oak chegará em breve a Elfhame. Quando a Orlagh enviar a sua gente atrás dele, pretendo apanhá-la.

— Não — digo, surpreendendo-os a todos e fazendo-os olhar para mim. — Não usará o Oak como isco.

Madoc não parece especialmente ofendido pela minha exclamação repentina.

— Pode parecer que é isso que estou a fazer...

— Porque é. — Arregalo-lhe os olhos, recordando todos os motivos para não querer que Oak se tornasse o Rei Altíssimo com Madoc como regente.

— Se a Orlagh pretende perseguir o Oak, será melhor sabermos quando vai atacar do que esperarmos que avance. E a melhor forma de sabermos será engendrando uma oportunidade para nós.

— Em vez disso, que tal *anular* a oportunidade? — pergunto eu.

Madoc abana a cabeça.

— Falas dos desejos contra os quais o Mikkel advertiu. Já escrevi à Vivienne. Planeiam chegar dentro de uma semana.

— O Oak não pode vir para aqui — digo. — Era mau antes, mas agora ainda é pior.

— Pensas que o mundo mortal é seguro? — troça Madoc. Pensas que as Profundezas Marinhas não vão conseguir encontrá-lo lá? O Oak é meu filho. Sou o Grande General de Elfhame e sei o que faço. Prepara o que quiseres para o protegeres, mas deixa o resto comigo. Não é o momento certo para um ataque de nervos.

Ranjo os dentes.

— Nervos?

Fixa o olhar em mim.

— É fácil arriscares a vida, não é? Aceitar o perigo. Mas, por vezes, um estratega tem de colocar outros em risco, mesmo aqueles que ama. — O seu olhar é carregado, talvez para me recordar que, outrora, o envenenei. — Para bem de Elfhame.

Mas volto a morder a língua. Não é uma conversa que possa chegar a algum lado à frente do Conselho inteiro. Sobretudo,

porque não tenho a certeza de ter razão.

Preciso de descobrir mais sobre os planos das Profundezas Marinhas e preciso de o fazer depressa. Se houver alguma alternativa a pôr a vida de Oak em risco, pretendo descobri-la.

Randalin tem mais perguntas sobre a guarda pessoal do Rei Altíssimo. Madoc quer que as Cortes baixas enviem mais do que as tropas habituais. Tanto Nihuar como Mikkell apresentam objeções. Deixo as palavras voarem à minha volta, tentando pôr ordem nos pensamentos.

Quando a reunião termina, um pajem aproxima-se com duas mensagens. Uma é de Vivi e foi enviada para o palácio. Ela pede que apareça e a leve com Oak e Heather até Elfhame, para o casamento de Taryn dentro de um dia — mais cedo até do que Madoc sugeriu. A segunda é de Cardan, convocando-me à sala do trono.

Praguejando entredentes, dirijo-me para a saída. Randalin segura-me a manga.

— Jude — diz. — Permite-me que te dê um conselho.

Penso se estarei prestes a ser repreendida.

— A senescal não é apenas a voz do rei — diz. — É também as suas mãos. Se não te agrada trabalhar com o general Madoc, nomeia um novo Grande General que não tenha cometido atos de traição.

Sabia que Randalin se desentendia muitas vezes com Madoc nas reuniões do Conselho, mas não fazia ideia de que queria eliminá-lo. E, no entanto, não confio mais em Randalin do que confio em Madoc.

— Uma sugestão interessante — digo, esperando fazê-lo em tom neutro antes de me afastar.



Cardan está deitado de lado no trono quando entro, com uma das longas pernas pendurada sobre o apoio do braço.

Convivas sonolentos ainda se divertem no salão, à volta de mesas que continuam cobertas com delícias empilhadas. O cheiro a terra acabada de remexer, e a vinho acabado de entornar, paira no ar. Enquanto me dirijo para o estrado, vejo Taryn a dormir num tapete. Um rapaz fada que não conheço dormita a seu lado. As suas asas compridas de libélula palpitam de vez em quando, como se sonhasse que voa.

Locke está bem acordado, sentado na ponta do estrado, enquanto grita aos músicos.

Frustrado, Cardan move-se, pousando os dois pés no chão.

— Qual é o problema aqui, afinal?

Um rapaz com pernas de veado avança. Reconheço-o do festim da Lua do Caçador, onde tocou. A sua voz treme quando fala.

— Perdão, Majestade. A minha lira foi roubada.

— Então o que discutimos? — pergunta Cardan. — Uma lira está aqui ou não está, não é assim? Se desapareceu, que seja um violinista a tocar.

— Ele roubou-a. — O rapaz aponta um dos outros músicos, com cabelo como relva.

Cardan vira-se para o ladrão com um esgar impaciente.

— A *minha* lira tinha cordas feitas com o cabelo de belos mortais que tiveram mortes trágicas na juventude — gagueja a fada com cabelo de relva. — Demorei décadas a construí-la e não era fácil de manter. As vozes mortais cantavam com pesar quando a tocava. Até a si o faria chorar, se me permite dizê-lo.

Cardan faz um gesto impaciente.

— Se já paraste com a bazófia, podes dizer onde queres chegar? Não perguntei pelo *teu* instrumento e sim pelo *dele*.

A fada com cabelo de relva parece corar e o verde da sua pele escurece — suponho que não será mesmo a cor da sua pele e sim do seu sangue.

— Pediu-o emprestado numa noite — diz, apontando o rapaz-veado. — Depois disso, ficou obcecado e não desistiu até a destruir. Só lhe roubei a *lira* como compensação. Mesmo sendo inferior, preciso de tocar alguma coisa.

— Devias castigá-los aos dois — diz Locke. — Por importunarem o Rei Altíssimo com uma questão tão trivial.

— E então? — Cardan vira-se para o rapaz que se queixou da lira roubada. — Devo pronunciar o meu julgamento?

— Ainda não, suplico-lhe — diz o rapaz-veado, com as orelhas a palpar com os nervos. — Quando toquei a lira dele, as vozes dos que deram o cabelo para as cordas falaram-me. Eram eles os verdadeiros donos da lira. E, quando a destruí, salvei-os. Estavam presos, percebe?

Cardan afunda-se no trono, inclinando a cabeça para trás, em frustração, e entortando a coroa.

— Basta — diz. — São os dois ladrões e sem especial talento.

— Mas não percebe o tormento, os gritos... — O rapaz-veado cobre a boca com uma mão, recordando que está perante o Rei Altíssimo.

— Nunca ouviste dizer que a virtude é a sua *própria* recompensa? — pergunta Cardan, com agrado. — É porque não há qualquer *outra* recompensa.

O rapaz raspa o casco no chão.

— Roubaste uma lira e a tua lira foi roubada como retribuição — diz Cardan em voz baixa. — Existe nisso alguma justiça. — Vira-se para o músico com cabelo de relva. — E tu fizeste justiça pelas próprias mãos, o que me faz presumir que o desfecho te satisfaz. Mas irritaram-me os dois. Dá-me esse instrumento.

Parecem os dois desagradados, mas o músico com cabelo de relva avança e entrega a lira a um guarda.

— Tocarão os dois e quem tocar melhor ficará com ela. Porque a arte é mais do que virtude ou defeito.

Subo os degraus com cuidado, enquanto o rapaz-veado começa a tocar. Não esperei que Cardan se importasse o suficiente para ouvir os músicos e não consigo decidir se a sua decisão foi brilhante ou se ele será apenas um parvo. Mais uma vez, temo ler nas suas ações o que quero que seja verdade.

A música é penetrante, vibrando-me sobre a pele e pelos ossos adentro.

— Majestade — digo. — Chamaste-me?

— Ah, sim. — O seu cabelo asa de corvo cai-lhe sobre um olho. — Estamos em guerra?

Por um momento, penso que falará de nós.

— Não — respondo. — Pelo menos, até à próxima lua cheia.

— Não podes enfrentar o mar — diz Locke, filosófico.

Cardan ri-se.

— É possível enfrentar qualquer coisa. Mas vencer é outra conversa. Não é verdade, Jude?

— A Jude é uma verdadeira vencedora — diz Locke, com um sorriso. A seguir, olha para os músicos e bate as palmas das mãos. — Basta. Troquem.

Vendo que Cardan não contradiz o seu Mestre de Festins, o rapaz-veado entrega a lira à fada de cabelo de relva, com relutância. Música nova enche a colina, uma melodia desvairada para me acelerar o coração.

— Estavas de saída — digo a Locke.

Sorri.

— Descobri que estou muito confortável aqui — diz Locke. — Decerto, não terás nada a dizer ao rei que seja tão pessoal ou privado.

— É uma pena que nunca descubras. Vai. Agora. — Penso no conselho de Randalin, na forma como me recordou que tenho poder. Talvez tenha, mas continuo incapaz de me livrar do Mestre de Festins durante meia hora. E muito menos de um Grande General que é também, mais ou menos, o meu pai.

— Sai — diz Cardan a Locke. — Não a chamei aqui para *teu* prazer.

— Não és nada generoso. Se te importasses realmente comigo, tê-lo-ias feito — diz Locke, enquanto desce o estrado.

— Leva a Taryn a casa — digo-lhe, enquanto se afasta. É só ela quem me impede de o esmurrar na cara.

— Penso que ele gosta de ti assim — diz Cardan. — Corada e furiosa.

— Não me importam os seus gostos — exclamo.

— Parece-me que há muita coisa que *não* te importa. — A sua voz é seca e, quando olho para ele, não consigo ler-lhe a expressão.

— Porque estou aqui? — pergunto.

Atira as pernas para o lado e levanta-se do trono.

— Tu. — Aponta para o rapaz-veado. — Tens sorte hoje. Leva a lira. Que nenhum dos dois volte a chamar-me a atenção. — Enquanto o rapaz-veado faz uma vénia e a fada com cabelo de relva começa a amuar, Cardan vira-se para mim: — Vem.

Ignorando a sua altivez com alguma dificuldade, sigo-o quando contorna o trono e desce o estrado, até uma pequena porta na parede de pedra, meio escondida por uma hera. Nunca estive ali antes.

Cardan afasta a hera e entramos.

É uma divisão pequena, sendo óbvio que foi pensada para encontros e nomeações íntimos. As paredes estão cobertas de musgo, com pequenos cogumelos luminosos espalhados por elas acima, e projetando sobre nós uma pálida luz branca. Há um

sofá baixo em que as pessoas se podem sentar ou reclinar, consoante a situação.

Estamos sozinhos como há muito tempo não estamos e, quando ele dá um passo em direção a mim, o meu coração para.

As sobancelhas de Cardan erguem-se.

— O meu irmão enviou-me uma mensagem. — Tira-a do bolso e desdobra-a.

***Se queres salvar o teu pescoço, visita-me.
E põe uma trela na tua senescal.***

— Portanto — diz ele, estendendo-me a mensagem. — Que tens feito?

Suspiro de alívio. Asha não demorou muito a transmitir a Balekin a informação que lhe dei, e Balekin não demorou a agir. Um ponto para mim.

— Impedi que recebesses algumas mensagens admito.

— E decidiste não falar delas. — Cardan olha-me sem especial rancor, mas não propriamente agradado. — Tal como decidiste não me falar das reuniões do Balekin com a Orlagh ou dos planos da Nicasia para mim.

— Ouve, claro que o Balekin te quer ver — digo, tentando desviar o rumo da conversa para longe da sua lista tristemente incompleta de coisas que não lhe disse. — És o irmão dele, que ele albergou em sua casa. És a única pessoa que tem poder suficiente para libertá-lo. Pensei que, se estivesses na disposição para perdoar, poderias falar com ele quando quisesses. Não precisarias dos seus incentivos.

— Então, o que mudou? — pergunta, agitando-me o papel. Parece irritado. — Porque me foi permitido receber isto?

— Dei-lhe uma fonte de informação — digo. — Uma que posso influenciar.

— E devo responder a esta pequena mensagem?

— Ordena que to tragam acorrentado. — Tiro-lhe o papel e enfio-o no bolso. — Interessa-me saber o que pensa que pode conseguir de ti com uma pequena conversa, sobretudo porque não sabe que conhecemos os seus laços com as Profundezas Marinhas.

Cardan semicerra os olhos. O pior é que volto a enganá-lo, sem motivo válido. Escondo que a minha fonte de informação, a que posso influenciar, é a sua mãe.

Pensei que querias que fizesse isto à minha maneira, quero dizer. Pensei que devia governar e tu devias divertir-te e mais nada.

— Desconfio que tentará gritar comigo até lhe dar o que quer — diz Cardan. — Talvez seja possível arrancar-lhe alguma informação. Possível, mas não provável.

Aceno com a cabeça e a parte conspirativa do meu cérebro, treinada com jogos de estratégia, oferece-me uma manobra.

— A Nicasia sabe mais do que diz. Obriga-a a dizer o resto e usa isso contra o Balekin.

— Sim. Bem... Acho que não seria politicamente aceitável torturar uma princesa do mar.

Volto a olhar para ele, para a sua boca macia e para as suas maçãs do rosto altas, para a beleza cruel da sua cara.

— Não uses tortura. Usa os teus dotes. Procura a Nicasia e usa o teu charme.

Ergue as sobrancelhas.

— Vamos — digo. O plano solidifica-se na minha cabeça, enquanto falo. É um plano que odeio tanto quanto sei que será eficaz. — De cada vez que te vejo, estás coberto de um rol de cortesãos.

— Sou o *rei* — diz.

— Já te cobriam antes disso. — Frustra-me ter de explicar isto. Decerto saberá como o Povo lhe reage.

Faz um gesto impaciente.

— Quando era só o *príncipe*?

— Usa a astúcia — digo, exasperada e envergonhada. — De certeza que tens alguma. Ela deseja-te. Não será difícil.

As sobrancelhas dele sobem ainda mais.

— A sério que sugeres que faça isso?

Inspiro, percebendo que vou ter de o convencer de que funcionará. E que sei algo que o vai convencer.

— Foi a Nicasia quem veio pela passagem e disparou contra aquela rapariga que beijavas — digo.

— Dizes que tentou matar-me? — pergunta. — A sério, Jude. Quantos segredos escondes?

Volto a pensar na mãe dele e mordo a língua. Demasiados.

— A rapariga era o alvo, não tu. Encontrou-te na cama com alguém, ficou com ciúmes e disparou duas vezes. Infelizmente para ti, mas felizmente para toda a gente, a pontaria dela é terrível. Acreditas agora que te deseja?

— Não sei em que acreditar — diz ele. A sua irritação é inegável. Talvez esteja irritado com ela ou comigo. Ou com ambas.

— Quis surpreender-te na cama. Dá-lhe o que quer e consegue a informação de que precisamos para evitar uma guerra.

Aproxima-se de mim, ficando tão perto que sinto a respiração dele no meu cabelo.

— Isso é uma ordem?

— Não — digo, sobressaltada e incapaz de o olhar. — Claro que não.

Os dedos dele seguram-me o queixo, inclinando-me a cabeça até ficar a olhar para os seus olhos pretos, inundados de raiva incandescente.

— Achas apenas que devo fazê-lo. Que posso. Que conseguiria. Muito bem, Jude. Diz-me como se faz. Achas que gostaria se me aproximasse dela assim, se fixasse os meus olhos nos dela?

Todo o meu corpo está alerta, despertado por um desejo doentio de intensidade embaraçosa.

Ele sabe. Sei que sabe.

— É provável — digo. A minha voz sai-me um pouco trémula. — Faz o que costumavas fazer.

— Vamos — diz ele com a voz repleta de uma fúria mal controlada. — Se queres que me prostitua, aconselha-me, pelo menos.

Os seus dedos com anéis deslizam pela minha bochecha, acompanhando a linha dos meus lábios e descendo-me pelo pescoço. Sinto-me zozna e esmagada pela emoção.

— Devo tocar-lhe assim? — pergunta, semicerrando os olhos. As sombras delineiam-lhe a cara, pondo as suas maçãs do rosto em evidência.

— Não sei — digo, mas a minha voz trai-me. O tom é errado, agudo e ofegante.

Aproxima a boca da minha orelha e beija-me. As mãos dele deslizam sobre os meus ombros, arrepiando-me.

— E depois assim? É assim que devo seduzi-la? — Sinto a boca dele pronunciar as palavras sussurradas contra a minha pele. — Achas que funcionaria?

Cravo as unhas na palma da mão para não me encostar a ele. O meu corpo inteiro treme com tensão.

— Sim.

A seguir, a sua boca cobre a minha e os meus lábios abrem-se. Fecho os olhos para não ver o que estou prestes a fazer. Os meus dedos esticam-se para se prenderem nos caracóis negros do seu cabelo. Não me beija como se estivesse furioso. O seu beijo é macio, ávido.

Tudo abranda, tornando-se líquido e quente. Mal consigo pensar.

Desejei isto, temi-o, e agora está a acontecer. Não sei como conseguirei desejar outra coisa qualquer.

Cambaleamos para o sofá baixo. Deita-me sobre as almofadas e puxo-o sobre mim. A expressão dele reflete a minha. Surpresa e um pouco de horror.

— Diz-me outra vez o que disseste no festim — diz ele, cobrindo-me e pressionando o corpo contra o meu.

— O quê? — Mal consigo pensar.

— Que me odeias — diz ele com voz rouca. — Diz-me que me odeias.

— Odeio-te — digo. As palavras saem-me como uma carícia. Repito-o uma e outra vez. Uma litania. Um encantamento. Uma proteção contra aquilo que realmente sinto. — Odeio-te. Odeio-te. Odeio-te.

Beija-me com mais força.

— Odeio-te — sussurro para dentro da boca dele. — Odeio-te tanto que, às vezes, não consigo pensar em mais nada.

Ele emite um grunho rouco e profundo.

Uma das mãos dele desliza sobre a minha barriga, desenhando-me na pele. Volta a beijar-me e é como cair de um penhasco. Como deslizar pela encosta de uma montanha, ganhando velocidade a cada toque, até não haver nada à minha frente além da queda destrutiva.

Nunca senti nada assim.

Começa a desabotoar-me o gibão e tento não ficar paralisada, tento não mostrar a minha inexperiência. Não quero que pare.

Parece uma *geas*. Tem todo o prazer sinistro de sair de casa às escondidas, toda a satisfação revoltante de roubar. Recorda-

me o momento antes de trespassar a mão com uma lâmina, espantada pela minha capacidade de me trair a mim própria.

Levanta-se para despir o seu casaco e tento livrar-me do meu. Olha para mim e pestaneja, como se me visse através de um nevoeiro.

— Isto é uma ideia absolutamente terrível — diz, com uma espécie de espanto na voz.

— Sim — digo-lhe, sacudindo as botas dos pés.

Visto collants, e não sei se há uma forma elegante de os despir. Não consigo encontrar uma. Presa no tecido, sentindo-me tola, percebo que conseguiria parar aquilo naquele momento. Poderia pegar nas minhas coisas e ir-me embora. Mas não o faço.

Puxa a camisa pela cabeça com um movimento elegante, expondo pele e cicatrizes. As minhas mãos tremem. Prende-as e beija-me os nós dos dedos com uma espécie de reverência.

— Quero dizer-te tantas mentiras — diz.

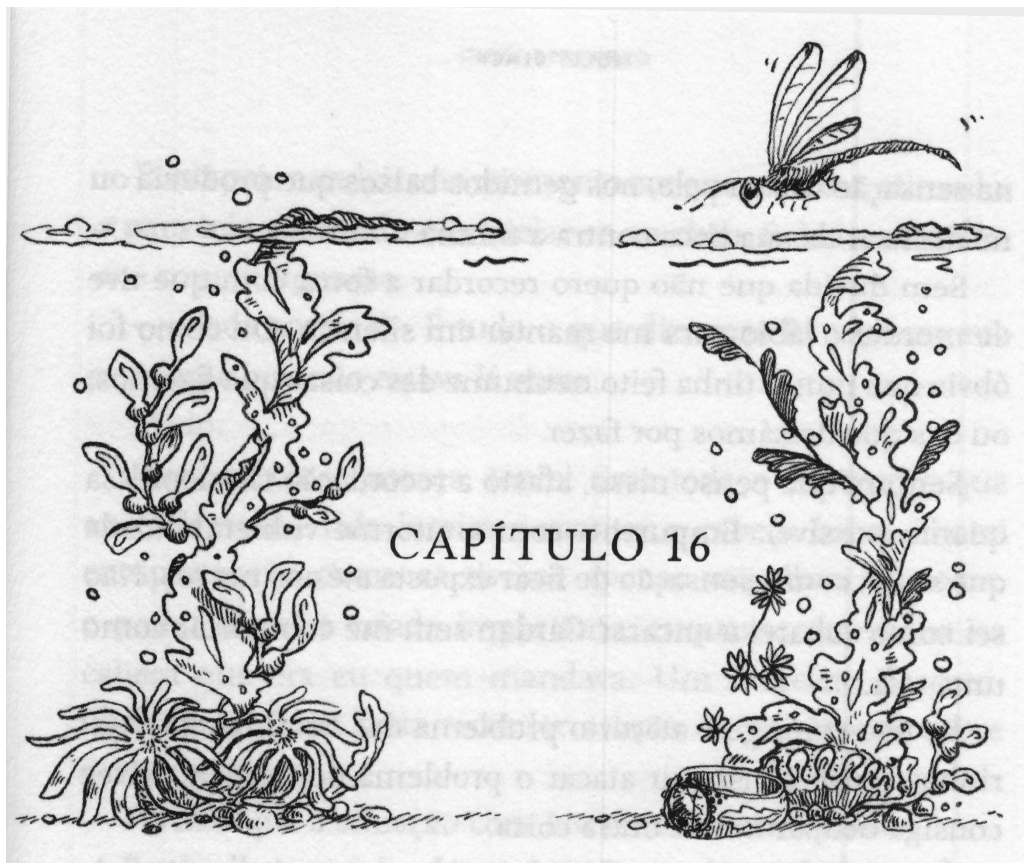
Estremeço, e o meu coração palpita à medida que as suas mãos se movem sobre a minha pele, uma delas deslizando-me entre as coxas. Imito-o, atrapalhando-me com os botões das suas calças. Ajuda-me a puxá-las para baixo. A sua cauda enrola-se contra a perna e torce-se para se encostar à minha, suave como um sussurro. Estendo a mão para lhe tocar na sua barriga lisa. Não me deixo hesitar, mas a minha inexperiência é óbvia. A pele dele está quente sob os meus dedos, contra os meus calos. Já os dedos dele são demasiado conhecedores.

Sinto que me afogo em sensações.

Tem os olhos abertos, observando a minha cara corada e a minha respiração irregular. Tento impedir-me de fazer ruídos embaraçosos. Ser olhada daquela forma é mais íntimo do que a forma como me toca. Odeio que saiba o que faz e eu não. Odeio ser vulnerável. Odeio a forma como atiro a cabeça para trás, expondo a garganta. Odeio a forma como me abraço a ele, cravando-lhe as unhas nas costas, os pensamentos a

estilhaçarem-se e a última coisa que me passa pela cabeça: que gosto mais dele do que alguma vez gostei de alguém e que, entre todas as coisas que me fez, fazer-me gostar tanto dele é a pior.

Capítulo 16



Uma das coisas mais difíceis de fazer como espia, como estratega ou apenas como pessoa é esperar. Recordo as lições de Fantasma, em que me fazia passar horas sentada com uma besta nas mãos sem me poder distrair, esperando a oportunidade para o disparo perfeito.

Uma boa parte da vitória é esperar.

Mas a outra parte é disparar quando a oportunidade surge. Libertar todo esse ímpeto acumulado.

De volta aos meus aposentos, recordo isso a mim mesma. Não posso sucumbir a distrações. No dia seguinte, preciso de ir buscar Vivi e Oak ao mundo mortal, e preciso de conceber um plano melhor do que o de Madoc, ou uma forma de tornar o plano de Madoc mais seguro para Oak.

Concentro-me no que direi a Vivi, em vez de pensar em Cardan. Não quero recordar o que aconteceu entre nós. Não quero pensar na forma como os seus músculos se moviam, na sensação da sua pele, nos gemidos baixos que produzia ou no deslizar da sua boca contra a minha.

Sem dúvida que não quero recordar a força com que tive de morder o lábio para me manter em silêncio. Ou como foi óbvio que nunca tinha feito nenhuma das coisas que fizemos, ou das que deixámos por fazer.

Sempre que penso nisso, afasto a recordação tão depressa quanto possível. Empurro-a com a enorme vulnerabilidade que sinto, com a sensação de ficar exposta até aos nervos. Não sei como voltarei a encarar Cardan sem me comportar como uma tola.

Se não conseguir atacar o problema das Profundezas Marinhas e não conseguir atacar o problema de Cardan, talvez consiga ocupar-me de outra coisa.

É um alívio vestir um fato de tecido escuro, botas altas de couro e prender lâminas aos pulsos e às canelas. É um alívio fazer alguma coisa física, atravessar a floresta e avançar sorrateiramente até uma casa mal guardada. Quando um dos residentes entra, a minha faca está na sua garganta antes de ele sequer poder falar.

— Locke — digo com doçura. — Estás surpreendido?

Vira-se para mim. O sorriso cativante vacila.

— Minha flor. Que é isto?

Após um momento de espanto, percebo que acha que sou Taryn. Não conseguirá mesmo distinguir-nos?

Um buraco amargo onde deveria ter o meu coração fica agradado por essa possibilidade.

— Se achas que a minha irmã te encostaria uma faca à garganta, talvez devas adiar as núpcias — digo-lhe, recuando um

passo e apontando-lhe uma cadeira com a ponta da faca. —
Senta-te.

Pontapeio a cadeira no momento em que se senta, atirando-a para trás e fazendo-o estatelar-se no chão. Rebola, olhando-me com indignação.

— Nada cortês — É tudo o que diz, mas há algo na sua expressão que não estava lá antes.

Medo.

Durante cinco meses, tentei usar toda a contenção que aprendi numa vida inteira a manter a cabeça baixa. Tentei comportar-me como se tivesse apenas migalhas de poder, o poder de uma criada importante, enquanto mantinha na cabeça que era eu quem mandava. Um exercício de equilíbrio que me fazia recordar a lição de Val Moren sobre o malabarismo.

Permiti que a situação com Locke se descontrolasse.

Ponho-lhe um pé sobre o peito, pressionando um pouco para lhe recordar que, se pontapear com força, conseguirei rachar osso.

— Estou cansada de cortesia. Não vamos jogar jogos de palavras ou inventar enigmas. Humilhar o Rei Altíssimo é má ideia. Humilhar-me é uma ideia terrível. Enganares a minha irmã é apenas estúpido. Pensavas, talvez, que estava *ocupada* demais para me vingar? Bem, Locke, quero que percebas que, para ti, *encontrarei tempo*.

A sua cara empalidece. É evidente que não sabe o que pensar de mim naquele momento. Sabe que apunhalei Valerian, mas não sabe que o matei ou que voltei a matar desde então. Não faz ideia de que me tornei espia e, depois, mestra de espiões. Até o duelo de espadas com Taryn foi algo de que só ouviu falar.

— Eleger-te Rainha da Folia foi uma brincadeira — diz Locke, olhando-me do chão, com uma espécie de apreço nos seus olhos de raposa, um pequeno sorriso no canto da boca, como se me convidasse a sorrir com ele. — Vamos, Jude. Deixa-me levantar. Queres mesmo que acredite que me farias mal?

A doçura na minha voz é fingida.

— Certa vez, acusaste-me de jogar o grande jogo. Que lhe chamaste? «Um jogo de reis e príncipes, de rainhas e coroas»? Mas, para jogá-lo bem, não posso ter piedade.

Começa a levantar-se, mas pressiono mais com o pé e ajeito os dedos sobre o punho da faca. Para de se mexer.

— Sempre gostaste de histórias — recordo-lhe. — Disseste que querias criar as centelhas das histórias. Bem, a história de uma gémea que mata o prometido da sua irmã é boa, não te parece?

Fecha os olhos e estende as mãos vazias.

— Paz, Jude. Talvez tenha avaliado mal as cartas. Mas não acredito que queiras assassinar-me por isso. A tua irmã ficaria devastada.

— É preferível nunca se casar a ficar viúva — digo, tirando-lhe o pé do peito. Levanta-se devagar, sacudindo o pó. Quando volta a ficar de pé, olha em redor como se não reconhecesse a sua própria mansão depois de a ver do chão.

— Tens razão — continuo. — Não quero fazer-te mal. Seremos família. Serás meu irmão e eu tua irmã. Sejamos amigos. Mas, para isso, preciso que me faças algumas coisas.

» Primeiro, para de tentar deixar-me desconfortável. Não continues a tentar transformar-me numa personagem dos teus dramas. Escolhe outro alvo para teceres as tuas histórias

» Em segundo lugar, qualquer que seja o teu problema com o Cardan, o que te tiver motivado a provocá-lo com tanto empenho, o que te tiver feito pensar que seria divertido roubar-lhe a amante e desprezá-la por uma rapariga mortal — como se quisesses mostrar-lhe que a coisa que mais adorava não valia nada para ti —, esquece-o. O que te tiver feito eleger-me Rainha da Folia para o atormentar com sentimentos que suspeitavas que ele tinha, põe isso para trás. É o Rei Altíssimo e é perigoso demais.

— Perigoso — repete —, mas *divertido*.

Não sorrio.

— Humilha o rei diante da Corte, e os cortesãos espalharão rumores. Os seus súbditos esquecerão que devem temê-lo. Em breve, as Cortes menores acreditarão que conseguem enfrentá-lo.

Locke tenta endireitar a cadeira partida, encostando-a a uma mesa próxima, quando se torna claro que não voltará a ficar de pé sozinha.

— Muito bem, estás irritada comigo. Mas pensa. Podes ser a senescal do Cardan, e é evidente que o fascinaste com as tuas ancas e lábios e pele quente mortal, mas eu sei que, no teu coração, continuas a odiá-lo, independentemente do que te tiver prometido. Adorarias vê-lo humilhado diante da sua Corte inteira. Se não tivesses sido vestida com farrapos e se não se tivessem rido de ti, perdoar-me-ias todo o mal que te fiz apenas por orquestrar isso.

— Enganas-te — digo-lhe.

Sorri.

— Mentirosa.

— Mesmo que me tenha agradado — digo —, tem de acabar.

Parece avaliar a minha seriedade e aquilo de que serei capaz. Tenho a certeza de que vê a rapariga que trouxe para casa, a que beijou e enganou. Pensará, talvez não pela primeira vez, como consegui ser nomeada senescal, como consegui deitar as mãos à coroa de Elfhame para fazer o meu irmão mais novo pô-la na cabeça de Cardan.

— A última coisa é esta — digo. — Serás fiel à Taryn. Depois de casarem, se quiseres ter amantes, ela terá de estar contigo quando o fizeres e terá de lhe agradar. Se não for divertido para todos os envolvidos, não acontecerá.

Olha para mim sem pestanejar.

— Acusas-me de não gostar da tua irmã? — pergunta.

— Se acreditasse mesmo que não gostas da Taryn, não estaríamos a ter esta conversa.

Suspira profundamente.

— Porque me matarias?

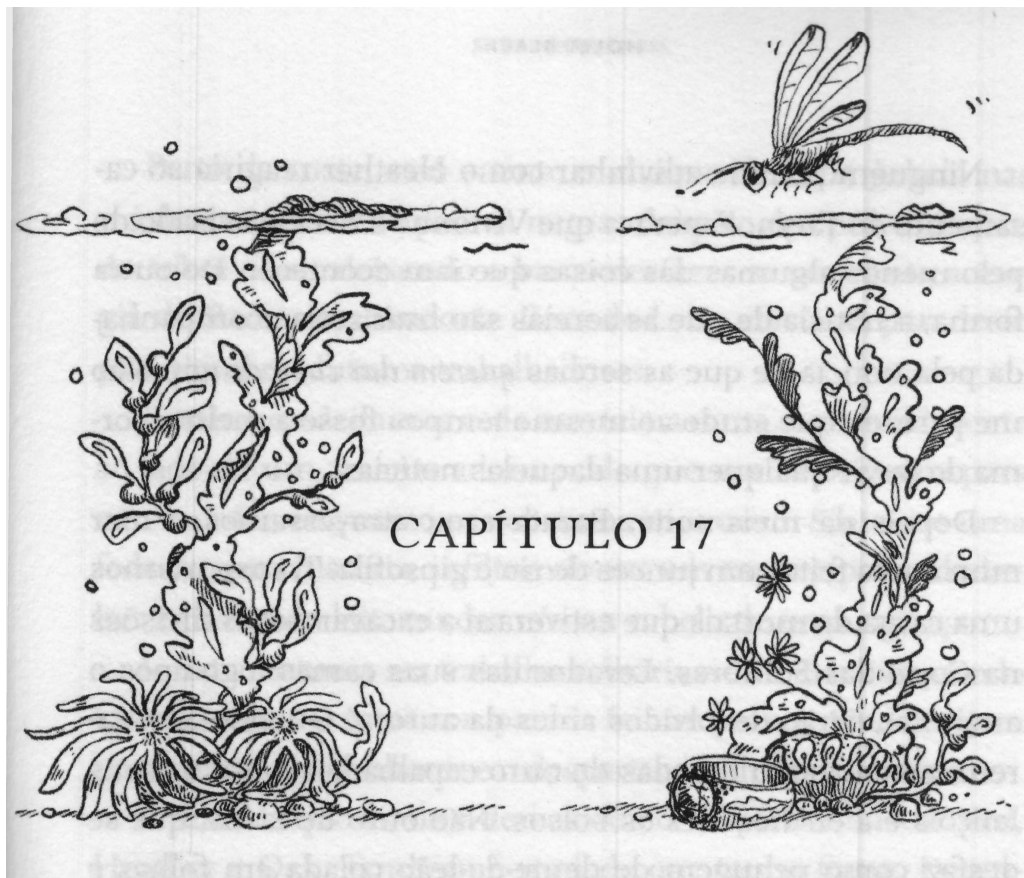
— Se troçares da Taryn, o Madoc matar-te-á. Nem sequer terei uma oportunidade.

Embainho a faca e dirijo-me para a porta.

— Talvez a tua família ridícula fique surpreendida quando descobrir que nem tudo pode ser resolvido com morte — diz Locke, enquanto me afasto.

— *Ficaríamos* surpreendidos se o descobríssemos — respondo.

Capítulo 17



Nos cinco meses desde a partida de Vivi e Oak, visitei o mundo mortal apenas duas vezes. Uma para os ajudar a preparar o apartamento, e outra para participar num jantar formal que a Heather organizou para o aniversário de Vivi. Fiquei sentada com Taryn na ponta de um sofá, as duas desconfortáveis enquanto comíamos queijo com azeitonas oleosas e bebíamos pequenos goles de Shiraz que as amigas de Heather permitiam, porque «não tínhamos idade para beber». Passei a noite toda com os nervos em franja, a pensar no que estaria a acontecer durante a minha ausência.

Madoc enviou um presente para Vivi, e Taryn transportou-o pelo mar, obediente. Era um prato dourado de sal que nunca se esvaziava. Depois de virado, voltava a ficar cheio. Achei que era

um presente enervante, mas Heather só se rira, como se fosse um qualquer tipo de engenhoca com um fundo falso.

Não acreditava em magia.

Ninguém poderia adivinhar como Heather reagiria ao casamento de Taryn. Esperava que Vivienne a tivesse avisado de pelo menos algumas das coisas que iam acontecer. De outra forma, a notícia de que as sereias são *reais* seria acompanhada pela notícia de que as sereias *querem dar cabo de nós*. Não me pareceu que «tudo ao mesmo tempo» fosse a melhor forma de ouvir qualquer uma daquelas notícias.

Depois da meia-noite, Barata e eu atravessamos o mar num barco feito com juncos de rio e gipsófila. Transportamos uma carga de mortais que estiveram a escavar novas divisões na Corte das Sombras. Levados das suas camas logo após o anoitecer, serão devolvidos antes da aurora. Quando acordarem, encontrarão moedas de ouro espalhadas sobre os seus lençóis e a encher-lhes os bolsos. Não ouro de fadas, que se desfaz como penugem de dente-de-leão colada em folhas e pedras, mas ouro real. O salário de um mês por uma única noite roubada.

Podem pensar que não tenho coração por permitir isto, e mais ainda por o ordenar. Talvez não tenha. Mas eles fizeram um acordo, mesmo que não tenham percebido com quem o faziam. E posso garantir que, além do ouro, tudo o que terão de manhã será exaustão. Não recordarão a sua viagem a Elfhame e não os levaremos duas vezes.

Na viagem, sentam-se em silêncio no barco, perdidos em sonhos, enquanto as ondas do mar e o vento nos impelem em diante. No alto, Boca-de-Lobo acompanha-nos, atento a problemas. Olho para as ondas e penso em Nicasia, imaginando mãos com membranas interdigitais a agarrarem-se às laterais do barco e o Povo do mar a subir a bordo.

Não podes enfrentar o mar, disse Locke. Espero que esteja enganado.

Perto da costa, saio e sinto o choque da água gelada nas minhas canelas e as pedras negras debaixo dos pés, avançando

sobre elas e deixando o barco desfazer-se enquanto a magia de Barata o abandona. Boca-de-Lobo afasta-se para leste para procurar futuros trabalhadores.

Barata e eu deitamos cada mortal na cama, ocasionalmente ao lado de um amante adormecido que nos esforçamos para não acordar, enquanto os cobrimos com ouro. Sinto-me uma fada de uma história, infiltrando-me em casas e podendo beber as natas do leite ou dar nós no cabelo de uma criança.

— Isto costuma ser trabalho solitário — diz Barata, quando terminamos. — A tua companhia foi um prazer. Ainda restam horas entre o amanhecer e o despertar... Vem cear comigo.

É verdade que ainda é demasiado cedo para ir buscar Vivi, Heather e Oak. Também é verdade que tenho fome. Desenvolvi uma tendência para adiar refeições até estar faminta. Sinto-me um pouco como uma cobra — ou a morrer de fome ou a engolir um rato inteiro.

— Está bem.

Barata sugere uma cafetaria. Não lhe digo que nunca estive numa. Em vez disso, sigo-o através da floresta. Saímos perto de uma autoestrada. Do outro lado, há um edifício muito iluminado, a brilhar com cromados. Junto a ele, uma placa proclama que está aberto 24 horas por dia, e o parque de estacionamento é enorme — suficientemente grande para ter vários camiões lá estacionados. Àquela hora da manhã, quase não há trânsito, conseguimos atravessar a autoestrada sem dificuldade.

No interior, enfio-me obediente na cabina que escolhe. Estala os dedos e a pequena caixa ao lado da nossa mesa ganha vida, jorrando música. Dou um salto de surpresa e ele ri-se.

Uma empregada vem à mesa com uma caneta de tampa muito roída presa atrás da orelha, tal como nos filmes.

— Alguma coisa para beber? — pergunta. As palavras fundem-se e demoramos um momento a perceber que fez uma pergunta.

— Café — diz Barata. — Negro como os olhos do Rei Altíssimo de Elfhame.

A empregada fica a olhar para ele durante um longo momento e rabisca qualquer coisa no seu bloco antes de se virar para mim.

— A mesma coisa — digo, sem saber que mais terão.

Depois de se ir, abro a ementa e olho para as imagens.

Descubro que têm *tudo*. Montanhas de comida. Asas de frango, garridas e brilhantes, ao lado de pequenos potes de molho branco. Uma pilha de batatas fritas coberta com salsichas tostadas e ovos borbulhantes. Bolos de trigo maiores do que a minha mão aberta, barrados com manteiga e doce.

— Sabias — pergunta Barata — que a tua gente acreditava que o Povo veio roubar a capacidade da comida mortal ser sadia?

— E fizeram-no? — pergunto com um sorriso.

Encolhe os ombros.

— Há truques que podem ter-se perdido com o tempo. Mas reconheço que a comida mortal possui muita substância.

A empregada regressa com café quente e eu aqueço as mãos na chávena, enquanto Barata pede batatas fritas e asas de frango com molho, um hambúrguer e um batido. Peço uma omeleta com cogumelos e algo chamado queijo *pepper jack*.

Ficamos sentados em silêncio durante algum tempo. Vejo Barata a abrir pacotes de açúcar e a despejá-los na chávena. Não faço o mesmo com a minha. Estou habituada às bebidas com nata batida que Vivi costumava trazer-me, mas há algo muito revigorante e satisfatório em beber café assim, quente e amargo.

Negro como os olhos do Rei Altíssimo de Elfhame.

— Então — diz Barata. — Quando falarás ao rei da sua mãe?

— Ela não quer que o faça — respondo.

Barata franze a testa.

— Fizeste melhorias na Corte das Sombras. És jovem, mas és ambiciosa de uma forma que talvez só os jovens consigam ser. Julgo-te por três coisas e apenas por essas três coisas — a tua franqueza connosco, a tua capacidade e aquilo que queres para o mundo.

— Onde encaixa a senhora Asha em tudo isso? — pergunto, enquanto a empregada regressa com a nossa comida. — Porque já sinto que encaixa. Não começaste com essa pergunta por acaso.

A minha omeleta é enorme, feita com os ovos de uma ca-poeira inteira. Os meus cogumelos são idênticos, como se alguém tivesse moído cogumelos reais para encher moldes com forma de cogumelo. É também esse o sabor que têm. Com a comida de Barata empilhada do outro lado, a mesa não demora a ficar cheia.

Morde uma asa e passa a língua preta sobre os lábios.

— O Cardan faz parte da Corte das Sombras. Podemos enganar o mundo, mas não nos enganamos uns aos outros. Esconder mensagens ao Balekin é uma coisa. Mas a mãe dele... Ele pelo menos sabe que ela não morreu?

— Escreves-lhe uma tragédia sem motivo — digo. — Não temos motivos para acreditar que não sabe. E não é um de nós. Não é um espião.

Barata morde o último pedaço de cartilagem sobre os ossos de frango, estalando-a entre os dentes. Comeu-as todas e, afastando o prato, começa a comer os pickles.

— Fizeste um acordo comigo para o treinar e tomei-o sob a minha alçada. Truques. Pequenos furtos. Pequenas magias. Tem talento.

Recordo a moeda que lhe dançava entre os dedos longos enquanto se reclinava nos restos queimados dos seus aposen-

tos. Arregalo-lhe os olhos.

Limita-se a rir.

— Não me olhes assim. Foste tu quem fez o acordo.

Mal me lembro dessa parte, tão empenhada que estava em convencer Cardan a aceitar um ano e um dia de serviço. Se me jurasse lealdade, conseguiria sentá-lo no trono. Prometi-lhe muito mais do que lições de espionagem.

Mas quando penso na noite em que dispararam contra ele, na noite em que fez truques com a moeda, não consigo impedir-me de o recordar deitado na minha cama, inebriado e inebriante de um modo perturbador.

Beija-me até me fartar.

— E agora está a fazer a sua encenação, não é? — continua Barata. — Porque se ele é o legítimo Rei Altíssimo de Elfhame, que deveremos seguir até ao fim dos dias, então fomos um pouco desrespeitadores por governarmos o reino por ele. Mas se isto for uma encenação, ele é sem dúvida um espião e melhor do que a maioria de nós. O que significa que faz parte da Corte das Sombras.

Acabo o meu café com um gole escaldante.

— Não podemos falar disto.

— Em casa não — diz Barata, com uma piscadela de olho.
— E é por isso que estamos aqui.

Pedi-lhe que seduzisse Nicasia. Sim, suponho que terei sido «um pouco desrespeitadora» para com o Rei Altíssimo de Elfhame. E Barata tem razão: Cardan não se comportou como se fosse demasiado importante para o meu pedido. Não foi esse o motivo para ficar ofendido.

— Muito bem — digo, derrotada. — Encontrarei uma maneira de lhe dizer.

Barata sorri.

— A comida é boa aqui, não é? Às vezes, tenho saudades do mundo mortal. Mas, para o bem e para o mal, o meu trabalho em Elfhame ainda não está acabado.

— Esperamos que seja para o bem — digo, mordendo o pastel de batata que veio com a minha omeleta.

Barata funga. Passou para o batido. Os outros pratos estão ao lado dele, vazios e empilhados. Ergue a chávena numa saudação.

— Ao triunfo da bondade, mas não sem antes conseguirmos o que queremos.

— Quero perguntar-te uma coisa — digo, tilintando a chávena contra a dele. — Sobre a Bomba.

— Deixa-a fora disto — diz, olhando-me. — E, se puderes, deixa-a fora dos teus planos contra as Profundezas Marinhas. Sei que estás sempre a arriscar-te como se estivesses apaixonada pelo perigo, mas, se quiseres um pescoço no cepo ao lado do teu, escolhe um menos bonito.

— Incluindo o teu? — pergunto.

— Muito melhor — concorda.

— Porque a amas? — pergunto.

Barata franze a testa.

— E se amasse? Mentir-me-ias sobre as minhas hipóteses?

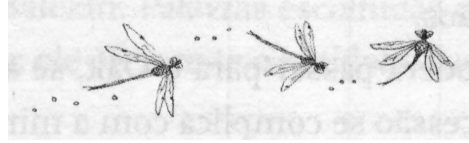
— Não... — começo, mas não me deixa continuar.

— Adoro uma boa mentira — diz, levantando-se e pousando sobre a mesa pequenas pilhas de moedas de prata. — Gosto ainda mais de uma boa mentirosa, felizmente para ti. Mas algumas mentiras não merecem ser ditas.

Mordo o lábio, incapaz de dizer algo mais, sem revelar os segredos de Bomba.

Depois do jantar, separamo-nos, os dois com tasneira nos bolsos. Vejo-o afastar-se, e penso no que disse sobre Cardan. Esforçava-me tanto para não pensar nele como o legítimo Rei

Altíssimo de Elfhame, que me esqueci por completo de perguntar se *ele* se considerava o Rei Altíssimo. E, em caso contrário, se isso significaria que se considerava, ao invés, um dos meus espões.



Dirijo-me ao apartamento da minha irmã. Mesmo que, no passado, tenha vestido roupas mortais para passear no centro comercial, e tenha tentado comportar-me de uma forma que não levantasse suspeitas, descobri que chegar ao Maine com um gibão e botas de montar atrai alguns olhares, mas sem provocar receios de ter vindo de outro mundo.

Talvez faça parte de uma feira medieval, sugere uma rapariga enquanto passo por ela. Diz que foi a uma uns anos antes e que gostou muito dos torneios. Comeu uma grande perna de peru e experimentou hidromel pela primeira vez.

— Sobe-nos à cabeça — digo-lhe. Concorda.

Um homem com alguma idade, com um jornal, comenta que talvez represente Shakespeare no parque. Alguns tontos sentados nuns degraus gritam-me que não estamos no Carnaval.

Sem dúvida que o Povo aprendeu há muito aquela lição. Não precisam de enganar os humanos. Os humanos enganam-se a si mesmos.

E com este pensamento bem fresco na mente que atravesso um relvado cheio de dentes-de-leão, subo os degraus de casa da minha irmã e bato à porta.

Heather abre-a. O seu cabelo rosa foi recentemente pintado para o casamento. Por um momento, parece abalada — talvez devido à minha roupa —, mas a seguir, sorri, abrindo a porta toda.

— Olá! Obrigada pela boleia. Está quase tudo arrumado. O teu carro é grande que chegue?

— Sem dúvida — minto, procurando Vivi na cozinha com algum desespero. Como é que a minha irmã mais velha acha que aquilo vai correr, se não disse *nada* a Heather? Se acredita que tenho um *carro* em vez de *pés de tasneira*?

— Jude! — grita Oak, saltando do seu lugar à mesa. Abraçame. — Podemos ir? Vamos? Fiz prendas para toda a gente na escola.

— Vejamos o que a Vivi acha — digo-lhe, apertando-o. Está mais sólido do que recordava. Até os seus chifres parecem um pouco mais compridos, mesmo que não possa ter crescido tanto em apenas alguns meses, ou pode?

Heather pressiona um interruptor e a cafeteira começa a levantar fervura. Oak trepa para uma cadeira e despeja cereais cor de rebuçado numa tigela, começando a comê-los sem leite.

Passo por ele e entro na divisão seguinte. Ali está a secretária de Heather, coberta com desenhos, marcadores e tintas. Impressões do seu trabalho estão coladas à parede por cima.

Além de fazer banda desenhada, Heather faz um biscate numa loja de cópias para ajudar a pagar as contas. Acredita que Vivi também tem um trabalho, o que poderá ou não ser ficção. Há trabalhos para o Povo no mundo mortal. Só não são o tipo de trabalhos de que se fale a uma namorada humana.

Sobretudo quando, por conveniência, uma não disse à outra que não era humana.

O mobiliário delas é uma coleção de objetos comprados em vendas de garagem, lojas de velharias e na berma da estrada. As paredes estão decoradas com pratos velhos com animais engraçados de olhos grandes, bordados de frases ominosas a coleção de objetos da era *disco* de Heather, mais a sua arte e desenhos a lápis de Oak.

Num deles, Vivi, Heather e Oak estão juntos, desenhados como ele as vê: a pele morena e o cabelo rosa de Heather a pele pálida e os olhos de gato de Vivi, os chifres de Oak. Aposto que

Heather acha adorável a forma como Oak se transformou a si e a Vivi em monstros. Aposto que pensa que isso será um sinal da sua criatividade.

Isto vai ser terrível. Estou preparada para ouvir Heather gritar com a minha irmã... Vivi mais do que merece. Mas não quero que Heather magoe os sentimentos de Oak.

Encontro Vivi no seu quarto, ainda a fazer as malas. É pequeno em comparação com os quartos em que crescemos e muito menos arrumado do que o resto do apartamento. A sua roupa está por toda a parte. Lenços sobre a cabeceira da cama, pulseiras enfiadas num dos pés, sapatos a espreitar por baixo.

Sento-me no colchão.

— Onde é que a Heather pensa que vai hoje?

Vivi esboça-me um grande sorriso.

— Recebeste a minha mensagem... Parece que, afinal, é possível encantar pássaros para fazerem alguma coisa útil.

— Não precisas de mim — recordo-lhe. — És perfeitamente capaz de fazer todos os cavalos de tasneira de que poderias precisar... Eu não.

— A Heather acredita que vamos ao casamento da minha irmã Taryn, o que é verdade, numa ilha ao largo do Maine, o que também é verdade. Vês? Não houve mentira nenhuma.

Começo a perceber porque me chamou.

— E, quando ela quis conduzir, disseste que a tua irmã viria buscar-vos.

— Bem... Ela achou que haveria um *ferry* e eu não podia concordar ou discordar — diz Vivi, com a franqueza despreocupada que sempre me agradou e irritou ao mesmo tempo.

— Agora, vais ter de lhe dizer a verdade verdadeira — digo. — Ou... Já sei. Não lhe digas. Continua a adiar. Não venhas ao casamento.

— O Madoc disse que dirias isso — diz-me ela, franzindo a testa.

— É demasiado perigoso... por razões complicadas que sei que não te importam — digo. — A Rainha das Profundezas Marinhas quer que a filha case com o Cardan e trabalha com o Balekin, que tem uma agenda própria. É provável que o manipule, mas, como tem mais talento do que ele para ser má, isso não é bom.

— Tens razão — diz Vivi. — Não me importo. A política é chata.

— O Oak corre perigo — digo. — O Madoc quer usá-lo como isco.

— Há sempre perigo — diz Vivi, atirando um par de botas para cima de alguns vestidos amarrotados. — Faerie é uma ratoeira gigante. Mas se deixar que isso nos mantenha afastados, como poderei olhar nos olhos o meu bravo pai? Sem mencionar a minha brava irmã, que nos vai manter em segurança enquanto o pai planeia os seus planos — continua Vivi. — Pelo menos, de acordo com ele.

Gemo. É típico dele atribuir-me um papel que não posso negar, mas que servirá os seus propósitos. E é típico dela ignorar-me e acreditar que sabe mais do que eu.

Alguém em quem confias já te traiu.

Confiei mais em Vivi do que em qualquer outra pessoa. Confiei-lhe Oak, a verdade e o meu plano. Confiei nela porque é a minha irmã mais velha e porque não se importa com Faerie. Mas ocorre-me que, se ela me traísse, eu seria destruída.

Gostava que não continuasse a lembrar-me de que falou com Madoc.

— E confias no pai? Isso é uma mudança.

— Há muitas coisas em que não é bom, mas percebe de esquemas — diz Vivi, sem conseguir tranquilizar-me. — Vamos. Fala-me da Taryn. Está mesmo entusiasmada?

Como posso, sequer, responder?

— O Locke conseguiu ser nomeado Mestre de Festins. Ela não está propriamente feliz com o seu novo título ou comportamento. Acho que parte do que o faz gostar de festa é a forma como a incomoda.

— Isto não é nada chato — diz Vivi. — Continua.

Heather entra no quarto com duas chávenas de café. Paramos de falar enquanto ela me passa uma e entrega outra a Vivi.

— Não sei como gostas — diz. — Por isso, fi-lo como o da Vee.

Provo. Está muito doce. Já bebi café que chegue naquela manhã, mas bebo mais um pouco, mesmo assim.

Negro como os olhos do Rei Altíssimo de Elfhame.

Heather encosta-se à porta.

— Já acabaste de fazer a mala?

— Quase. — Vivi olha para a sua mala e atira um par de botas lá para dentro. A seguir, olha em redor como se pensasse em mais coisas para levar.

Heather franze a testa.

— Levas isto tudo para uma semana?

— As roupas estão por cima — diz Vivi. — Por baixo, são sobretudo coisas para a Taryn, difíceis de encontrar em... *na ilha.*

— Achas que o que planeio vestir está bem?

Percebo a preocupação de Heather, porque nunca conheceu a minha família. Acredita que o nosso pai é severo. Não faz ideia.

— Claro — diz Vivi. A seguir, olha para mim. — É um vestido prateado sensual.

— Veste o que quiseres. A sério — digo a Heather, pensando que vestidos, trapos e nudez são todos aceitáveis em Faerie. Está prestes a ter problemas muito maiores.

— Despacha-te. Não queremos apanhar trânsito — diz Heather, voltando a sair. Ouço-a falar com Oak, perguntando-lhe se quer leite.

— E então — diz Vivi. — Dizias...

Suspiro e aponto a porta com a chávena de café, arregalando os olhos.

Vivi abana a cabeça.

— Anda lá. Não vais poder contar-me nada disto depois de chegarmos.

— Tu já sabes — digo. — A Taryn será infeliz com o Locke. Mas não quer ouvir isso e, sobretudo, não o quer ouvir de mim.

— A verdade é que já a enfrentaste num duelo com espadas por causa dele... — recorda Vivi.

— Isso mesmo — digo. — Não sou imparcial. Ou não pareço objetiva.

— Sabes o que me intriga? — diz ela, fechando a mala e sentando-se em cima dela para a conseguir fechar. Fixa em mim os seus olhos de gato, iguais aos de Madoc. — Manipulaste o Rei Altíssimo de Faerie para que te obedecesse, mas não consegues encontrar uma forma de manipular um idiota para fazer a nossa irmã feliz?

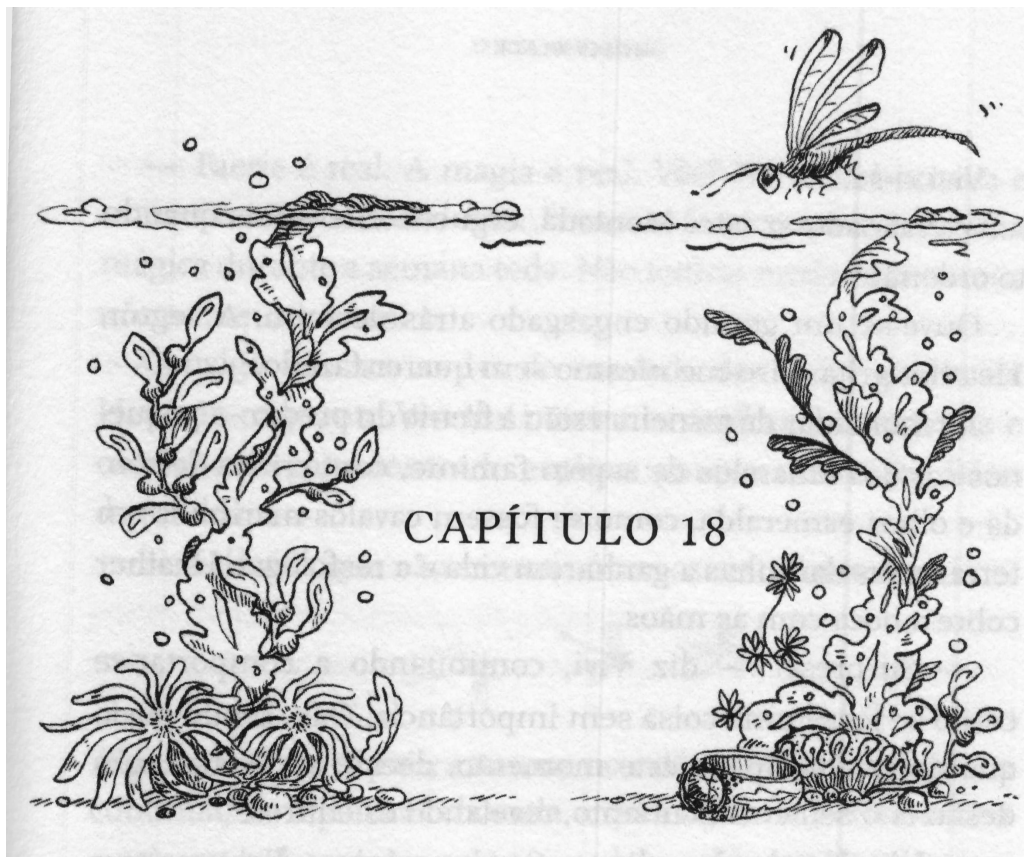
Quero dizer-lhe que não é justo. Praticamente a última coisa que fiz antes de vir para aqui foi ameaçar Locke e ordenar-lhe que não fizesse Taryn sofrer depois de casarem — ou haveria consequências. Mesmo assim, as palavras dela magoam.

— Não é assim tão simples.

Suspira.

— Acho que nada é.

Capítulo 18



Oak dá-me a mão e levo a sua pequena mala pelos degraus abaixo, em direção ao parque de estacionamento vazio.

Olho para Heather no alto das escadas. Arrasta um saco atrás dela e algumas cordas de escalada que diz podermos usar se tivermos de prender uma das malas no tejadilho. Não lhe disse que nem sequer há um carro.

— Então — digo, olhando para Vivi.

Vivi sorri, estendendo-me a sua mão. Tiro os pés de tasneira do bolso e passo-lhos.

Não consigo olhar para Heather. Viro-me para Oak. Apanha trevos de quatro folhas entre a relva, encontrando-os sem dificuldade e fazendo um ramo.

— Que fazes? — pergunta Heather, intrigada.

— Não vamos de carro. Vamos voar — diz Vivi.

— Vamos para o aeroporto?

Vivi ri-se.

— Vais adorar isto. Montada, ergue-te e leva-nos quando to ordenar.

Ouve-se um gemido engasgado atrás de mim. A seguir, Heather grita. Viro-me mesmo sem querer fazê-lo.

As montadas de tasneira estão à frente do prédio — pequenos cavalos amarelos de aspeto faminto, com crinas de renda e olhos esmeralda, como se fossem cavalos-marinhos em terra, ervas daninhas a ganharem vida e a resfolegar. Heather cobre a boca com as mãos.

— Surpresa! — diz Vivi, continuando a comportar-se como se fosse uma coisa sem importância. Oak, sendo óbvio que tinha antecipado este momento, decide aproveitar para desfazer o seu encantamento, revelando os chifres.

— Vês, Heather? — diz. — Somos mágicos. Foi uma surpresa para ti?

Olha para Oak, para os monstruosos cavalos de tasneira e senta-se na sua mala.

— Está bem — diz. — Isto é uma brincadeira de mau gosto ou algo parecido, mas um de vocês terá de me dizer o que se passa ou volto para dentro e tranco-vos cá fora.

Oak parece desiludido. Esperou mesmo que ela ficasse maravilhada. Abraço-o, acariciando-lhe o ombro.

— Vamos, doçura — digo-lhe. — Vamos pôr isto tudo nos cavalos e elas podem vir depois. A mãe e o pai estão ansiosos por te verem.

— Tenho saudades deles — diz-me. — Também tive saudades de ti.

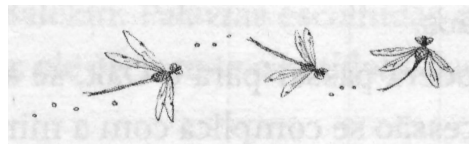
Beijo-o numa bochecha macia, enquanto o iço para o dorso do cavalo. Olha Heather sobre o meu ombro.

Atrás de mim, ouço Vivi a explicar.

— Faerie é real. A magia é real. Vês? Não sou humana e o meu irmão também não. E vamos levar-te para uma ilha mágica durante a semana toda. Não tenhas medo. Não somos nós os assustadores.

Consigo tirar as cordas de escalada das mãos caídas de Heather, enquanto Vivi lhe mostra as orelhas pontiagudas e os olhos de gato, tentando explicar porque nunca lhe falou daquilo antes.

Sem dúvida que não somos nós os assustadores.



Algumas horas depois, estamos no salão de Oriana. Heather, continuando a parecer chocada e irritada, anda por ali, a fitar a arte estranha nas paredes, o padrão ominoso de escaraveiros e espinhos nas cortinas.

Oak senta-se no colo de Oriana, deixando-a aninhá-lo nos braços como se voltasse a ser muito pequeno. Os dedos pálidos dela mexem-lhe no cabelo — que acha demasiado curto —, e Oak conta-lhe uma história longa e atabalhoada sobre a escola, sobre a forma como as estrelas são diferentes no mundo mortal e a que sabe a manteiga de amendoim.

É um pouco doloroso de ver, porque Oriana não o deu à luz tanto como não me deu a mim ou a Taryn, mas é, sem dúvida, a mãe de Oak, enquanto se recusa a ser a nossa.

Vivi tira prendas da sua mala. Sacos de grãos de café, brincos de vidro em forma de pequenas folhas, latas de *dulce de leche*.

Heather aproxima-se de mim.

— Isto é tudo real.

— Mesmo muito real — confirmo.

— E é verdade que estas pessoas são elfos, e que a Vee é um elfo como os das histórias? — Heather volta a olhar em redor, receosa, como se esperasse que um unicórnio com todas as cores do arco-íris irrompesse pelo gesso e pelas ripas.

— Sim — respondo. Parece chocada, mas sem estar irritada com Vivi, o que é inesperado. Talvez a notícia seja demasiado avassaladora para a raiva, pelo menos para já.

Ou talvez Heather tenha ficado agradada. Talvez Vivi estivesse certa quanto à forma de lhe dizer e o deleite tenha demorado apenas alguns minutos a chegar. Que sei eu sobre o amor?

— E este sítio é... — Cala-se. — O Oak é uma espécie de príncipe? Tem cornos. E a Vivi tem aqueles olhos.

— Olhos de gato como o pai dela — digo. — É muita coisa, sem dúvida.

— Parece assustador — diz Heather. — O teu pai. Desculpa. O pai da Vee. Ela diz que não é mesmo o teu pai.

Estremeço, mesmo sabendo que Heather não teria tido aquela intenção.

— Porque és humana — tenta explicar Heather. — És humana, não és?

Aceno com a cabeça e o alívio na sua cara é evidente. Ri-se um pouco.

— Não é fácil ser humano em Faerie — digo-lhe. — Passeia comigo. Quero contar-te umas coisas.

Tenta chamar a atenção de Vivi, mas esta continua sentada no tapete, a vasculhar o interior da mala. Vejo mais enfeites, pacotes de alcaçuz, fitas para o cabelo e um grande embrulho de papel branco com um laço dourado e um carimbo que diz *Parabéns* em todo o comprimento.

Sem saber que outra coisa fazer, Heather segue-me. Vivi nem parece reparar.

É estranho estar de volta à casa onde cresci. Sinto a tentação de correr pelas escadas acima e abrir as portas do meu velho quarto, para ver se encontro algum vestígio de mim no interior. Sinto a tentação de entrar no gabinete de Madoc e remexer-lhe os papéis, como espia que sou.

Em vez disso, saio para o jardim e ponho-me a caminho do estábulo. Heather inspira fundo. Os seus olhos são atraídos para a torre visível acima da copa das árvores.

— A Vee falou-te das regras? — pergunto, enquanto caminhamos lentamente.

Heather abana a cabeça, claramente intrigada.

— Regras?

Vivi ajudou-me muitas vezes quando mais ninguém o fez. Por isso, sei que se importa. Mesmo assim, parece cegueira intencional ter ignorado como foi difícil para Taryn e para mim como mortais. O cuidado que tivemos de ter e o cuidado que Heather precisava de ter enquanto ali estivesse.

— Disse que devia manter-me perto dela — diz Heather, vendo, talvez, a frustração na minha cara e querendo defender Vivi. — Que não devia afastar-me sem estar com alguém da sua família.

Abano a cabeça.

— Não chega. Ouve, o Povo consegue encantar coisas para parecerem diferentes do que são. Podem fazer-te coisas à mente: encantar-te, convencer-te a fazer algo que normalmente não te passaria pela cabeça. E há também a maçã-eterna, a fruta de Faerie. Se a provares, passarás a pensar só em conseguir mais.

Pareço Oriana.

Heather olha-me com horror e possível incredulidade. Penso se fui longe demais. Tento outra vez, num tom um pouco mais calmo.

— Estamos em desvantagem aqui. O Povo não envelhece, é imortal e é mágico. E nem todos gostam de humanos. Não baixes as defesas, não faças acordos e carrega sempre algumas coisas contigo: bagas de sorveira e sal.

— Está bem — diz.

À distância, vejo os dois sapos de montar de Madoc no relvado, com criados a ocuparem-se deles.

— Estás a reagir muito bem a isto — digo.

— Tenho duas perguntas. — Algo na voz dela ou na sua postura me faz perceber que talvez lhe esteja a custar mais a ela do que me custou a mim. — A primeira é: o que são bagas de sorveira? E a segunda: se a Terra das Fadas é como dizes, porque vives aqui?

Começo a falar, e paro.

— É a minha casa — digo, por fim.

— Não tem de ser — diz ela. — Se a Vee pode partir, tu também podes. Como disseste, não és um deles.

— Vem à cozinha — digo-lhe, voltando-me para a casa.

Quando chegamos, Heather fica fascinada pelo enorme caldeirão, com tamanho suficiente para nos enfiarmos lá dentro ao mesmo tempo. Fita os corpos depenados de perdizes sobre a banca, junto à massa estendida para se fazer uma empada.

Aproximo-me do frasco de vidro com ervas e tiro algumas bagas de sorveira. Puxo um fio grosso usado para coser galinhas recheadas e uso-o com um pedaço de gaze para lhe fazer um pequeno ramo.

— Enfia isto no bolso ou no soutien — digo-lhe. — Mantém-no contigo enquanto aqui estiveres.

— E isto vai manter-me segura? — pergunta Heather.

— Mais segura — digo, cosendo-lhe um saco de sal. — Salpica isto no que comeres. Não te esqueças.

— Obrigada. — Pega-me no braço e aperta-o um pouco. — Quer dizer... Nada disto parece real. Sei que devo parecer ridícula. Estou à tua frente. Sinto o cheiro das ervas e do sangue daqueles pássaros estranhos. Se me espetasses uma agulha, doeria. Mas, mesmo assim, não parece real. Mesmo que explique todas as coisas normais que a Vee sempre escondeu de forma estúpida, como a escola onde andou. Mas mostra que o mundo está todo de pernas para o ar.

Quando estive lá — no centro comercial, no apartamento de Heather —, a diferença entre nós e eles pareceu tão vasta, que não consigo imaginar como Heather está a conseguir ultrapassar isto.

— Nada que me possas dizer parecerá ridículo — digo-lhe.

O seu olhar, enquanto contempla a fortaleza e inspira o ar do fim de tarde, carrega interesse e esperança. Recordo com desconforto uma rapariga com pedras nos bolsos e sinto um alívio desesperado por Heather estar disposta a aceitar que o seu mundo mude daquela forma.

De volta ao salão, Vivi sorri-nos.

— A Jude fez-te a visita guiada?

— Fiz-lhe um talismã — digo, com o meu tom de voz a deixar claro que deveria ter sido ela a fazê-lo.

— Ótimo — diz Vivi com agrado, porque é preciso muito mais do que um tom ligeiramente agastado para afetá-la quando as coisas lhe correm de feição. — A Oriana diz-me que não tens passado muito tempo aqui. A tua disputa com o querido papá parece séria.

— Sabes o que lhe custou — digo.

— Fica para jantar. — Oriana ergue-se, pálida como um fantasma, para fixar em mim os olhos cor de rubi. — O Madoc gostaria que ficasses. Eu também.

— Não posso — digo-lhe, sentindo algum pesar. — Demorei-me mais do que devia aqui. Mas vemo-nos todos no casamento.

— As coisas são sempre muito *dramáticas* por aqui — diz Vivi a Heather. — Épicas. Todos se comportam como se tivessem acabado de sair de uma balada de assassinato.

Heather olha para Vivi como se também ela tivesse saído de uma dessas baladas.

— Oh — diz Vivi, voltando a levar as mãos à mala e tirando outro embrulho macio com um laço preto.

— Podes entregar isto ao Cardan? É uma prenda de «parabéns por seres rei».

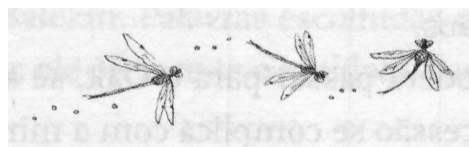
— É o *Rei Altíssimo de Elfhame* — diz Oriana. — Mesmo que tenham brincado juntos, não podes falar dele como falavas antes.

Fico ali durante um longo momento, estupidamente, sem estender a mão para o embrulho. Sabia que Vivi e Cardan eram amigos. Afinal, foi Vivi quem falou da cauda dele a Taryn, depois de o ter visto a nadar com uma das suas irmãs.

Tinha-me esquecido.

— Jude? — diz Vivi.

— Acho melhor que sejas tu a dar-lha — digo. E, com aquilo, fujo da minha antiga casa antes que Madoc regresse e a nostalgia me leve a melhor.



Passo pela sala do trono, onde Cardan se senta diante de uma das mesas baixas, inclinando o rosto para perto de Nicasia. Não consigo ver-lhe a cara, mas vejo a dela quando atira a cabeça para trás e se ri, expondo a longa coluna da garganta. Parece incandescente com alegria. A atenção dele é a luz que faz a sua beleza brilhar de forma especial.

Ama-o, percebo com desconforto. *Ama-o*, traiu-o com Locke e teme que ele não volte a amá-la.

Os dedos dele descem-lhe pelo braço até ao pulso, e eu lembro-me com clareza da sensação daquelas mãos em mim. A minha pele aquece com a recordação. É um rubor que começa na minha garganta e alastra sem parar.

Beija-me até me fartar, disse ele. Agora, sem dúvida que se terá saciado dos meus beijos. Está farto deles.

Odeio vê-lo com Nicasia. Odeio pensar que a toca. Odeio que este seja o meu plano, que só possa enfurecer-me comigo mesma.

Sou uma idiota.

A dor toma-te forte, disse-me Madoc uma vez, obrigando-me a erguer a espada repetidamente. *Habitua-te ao peso*.

Forço-me a afastar o olhar. Em vez disso, encontro-me com Vulciber e coordeno o transporte de Balekin para o palácio, para a sua audiência com Cardan.

Depois, desço à Corte das Sombras e ouço informações sobre cortesãos, ouço rumores de que Madoc reúne as suas forças como se preparasse uma guerra que ainda espero evitar. Envio dois espiões às Cortes baixas, com o maior número de criaturas marginais, para ver o que conseguem descobrir. Falo com Bomba sobre Grimsen, que fez a Nicasia uma pregadeira incrustada com pedras preciosas, que lhe permite materializar asas translúcidas nas costas e voar.

— Que achas que quer? — pergunto.

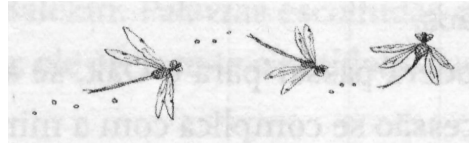
— Louvores, lisonja — diz Bomba. — Talvez encontrar um novo patrono. Talvez ele não recusasse um beijo.

— Achas que se interessa pela Nicasia por causa da Orlagh ou por ela própria? — pergunto.

Bomba encolhe os ombros.

— Interessa-se pela beleza da Nicasia e pelo poder da Orlagh. O Grimsen exilou-se com o primeiro Rei-Amieiro. Acredito que, quando voltar a jurar lealdade, não terá dúvidas acerca do monarca que jurar servir.

— Ou talvez não queira voltar a jurar lealdade — digo, decidindo-me a visitá-lo.



Grimsen decidiu viver e trabalhar na velha forja que Cardan lhe ofereceu, mesmo que estivesse cheia de roseiras e a precisar de reparações.

Uma fina coluna de fumo sai pela chaminé quando me aproximo. Bato três vezes à porta e espero.

Momentos depois, ele abre a porta. O calor que escapa do interior é suficiente para me fazer recuar um passo.

— Conheço-te — diz.

— Rainha da Folia — admito, saindo-lhe da frente.

Ri-se, abanando a cabeça.

— Conheci o teu pai mortal. Fez-me uma faca. Viajou até Fairfold para me perguntar o que achava dela.

— E que *achaste*? — Penso se terá sido antes de Justin chegar a Elfhame, antes da minha mãe.

— Tinha talento a sério. Disse-lhe que, com cinquenta anos de prática, poderia fazer a melhor lâmina alguma vez feita por um mortal. Disse-lhe que, com *cem* anos de prática, poderia fazer uma das melhores lâminas feitas por qualquer um. Nada disso o satisfez. A seguir, disse que lhe daria um dos meus segredos. Poderia conseguir a prática de cem anos num único dia, se fizesse um acordo comigo. Se abdicasse de uma coisa que não queria perder.

— E aceitou o acordo? — pergunto.

Parece deleitado.

— Gostarias de saber, não é? Entra.

Entro, com um suspiro. O calor é quase insuportável e o fedor a metal invade-me os sentidos. No espaço pouco iluminado,

o que mais vejo é o fogo. Levo a mão à faca na minha manga.

Felizmente, passamos a forja e chegamos aos aposentos da casa. Estão desarrumados, com todas as superfícies cobertas com coisas belas: pedras preciosas, joias, lâminas e outros ornamentos. Puxa uma pequena cadeira de madeira para mim e senta-se num banco baixo.

Tem a cara envelhecida e curtida como couro, e o seu cabelo prateado está eriçado, como se o tivesse puxado enquanto trabalhava. Naquele dia, não veste um dos seus casacos com pedras preciosas, mas uma bata de cabedal gasto sobre uma camisa parda manchada com cinza. Sete pesados brincos de ouro pendem das suas orelhas grandes e pontiagudas.

— Que te traz à minha forja? — pergunta.

— Esperava encontrar um presente para a minha irmã.
Casa-se dentro de dias.

— Algo especial, então — diz.

— Sei que és um ferreiro lendário — digo-lhe. — Por isso, pensei que fosse possível que já não vendesses as tuas peças.

— Por maior que seja a minha fama, não deixo de ser um mercador — explica, cobrindo o coração com a mão. A lisonja parece agradar-lhe. — Mas é verdade que já não aceito dinheiro, apenas acordos.

Devia ter esperado algum truque. Mesmo assim, pestanejo, fingindo-me inocente.

— Que posso dar-te que não tenhas já?

— Descubramos — diz. — Fala-me da tua irmã. É uma união de amor?

— Deve ser — digo, pensando naquilo. — Porque é uma união sem qualquer valor prático.

Ergue as sobrancelhas.

— Sim, compreendo. E a tua irmã parece-se contigo?

— Somos gémeas — digo.

— Pedras azuis, então, pelas vossas cores — diz. — Talvez um colar de lágrimas que chore para que ela não tenha de o fazer? Um alfinete de dentes para morder maridos irritantes? Não. — Continua a caminhar pelo espaço acanhado. Ergue um anel. — Para trazer uma criança? — A seguir, vendo a minha cara, ergue um par de brincos, um deles em forma de lua crescente e o outro em forma de estrela. — Ah, sim. Aqui está. É isto o que queres.

— Que fazem? — pergunto.

Ri-se.

— São belos... Não chega?

Olho-o com ceticismo.

— Chegaria, considerando a sua perfeição. Mas aposto que não é tudo.

Aquilo agrada-lhe.

— Rapariga esperta. Além de serem belos, reforçam a beleza. Tornam alguém mais belo do que era. Conferem uma beleza dolorosa. O marido dela não se afastará por muito tempo.

A expressão dele é um desafio. Acredita que sou demasiado vaidosa para dar aquele presente à minha irmã.

Como conhece bem o egoísta coração humano. Taryn será uma bela noiva. Quão mais quererei eu, a sua gémea, colocar-me à sua sombra? Quão encantadora suportarei que seja?

E, no entanto, que melhor presente haverá para uma rapariga humana casada com a beleza do Povo?

— Que aceitarás por eles? — pergunto.

— Oh, pequenas coisas. Um ano da tua vida. O brilho do teu cabelo. O som da tua gargalhada.

— A minha gargalhada não tem um som assim tão doce.

— Não será doce, mas aposto que será raro — diz, pensando eu como saberá aquilo.

— E as minhas lágrimas? — pergunto. — Poderias fazer outro colar.

Olha-me como se avaliasse a frequência com que choro.

— Aceitarei uma única lágrima — diz, por fim. — E levarás uma oferta ao Rei Altíssimo por mim.

— Que tipo de oferta? — contraponho.

— É sabido que as Profundezas Marinhas ameaçaram a terra firme. Diz ao teu rei que, se declarar guerra, lhe farei uma armadura de gelo capaz de estilhaçar todas as lâminas que a golpearem e que lhe deixará o coração demasiado frio para sentir piedade. Diz-lhe que lhe farei três espadas que, quando usadas na mesma batalha, lutarão com a força de 30 soldados.

Fico chocada.

— Dir-lhe-ei. Mas porque desejas isso?

Com um esgar, tira um pano para polir os brincos.

— Tenho uma reputação para reconstruir, senhora, e não apenas como fabricante de bugigangas. Outrora, reis e rainhas apresentavam-me as suas súplicas. Outrora, forjei coroas e lâminas para mudar o mundo. O Rei Altíssimo tem o poder de restaurar a minha fama e eu tenho o poder de reforçar o seu poder.

— Que acontece se o Rei Altíssimo gostar do mundo como está? — pergunto. — Sem mudanças.

Ri-se.

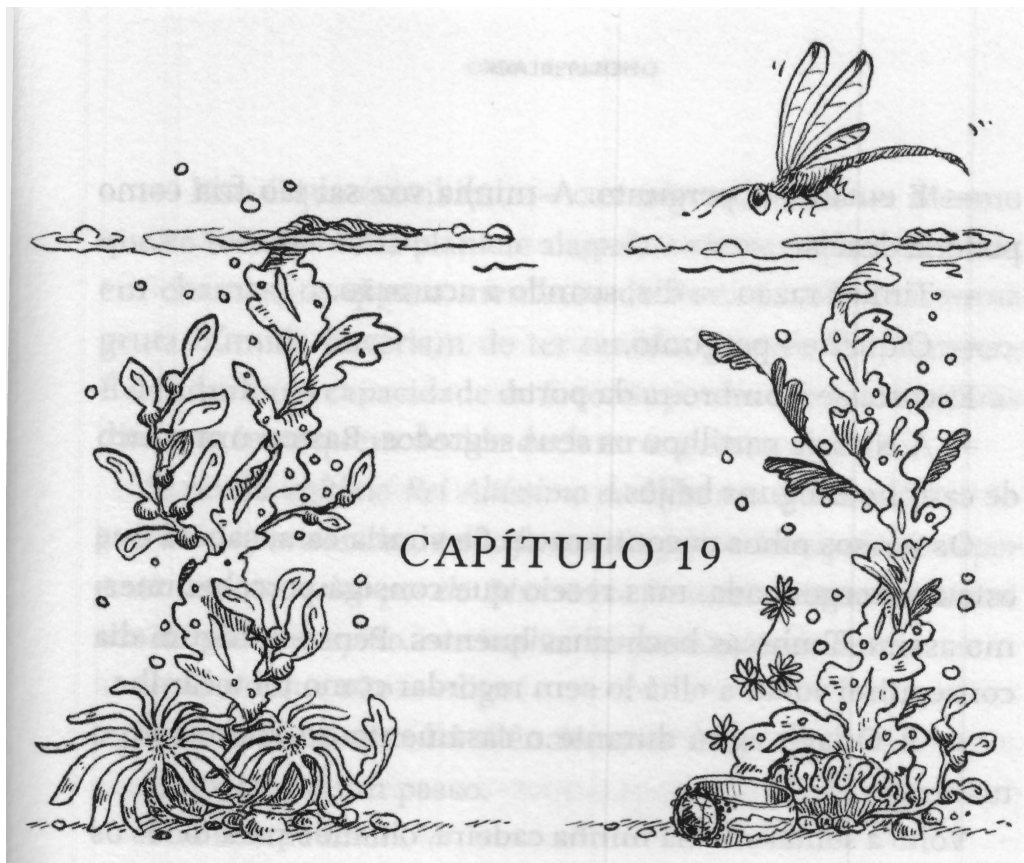
— Nesse caso, far-lhe-ei um pequeno copo onde poderá suspender o tempo.

A lágrima é tirada do canto do meu olho com um sifão longo. A seguir, saio, levando os brincos de Taryn e muitas perguntas.

De volta aos meus aposentos, aproximo os brincos das orelhas. Mesmo ao espelho, fazem os meus olhos parecerem líquidos e luminosos. A minha boca parece mais vermelha e a minha pele brilha como se acabasse de sair de um banho.

Embrulho-os antes que mude de ideias.

Capítulo 19



Passo o resto da noite na Corte das Sombras, a preparar planos para manter Oak em segurança. Guardas alados que poderão erguê-lo se for atraído pelas delícias das ondas em que outrora brincava. Uma espia disfarçada de ama, para o seguir, para o mimar e para provar qualquer coisa antes de ele a comer. Arqueiros nas árvores, a mirar quem se aproximar demasiado do meu irmão.

Enquanto tento antecipar o que Orlagh poderá fazer, e encontrar uma forma de perceber quando acontecerá, batem à porta.

— Sim? — digo, e Cardan entra.

Levanto-me, surpreendida. Não esperava a sua presença. Mas ali está ele, com as suas vestes ricas descompostas. Tem os

lábios um pouco inchados e o cabelo despenteado. Parece ter vindo diretamente de uma cama que não a sua.

Atira um pergaminho para a minha mesa.

— E então? — pergunto. A minha voz sai tão fria como poderia desejar.

— Tinhas razão — diz, soando a acusação.

— O quê? — pergunto.

Encosta-se à ombreira da porta.

— A Nicasia partilhou os seus segredos. Bastou um pouco de carinho e alguns beijos.

Os nossos olhos encontram-se. Se virar a cara, saberá que estou envergonhada, mas receio que consiga perceber, mesmo assim. Tenho as bochechas quentes. Penso se algum dia conseguirei voltar a olhá-lo sem recordar como foi tocar-lhe.

— A Orlagh agirá durante o casamento do Locke com a tua irmã.

Volto a sentar-me na minha cadeira, olhando para todos os apontamentos à minha frente.

— Tens a certeza?

Acena com a cabeça.

— A Nicasia disse que, à medida que o poder mortal cresce, a terra firme e o mar devem unir-se. E que vão fazê-lo, seja da forma que ela deseja ou da forma que eu devo temer.

— Ameaçador — digo.

— Parece que tenho um gosto especial por mulheres que me ameçam.

Não consigo pensar no que responder àquilo. Em vez de responder, falo-lhe da oferta de Grimsen para lhe forjar armaduras e espadas que lhe garantem a vitória.

— Desde que estejas disposto a enfrentar as Profundezas Marinhas.

— Quer que trave uma guerra para restaurar a sua glória passada? — pergunta Cardan.

— Basicamente — digo.

— Isso é que é ambição — considera Cardan. — Mesmo que só restasse uma planície alagada e vários pinheiros ainda em chamas, os quatro membros do Povo encolhidos numa gruta húmida haveriam de ter ouvido o nome de Grimsen. É de admirar a capacidade de foco. Suponho que não lhe terás dito que és tu quem decide declarar a guerra, e não eu.

Se ele é o legítimo Rei Altíssimo de Elfhame, que deveremos seguir até ao fim dos dias, então fomos um pouco desrespeitadores por governarmos o reino por ele. Mas se isto for uma encenação, ele será sem dúvida um espião — e melhor do que a maioria de nós.

— Claro que não — digo.

Por um momento, há silêncio entre nós.

Aproxima-se um passo.

— A outra noite...

Interrompo-o.

— Fi-lo pelo mesmo motivo do que tu. Para tirar aquilo do meu sistema.

— E conseguiste? — pergunta. — Tirá-lo do teu sistema?

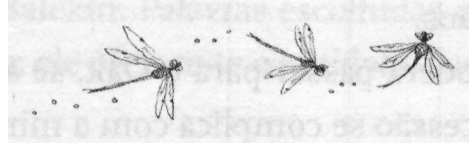
Olho-o nos olhos e minto.

— Sim.

Se me tocar, se der mais um passo na minha direção, a minha farsa será exposta. Não acredito que consiga afastar a avidez da cara. Em vez disso, para meu alívio, esboça um sorriso de lábios finos e parte.

Do quarto ao lado, ouço Barata chamar Cardan para propor ensinar-lhe o truque de levitar uma carta de jogar. Ouço Cardan rir-se.

Ocorre-me que talvez o desejo não possa ser resolvido pelo excesso de exposição. Talvez seja parecido com o mitridatismo. Talvez tenha ingerido uma dose letal quando devia ter-me envenenado aos poucos, um beijo de cada vez.



Não me surpreende encontrar Madoc na sua sala de planeamento estratégico no palácio, mas surpreende-o ver-me, por não estar habituado aos meus passos silenciosos.

— Pai — digo.

— No passado, pensei que queria que me chamasses assim — diz. — Mas descobri que, quando o fazes, é raro que coisas boas se sigam.

— De todo — digo. — Vim dizer-lhe que tinha razão. Odeio a possibilidade de pôr Oak em perigo, mas, se conseguirmos manipular o momento em que as Profundezas Marinhas vão atacar, será mais seguro para ele.

— Tens planeado a sua defesa enquanto ele está por cá. — Sorri, mostrando os seus dentes afiados. — Será difícil prever todas as eventualidades.

— Impossível. — Suspiro, entrando mais na sala. — Conte comigo. Deixe-me ajudar a enganar as Profundezas Marinhas. Tenho recursos. — Madoc é general há muito tempo. Planeou a morte de Dain e conseguiu evitar o castigo. É melhor a fazer aquilo do que eu.

— E se só quiseres anular-me os planos? — pergunta. — Não podes esperar que acredite que estás a ser sincera.

Mesmo que Madoc tenha todos os motivos para não confiar em mim, isto dói. Penso no que teria acontecido se tivesse partilhado os seus planos para sentar Oak no trono, antes de eu ter testemunhado o banho de sangue da coroação. Se tivesse partilhado o plano comigo, teria repellido as minhas dúvidas? Não me agrada pensar nessa possibilidade, mas temo que seja real.

— Não poria o meu irmão em risco — digo, respondendo-lhe e, ao mesmo tempo, respondendo aos meus medos.

— Não? — pergunta. — Nem sequer para o salvar das minhas garras?

Calculo que tenha merecido aquilo.

— Disse que queria que voltasse para o seu lado. Eis a sua oportunidade para me mostrar como seria colaborar consigo. Convença-me.

Enquanto eu controlar o trono, nunca poderemos estar do mesmo lado, mas talvez possamos trabalhar juntos. Talvez ele consiga canalizar a sua ambição para derrotar as Profundezas Marinhas, esquecendo o trono, pelo menos até Oak chegar à idade adulta. Quando acontecer, as coisas serão diferentes, pelo menos.

Aponta a mesa com o mapa das ilhas e as suas figuras esculpidas.

— A Orlagh tem uma semana para atacar, a não ser que pretenda montar uma armadilha no mundo mortal durante a ausência de Oak. Tens guardas no apartamento da Vivienne; que contrataste fora do exército e que não se parecem com cavaleiros. Inteligente. Mas nada e ninguém será infalível. Parece-me que a posição mais vantajosa para nós será provocar um ataque...

— As Profundezas Marinhas vão avançar durante o casamento da Taryn.

— O quê? — Avalia-me com os olhos semicerrados. — Como sabes isso?

— A Nicasia — respondo. — E penso que conseguirei informação mais concreta se nos apressarmos. Tenho uma forma de levar informação até Balekin, informação em que acreditará.

As sobrancelhas de Madoc erguem-se.

Aceno com a cabeça.

— Uma prisioneira. Já enviei informação por intermédio dela com sucesso.

Vira-me as costas para encher um copo com um dedo de uma bebida escura, e deixa-se cair na poltrona de couro.

— São esses os recursos que referiste?

— Não venho de mãos vazias — digo. — Não fica pelo menos um pouco satisfeito por ter decidido confiar em mim?

— Poderia afirmar que foste tu quem decidiu finalmente confiar em *mim*. Resta perceber se conseguiremos trabalhar juntos. Há muitos mais projetos em que poderíamos colaborar.

Como a conquista do trono.

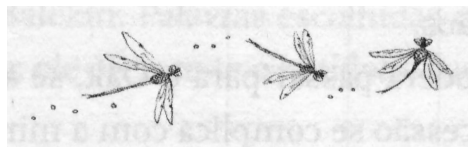
— Uma desventura de cada vez — advirto-o.

— Ele sabe? — pergunta Madoc, sorrindo de uma forma um pouco aterradora, sem deixar de ser paternal. — O nosso Rei Altíssimo faz alguma ideia de como és boa a governar o reino dele?

— Continue a desejar que ele não se aperceba — digo, tentando transmitir uma confiança despreocupada que não sinto em nada que diga respeito a Cardan ou ao nosso acordo.

Madoc ri-se.

— Assim farei, filha, por mais que deseje que compreendas como seria melhor se o governasses para favorecer a tua família.



A audiência de Cardan com Balekin ocorre no dia seguinte. Os meus espiões dizem-me que Cardan passou a noite sozinho — nada de festas desvairadas, nada de folguedos embriagados, nada de duelos de lira. Não sei como interpretar isso.

Balekin está acorrentado quando o trazem à sala do trono, mas caminha com a cabeça erguida, envergando roupas demasiado finas para a Torre. Exibe a sua capacidade de obter

luxos, e a sua arrogância, como se Cardan devesse ficar espantado por isto, em vez de irritado.

Quanto a Cardan, parece especialmente formidável. Veste um casaco de veludo verde, bordado com ouro brilhante. O brinco que lhe foi oferecido por Grimsen pende-lhe do lóbulo, refletindo a luz quando vira a cabeça. Nada de convivas ali, mas a sala não está vazia. Randalin e Nihuar estão juntos de um dos lados do estrado, com três guardas por perto. Eu estou do lado oposto, perto de um aglomerado de sombras. Criados esperam a pouca distância, preparados para servir vinho ou tocar harpas, como mais agradar ao Rei Altíssimo.

Combinei com Vulciber que a senhora Asha receberia uma mensagem quando Balekin subisse as escadas, e saísse da Torre para a sua audiência.

A mensagem dizia:

Pensei melhor nos teus pedidos e quero negociar. Há uma forma de saíres da ilha logo após o casamento da minha irmã. Para sua segurança, o meu irmão mais novo regressará de barco — voar deixou-o enjoado. Também poderás ir sem que o Rei Altíssimo saiba, já que a viagem será necessariamente secreta. Se concordares que isto bastará, envia-me a tua resposta e voltaremos a encontrar-nos para discutirmos o meu passado e o teu futuro.
- J

É possível que ela não diga nada a Balekin quando regressar à cela, mas como já lhe havia transmitido informação, e como ele certamente a terá visto a receber a mensagem, acredito que não aceitará que digam que esta não tinha importância, sobretudo porque, como fada, Asha terá de evitar a verdade em vez de dizer mentiras.

— Irmãozinho — diz Balekin, sem esperar que a sua presença seja reconhecida. Usa as grilhetas nos pulsos como se fossem pulseiras. Como se lhe reforçassem o estatuto em vez de o prenderem.

— Pediste uma audiência com a Coroa — diz Cardan.

— Não, irmão. Foi contigo que pedi para falar, não com o enfeite na tua cabeça. — O desrespeito matreiro de Balekin faz-me pensar porque quereria, sequer, aquela audiência.

Penso em Madoc e recordo como, perto dele, sou uma eterna criança. Não é fácil julgar a pessoa que nos criou, por mais graves que tenham sido as suas ações. Este confronto é menos sobre o agora e mais sobre o vasto passado que partilham, sobre a tensão e a trama de velhos rancores e alianças entre ambos.

— Que queres? — pergunta Cardan. A sua voz mantém-se contida, mas perdeu a habitual autoridade enfadada.

— Que quer qualquer prisioneiro? — pergunta Balekir. — Liberta-me da Torre. Se pretendes vencer, precisas da minha ajuda.

— Se andas a tentar ver-me só para dizeres isso, os teus esforços foram em vão. Não, não te libertarei. Não, não preciso de ti. — Cardan parece seguro.

Balekin sorri.

— Prendeste-me por teres medo de mim. Afinal, odiavas mais o Eldred do que eu. Desprezavas o Dain. Como podes castigar-me por mortes que não lamentas?

Cardan olha para Balekin, incrédulo, soerguendo-se do trono. Tem os punhos fechados. A sua expressão é de alguém que se esqueceu de onde está.

— E a Elowyn? E a Caelia e a Rhyia? Se só me importasse com os meus sentimentos, as suas mortes seriam motivo suficiente para me vingar de ti. Eram nossas irmãs e teriam sido melhores governantes do que tu ou eu.

Pensei que Balekin fosse recuar depois de ouvir aquilo, mas não o faz. Em vez disso, um sorriso pequeno e insidioso cresce nos seus lábios.

— Intercederam em teu favor? Alguma das tuas queridas irmãs te acolheu? Como podes acreditar que se importavam contigo, quando não enfrentariam o nosso pai por ti?

Por um momento, penso que Cardan o vai golpear. Levo a mão ao punho da espada. Colocar-me-ei à frente dele. Enfrentarei Balekin. Seria um prazer enfrentar Balekin.

Mas Cardan volta a sentar-se no trono. A fúria abandona-lhe a cara e fala como se as últimas palavras de Balekin não tivessem sido ouvidas.

— Não estás preso por te temer ou por vingança. O teu castigo não me alegra. Estás na Torre porque é justo.

— Não conseguirás fazer isto sozinho — diz Balekin, olhando em redor. — Nunca gostaste de trabalhar, nunca quiseste bajular diplomatas ou procurar o dever em vez do prazer. Dá-me as tarefas difíceis, em vez de as dares a uma rapariga mortal de que te sentes devedor e que só te desiludirá.

Os olhos de Nihuar, Randalin e alguns guardas voltam-se para mim, mas Cardan olha para o irmão. Após um longo momento, fala:

— Serias o meu regente, apesar de ser adulto? Procuras-me não como um suplicante, mas como se fosse um cão vadio a que pudesses dar ordens.

Balekin parece abalado, por fim.

— Mesmo que, por vezes, tenha sido severo contigo, fi-lo porque queria melhorar-te. Julgas que poderás ser indolente e egoísta, e ter sucesso, como soberano, aqui? Sem mim, não serias nada. Sem mim, não *serás* nada.

É chocante que Balekin consiga dizer aquelas palavras sem acreditar que são uma mentira.

Cardan, por seu lado, esboça um pequeno sorriso e, quando fala, a sua voz é suave.

— Ameaças-me, vanglorias-te. Expões os teus desejos. Mesmo que tivesse pensado na tua proposta, depois desse pequeno discurso, teria a certeza de que não és um diplomata.

Balekin dá um passo para o trono e os guardas avançam para o espaço entre eles. Consigo ver a sua ânsia para castigar Cardan.

— Brincas aos reis — diz Balekin. — E, se não sabes isso és o único. Envia-me de volta para a prisão, abdica da minha ajuda e perde o reino.

— Isso — diz Cardan. — A segunda opção, a que não te envolve. É essa a minha escolha. — Vira-se para Vulciber. — Esta audiência chegou ao fim.

Enquanto Vulciber e os outros guardas avançam para escoltar Balekin de volta à Torre do Esquecimento, o seu olhar fixa-se em mim. E, nos seus olhos, vejo um poço de ódio tão fundo que me faz recear que, se não tivermos cuidado, Elfhame inteira se afogue nele.



Duas noites antes do casamento da minha irmã, posiciono-me diante do grande espelho nos meus aposentos e desem-bainho a *Anoitecer* devagar. Assumo as posturas que Madoc me ensinou e as que aprendi na Corte das Sombras.

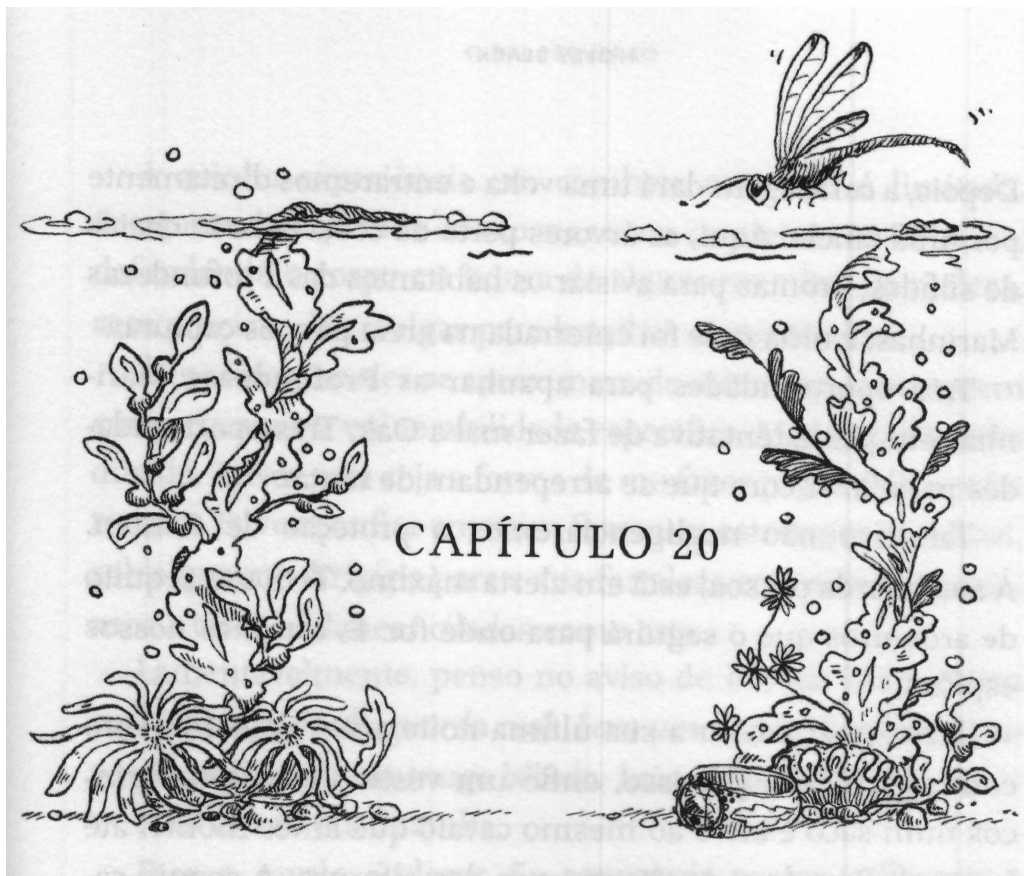
A seguir, ergo a lâmina, saudando a minha oponente. Saúdo-a no espelho.

Danço para trás e para diante, enfrentando-a. Golpeio e bloqueio, bloqueio e golpeio. Simulo. Esquivo-me. Vejo suor acumular-se na testa dela. Combato até a transpiração lhe manchar a camisa, até tremer de exaustão.

Continua a não ser suficiente.

Nunca consigo vencê-la.

Capítulo 20



A armadilha para Orlagh está montada. Passo o dia com Madoc a rever os pormenores. Criámos três momentos e locais específicos onde as Profundezas Marinhas poderiam atacar com alguma confiança.

O próprio barco, transportando um engodo, é óbvio. Exige um gnomo para fingir ser Oak, encolhido dentro de uma capa, e um encantamento para voar.

Antes disso, há um momento durante o copo-d'água de Taryn em que Oak deverá deambular sozinho até ao labirinto. Uma parte das sebes será substituída por elementos do Povo das árvores, que permanecerão invisíveis até precisarem de atacar.

E, mesmo antes disso, na chegada à propriedade de Locke, para o casamento, Oak aparecerá a sair da carruagem num

terreno aberto e visível do oceano. Usaremos também aí o engodo. Esperarei com o Oak verdadeiro dentro da carruagem, enquanto o resto da família sai e, com sorte, o mar ataca.

Depois, a carruagem dará uma volta e entraremos diretamente por uma janela. Aqui, as árvores perto da costa estarão cheias de sílfides, prontas para avistar os habitantes das Profundeza Marinhas, e uma rede foi enterrada na areia para os capturar.

Três oportunidades para apanhar as Profundeza Marinhas em plena tentativa de fazer mal a Oak. Três oportunidades para fazer com que se arrependam de tentar.

Também não negligenciaremos a proteção de Cardar. A sua guarda pessoal está em alerta máximo. Tem um séquito de arqueiros que o seguirá para onde for. E, claro, os nossos espões.

Taryn quer passar a sua última noite antes do casamento com as irmãs e, por isso, enfio um vestido e os seus brincos num saco e ato-o ao mesmo cavalo que antes montei até Insweal. Prendo a *Anoitecer* a um dos alforges. A seguir, cavalgo até à propriedade de Madoc.

A noite está bela. Uma brisa sopra entre as árvores, perfumada com o cheiro a agulhas de pinheiro e maçã-eterna. À distância, ouço cascos. Raposas regougam os seus estranhos chamamentos umas às outras. O trinado de música de flauta soa num ponto longínquo, juntamente com o som de sereias a cantarem melodias agudas, nas rochas.

De repente, os cascos deixam de estar distantes. Cavaleiros atravessam a floresta. São sete, montados em cavalos emaciados e com olhos de pérola. Tem as caras cobertas e as armaduras salpicadas com tinta branca. Ouço o seu riso à medida que se dividem para investirem contra mim de ângulos diferentes. Por um momento, penso que terá de ser um erro.

Um deles puxa por um machado, que reflete a luz da lua crescente e me gela o sangue. Não, não há qualquer erro. Vieram matar-me.

A minha experiência em combate montado é limitada. Sempre achei que me iria tornar uma cavaleira em Elfhame, defendendo o corpo e a honra de algum membro da realeza, sem precisar de cavalgar para batalhas como Madoc.

À medida que eles se aproximam de mim, penso em quem conhecia aquela vulnerabilidade específica. Madoc sabia, sem dúvida. Talvez esta seja a forma de me fazer pagar pela minha traição. Talvez confiar em mim fosse um stratagem. Afinal, sabia que me dirigiria para a sua fortaleza esta noite. E passá-mos a tarde a planear ciladas como esta.

Lamentavelmente, penso no aviso de Barata: *Da próxima vez, leva alguém da guarda real. Leva um de nós. Leva uma nuvem de sílfides ou um trasgo bêbedo. Leva alguém.*

Mas sou só eu. Sozinha.

Faço o cavalo acelerar. Se conseguir passar a floresta e aproximar-me o suficiente da casa, estarei a salvo. Há guardas aí e, quer tenha sido Madoc a enviar os cavaleiros ou não, nunca deixaria que um convidado, muito menos uma filha adotiva, fosse chacinado nas suas terras.

Isso violaria as regras da cortesia.

Basta que consiga lá chegar.

Os cascos golpeiam o chão atrás de mim, enquanto atravessamos a floresta. Olho para trás, sentindo o vento na cara e o cabelo a entrar-me na boca. Afastam-se, tentando ultrapassar-me para me desviarem da casa de Madoc e para me empurrarem para a costa, onde não há sítio onde me possa esconder.

Aproximam-se mais e mais. Ouço-os a chamarem-se uns aos outros, mas as palavras perdem-se no vento. O meu cavalo é rápido, mas os deles correm pela noite como água a fluir. Quando olho para trás, vejo que um deles empunha um arco com flechas negras.

Viro o cavalo para um lado e descubro outro cavaleiro a bloquear-me a fuga.

Têm armaduras e estão armados. Eu tenho apenas algumas facas e a *Anoitecer* nos alforges, além de uma pequena besta no saco. Atravessei aquela floresta centenas de vezes na minha infância. Nunca esperei que precisasse de uma armadura para combater ali.

Uma flecha passa por mim a silvar, enquanto outro cavaleiro se aproxima, brandindo uma lâmina.

Não conseguirei deixá-los para trás.

Ergo-me sobre os estribos, um truque que não sei se resultará, e agarro-me ao próximo ramo sólido por que passar. Uma das montadas de olhos brancos mostra os dentes e morde o flanco da minha montada. O meu pobre animal relincha e ergue-se nas patas traseiras. À luz da lua, parece-me que vejo olhos cor de âmbar quando uma longa espada de um cavaleiro corta o ar.

Ergo-me em cima da minha montada e iço-me para o ramo. Por um momento, limito-me a segurá-lo, ofegante, enquanto os cavaleiros passam por baixo. Viram-se. Um deles bebe de uma garrafa que lhe mancha os lábios de dourado.

— Pequena gata no alto de uma árvore — chama outro. — Desce e vem ter com as raposas!

Ponho-me de pé, recordando as lições de Fantasma, enquanto corro ao longo ramo. Três cavaleiros andam às voltas por baixo de mim. Há um enorme clarão no ar quando o machado voa na minha direção. Baixo-me de repente, e tento não escorregar. A arma passa por mim, cravando-se no tronco da árvore.

— Bom esforço — respondo, tentando parecer tudo menos aterrada. Tenho de me afastar deles. Tenho de subir mais.

Mas e depois? Não poderei lutar contra sete. Mesmo que quisesse tentar, a minha espada continua atada ao cavalo. Tudo o que tenho são algumas facas.

— Desce, rapariga humana — diz um deles, com olhos de prata.

— Sabemos da tua selvajaria. Ouvimos dizer que és feroz — diz outro, com uma voz grave e melódica que talvez seja feminina. — Não nos desiludas.

Um terceiro prepara outra flecha negra.

— Se sou uma gata, deixem-me arranhar-vos — digo, puxando dos flancos duas facas em forma de folha e lançando-as aos cavaleiros em dois arcos brilhantes. Uma delas falha e a outra crava-se numa armadura, mas espero que seja distração suficiente para conseguir puxar o machado da madeira. A seguir, avanço. Salto de ramo em ramo, enquanto flechas voam à minha volta. Sinto-me grata por tudo o que Fantasma me ensinou.

Então, uma flecha atinge-me a coxa.

Não consigo conter um grito de dor. Volto a mexer-me, repelindo o choque, mas a minha velocidade foi-se. A flecha seguinte crava-se tão perto do meu flanco, que só a sorte me salva.

Conseguem ver bem demais, mesmo na escuridão. Conseguem ver muito melhor do que eu.

Os cavaleiros têm todas as vantagens. No alto das árvores, sem conseguir esconder-me, sou apenas um alvo um pouco mais difícil, mas é uma dificuldade divertida. E quanto mais cansada me sinto, mais sangro, mais dor sinto, mais lenta me vou tornar. Se eu não mudar o jogo, perderei.

Preciso de reduzir a desvantagem. Preciso de fazer alguma coisa de que não estão à espera. Se não consigo ver, terei de confiar nos meus outros sentidos.

Com uma inspiração profunda, ignoro a dor na perna, ainda com a flecha espetada, seguro o machado e salto do ramo com um urro.

Os cavaleiros tentam virar os cavalos para se afastarem.

Atinjo um cavaleiro no peito com o machado. O gume amolga a armadura. É um truque e tanto — ou teria sido, se não perdesse o equilíbrio logo a seguir. A arma sai-me da mão assim que caio. Bato no chão com violência, perdendo o fôlego. De

imediatamente, rebolo para evitar golpes. Tenho um zumbido na cabeça e sinto as pernas a arder quando me levanto. Parti a haste da flecha cravada em mim, mas cravei mais a ponta.

O cavaleiro que atingi está pendurado da sela, com o corpo inerte e espuma vermelha a sair-lhe da boca.

Outro cavaleiro vira-se para o lado, enquanto um terceiro avança. Puxo por uma faca, enquanto o arqueiro que investe contra mim tenta trocar o arco pela espada.

Seis contra um melhorou as probabilidades, sobretudo quando quatro cavaleiros ficaram para trás, como se não tivessem pensado que também poderiam ficar feridos.

— Feroz que chegue? — grito-lhes.

O cavaleiro de olhos prateados avança na minha direção e eu lanço a minha faca. Falha o alvo, mas crava-se no flanco do cavalo. O animal empina-se. Mas enquanto tenta controlar a montada, outro lança-se contra mim. Estendo a mão para o machado, inspiro fundo e concentro-me.

O cavalo esquelético fixa em mim os seus olhos brancos sem pupilas. Parece faminto.

Se morrer ali na floresta por não estar mais bem preparada, porque estava demasiado distraída para me dar ao trabalho de pôr a minha estúpida espada no cinto, vou ficar furiosa comigo mesma.

Preparo-me enquanto outro cavaleiro avança para mim, mas não sei se consigo suportar a carga. Frenética, tento pensar noutra opção.

Quando o cavalo se aproxima, atiro-me ao chão, lutando contra cada instinto para sobreviver, contra cada ânsia de fugir do enorme animal. Passa por cima de mim, ergo o machado e golpeio para cima. O sangue salpica-me a cara.

A criatura corre um pouco mais e tomba com um gemido agonizante, prendendo a perna do cavaleiro por baixo do seu volume.

Levanto-me, limpando a cara a tempo de ver o cavaleiro de olhos de prata a preparar uma investida. Sorrio-lhe enquanto ergo o machado sangrento.

O cavaleiro de olhos cor de âmbar dirige-se para o companheiro caído, chamando os outros. O de olhos prateados vira-se para a origem do som e dirige-se, também, para os companheiros. O cavaleiro preso esforça-se, enquanto os outros dois o libertam e colocam sobre um dos outros cavalos. A seguir, afastam-se os seis pela noite fora, agora sem qualquer riso a segui-los.

Aguardo, receando que voltem para trás, que algo pior esteja prestes a sair das sombras. Os minutos passam. O som mais elevado é a minha respiração ofegante e o rugido do sangue nos meus ouvidos.

Trémula, dorida, caminho pela floresta, e encontro a minha montada caída no relvado, a ser devorada pelo cavalo do cavaleiro morto. Agito o machado e ele foge. Mas nada deixará o meu pobre cavalo menos morto.

O meu saco desapareceu-lhe do dorso. Deverá ter caído durante a fuga, levando consigo a minha roupa e a besta. As minhas facas também se foram, cobrindo o chão da floresta depois de as ter lançado, provavelmente perdidas na vegetação. Pelo menos, a *Anoitecer* continua aqui, presa à sela. Liberto a espada do meu pai com os dedos doridos.

Usando-a como bengala, consigo arrastar-me durante o resto do caminho até à fortaleza de Madoc e lavar o sangue no sifão no exterior.

Lá dentro, encontro Oriana sentada perto de uma janela, a bordar. Vira para mim os seus olhos rosados e não se dá ao trabalho de sorrir para me deixar à vontade, como um humano faria.

— A Taryn está lá em cima com a Vivi e a sua amante. O Oak dorme e o Madoc planeia. — Percebe a minha aparência. — Caíste num lago?

Aceno com a cabeça.

— Estúpida, não?

Dá outro ponto. Dirijo-me para as escadas e volta a falar antes de o meu pé tocar no primeiro degrau.

— Seria assim tão terrível que o Oak ficasse comigo em Faerie? — pergunta. Há uma pausa longa antes de sussurrar: — Não quero perder o seu amor.

Odeio ter de dizer o que já sabe.

— Aqui, nunca deixaria de haver cortesãos a envenenarem-lhe os ouvidos com sussurros do rei que seria, caso o Cardan lhe saísse do caminho... e isso poderia deixar aqueles que são leais ao Cardan desejosos de que o Oak desaparecesse. Sem pensar nas ameaças maiores. Enquanto o Balekin viver, o Oak ficará mais seguro longe de Faerie. Além disso, há a Orlagh.

Desconsolada, acena com a cabeça e volta-se outra vez para a janela.

Talvez precise apenas que outra pessoa seja o vilão, que outra pessoa seja responsável por mantê-los afastados. Felizmente para ela, sou alguém de quem já não gosta muito.

Mesmo assim, recordo como era ter saudades do sítio onde cresci, das pessoas que me criaram.

— Nunca perderá o seu amor — digo. A voz sai-me tão silenciosa como a dela. Sei que me ouve, mas, mesmo assim, não se vira.

Depois daquilo, subo as escadas com dores na perna. Estou no patamar, quando Madoc sai do gabinete e olha para mim. Fareja o ar. Penso se sentirá o cheiro do sangue que continua a escorrer-me pela perna abaixo, o cheiro da terra, do suor e da água fria do poço.

Sinto um arrepio.

Vou ao meu antigo quarto e fecho a porta. Enfio a mão por baixo do colchão e é com gratidão que descubro que uma das

minhas facas continua ali, embainhada e um pouco empoeirada. Deixo-a onde está, sentindo-me um pouco mais segura.

Coxeio até à minha velha banheira, mordo o interior da boca para resistir à dor e sento-me no bordo. A seguir, corto as calças e examino os restos de flecha cravados na perna. A haste partida é de salgueiro, manchada com cinza. O que consigo ver da ponta da flecha é feito de armação de veado.

A minha mão começa a tremer, e percebo a velocidade com que o meu coração bate e como me sinto zozna.

Os ferimentos de flecha são maus porque, de cada vez que me movo, pioram. O corpo não consegue sarar com uma farpa afiada a cortar-lhe os tecidos e, quanto mais tempo ali ficar, mais difícil será de extrair.

Inspirando fundo, ponho um dedo sobre a ponta da flecha e pressiono-a com leveza. Dói o suficiente para me fazer gemer e ficar zozna por um momento, mas não parece estar cravada no osso.

Preparo-me, tiro a faca e corto uns dois centímetros abaixo na pele da perna. É dilacerante. Respiro com inspirações superficiais no momento em que consigo enfiar os dedos na pele e libertar a ponta de flecha. Há muito sangue, uma quantidade assustadora. Pressiono com a mão, tentando travar o fluxo.

Por um instante, fico demasiado zozna para fazer alguma coisa além de ficar ali sentada.

— Jude? — É Vivi quem abre a porta. Olha primeiro para mim e depois para a banheira. Arregala os seus olhos de gato.

Abano a cabeça.

— Não digas a ninguém.

— Estás a sangrar — diz.

— Traz-me... — começo e paro a seguir, percebendo que preciso de coser o ferimento, algo em que não pensei. Talvez não esteja tão bem como pensava estar. O choque nem sempre é imediato. — Preciso de uma agulha e de uma linha; nada muito

fino, pode ser fio para bordar. E um pano para continuar a fazer pressão na ferida.

Franze a testa ao ver a faca na minha mão e perceber que o ferimento é recente.

— Fizeste isso a ti mesma?

Aquilo quebra-me o torpor por um momento.

— Sim. Alvejei-me a mim *mesma* com uma flecha.

— Está bem, está bem. — Entrega-me uma camisa e sai do quarto. Pressiono o tecido contra o ferimento, esperando abrandar a hemorragia.

Quando regressa, traz linha branca e uma agulha. Aquela linha não ficará branca durante muito tempo.

— Então — digo, tentando concentrar-me. — Queres segurar ou coser?

Segurar diz ela, olhando-me como se desejasse uma terceira opção. — Não achas melhor chamar a Taryn?

Na noite antes do casamento dela? Nem pensar. — Tento enfiar a linha na agulha, mas as minhas mãos tremem tanto que é difícil. — Agora, junta os lados da ferida.

Vivi ajoelha-se e faz o que peço com uma careta. Gemo e tento não desmaiar. Só mais alguns minutos e poderei sentar-me e descontraír, prometo a mim mesma. Só mais uns minutos e será como se aquilo nunca tivesse acontecido.

Coso. Dói e dói e dói. Quando acabo, lavo a perna e arranco a parte mais limpa da camisa para enrolar à sua volta.

Ela aproxima-se mais.

— Consegues levantar-te?

— Daqui a um minuto. — Abano a cabeça.

— E o Madoc? — diz. — Podíamos dizer...

— A ninguém — insisto e, apoiando-me no bordo da banheira, passo a perna por cima, contendo um grito de dor.

Vivi abre as torneiras e a água sai, lavando o sangue.

— Tens a roupa ensopada — diz, franzindo a testa.

— Passa-me um vestido dali — digo. — Procura um que pareça um saco.

Forço-me a coxear até uma cadeira e deixo-me cair sobre ela. A seguir, tiro o casaco e a camisa. Nua da cintura para cima, não consigo continuar sem ser travada pela dor.

Vivi traz-me um vestido — tão velho, que Taryn não se deu ao trabalho de mo levar — e prepara-o para mo enfiar pela minha cabeça, guiando-me as mãos pelas mangas como se fosse uma criança. Com cuidado, descalça-me as botas e o que resta das minhas calças.

— Podias deitar-te — diz. — Descansar. A Heather e eu podemos distrair a Taryn.

— Vou ficar bem — digo.

— Só estou a dizer que não precisas de fazer mais nada. — Vivi parece reconsiderar os meus avisos acerca de não vir para aqui. — Quem fez isto?

— Eram sete a cavalo... Talvez cavaleiros. Quem ordenou o ataque? Não sei.

Vivi suspira.

— Jude, volta para o mundo humano comigo. Isto não tem de ser normal. Não é normal.

Levanto-me da cadeira. Prefiro apoiar-me na perna ferida a ouvir mais daquilo.

— Que teria acontecido se não tivesse entrado aqui? — pergunta.

Depois de me levantar, preciso de continuar a mexer-me ou perderei o ímpeto. Dirijo-me para a porta.

— Não sei — digo. — Mas sei isto. O perigo também pode facilmente encontrar-me no mundo mortal. Estar *aqui* permite-me assegurar que tu e o Oak têm guardas a vigiar-vos *lá*. Ouve, sei

que te parece que o que faço é estúpido. Mas não finjas que é inútil.

— Não foi isso que quis dizer — diz ela. Mas por essa altura, já estou no corredor. Puxo a porta do quarto de Taryn e encontro-a com Heather, rindo-se de alguma coisa. Param quando entro.

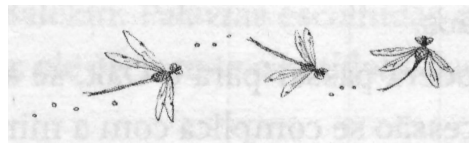
— Jude? — pergunta Taryn.

— Caí do cavalo — digo-lhe, e Vivi não me contradiz. — De que falamos?

Taryn está nervosa, vagueando pelo quarto para tocar no vestido delicado que vestirá no dia seguinte, para envergar a tiara decorada com vegetação cultivada em jardins de duendes e tão fresca como quando foi colhida.

Percebo que os brincos que lhe comprei se foram, perdidos com o resto do saco. Dispersos entre folhas e vegetação rasteira.

Criados trazem vinho e bolos, e eu lambo a cobertura doce, deixando-me levar pela conversa. A dor na perna é uma distração, mas maior distração ainda é a memória do riso dos cavaleiros, da forma como cercaram o tronco da árvore. A memória de ser ferida e de estar assustada e sozinha.



Quando acordo no dia do casamento de Taryn, estou na cama da minha infância. É como se acordasse de um sonho profundo e, por um momento, não é que não saiba onde estou — não sei *quem* sou. Durante aqueles breves momentos, pestanejando com o sol do fim da manhã, sou a filha leal de Madoc, a sonhar com a possibilidade de me tornar cavaleira na Corte. Depois, o último meio ano regressa como o sabor, agora familiar, do veneno na minha boca.

Como a pontada dos pontos dados à pressa.

Levanto-me e desenrolo o pano para examinar o ferimento. Está feio e inchado, e os pontos são pobres. Também tenho a

perna dorida.

Gnarbone, um criado enorme com orelhas longas e cauda, entra no meu quarto com uma batida demasiado tardia na porta. Traz um tabuleiro com o pequeno-almoço. Apresso-me a cobrir a metade inferior do corpo com os cobertores.

Pousa o tabuleiro na cama, sem comentar, e entra na casa de banho. Ouço água correr e sinto o cheiro de ervas esmagadas. Fico sentada, encolhida, até se ir embora.

Poderia dizer-lhe que estou ferida. Seria simples. Se tivesse pedido a Gnarbone que chamasse um cirurgião militar, fá-lo-ia. Ele diria a Oriana e Madoc, claro. Mas a minha perna seria bem cosida e ficaria a salvo da infeção.

Mesmo que tivesse sido Madoc a enviar os cavaleiros, acredito que, ainda assim, trataria de mim. Por cortesia, no fundo. Mas consideraria isso uma cedência. Admitiria que precisava dele, que tinha vencido. Que tinha regressado a casa de vez.

E, no entanto, com a luz da manhã, fiquei bastante segura de que não tinha sido Madoc a enviar os cavaleiros, mesmo sendo o tipo de cilada que apreciava. Nunca teria enviado assassinos que se continham e que partiam quando ainda tinham vantagem numérica.

Depois de Gnarbone sair, bebo o café com avidez e dirijo-me para o banho.

A água está leitosa e perfumada, e só submersa me permito chorar. Só submersa posso admitir que quase morri e que me senti aterrorizada e que desejo poder contar tudo aquilo a alguém. Sustenho a respiração até não poder mais.

Depois do banho, cubro-me com um velho roupão e dirijo-me para a cama. Enquanto tento decidir se vale a pena enviar um criado ao palácio para trazer outro vestido ou se devo usar alguma coisa da Taryn, Oriana entra no quarto com uma peça de tecido prateado.

— Os criados dizem-me que não trouxeste bagagem — diz.
— Suponho que terás esquecido que o casamento da tua irmã exige um novo vestido. Ou um vestido qualquer.

— Há pelo menos uma pessoa que estará nua — digo. — Sabe que é verdade. Nunca fui a um único festim em Faerie onde *todos* estivessem vestidos.

— Se é esse o teu plano — diz ela, dando meia volta —, suponho que só precisarás de um colar bonito.

— Espere — digo. — Tem razão. Não tenho vestido e preciso de um. Não vá, por favor.

Quando Oriana se vira, há um indício de sorriso na sua cara.

— Não parece teu dizeres o que pensas, e que não seja algo hostil.

Imagino como será para ela viver na casa de Madoc, ser a sua esposa obediente e ter desempenhado um papel no desfazer dos seus planos. Oriana é capaz de maior subtileza do que a lhe reconheci.

E trouxe-me um vestido.

Parece uma amabilidade até o estender sobre a minha cama.

— É um dos meus — explica. — Acredito que servirá.

O vestido é prateado e recorda-me um pouco malha metálica. É belo, com mangas de balão cortadas ao longo do braço para mostrar a pele, mas tem um decote profundo que assentaria de uma forma em Oriana e de uma forma totalmente diferente em mim.

— É um pouco... hum... ousado para um casamento, não acha? — É impossível usá-lo com soutien.

Limita-se a fixar em mim um olhar intrigado, quase de inseto.

— Suponho que posso experimentá-lo — digo, recordando que tinha acabado de gracejar sobre ficar nua.

Como estamos em Faerie, ela não tem qualquer intenção de sair. Viro-me, esperando que seja suficiente para desviar a atenção da minha perna enquanto me dispo. A seguir, enfio o vestido pela cabeça abaixo e deixo-o deslizar sobre as minhas ancas. Brilha de forma magnífica, mas, como suspeitei, expõe muito o meu peito. Mesmo *muito*.

Oriana acena com a cabeça, satisfeita.

— Enviarei alguém para te pentear.

Pouco depois, uma fada muito magra acaba de me entrançar o cabelo em chifres de carneiro, prendendo as pontas com fita de prata. Pinta-me as pálpebras e a boca com mais prata.

Já vestida, desço ao andar de baixo para me juntar ao resto da família no salão de Oriana, como se os últimos meses não tivessem acontecido.

Oriana tem um vestido violeta pálido com gola de pétalas frescas que lhe sobe até ao maxilar maquilhado. Vivi e Heather estão as duas com roupas mortais. Vivi veste um tecido esvoaçante, estampado com olhos, e Heather traz um curto vestido cor de rosa com pequenas manchas prateadas. O cabelo de Heather está preso com molas rosa cintilantes. Madoc veste uma túnica roxa escura e Oak veste uma cor a condizer.

— Ei — diz Heather. — Estamos as duas de prateado.

Taryn ainda não chegou. Sentamo-nos no salão, a bebe: chá e a comer pão sem fermento.

— Acreditam mesmo que levará isto avante? — pergunta Vivi.

Heather dirige-lhe um olhar escandalizado e bate-lhe na perna.

Madoc suspira.

— Diz-se que aprendemos mais com os nossos falhanços do que com os nossos sucessos — diz, com um olhar eloquente na minha direção.

Taryn desce, por fim. Foi banhada em orvalho de lilases e traz um vestido com camadas muito finas de tecido sobrepostas, com ervas e flores presas entre elas para dar a sensação de que é, ao mesmo tempo, um ramalhete vivo e uma criatura bela e flutuante.

O seu cabelo está entrançado numa coroa com botões verdes à volta.

Está bela e dolorosamente humana. Com todo aquele tecido pálido, parece uma vítima de sacrifício e não uma noiva. Sorrimos a todos, tímida e com um brilho de felicidade.

Levantamo-nos e dizemos-lhe como está bela. Madoc pega-lhe nas mãos e beija-as, olhando-a como qualquer pai orgulhoso. Mesmo que acredite que ela comete um erro.

Entramos na carruagem com o pequeno gnomo que será o duplo de Oak. Depois de entrarmos, este troca de casaco e senta-se à pressa num canto.

No caminho para a propriedade de Locke, Taryn inclina-se para a frente e pega-me na mão.

— Depois de estar casada, as coisas serão diferentes.

— Algumas coisas — digo, sem saber ao certo de que fala.

— O pai prometeu mantê-lo na linha — sussurra.

Recordo o apelo de Taryn para afastar Locke da sua posição de Mestre de Festins. É provável que travar os caprichos de Locke mantenha Madoc ocupado, e isso não me parece negativo.

— Estás feliz por mim? — pergunta. — A sério?

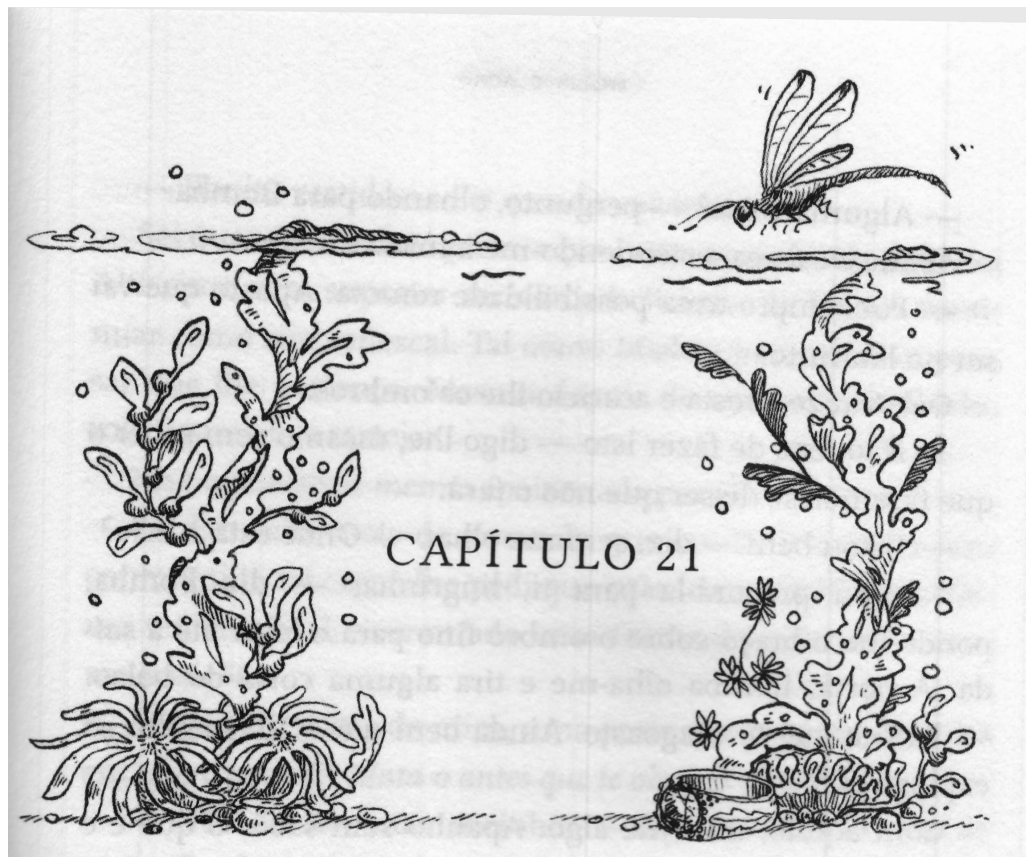
Taryn foi mais próxima de mim do que qualquer outra pessoa no mundo. Conheceu a maré dos meus sentimentos, das minhas mágoas, pequenas e grandes, durante a maior parte da minha vida. Seria estúpido deixar alguma coisa interferir com isso.

— Quero que *sejas* feliz — digo. — Hoje e sempre.

Esboça-me um sorriso nervoso e os seus dedos apertam os meus.

Continuo a segurar-lhe a mão quando o labirinto se torna visível. Vejo três sílfides de vestidos transparentes voarem sobre a vegetação, rindo-se, e, mais além, outros membros do Povo começando já a movimentar-se. Como Mestre de Festins, Locke organizou um casamento digno do título.

Capítulo 21



A primeira armadilha não é ativada. O engodo sai com a minha família, enquanto Oak e eu nos baixamos na carruagem. A princípio, sorri-me, quando nos encolhemos no espaço entre os bancos almofadados, mas o sorriso desaparece no momento seguinte, substituído por preocupação.

Pego-lhe na mão e aperto-a.

— Pronto para sair por uma janela?

Aquilo volta a animá-lo.

— Da carruagem?

— Sim — digo, esperando que a carruagem dê a volta. A seguir, ouço alguém bater. Espreito e vejo Bomba dentro da propriedade. Pisca-me o olho e ergo Oak, fazendo-o passar pela janela da carruagem até aos braços dela.

Saio a seguir, sem qualquer elegância. O meu vestido é ridiculamente revelador e tenho a perna ainda rígida, e dorida, quando a apoio no chão de pedra de Locke.

— Alguma coisa? — pergunto, olhando para Bomba.

Abana a cabeça, estendendo-me a mão.

— Foi sempre uma possibilidade remota. Aposto que vai ser no labirinto.

Oak franze a testa e acaricio-lhe os ombros.

— Não tens de fazer isto — digo-lhe, mesmo sem saber o que faremos se disser que não o fará.

— Estou bem — diz, sem me olhar. — Onde está a mãe?

— Vou procurá-la para ti, lingrinhas — diz Bomba, pondo-lhe o braço sobre o ombro fino para o levar até à saída. À porta, Bomba olha-me e tira alguma coisa do bolso.

— Parece que te magoaste. Ainda bem que não cozinho só explosivos.

Com aquilo, atira-me algo. Apanho sem saber o que é e viro-o na mão. Um pote de unguento. Volto a olhar para ela para lhe agradecer, mas já se foi.

Tirando a rolha ao pequeno pote, inspiro o cheiro a ervas fortes. Depois de o espalhar na pele, a minha dor diminui. O unguento arrefece o calor do que será uma infeção iminente. A perna continua dorida, mas não como antes.

— Minha senescal — diz Cardan, e quase deixo cair o unguento. Puxo o vestido para baixo enquanto me viro. — Estas pronta para receber o Locke na tua família?

Quando estivemos naquela casa pela última vez, no labirinto nos jardins, ele tinha a boca manchada com olvido dourado e tinha-me visto beijar Locke com uma intensidade tão tórrida, que julguei ser ódio.

Agora, estuda-me com um olhar semelhante e tudo o que quero é cair-lhe nos braços. Quero afogar as preocupações no

seu abraço. Quero que diga alguma coisa totalmente contrária à sua natureza sobre tudo ficar bem.

— Bonito vestido — é o que diz, ao invés.

Sei que a Corte deve pensar que estou apaixonada pelo Rei Altíssimo para suportar ser coroada Rainha da Folia e continuar como sua senescal. Tal como lhe pedi que usasse contra Nicasia. Talvez tenha, afinal, encontrado uma forma de inverter as nossas posições.

Mas e se estiver *mesmo* apaixonada por ele?

Cardan sabe mais de amor do que eu. Poderia usar isso contra mim, tal como lhe pedi que usasse contra Nicasia. Talvez tenha, afinal, encontrado uma forma de inverter as nossas posições.

Mata-o, diz parte de mim, uma parte que recordo da noite em que o prendi. *Mata-o antes que te obrigue a amá-lo*.

— Não devias estar sozinho — digo, pensando que se as Profundezas Marinhas vão atacar, não podemos dar-lhes alvos fáceis. — Não esta noite.

Cardan sorri.

— Não planeei estar.

A insinuação de que não está sozinho na maior parte das noites incomoda-me e odeio que assim seja.

— Ótimo — digo, engolindo esse sentimento, mesmo que mais pareça que engulo bÍlis. — Mas se pretendes levar alguém para a cama ou, melhor ainda, vários alguéns, escolhe guardas. E chama mais guardas ainda para vos vigiarem.

— Uma verdadeira orgia. — A ideia parece encantá-lo.

Não paro de pensar na firmeza com que me olhou quando estávamos ambos nus, antes de vestir a camisa e abotoar aqueles punhos elegantes. *Devíamos ter declarado tréguas*, disse, afastando o cabelo negro com impaciência. *Devíamos ter declarado tréguas muito antes disto*.

Mas nenhum de nós declarou tréguas. Então ou depois.

Jude, disse, passando uma mão pela minha canela, *tens medo de mim?*

Pigarreio, expulsando as memórias.

— Ordeno-te que não permitas que te deixem sozinho desde o anoitecer até ao próximo amanhecer.

Afasta-se, como se tivesse sido picado. Já não espera que lhe dê ordens de forma tão declarada, como se não confiasse nele.

O Rei Altíssimo de Elfhame faz uma vénia superficial.

— Os teus *desejos*... Não, esquece isso. As tuas *ordens* são ordens — diz.

Não consigo olhar para ele enquanto sai. Sou uma cobarde. Talvez seja a dor na minha perna, talvez seja a preocupação com o meu irmão, mas parte de mim quer chamá-lo e pedir desculpa. Por fim, quando tenho a certeza de que estou sozinha, dirijo-me para a festa. Poucos passos e estou no corredor.

Madoc está encostado à parede. Tem os braços cruzados sobre o peito e abana a cabeça, olhando para mim.

— Nunca me fez sentido. Até agora.

Paro.

— O quê?

— Ia buscar o Oak quando te ouvi falar com o Rei Altíssimo. Perdoa-me por ter ouvido a conversa.

Mal consigo pensar com tanto ruído nos meus ouvidos.

— Não é o que está a pen...

— Se não fosse, não saberias o que penso — contrapõe Madoc. — Muito inteligente, filha. Não admira que não te tenhas sentido tentada por nada que te tenha oferecido. Disse que não te subestimaria, e fi-lo. Subestimei-te e subestime: tanto a tua ambição como a tua arrogância.

— Não — digo. — Não percebe...

— Oh, acho que percebo — diz, sem esperar que explique que Oak não estava preparado para o trono, sem saber o meu desejo de evitar derrame de sangue ou sem sequer saber se conseguirei manter o que tenho durante mais de um ano e um dia. Está demasiado furioso para isso. — Finalmente, compreendo. Juntos, venceremos a Orlagh e as Profundezas Marinhas. Mas, quando forem eliminados, seremos nós a fitarmos de lados opostos de um tabuleiro de xadrez. E, quando te vencer, certificar-me-ei de que o farei da forma meticulosa que merece qualquer adversário que tenha revelado ser meu igual.

Antes de conseguir pensar no que responder àquilo, segurame no braço e marchamos os dois para o relvado.

— Vem — diz. — Ainda temos papéis para desempenhar.

Lá fora, pestanejando para habituar os olhos ao sol do fim de tarde, Madoc deixa-me para falar com alguns cavaleiros que formam um grupo compacto perto de um lago ornamental. Acena-me com a cabeça quando se afasta. É o gesto de quem reconhece um adversário.

Sinto um arrepio. Quando o confrontei no Solar Oco, depois de lhe envenenar a taça, pensei que o tivesse transformado num inimigo. Mas aquilo é muito pior. Sabe que me ergo entre ele e a Coroa e pouco importa que me ame ou odeie — fará o que for preciso para me arrancar o poder das mãos.

Sem outras opções, dirijo-me para o labirinto, em direção aos festejos no seu centro.

Três curvas e parece-me que os foliões estão mais distantes. Os sons ficam abafados e o riso difuso vem de todas as direções. Os arbustos são altos que cheguem para desorientar.

Sete curvas e estou perdida. Volto para trás e descubro que o labirinto mudou. Os caminhos não estão onde estavam antes.

Claro. Não poderia ser um labirinto normal. Não. Tinha de querer sabotar-me.

Recordo que o Povo das árvores está entre aquela folhagem, à espera para manter Oak em segurança. Não sei se serão eles a trocar de mim naquele momento, mas, pelo menos, posso ter a certeza de que alguém ouve quando falo.

— Vou cortar-vos até encontrar o caminho — digo às paredes de folhas. — Vamos deixar-nos de batota.

Ramos agitam-se atrás de mim. Quando me viro, há um caminho novo.

— Espero que este seja o caminho para a festa — resmungo, pondo-me a caminho. Espero que não conduza à masmorra secreta reservada às pessoas que ameaçam o labirinto.

Outra curva e chego a um trilho de pequenas flores brancas com uma torre de pedra em miniatura. Do interior, ouço um som estranho, entre o rosnado e o choro.

Desembainho a *Anoitecer*. Não há muitas coisas que chorem em Faerie. E as coisas mais comuns que choram ali como as *banshees*, são muito perigosas.

— Quem está aí? — pergunto. — Sai ou eu entro.

Surpreende-me ver Heather. As suas orelhas ficaram compridas e peludas, como as de um gato. O nariz tem uma forma diferente e pelos longos crescem acima das suas sobancelhas e nas maçãs do rosto.

Pior, como não consigo ver através daquilo, não é uma simples ilusão. É um feitiço real e não me parece que tenha acabado. Enquanto a olho, uma camada de pelo cresce-lhe ao longo dos braços formando um padrão de gato malhado.

— Que... que aconteceu? — gaguejo.

Abre a boca, mas, em vez de uma resposta, sai um miado patético.

Não consigo impedir o riso. Não por ser engraçado, mas porque me sobressalta. A seguir, sinto-me horrível, especialmente quando a ouço silvar.

Agacho-me, fazendo um esgar de dor quando o movimento força os meus pontos.

— Não entres em pânico. Desculpa. Surpreendeste-me. Foi por isto que te disse que mantivesses aquele talismã em ti.

Volta a miar.

— Sim — digo, suspirando. — Ninguém gosta de ouvir «eu avisei». Não te preocupes. O idiota que achou que isto seria uma partida divertida está prestes a arrepende-se... e muito. Vem daí.

Segue-me, tremendo. Quando tento abraçá-la, afasta-se com outro silvo. Pelo menos, mantém-se vertical. Pelo menos, continua humana que chegue para ficar comigo em vez de fugir.

Avançamos pelas sebes dentro e, desta vez, o labirinto não brinca connosco. Três curvas depois, estamos entre os convidados. Uma fonte borbulha preguiçosamente, com o seu som a misturar-se com a conversa.

Olho à volta, procurando alguém que conheça.

Taryn e Locke não estão ali. O mais provável é que tenham ido para uma clareira reservada onde possam trocar votos privados — o seu verdadeiro casamento de fadas, misterioso e sem testemunhas. Numa terra onde não há mentiras, as promessas não precisam de ser públicas para terem peso.

Vivi corre para mim, pegando nas mãos de Heather, cujos dedos se curvam para dentro como patas de animal.

— Que aconteceu? — pergunta Oriana com urgência.

— Heather? — pergunta Oak. Heather olha para ele com olhos de gato que combinam com os da minha irmã. Penso se seria essa a piada. Uma gata para uma rapariga com olhos de gato.

— Faça alguma coisa — diz Vivi a Oriana.

— Não sou hábil com encantamentos — responde. — Desfazer maldições nunca foi a minha especialidade.

— Quem fez isto? *Podem* desfazê-lo. — Há um rosnado na minha voz que me faz soar como Madoc. Vivi ergue o olhar com uma expressão estranha na cara.

— Jude — adverte Oriana, mas Heather aponta com os dedos dobrados.

Junto a um trio de faunos flautistas, há um rapaz com orelhas de gato. Atravesso o centro do labirinto para me aproximar dele. Uma mão cobre o punho da minha espada. Toda a frustração que sinto por tudo o que não consigo controlar concentra-se no concerto desta situação.

A minha outra mão faz-lhe saltar o cálice de vinho verde dos dedos. O líquido forma uma poça sobre os trevos antes de ser absorvido pela terra que pisamos.

— Que é isto? — pergunta ele.

— Amaldiçoaste aquela rapariga — digo-lhe. — Desfaz a maldição *imediatamente*.

— Admirou as minhas orelhas — diz o rapaz. — Limitei-me a dar-lhe o que desejava. Um favor festivo.

— Direi o mesmo depois de te esventrar e usar as tuas entranhas como enfeites — digo-lhe. — *Só lhe dei o que desejava. Afinal, se não quisesse ser estripado, teria acedido ao meu pedido muito razoável.*

Lançando olhares furiosos a toda a gente, caminha sobre o relvado e diz algumas palavras. O encantamento começa a dissipar-se. Mas Heather volta a chorar quando a sua humanidade regressa. Soluços fortes abalam-na.

— Quero ir-me embora — diz, por fim, com voz trémula e chorosa. — Quero ir *já* para casa e não voltar nunca mais.

Vivi devia tê-la preparado melhor. Devia ter assegurado que usava sempre um talismã ou, melhor ainda, dois. Nunca devia ter deixado Heather afastar-se sozinha.

Temo que, de alguma forma, aquilo tenha sido culpa minha. Taryn e eu escondemos a Vivi o pior de ser humano em Faerie.

Penso que Vivi terá acreditado que, por as suas irmãs estarem bem, Heather também estaria. Mas nunca estivemos.

— Vai ficar tudo bem — diz Vivi, esfregando as costas de Heather com movimentos circulares. — Estás bem. É só um pouco estranho. Mais tarde, vais achar que teve piada.

— Ela não vai achar que teve piada — digo. E Vivi esboça-me um olhar irado.

O choro continua. Por fim, Vivi põe um dedo por baixo do queixo de Heather, elevando-lhe a cara para a olhar nos olhos.

— Estás bem — repete Vivi, e ouço o encantamento na sua voz. A magia faz o corpo de Heather descontrair. — Não te lembras da última meia hora. Estavas a divertir-te muito no casamento, mas tropeçaste. Choravas porque esfolaste o joelho. Não é tonto?

Heather olha em redor, envergonhada, e seca os olhos.

— Sinto-me um pouco ridícula — diz, rindo. — Suponho que tenha sido só surpresa.

— Vivi — silvo.

— Sei o que vais dizer — diz-me Vivi entredentes. — Mas é só uma vez. E, antes que perguntes, nunca o fiz antes. Mas não precisa de se lembrar de nada disto. Daqui para a frente.

Estou tão furiosa que mal consigo falar, mas preciso que Vivi perceba. Preciso que perceba que até recordações terríveis são melhores do que vazios estranhos ou sentimentos ociosos que não fazem sentido.

Mas, antes de poder começar, Fantasma está junto ao meu ombro. Vulciber está a seu lado. Estão os dois fardados.

— Vem connosco — diz Fantasma, de forma brusca e nada habitual.

— Que foi? — pergunto-lhes com voz tensa. Continuo a pensar em Vivi e Heather.

Nunca vi Fantasma tão agravado.

— As Profundezas Marinhas agiram.

Procuro Oak, mas está onde o deixei momentos antes, com Oriana, olhando para Heather e ouvindo-a insistir que está bem. Uma pequena ruga vinca-lhe a pele entre as sobrancelhas, mas, além disso, parece completamente a salvo de tudo, menos de más influências.

Cardan está do outro lado do relvado, onde Taryn e Locke acabaram de regressar da sua troca de votos. Taryn parece acanhada e tem as bochechas rosadas. As pessoas correm para a beijar — duendes e *grigs*, damas cortesãs e bruxas. O céu está limpo e a brisa é doce e perfumada com flores.

— A Torre do Esquecimento. Vulciber insiste que devias ir ver — diz Bomba. Nem sequer reparei na sua aproximação. Está toda vestida de preto e tem o cabelo preso num carrapito apertado. — Jude?

Viro-me para os meus espiões.

— Não percebo.

— Explicaremos pelo caminho — diz Vulciber. — Estás pronta?

— Só um segundo. — Devia dar os parabéns a Taryn antes de partir. Beijá-la na cara e dizer alguma coisa simpática. Assim, saberá que aqui estive, mesmo que tenha precisado de partir. Mas, enquanto a observo, avaliando a rapidez com que conseguirei fazê-lo, o meu olhar fixa-se nos brincos dela.

Há uma lua e uma estrela penduradas nos lóbulos das suas orelhas. Os mesmos brincos que comprei a Grimsen. Os que perdi na floresta. Não os tinha postos quando entrámos na carruagem, o que significa que os terá recebido de...

A seu lado, Locke esboça o seu sorriso de raposa e, quando se aproxima, coxeia um pouco.

Por um momento, limito-me a olhá-lo. A minha mente recusa admitir o que vejo. Era Locke quem acompanhava os cavaleiros, Locke e os seus amigos na noite antes do seu casamento. Uma

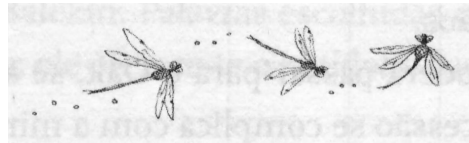
espécie de despedida de solteiro. Suponho que tenha decidido vingar-se por o ter ameaçado. Ou talvez soubesse que nunca conseguiria manter-se fiel, decidindo vir atrás de mim antes de ir atrás dele.

Olho-os uma última vez e percebo que não posso fazer nada naquele momento.

— Transmite as notícias sobre as Profundezas Marinhas ao Grande General — digo a Bomba. — E assegura que...

— Olho pelo teu irmão — tranquiliza-me. — E pelo Rei Altíssimo.

Virando as costas ao casamento, sigo Vulciber e Fantasma. Cavalos amarelos com crinas longas estão por perto, já com selas e arreios. Montamo-los e partimos para a prisão.



Do exterior, o único indício de que algo pode não estar bem é a maré, cujas ondas estão mais altas do que alguma vez as vi. A água acumula-se sobre as lajes irregulares.

Lá dentro, vejo os corpos. Cavaleiros, pálidos e imóveis. Os poucos que estão deitados de costas têm as bocas cheias de água, como se os seus lábios fossem o bordo de taças. Outros estão deitados de lado. Os olhos de todos foram substituídos por pérolas.

Afogados em terra firme.

Desço as escadas a correr, aterrorizada pelo que possa ter acontecido à mãe de Cardan. Mas está lá, viva, a olhar-me na penumbra. Por um momento, fico apenas à frente da cela dela, cobrindo o peito com a mão num gesto de alívio.

A seguir, desembainho a *Anoitecer* e corto entre grade e cadeado. Voam faíscas e a porta abre. Asha olha-me com desconfiança.

— Vai — digo. — Esquece os nossos acordos. Esquece tudo. Sai daqui.

— Porque fazes isto? — pergunta-me.

— Pelo Cardan — digo. E calo-me antes de dizer o resto: *Porque a mãe dele continua viva e a minha não. Porque, mesmo que ele te odeie, deveria, pelo menos, ter uma oportunidade para te falar do assunto.*

Com um olhar confuso, começa a subir.

Preciso de saber se Balekin continua preso, se continua vivo. Desço mais, avançando pela penumbra com uma mão contra a parede e a outra empunhando a espada.

Fantasma diz o meu nome, provavelmente devido à súbita aparição de Asha à sua frente, mas estou focada no meu objetivo. Os meus pés ficam mais rápidos e seguros sobre os degraus em espiral.

Encontro a cela de Balekin vazia. As grades foram forçadas e partidas. Os seus luxuosos tapetes estão molhados e cobertos de areia.

Orlagh levou-o. Levou um príncipe de Faerie debaixo do meu nariz.

Amaldiçoo a minha falta de visão. Sabia que se encontravam, sabia que conspiravam, mas tinha a certeza, graças a Nicasia, que o principal desejo de Orlagh era que Cardan se tornasse o noivo do mar. Não me ocorreu que Orlagh agiria antes de receber uma resposta. E não pensei que, quando ameaçou derramar sangue, se referia a Balekin.

Balekin. Seria difícil pôr-lhe a coroa de Faerie sobre a cabeça sem que fosse Oak a colocar-lha. Mas se Cardan abdicasse, algum dia, isso implicaria um período de instabilidade, outra coroação e outra oportunidade para Balekin governar.

Penso em Oak, que não está preparado para nada daquilo. Penso em Cardan, que deverá ser persuadido a colocar-se outra vez ao meu serviço, especialmente agora.

Ainda praguejo quando ouço uma onda embater nas pedras com força suficiente para ecoar pela Torre. Fantasma volta a gritar o meu nome, mais perto do que esperava.

Viro-me no momento em que surge no lado oposto da cela. A seu lado, estão três elementos do Povo do mar, fixando em mim um olhar pálido. Demoro um momento a encaixar as peças do que vejo, a perceber que Fantasma não está preso e que nem sequer parece ameaçado. A perceber que aquilo é uma traição.

Sinto a cara a ferver. Quero sentir raiva, mas, em vez disso, sinto um rugido na minha cabeça que se sobrepõe a tudo o resto.

O mar volta a desabar sobre a costa, golpeando as paredes da Torre. Sinto-me grata por já ter a *Anoitecer* na mão.

— Porquê? — pergunto, ouvindo as palavras de Nicasia a palpitarem-me nos ouvidos como o som das ondas: *Alguém em quem confias já te traiu.*

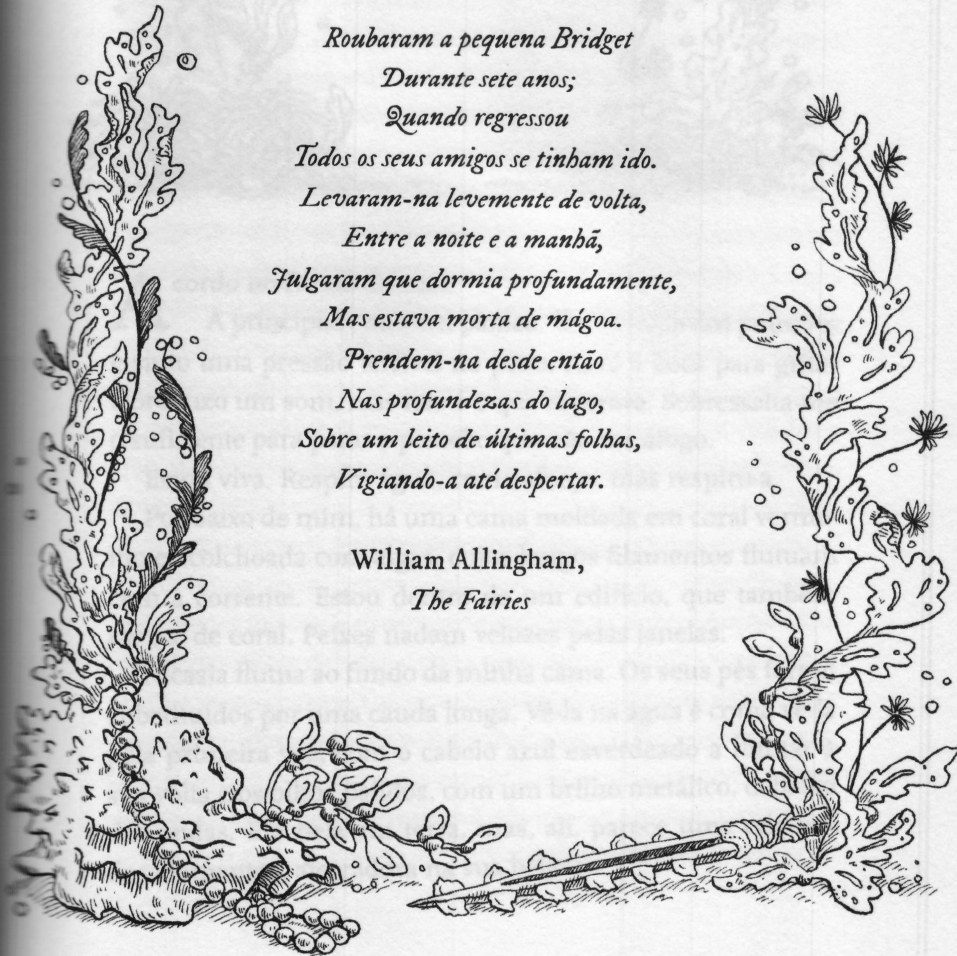
— Eu servia o príncipe Dain — diz Fantasma. — Não a ti.

Começo a falar quando ouço algo atrás de mim. A seguir, sinto uma dor na parte de trás do crânio e nada mais.

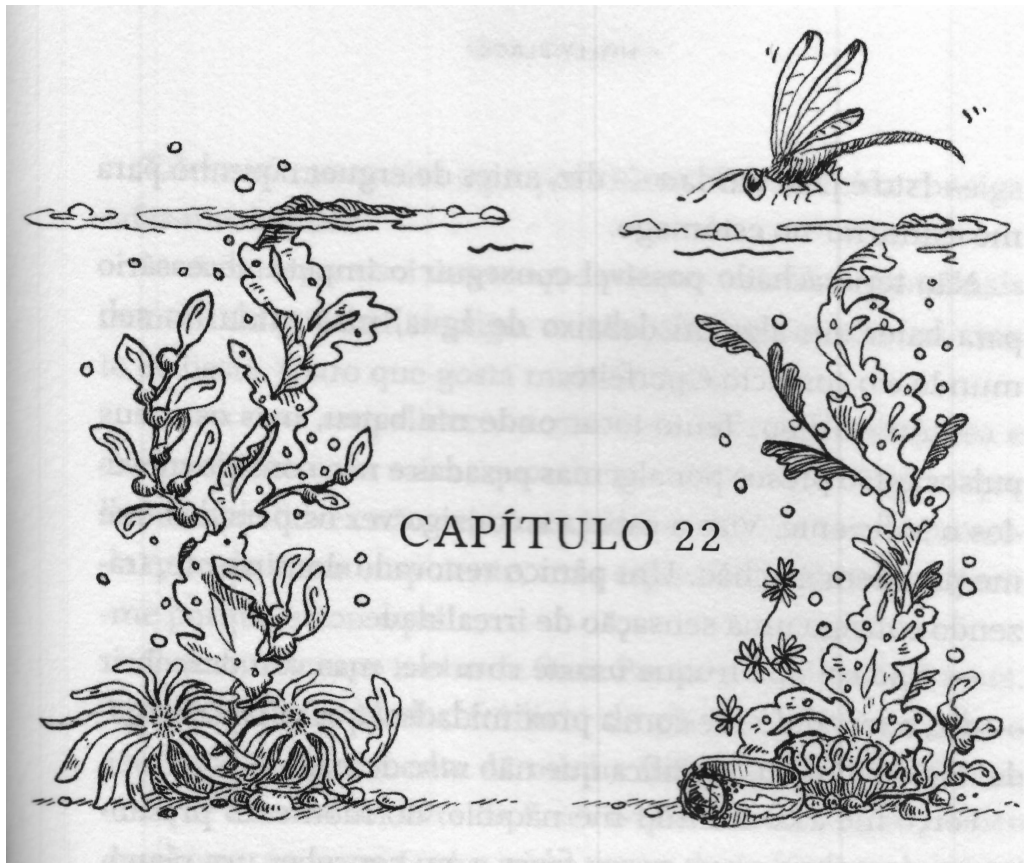
Livro Dois

*Roubaram a pequena Bridget
Durante sete anos;
Quando regressou
Todos os seus amigos se tinham ido.
Levaram-na levemente de volta,
Entre a noite e a manhã,
fulgaram que dormia profundamente,
Mas estava morta de mágoa.
Prendem-na desde então
Nas profundezas do lago,
Sobre um leito de últimas folhas,
Vigiando-a até despertar.*

*William Allingham,
The Fairies*



Capítulo 22



Acordo no fundo do mar.

A princípio, entro em pânico. Tenho água nos pulmões e sinto uma pressão terrível no peito. Abro a boca para gritar e produzo um som, mas não é o que esperava. Sobressalta-me o suficiente para parar e percebo que não me afogo.

Estou viva. Respiro água, com esforço, mas respiro-a.

Por baixo de mim, há uma cama moldada em coral vermelho e acolchoada com algas, cujos longos filamentos flutuam com a corrente. Estou dentro de um edifício, que também parece de coral. Peixes nadam velozes pelas janelas.

Nicasia flutua ao fundo da minha cama. Os seus pés foram substituídos por uma cauda longa. Vê-la na água é como vê-la pela primeira vez, com o cabelo azul esverdeado a flutuar à sua volta e os olhos pálidos, com um brilho metálico, debaixo das

ondas. Era bela em terra, mas, ali, parece uma criatura dos elementos, aterradora na sua beleza.

— Isto é pelo Cardan — diz, antes de erguer o punho para me esmurrar no estômago.

Não teria achado possível conseguir o ímpeto necessário para bater em alguém debaixo de água, mas estou no seu mundo e o contacto é perfeito.

— Au — digo. Tento tocar onde me bateu, mas os meus pulsos estão presos por algemas pesadas e não consigo movê-los o suficiente. Viro a cabeça e consigo ver os penedos que me prendem ao chão. Um pânico renovado domina-me, trazendo consigo uma sensação de irreabilidade.

— Não sei que truque usaste com ele, mas vou descobrir — diz, enervando-me com a proximidade a que está da verdade. Mesmo assim, significa que não *sabe* de nada.

Forço-me a concentrar-me naquilo, no momento presente, em descobrir o que posso fazer e em conceber um plano.

Mas é duro quando estou assim tão zangada... zangada com Fantasma por me ter traído, zangada com Nicasia e comigo mesma, sempre comigo mesma, mais do que com qualquer outra pessoa. Furiosa comigo mesma por ter acabado naquela posição.

— Que aconteceu ao Fantasma? — exclamo. — Onde está ele?

Nicasia semicerra os olhos para mim.

— O quê?

— Ajudou-te a raptar-me. Pagaste-lhe? — pergunto, tentando soar calma. O que mais quero saber é o que não posso perguntar... Conhecerá ela os planos de Fantasma para a Corte das Sombras? Mas, para descobrir e para o travar, preciso de fugir.

Nicasia encosta-me a mão à bochecha e alisa-me o cabelo.

— Preocupa-te contigo.

Talvez só me queira aqui por ciúme. Talvez ainda consiga safar-me daquilo.

— Achas que usei um truque porque o Cardan gosta mais de mim do que de ti — digo. — Mas alvejaste-o com um virote de besta. Claro que gosta mais de mim.

A sua cara empalidece, a sua boca abre-se de surpresa e arreganha-se com raiva, quando percebe o que sugiro: que lhe contei. Talvez não seja uma ideia assim tão boa enfurecê-la quando estou impotente, mas espero convencê-la a dizer-me porque estou aqui.

E quanto tempo tenho de ficar. Passei tempo inconsciente. Tempo em que Madoc foi livre de planejar a guerra com o seu novo conhecimento da minha influência sobre a Coroa, em que Cardan foi livre de fazer o que o seu coração caótico desejasse, em que Locke pôde trocar de todos e envolvê-los nas suas encenações, em que o Conselho pôde exigir a capitulação do mar sem que eu pudesse fazer alguma coisa para o impedir.

Quanto mais tempo passarei ali? Quanto tempo até cinco meses de esforço serem destruídos? Recordo Val Moren a atirar coisas ao ar e a deixá-las cair com estrondo à sua volta. A sua face humana e os seus olhos humanos incompreensivos.

Nicasia parece ter recuperado a compostura, mas a sua cauda longa ondula para trás e para diante.

— Bem, agora és nossa, mortal. O Cardan lamentará o dia em que confiou em ti.

Quer assustar-me mais, mas sinto um pequeno alívio. Não acreditam que tenho algum poder especial. Acreditam que tenho uma vulnerabilidade especial. Pensam que conseguem controlar-me como controlariam qualquer mortal.

Mesmo assim, o alívio é a única coisa que deveria mostrar.

— Sim, o Cardan deveria mesmo confiar mais em ti. Pareces muito fiável. Nem sequer o estás a trair agora mesmo.

Nicasia leva a mão a uma bandoleira sobre o peito e desembainha uma lâmina... um dente de tubarão. Estendendo-a. olha-me.

— Poderia ferir-te e não te lembrarias.

— Mas tu sim — digo.

Sorri.

— Talvez isso fosse algo a estimar.

O meu coração troveja-me no peito, mas recuso demonstrá-lo.

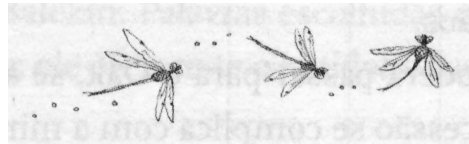
— Queres que te mostre onde deves encostar a ponta? — pergunto. — É um trabalho delicado causar dor sem danos permanentes.

— És demasiado estúpida para ter medo?

— Oh, tenho medo — digo-lhe. — Mas não de ti. Quem me tiver trazido para aqui — a tua mãe, presumo, e Balekin. — terá uso para mim. Tenho medo do que *isso* for, mas não tenho medo de ti, uma torturadora incapaz e irrelevante para os planos de toda a gente.

Nicasia diz uma palavra e uma dor sufocante explode-me nos pulmões. Não consigo respirar. Abro a boca e a agonia só se intensifica.

É melhor que acabe depressa, digo a mim mesma. Mas não é rápido que chegue.



Quando volto a acordar, estou sozinha.

Fico ali deitada, com a água a fluir à minha volta e os pulmões livres. Mesmo que a cama continue por baixo de mim, percebo que flutuo sobre ela.

Dói-me a cabeça e há uma dor no meu estômago que combina fome e a dor de ter sido esmurrada. O frio intenso da água

infiltra-se até às minhas veias, tornando-me o sangue lento. Não sei quanto tempo passei inconsciente. Não sei quanto tempo passou desde que fui levada da Torre. Enquanto o tempo passa e os peixes vêm mordiscar-me os pés, o cabelo e os pontos à volta da minha ferida, a raiva esgota-se e o desespero preenche-me. Desespero e arrependimentos.

Gostava de ter beijado Taryn na cara antes de partir. Gostava de ter assegurado que Vivi compreendia que, se amasse uma mortal, teria de ser cuidadosa com ela. Gostava de ter dito a Madoc que sempre quis que Oak se sentasse no trono.

Gostava de ter feito mais planos. Gostava de ter deixado mais instruções. Gostava de nunca ter confiado em Fantasma.

Espero que Cardan sinta a minha falta.

Não sei ao certo durante quanto tempo flutuo assim, quantas vezes entro em pânico e forço as correntes, quantas vezes o peso da água sobre mim parece opressivo e asfixiante. Um tritão nada para o interior do quarto onde estou. Avança através da água com extrema elegância. O seu cabelo tem uma espécie de riscas verdes que lhe continuam pelo corpo abaixo. Os seus olhos grandes brilham na luz indiferente.

Move as mãos e produz alguns sons que não compreendo. A seguir, ajustando de forma óbvia as suas expectativas, volta a falar.

— Vim preparar-te para jantares com a rainha Orlagh. Se me deres problemas, também te posso deixar inconsciente. Era assim que esperava encontrar-te.

Aceno com a cabeça.

— Sem problemas. Percebido.

Mais elementos do Povo marinho entram no quarto, com caudas verdes, caudas amarelas e caudas de ponta negra. Nadam à minha volta, fitando com olhos grandes e brilhantes.

Um deles liberta-me da cama e outro coloca o meu corpo na vertical. Quase não tenho peso na água. O meu corpo vai para

onde for empurrado.

Quando começam a despir-me, volto a entrar em pânico. É um tipo de reação animal. Torço-me nos seus braços, mas seguram-me com firmeza e enfiam-me um vestido transparente pela cabeça abaixo. É curto e fino. Mal poderá considerar-se uma peça de vestuário. Flui à minha volta e tenho a certeza de que a maior parte do meu corpo é visível. através dele. Tento não olhar para baixo, receando corar.

A seguir, sou enrolada em colares de pérolas e o meu cabelo é preso com uma coroa de conchas e uma rede de algas. A ferida na minha perna é coberta com uma ligadura de plantas marinhas. Por fim, sou conduzida através do vasto palácio de coral. A sua penumbra é entrecortada por medusas brilhantes.

O Povo marinho leva-me até uma sala de banquetes sem teto. Quando olho para cima, vejo cardumes de peixes e até um tubarão e, acima disso, a luz trémula do que será a superfície.

Calculo que seja dia.

A rainha Orlagh senta-se numa cadeira enorme, semelhante a um trono, num extremo da mesa. A cadeira está coberta com lapas e conchas, enquanto caranguejos e estrelas-do-mar rastejam sobre ela; corais em forma de leque e anémonas brilhantes ondulam com a corrente.

O porte régio da rainha é quase impossível. Os seus olhos negros fixam-se em mim e encolho-me, sabendo que olho para alguém que governou ao longo de várias gerações de vidas mortais.

A seu lado senta-se Nicasia, sobre uma cadeira que é apenas um pouco menos impressionante. E, na outra ponta da mesa, está Balekin, numa cadeira muito mais humilde do que as suas.

— Jude Duarte — diz ele. — Sabes agora como é ser prisioneira. Como é apodrecer numa cela? Pensar que morrerás lá?

— Não sei — respondo-lhe. — Sempre soube que sairia.

Ouvindo aquilo, a rainha Orlagh inclina a cabeça e ri-se.

— Suponho que sim, de certa forma. Aproxima-te. — Ouço o encantamento na sua voz e recordo o que Nicasia disse sobre não me lembrar de nada que me fizesse. Devia ficar grata por não ter feito nada pior.

O meu vestido quase inexistente deixa claro que não trago qualquer talismã. Não sabem da *geas* que Dain lançou sobre mim. Acreditam que sou totalmente suscetível a encantamentos, como qualquer mortal.

Posso fingir. Conseguirei fazer aquilo.

Nado até ela, com o cuidado de manter a cara inerte. Orlagh olha-me nos olhos e exige um esforço quase insuportável não virar a cara para manter a expressão aberta e franca.

— Somos teus amigos — diz Orlagh, acariciando-me a cara com as suas unhas longas. — Amas-nos muito. És-nos leal e farás qualquer coisa por nós. Não é assim, Jude Duarte?

— Sim — apresso-me a dizer.

— Que farias por mim, pequeno peixinho? — pergunta ela.

— Tudo, minha rainha — digo-lhe.

Olha Balekin ao fundo da mesa.

— Vês? É assim que se faz.

Parece abatido. Tem-se em grande conta e não gosta de ser rebaixado. Como filho mais velho de Eldred, sentiu rancor do seu pai por não o ter considerado um candidato sério ao trono. Tenho a certeza de que odeia a forma como Orlagh lhe fala. Se não precisasse daquela aliança, se não estivesse no domínio dela, duvido que o permitisse.

Talvez aquela fosse uma fissura que pudesse explorar.

Pouco depois, um cortejo de pratos é trazido em campânulas cheias de ar para que, mesmo debaixo de água, fiquem secos até ao momento de comer.

Peixe cru cortado em rosetas elaboradas e formas arditas. Ostras perfumadas com algas assadas. Ovas brilhantes vermelhas e negras.

Não sei se conseguirei comer sem me ser dada autorização explícita, mas tenho muita fome e estou disposta a arriscar a reprimenda.

O peixe cru é suave e misturado com verdura picante. Não esperava gostar, mas gosto. Engulo depressa três tiras rosadas de atum.

A minha cabeça ainda dói, mas começo a sentir-me melhor do estômago.

Enquanto como, penso no que tenho de fazer: ouvir com cuidado e agir como se confiasse neles, como se lhes fosse leal. Para conseguir isso, tenho de imaginar, pelo menos uma sombra do que isso será.

Olho para Orlagh e imagino que foi ela a criar-me em vez de Madoc. Que fui uma espécie de irmã de Nicasia, que, por vezes, era má, mas acabava por cuidar de mim. A minha imaginação fraqueja quando chego a Balekin, mas tento pensar nele como um membro novo da família, alguém em quem começava a confiar porque todos os outros confiavam. Dirijo-lhes um sorriso — um sorriso generoso que quase não parece falso.

Orlagh olha-me.

— Fala-me de ti, pequeno peixinho.

O sorriso quase vacila, mas concentro-me no meu estômago cheio, na maravilha e beleza da paisagem.

— Há pouco para contar — digo. — Sou uma rapariga mortal que foi criada em Faerie. É o facto mais interessante a meu respeito.

Nicasia franze a testa.

— Beijaste o Cardan?

— Isso é importante? — pergunta Balekin. Come ostras, espetando-as umas atrás da outra com um garfo minúsculo.

Orlagh não responde, limitando-se a acenar com a cabeça a Nicasia. Gosto que o faça, pondo a sua filha acima de Balekin. É bom ter alguma coisa nela de que gostar, algo em que me posso focar para manter convincente o tom caloroso na voz.

— É importante se for esse o motivo para não ter aceitado uma aliança com as Profundezas Marinhas — diz Nicasia.

— Não sei se devo responder — digo, olhando em redor com o que espero ser confusão credível. — Mas sim.

A firmeza na expressão de Nicasia desmorona-se. Agora que estou «encantada», parece não me ver como alguém em cuja presença tenha de se fingir estoica.

— Mais de uma vez? Ama-te?

Não tinha percebido a que ponto esperou que mentisse quando lhe disse que o beijei.

— Mais de uma vez, mas não. Não me ama. Nada que se pareça.

Nicasia olha para a mãe, inclinando a cabeça e indicando que conseguiu as respostas que queria.

— O teu pai deve estar furioso contigo por lhe teres arruinado os planos — diz Orlagh, desviando a conversa para outras coisas.

— Está — respondo. Direta ao assunto. Nada de mentiras que não precise de dizer.

— Porque não partilhou o general com o Balekin a linhagem do Oak? — continua. — Não teria sido mais fácil do que procurar o príncipe Cardan por Elfhame, depois de tomar a Coroa?

— Não sou sua confidente — digo. — Não o era então e sem dúvida que não o sou agora. Tudo o que sei é que tinha um motivo.

— Sem dúvida — diz Balekin. — Pretendia trair-me.

— Se o Oak fosse o Rei Altíssimo, seria o Madoc quem governaria Elfhame — digo, por não ser algo que não soubessem

já.

— E não querias isso. — Um criado entra com um pequeno lenço de seda cheio de peixe. Orlagh espeta um deles com uma unha longa, fazendo um fio de sangue fino serpentear pela água na minha direção. — Interessante.

Como não é uma pergunta, não tenho de responder.

Outros criados começam a levar os pratos.

— Levar-nos-ias até à porta do Oak? — pergunta Balekin. — Até ao mundo mortal, para o roubarmos à tua irmã e para o trazermos connosco?

— Claro — minto.

Balekin olha para Orlagh. Se levassem Oak, poderiam albergá-lo debaixo do mar, casá-lo com Nicasia e teriam um membro da dinastia da Moita Verde que seria leal às Profundezas Marinhas. Teriam opções além de Balekin para conseguirem acesso ao trono e era impossível que isso lhe agradasse.

Um jogo demorado, mas, em Faerie, uma forma razoável de jogar.

— Este Grimsen — pergunta Orlagh à sua filha. — Acreditas mesmo que conseguirá fabricar uma nova coroa?

O meu coração afunda-se por um momento, como se o tivessem forçado a parar. Agrada-me que ninguém me olhe porque, nesse momento, não acredito que conseguisse esconder o meu horror.

— Foi ele quem fez a Coroa de Sangue — diz Balekin. — Se a fez, poderá fazer outra, certamente.

Se não precisarem da Coroa de Sangue, não precisarão de Oak. Não precisarão de o alojar, não precisarão dele para pôr a coroa na cabeça de Balekin, não precisarão dele vivo.

O olhar que Orlagh lhe dirige é de reprimenda. Espera que Nicasia responda.

— É um ferreiro — diz Nicasia. — Não pode forjar debaixo do mar e, por isso, preferirá sempre a terra firme. Mas com a morte do Rei-Antigo, anseia pela glória. Deseja ter um Rei Altíssimo que lha conceda.

Este é o seu plano, digo a mim mesma para tentar abafar o pânico. *Conheço o plano deles*. Se conseguir fugir, conseguirei impedi-lo.

Uma faca nas costas de Grimsen antes de acabar a coroa. Por vezes, duvido da minha eficiência como senescal, mas nunca como assassina.

— Pequeno peixinho — diz Orlagh, voltando a olhar-me.

— Diz-me o que o Cardan te prometeu para o ajudares.

— Mas ela... — começa Nicasia. O olhar de Orlagh silencia-a.

— Filha — diz a rainha das Profundezas Marinhas —, não vês o que está à tua frente. O Cardan recebeu um trono desta rapariga. Para de procurar o motivo do poder que exerce sobre ele... e começa a procurar a causa do poder dele sobre ela.

Nicasia vira para mim um olhar de súplica.

— Que queres dizer?

— Disseste que o Cardan não lhe tinha grande afeto. E, apesar disso, ela tornou-o Rei Altíssimo. Considera que talvez tenha percebido a sua utilidade e a tenha explorado com beijos e lisonja, tal como tu influenciaste o pequeno ferreiro.

Nicasia parece intrigada, como se todas as suas interpretações do mundo tivessem sido anuladas. Talvez não tivesse pensado em Cardan como alguém capaz de conspirar. Mesmo assim, percebo que algo naquilo lhe agrada. Se Cardan me seduziu para o apoiar, não precisará de temer que goste de mim. Em vez disso, precisará de se preocupar só com a minha utilidade.

— Que te prometeu por lhe dares a coroa de Elfhame? — pergunta-me Orlagh com uma delicadeza notável.

— Sempre quis uma posição em Faerie. Disse-me que me tornaria a sua senescal e me colocaria à sua direita, como o Val Moren na Corte do Eldred. Asseguraria que seria respeitada e até temida. — É mentira, claro. Nunca me prometeu nada e Dain prometeu menos ainda que isso. Mas, oh, se alguém o tivesse feito, se Madoc o tivesse feito, teria sido muito difícil recusar.

— Dizes-me que traíste o teu pai e sentaste aquele tolo no trono por um *cargo*? — questiona Balekin, incrédulo.

— Ser o Rei Altíssimo de Elfhame também é um cargo — respondo. — E vê o que foi sacrificado por ele. — Por um momento, hesito, pensando se terei sido demasiado severa para acreditarem que continuo encantada, mas Orlagh limita-se a sorrir.

— É verdade, minha querida — diz, após uma pausa. — E não depositamos nós a nossa fé no Grimsen enquanto lhe oferecemos uma recompensa semelhante?

Balekin parece insatisfeito, mas não questiona. Será muito mais fácil acreditar que o plano foi orquestrado por Cardan do que por uma rapariga mortal.

Antes de me conduzirem a uma caverna marinha, consigo comer mais três fatias de peixe e beber um chá de arroz tostado e algas por uma palhinha engenhosa que não permite que se misture com água do mar. Nicasia acompanha os guardas tritões que me levam para lá.

Não é um quarto, mas uma jaula. Depois de me empurrarem lá para dentro, descubro que, apesar de continuar ensopada, o espaço em redor está seco e preenchido por um ar que, de repente, não consigo respirar.

Asfixio, com o corpo a sucumbir a espasmos. E toda aquela água me sai dos pulmões, juntamente com alguns pedaços de peixe parcialmente digerido.

Nicasia ri-se.

Então, com o encantamento a pesar-lhe as palavras, diz:

— Não é um belo quarto?

Tudo o que vejo é um chão de pedra dura, sem mobiliário ou qualquer outra coisa.

A sua voz é sonhadora.

— Vais adorar a cama de dossel coberta com colchas quentes. E as pequenas e engenhosas mesas de cabeceira e um bule de chá só para ti, ainda fumegante. Estará quente e delicioso sempre que o beberes.

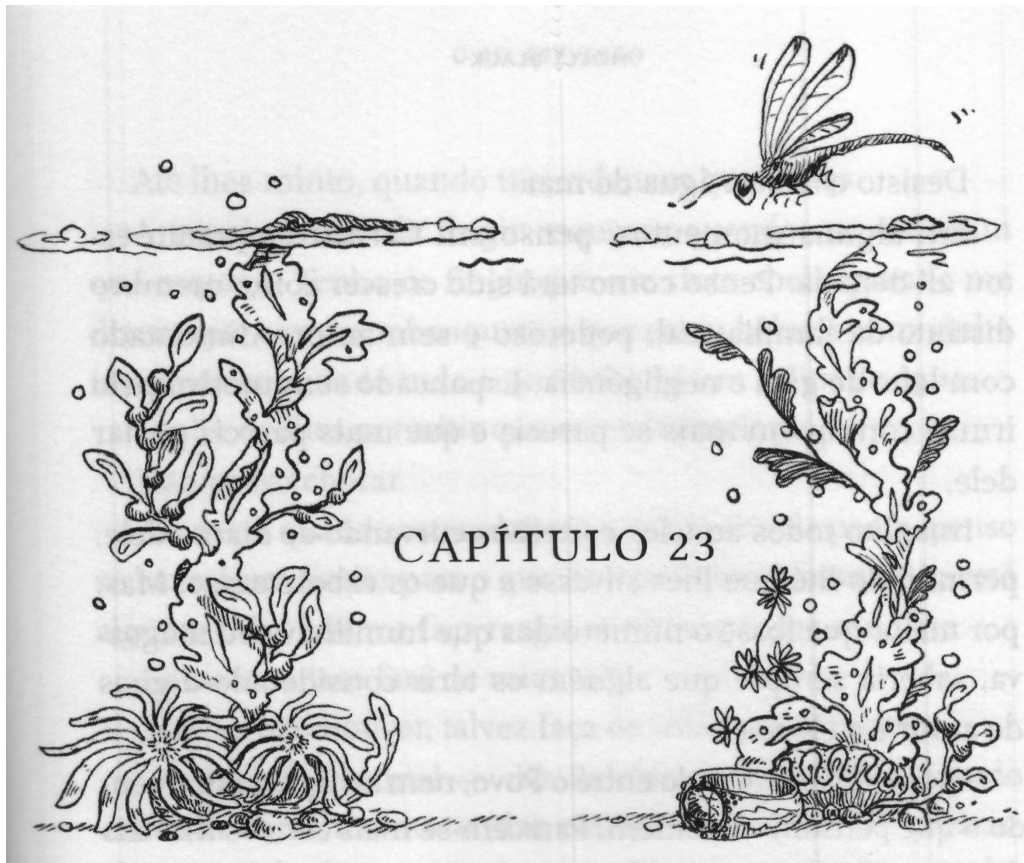
Pousa um copo de água do mar no chão. Suponho que será o chá. Se o beber, o meu corpo não demorará a ficar desidratado. Os mortais podem passar alguns dias sem água doce, mas, porque respirava água do mar, é possível que já esteja em apuros.

— Sabes — diz ela enquanto finjo admirar o quarto, virando-me como se estivesse espantada e sentindo-me tola. — Nada que pudesse fazer-te será tão terrível como o que farás a ti mesma.

Viro-me para ela, franzindo a testa e fingindo-me intrigada.

— Não importa — diz ela, deixando-me para passar o resto da noite a dar voltas no chão duro, tentando fingir que este é o pináculo do conforto.

Capítulo 23



Acordo com dores e tonturas terríveis. Suor frio cobre-me a testa e os meus membros tremem sem controlo.

Durante quase um ano, envenenei o meu corpo todos os dias. O meu sangue habituou-se às doses, muito mais elevadas do que eram quando comecei. Tornei-me dependente delas. Deixei de conseguir viver sem o veneno.

Fico deitada no chão e tento ordenar os pensamentos. Tento recordar as muitas ocasiões em que Madoc partiu em campanha e digo a mim mesma que também ele se sentiu desconfortável em cada uma delas. Por vezes, dormia estendido no chão, com a cabeça sobre um molho de ervas e sobre os seus próprios braços. Por vezes, estava ferido e continuara a lutar, mesmo assim. Não morreu.

Eu também não morrerei.

Continuo a dizer-me isso mesmo, mas não sei se acredito. Durante dias, não vem ninguém.

Desisto e bebo a água do mar.

Em alguns momentos, penso em Cardan enquanto estou ali deitada. Penso como terá sido crescer como membro distinto da família real, poderoso e sem amor. Alimentado com leite de gata e negligência. Espancado sem motivo pelo irmão com quem mais se parecia e que mais parecia gostar dele.

Imagino todos aqueles cortesãos curvando-se diante dele permitindo-lhe que lhes silvasse e que os esbofeteasse. Mas, por maior que fosse o número dos que humilhava ou magoava, saberia sempre que alguém os teria considerado dignos de amor e a ele não.

Apesar de ter crescido entre o Povo, nem sempre compreendo o que pensam ou sentem. Parecem-se mais com os mortais do que julgam, mas quando me permito esquecer que não são humanos, fazem algo para me recordar. Por esse motivo apenas, seria estúpida em pensar que conhecia o coração de Cardan por saber da sua história. Mas faz-me pensar.

Penso no que aconteceria se admitisse que não tinha conseguido esquecê-lo.



Acabam por me vir buscar. Permitem-me um pouco de água, um pouco de comida. Quando o fazem, estou fraca demais para fingir que estou encantada.

Conto-lhes os pormenores que recordo da sala de planeamento estratégico de Madoc e o que pensa das intenções de Orlagh. Relato cada pormenor perturbador do homicídio dos meus pais. Descrevo um aniversário, juro lealdade, explico como perdi o dedo e como menti acerca disso.

Até lhes minto, quando me ordenam que o faça.

A seguir, tenho de fingir esquecer quando me ordenam que esqueça. Tenho de fingir que me sinto cheia quando me dizem que comi um banquete e que estou bêbeda com vinho imaginário, quando tudo o que bebi foi um cálice de água.

Tenho de lhes permitir que me esbofeteiem.

Não posso chorar.

As vezes, quando estou deitada no chão frio de pedra, penso se haverá um limite para o que lhes permitirei fazer, se haverá alguma coisa que me faça reagir, mesmo que me condene.

Se houver, isso fará de mim tola.

Mas se não houver, talvez faça de mim um monstro.

— Rapariga mortal — diz Balekin, numa tarde, quando estamos sozinhos numa das câmaras aquáticas do palácio. Não gosta de dizer o meu nome, talvez por não lhe agradar recordá-lo, considerando-me tão dispensável como todas as raparigas humanas que passaram pelo Solar Oco.

A desidratação deixou-me fraca. Esquecem-se com frequência de me dar água doce e comida, encantando-me com sustento ilusório quando suplico que me deem de comer e beber. Concentrar-me é difícil.

Apesar de estar sozinha com Balekin numa câmara de coral, com patrulhas de guardas a nadarem em intervalos que conto automaticamente, nem sequer tento resistir e fugir. Estou desarmada e as minhas forças são poucas. Mesmo que conseguisse matar Balekin, não nado bem que chegue para chegar à superfície antes de me apanharem.

O meu plano reduziu-se à resistência, a sobreviver uma hora de cada vez, dias sucessivos sem sol.

Talvez não possa ser encantada, mas isso não significa que não possa ser vencida.

Nicasia disse que a sua mãe tinha muitos palácios nas Profundezas Marinhas e que aquele, aberto na rocha de Insweal e

alongando-se pelo fundo do mar, é apenas um deles. Mas para mim, é um tormento constante estar tão perto de casa e, ao mesmo tempo, a tantas léguas de profundidade.

Há jaulas suspensas na água por todo o palácio. Algumas vazias, mas muitas delas contendo mortais de pele cinzenta, mortais que parecem mortos, até que se movem de vez em quando, sugerindo o contrário. Os *afogados*, é o nome que os guardas lhes dão, por vezes. Acima de tudo, são o que temo tornar-me. Lembro-me de pensar que tinha avistado a rapariga que tirei da casa de Balekin na coroação de Dain, a rapariga que se lançou ao mar, a rapariga que, certamente, se terá afogado. Deixei de acreditar que me tinha enganado.

— Diz-me — diz Balekin hoje. — Porque me roubou o meu irmão a coroa? A Orlagh pensa que compreende, porque compreende a ânsia de poder, mas não compreende o Cardan. Nunca gostou muito de trabalho árduo. Gostava de encantar pessoas. Gostava de arranjar problemas, mas fugia de qualquer esforço real. E, quer Nicasia o admita ou não, também não o compreende. O Cardan que conhece poderia ter-te manipulado, mas não para isto.

Isto é um teste, penso de modo absurdo. Um teste em que preciso de mentir, mas para o qual receio ter perdido a capacidade lógica.

— Não sou um oráculo — digo, recordando Val Moren e o refúgio que encontrou nos enigmas.

— Então adivinha — diz. — Quando te pavoneaste à porta da minha cela na Torre do Esquecimento, sugeriste que aconteceu por o ter educado com mão firme. Mas tu, entre todos, terás de acreditar que lhe faltava disciplina e que pretendia melhorá-lo.

Recordará o torneio em que Cardan e eu competimos, e a forma como me atormentou. Estou enredada em recordações, em mentiras. Estou demasiado exausta para inventar histórias.

— Quando o conheci, irrompeu pela aula de um professor respeitado, bêbedo e montado num cavalo, tentou que as

melusinas me devorassem e atacou alguém num festim — digo.
— Parecia não ter disciplina. Parecia fazer sempre o que queria.

Balekin parece surpreendido.

— Procurava atrair a atenção do Eldred — diz, por fim.

— Para o bem e para o mal. Sobretudo para o mal.

— Então talvez queira ser o Rei Altíssimo pelo Eldred — digo. — Ou para lhe ofender a memória.

Aquilo parece captar a atenção de Balekin. Mesmo que o tenha dito apenas para insinuar algo que o impedisse de pensar demasiado nos motivos de Cardan, penso se haverá alguma verdade depois de as palavras me saírem da boca.

— Ou por estar zangado contigo por teres cortado a cabeça ao Eldred. Ou por seres responsável pela morte de todos os seus irmãos. Ou por rezear que o matasses também a ele.

Balekin encolhe-se.

— Cala-te — diz. É com gratidão que obedeço. Após um momento, olha-me com altivez. — Diz-me qual de nós é digno de ser o Rei Altíssimo, eu ou o príncipe Cardan?

— Tu — digo de imediato, dirigindo-lhe um olhar de veneração ensaiada. Não lhe recordo que Cardan já não é um príncipe.

— E dir-lhe-ias isso? — pergunta.

— Dir-lhe-ia o que desejares — afirmo com toda a sinceridade que consigo veicular com o cansaço.

— Irias aos seus aposentos para o apunhalares uma e outra vez até sangrar todo o seu sangue vermelho? — pergunta Balekin, inclinando-se mais. Profere as palavras com meiguice, como se falasse com uma amante. Não consigo controlar o arrepio que me atravessa e espero que acredite que será outra coisa que não repulsa.

— Por tí? — pergunto, fechando os meus olhos quando o sinto perto. — Pela Orlagh? Seria um prazer.

Ri-se.

— Tamanha selvajaria.

Aceno com a cabeça, tentando conter a avidez ao pensar que serei enviada numa missão longe do mar, que terei uma oportunidade de fuga.

— A Orlagh deu-me tanto, tratou-me como uma filha. Quero compensá-la. Por mais encantadores que sejam os meus aposentos, e apesar das iguarias que me dão, não nasci para o ócio.

— Um bonito discurso. Olha para mim, Jude.

Abro os olhos e ergo-os para ele. Cabelo preto flutua-lhe à volta da cara e ali, debaixo de água, os espinhos nas articulações dos dedos e que lhe correm pelos braços acima são visíveis, como barbatanas espinhosas de um peixe.

— Beija-me — diz.

— O quê? — A minha surpresa é genuína.

— Não queres? — pergunta.

Isto não é nada, digo a mim mesma. De certeza que é melhor do que ser esbofeteada.

— Pensei que fosses amante da Orlagh — digo-lhe. — Ou da Nicasia. Não se importarão?

— De modo algum — diz, olhando-me com atenção.

Qualquer hesitação da minha parte parecerá suspeita. Por isso, aproximo-me dele na água, pressionando os meus lábios contra os dele. A água é fria, mas o beijo dele é mais frio.

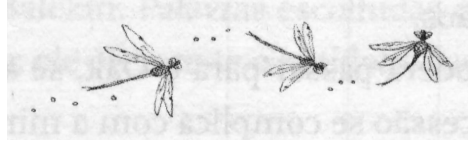
Depois de uma pausa que espero ser suficiente, afasto-me. Limpa a boca com as costas da mão, claramente enojado. Mas, quando me fita, há ganância no seu olhar.

— Agora, beija-me como se fosse o Cardan.

Para ganhar um momento de reflexão, fito os olhos de coruja dele e passo-lhe as mãos pelos braços espinhosos. É um teste, sem dúvida. Quer saber onde chega o seu controlo sobre mim.

Mas penso que quer também saber outra coisa, qualquer coisa sobre o seu irmão.

Forço-me a encostar-me outra vez. Têm o mesmo cabelo preto, as mesmas maçãs do rosto. Basta-me fingir.



No dia seguinte, trazem-me um jarro de água cristalina de rio, que bebo com gratidão. No dia depois desse, começam a preparar-me para regressar à superfície.



O Rei Altíssimo fez um acordo para me recuperar.

Recordo as muitas ordens que lhe dei, mas nenhuma foi específica que chegue para o obrigar a pagar um resgate pelo meu regresso em segurança. Ficou livre de mim e estava disposto a trazer-me de volta.

Não sei o que isso significa. Talvez a política o tivesse exigido. Talvez não gostasse mesmo nada de ir a reuniões.

Tudo o que sei é que o alívio me estonteia, enquanto me desvaria o terror de que aquilo seja um jogo de algum tipo.

Se não formos para a superfície, receio que não consiga esconder a dor da desilusão.

Balekin volta a «encantar-me», fazendo-me repetir o juramento de lealdade, o meu amor e a minha determinação homicida em relação a Cardan.

Balekin vem à gruta onde ando aos círculos, com cada raspar dos pés nus sobre a pedra a ecoar-me nos ouvidos. Nunca estive tão sozinha e nunca tive de desempenhar um papel durante tanto tempo. Sinto-me oca, diminuída.

— Quando regressarmos a Elfhame, não poderemos vermos com frequência — diz, como se aquilo fosse uma coisa de que sentirei muita falta.

Estou tão nervosa que não confio na minha voz.

— Virás ao Solar Oco quando puderes.

Penso na sua expectativa de viver no Solar Oco. Percebo que não conta voltar à Torre. Suponho que a sua liberdade será parte do preço da minha libertação e surpreende-me outra vez que Cardan tenha aceitado pagá-lo.

Aceno com a cabeça.

— Se precisar de ti, envio-te um sinal. Um pano vermelho caído no teu caminho. Quando o vires, virás de imediato. Espero que consigas inventar alguma desculpa.

— Conseguirei — digo. A minha voz parece-me demasiado alta.

— Tens de reconquistar a confiança do Rei Altíssimo. Fica sozinha com ele e encontra uma forma de o matares. Não tentes fazê-lo se houver outras pessoas por perto. Tens de ser inteligente, mesmo que exija mais de um encontro. E talvez possas descobrir mais algum dos planos do teu pai. Depois da morte do Cardan, teremos de agir depressa para controlar os militares.

— Sim — digo. Inspiro fundo e ousa perguntar o que quero mesmo saber. — Tens a coroa?

Franze a testa.

— Quase.

Por um longo momento, não falo. Deixo o silêncio arrastar-se entre nós.

Alinhando, Balekin responde.

— O Grimsen precisa que acabes o teu trabalho antes de poder fazê-la. Precisa da morte do meu irmão.

— Ah — digo, sentindo um frenesim nos pensamentos. Outrora, Balekin arriscou a vida para salvar Cardan, mas depois de este se atravessar entre ele e a coroa, parece disposto a sacrificar o irmão. Tento interpretar aquilo, mas não consigo concentrar-me. Os pensamentos não param de me escapar.

Balekin esboça um sorriso de tubarão.

— Há algum problema?

Estou quase destroçada.

— Sinto-me um pouco zozza — digo. — Não sei o que se passa. Lembro-me de comer. Pelo menos, acho que me lembro de comer.

Olha-me com preocupação e chama um criado. Momentos depois, trazem-me um tabuleiro de peixe cru, ostras e ovas escuras. Vê-me devorar aquilo, enojado.

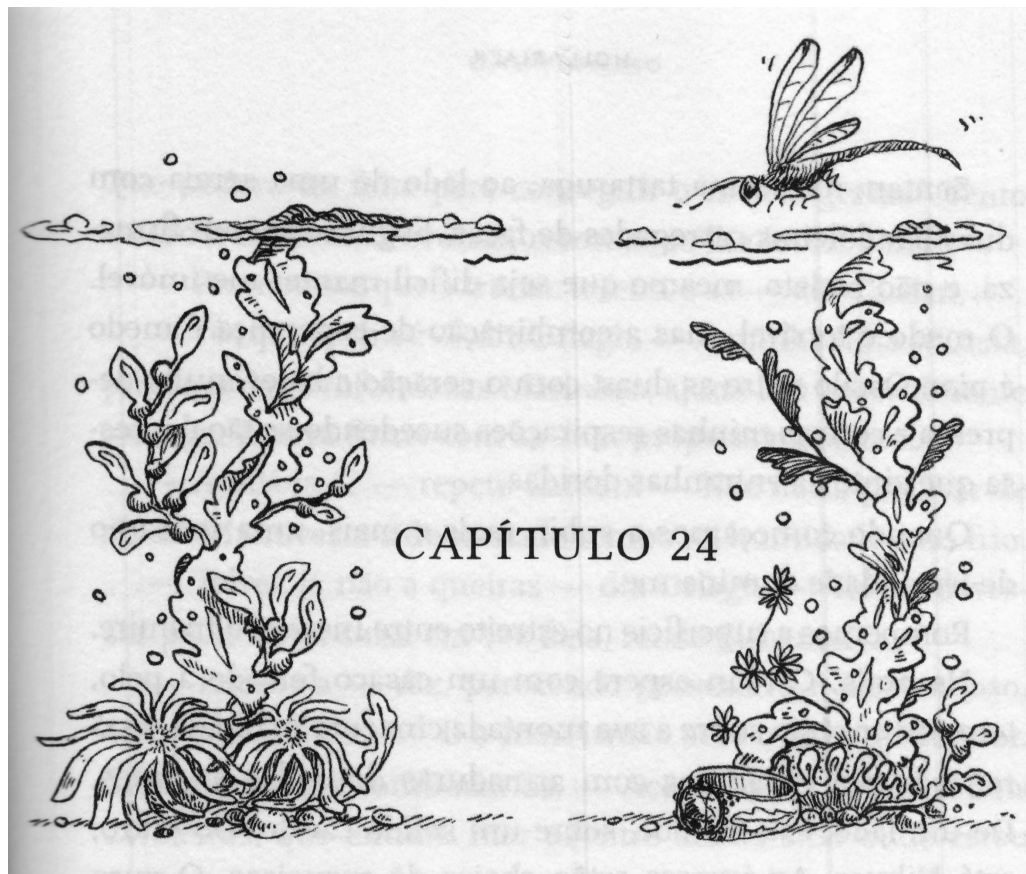
— Evitarás todos os talismãs, percebes? Nada de sorveira, nada de ramos de carvalho, freixo e espinheiro. Nunca usarás nada disso. Nem sequer tocarás em tais coisas. Se te derem um desses talismãs, lança-lo-ás ao fogo, às escondidas.

— Compreendo — digo. O criado trouxe vinho em vez de mais água doce. Bebo-o com avidez sem me preocupar com o travo estranho ou com a forma como me sobe à cabeça.

Balekin dá-me mais ordens e tento ouvir, mas quando se vai, já o vinho me deixou zozza, exausta e agoniada.

Encolho-me no chão frio da minha cela e, por um momento, os meus olhos quase me fazem acreditar que estou no quarto grandioso que me criaram com os seus encantamentos. Esta noite, a pedra parece uma cama de penas.

Capítulo 24



No dia seguinte, a minha cabeça palpita enquanto voltam a vestir-me e me entrançam o cabelo. O Povo marinho veste-me com as minhas roupas — o vestido prateado que levei ao casamento de Taryn, esbatido pela exposição ao sal e carcomido por criaturas das Profundezas. Até me prendem a *Anoitecer*, mesmo que a bainha esteja enferrujada e que o couro pareça ter sido roído por alguma coisa.

A seguir, levam-me a Balekin, vestido com as cores das Profundezas Marinhas e ostentando o seu símbolo. Olha-me e decora-me as orelhas com pérolas novas.

A rainha Orlagh convocou um enorme cortejo de Povo marinho. Tritões, cavaleiros montados em tartarugas e tubarões enormes, os selkies com a sua forma de foca, todos a atravessarem a água com velocidade. Sobre as tartarugas, os

membros do Povo empunham longos estandartes vermelhos que flutuam atrás deles.

Sentam-me numa tartaruga, ao lado de uma sereia com duas bandoleiras carregadas de facas. Segura-me com firmeza, e não resisto, mesmo que seja difícil manter-me imóvel. O medo é terrível, mas a combinação de esperança e medo é pior. Oscilo entre as duas, com o coração a bater muito depressa e com as minhas respirações sucedendo-se tão depressa que sinto as entranhas doridas.

Quando começamos a subir, mais e mais, uma sensação de irrealidade domina-me.

Rompemos a superfície no estreito entre Insweal e Insmire.

Na praia, Cardan espera com um casaco forrado a pelo, tem um ar régio sobre a sua montada cinzenta-malhada. Está rodeado por cavaleiros com armaduras douradas e verdes. De um lado, está Madoc, sobre um sólido cavalo. Do outro está Nihuar. As árvores estão cheias de arqueiros. O ouro martelado das folhas de carvalho na coroa de Cardan parece refletir a luz moribunda do pôr do sol.

Tremo. Sinto que poderei desfazer-me.

Do lugar que ocupa no centro do nosso cortejo, Orlagh fala.

— Rei de Elfhame, como concordámos, agora que pagueste o meu preço, assegurei o regresso em segurança da tua senescal. E trago-ta escoltada pelo novo Embaixador das Profundezas Marinhas, Balekin, da dinastia da Moita Verde, filho do Eldred e teu irmão. Esperamos que esta escolha te agrade, já que ele conhece tão bem os costumes da terra firme.

A expressão de Cardan é impossível de ler. Não parece olhar para o irmão. Em vez disso, o seu olhar fixa-se em mim. Tudo no seu porte é gélido.

Estou pequena, diminuída, impotente.

Baixo o olhar porque, se não o fizer, vou comportar-me de maneira estúpida. *Pagaste o meu preço*, disse-lhe Orlagh.

Que poderá ter feito para conseguir o meu regresso? Tento recordar as minhas ordens, recordar se lhe forcei a mão.

— Prometeste que a trarias inteira e sã — diz Cardan.

— Vês que assim é — diz Orlagh. — A minha filha Nicasia, princesa das Profundezas Marinhas, ajudá-la-á pessoalmente a chegar à terra firme com as suas próprias mãos reais.

— Ajudá-la-á? — repete Cardan. — Não devia precisar de ajuda. Mantiveste-a demasiado tempo na humidade e no frio.

— Talvez já não a queiras — diz Orlagh. — Talvez devesse pedir outra coisa em vez dela, rei de Elfhame.

— Recebo-a — diz, parecendo possessivo e desdenhoso, ao mesmo tempo. — E o meu irmão será o teu embaixador. Será tudo como combinámos. — Acena com a cabeça a dois cavaleiros, que entram mar adentro até ao sítio onde estou sentada e me ajudam a descer, amparando-me os passos. Envergonha-me a instabilidade das minhas pernas, a minha fraqueza e o ridículo de manter o vestido inadequado que Oriana escolheu para uma festa há muito acabada.

— Ainda não estamos em guerra — diz Orlagh. — Tal como não estamos em paz. Pensa bem no teu próximo passo, rei da terra firme, agora que conheces o preço do desafio.

Os cavaleiros conduzem-me até à praia e passo por outros membros do Povo. Nem Cardan nem Madoc se viram quando passo por eles. Uma carruagem espera um pouco além da orla da floresta e colocam-me no seu interior.

Um cavaleiro tira o elmo. Vi-a antes, mas não a conheço.

— O general deu-me ordens para te levar para a sua casa — diz.

— Não — digo-lhe. — Tenho de ir para o palácio.

Não me contradiz, mas também não desiste.

— Tenho de obedecer.

E mesmo sabendo que devia resistir — o que, no passado, o teria feito —, não o faço. Deixo-a fechar a porta da carruagem. Recosto-me no assento e fecho os olhos.

Quando acordo, os cavalos levantam pó à frente da fortaleza de Madoc. A cavaleira abre a porta, e Gnarbone içá-me da carruagem com a facilidade com que eu ergueria Oak, como se fosse feita de ramos e folhas em vez de carne e osso. Leva-me para o meu antigo quarto.

Tatterfell espera-nos. Solta-me o cabelo e despe-me o vestido, tirando a *Anoitecer* e cobrindo-me com uma camisa de dormir. Outra criada pousa um tabuleiro com um bule de chá quente e um prato de veado ainda em sangue sobre pão torrado. Sento-me no tapete e como, usando o pão barrado com manteiga para ensopar o molho da carne.

Adormeço ali. Quando acordo, Taryn está a sacudir-me.

Pestanejo, ensonada, e levanto-me.

— Estou acordada — digo. — Quanto tempo passei aqui deitada?

Abana a cabeça.

— A Tatterfell diz que passaste o dia e a noite inconsciente. Temeu que tivesses uma doença humana... Foi por isso que mandou chamar-me. Vamos. Pelo menos, deita-te na cama.

— És casada — digo, recordando aquilo de repente. Recordo também Locke, os cavaleiros e os brincos que devia oferecer-lhe. Parece-me tudo tão distante.

Acena com a cabeça, encostando um pulso à minha testa.

— E tu pareces uma assombração. Mas acho que não tens febre.

— Estou bem — digo. A mentira chega-me aos lábios, automática. Tenho de procurar Cardan e avisá-lo acerca de Fantasma. Preciso de ir à Corte das Sombras.

— Não sejas tão orgulhosa — diz ela. Vejo-lhe lágrimas nos olhos. — Desapareceste na noite do meu casamento e só o

soube de manhã. Tenho andado tão assustada. Quando as Profundezas Marinhas enviaram mensagem a dizer que te tinham... Bem, o Rei Altíssimo e o Madoc culparam-se um ao outro. Não tinha a certeza do que iria acontecer. Todas as manhãs, ia até à água e olhava para baixo, esperando conseguir ver-te. Perguntei a todas as sereias se podiam dizer-me se estavas bem, mas nenhuma o fez.

Tento imaginar o pânico que terá sentido, mas não consigo.

— Parecem ter resolvido as suas divergências — digo, recordando-os juntos na praia.

— Algo do género. — Faz uma careta e tento sorrir.

Taryn ajuda-me a subir para a cama, ajeitando as almofadas atrás de mim. Sinto-me dorida no corpo todo e mais velha e mortal do que alguma vez na vida.

— A Vivi e o Oak? — pergunto. — Estão bem?

— Ótimos — diz. — Em casa com a Heather, que parece ter ultrapassado a sua visita à Terra das Fadas sem grande drama.

— Foi encantada — digo.

Por um momento, vejo-lhe raiva na cara, crua e rara.

— A Vivi não devia fazer isso — diz Taryn. Alivia-me não ser a única a pensar assim.

— Quanto tempo estive lá?

— Pouco mais de um mês — diz, o que me parece de uma brevidade impossível. Sinto que envelheci cem anos debaixo do mar.

Além disso, passou mais de metade do tempo que Cardan me prometeu ficar no trono. Deixo-me afundar nas almofadas e fecho os olhos.

— Ajuda-me a levantar — digo.

Abana a cabeça.

— Deixa a cozinha fazer-te mais sopa.

Não é difícil convencer-me. Em troca, Taryn ajuda-me a vestir roupa que antes me estava apertada e que passou a ficar folgada. Fica para me dar o caldo à colher.

Quando está pronta para ir, levanta as saias e tira uma longa faca de caçador de uma bainha presa à liga. Nesse momento, é claro que crescemos na mesma casa.

Pousa a faca sobre a colcha, ao lado de um talismã que tira do bolso.

— Toma — diz. — Fica com isto. Sei que te vais sentir mais segura assim. Mas tens de descansar. Diz-me que não vais fazer nada que não devas.

— Mal consigo manter-me de pé.

Olha-me com severidade.

— Nada que não deva — prometo-lhe.

Abraça-me antes de ir, e apoio-me demasiado nos seus ombros, interiorizando o cheiro humano a pele e suor. Nada de oceano, agulhas de pinheiro, sangue ou flores que desabrocham à noite.

Adormeço com a mão sobre a sua faca. Não tenho a certeza, mas parece-me que foi o som de uma discussão a acordar-me.

— Quaisquer que sejam as ordens do Grande General, vim ver a senescal do Rei Altíssimo e não vou tolerar mais desculpas! — É uma voz de mulher que pareço reconhecer. Saio da cama e dirijo-me para o corredor, zozna, de onde consigo espreitar pela varanda. Avisto Dulcamara, da Corte das Térmitas. Olha para mim. Tem um corte recente na cara.

— Perdão — diz de uma forma que deixa clara a inexistência de qualquer arrependimento. — Mas tenho de pedir uma audiência. Na verdade, vim recordar-te das tuas obrigações, incluindo essa.

Recordo Lorde Roiben, com o seu cabelo branco, e a promessa que lhe fiz por apoiar Cardan meio ano antes. Jurou

lealdade à Coroa e ao novo Rei Altíssimo, mas com uma condição específica.

Um dia, pedirei um favor ao teu rei, disse.

Que lhe respondi? Tentei negociar: *Algo de valor equivalente. E que esteja ao nosso alcance.*

Suponho que tenha enviado Dulcamara para cobrar o favor, mesmo que não perceba de que lhe servirei naquele estado.

— A Oriana está no seu salão? Se não estiver, levem Dulcamara para lá e falarei com ela aí — digo, amparando-me no corrimão para não cair. Os guardas de Madoc parecem insatisfeitos, mas não me contrariam.

— Por aqui — diz um dos criados e, com um último olhar hostil na minha direção, Dulcamara segue-nos.

Aquilo dá-me tempo para descer as escadas com passos instáveis.

— O teu pai deu ordens para não saíres — diz um dos guardas, habituado a ver-me como criança merecedora de cuidados e não como senescal do Rei Altíssimo, com quem deveriam comportar-se com maior formalismo. — Quer que descanses.

— Queres dizer com isso que não ordenou que *não* concedesse audiências aqui, mas só porque não lhe ocorreu. — O guarda não me contradiz e limita-se a franzir a testa. — As suas preocupações... e as tuas... ficam registadas.

Consigo chegar ao salão de Oriana sem cair. E, mesmo que me apoie demasiado no parapeito de madeira das janelas ou nas esquinas das mesas, isso não é assim tão horrível.

— Traz-nos chá, por favor, tão quente quanto conseguires — digo a um criado que me olha com demasiada atenção.

Preparando-me, largo a parede e entro no salão, acenando com a cabeça a Dulcamara e deixando-me cair numa cadeira, mesmo que ela continue de pé, com as mãos unidas atrás das costas.

— Vemos agora como é a lealdade ao Rei Altíssimo — diz, aproximando-se um passo de mim, com uma expressão suficientemente hostil para me fazer pensar se quererá mais do que falar.

O instinto quer forçar-me a levantar.

— Que aconteceu?

Aquilo fá-la rir.

— Sabes muito bem. O teu rei concedeu permissão às Profundezas Marinhas para nos atacarem. O ataque aconteceu há duas noites, sem aviso. Muita da nossa gente foi chacinada antes de compreendermos o que estava a acontecer e agora, proibem-nos de retaliar.

— Proíbem-vos de retaliar? — Recordo o que Orlagh disse sobre não estarmos em guerra, mas como poderá a terra firme não estar em guerra se o mar já atacou? Como Rei Altíssimo, Cardan deve aos seus súbditos o poder do seu exército, do exército de Madoc, quando são ameaçados. Mas negar permissão para retaliar é inaudito.

Mostra os dentes.

— A consorte de Lorde Roiben ficou ferida — diz. — Com gravidade.

A fada de pele verde e olhos negros que falou como se fosse mortal. Aquela com quem o líder aterrorador da Corte das Térmitas mostrou cortesia e com quem se riu.

— Sobreviverá? — pergunto, baixando a voz.

— É melhor que esperes que sim, mortal — diz Dulcamara. — Ou o Lorde Roiben canalizará o seu ímpeto para a destruição do vosso rapaz rei, apesar dos votos que fez.

— Enviar-vos-emos cavaleiros — digo. — Permitam que Elfhame corrija o seu erro.

Cospe no chão.

— Não compreendes. O teu Rei Altíssimo fez isto por ti. Foram estas as condições em que a rainha Orlagh aceitou devolver-te. O Balekin escolheu a Corte das Térmitas como alvo, as Profundezas Marinhas atacaram-nos e o teu Cardan permitiulhes que o fizessem. Não houve qualquer erro.

Fecho os olhos e aperto a cana do nariz.

— Não — digo. — Não é possível.

— Há muito que o Balekin tem um ressentimento contra nós, filha do pó.

O insulto faz-me encolher, mas não a corrijo. Pode ofender-me o que quiser. A Corte Altíssima desiludiu a Corte das Térmitas por minha culpa.

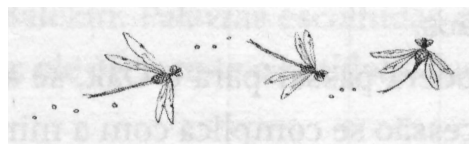
— Nunca deveríamos ter-nos juntado à Corte Altíssima. Nunca deveríamos ter jurado lealdade ao vosso rei tolo. Vim entregar esta mensagem e outra ainda. Deves um favor ao Lorde Roiben e é melhor que seja concedido.

Temo o que poderá pedir-me. Um favor sem nome é uma coisa perigosa para conceder, mesmo para um mortal que não poderá ser forçado a honrar a promessa.

— Temos espiões próprios, senescal. Dizem-nos que és uma pequena assassina competente. Eis o que queremos: *mata o príncipe Balekin*.

— Não posso fazer isso — digo, demasiado espantada para medir as palavras. Não me insulta o seu louvor do meu talento para matar, mas atribuir-me uma tarefa impossível dificilmente será lisonja. — É o Embaixador das Profundezas Marinhas. Se o matasse, haveria guerra.

— Então, que haja guerra. — Com aquilo, sai, deixando-me sentada no salão de Oriana quando o tabuleiro de chá fumegante entra.



Depois de Dulcamara sair e de o chá arrefecer, subo os degraus até ao meu quarto. Aí, pego na faca de Taryn e na outra escondida debaixo da minha cama. Uso o gume de uma delas para cortar o forro do bolso do meu vestido, de forma a conseguir prender a faca à coxa e desembainhá-la com rapidez. Há muitas armas em casa de Madoc, incluindo a minha *Anoitecer*, mas se começar a procurá-las e se me equipar da forma certa com elas, os guardas repararão. Preciso que acreditem que voltei para a cama sem resistir.

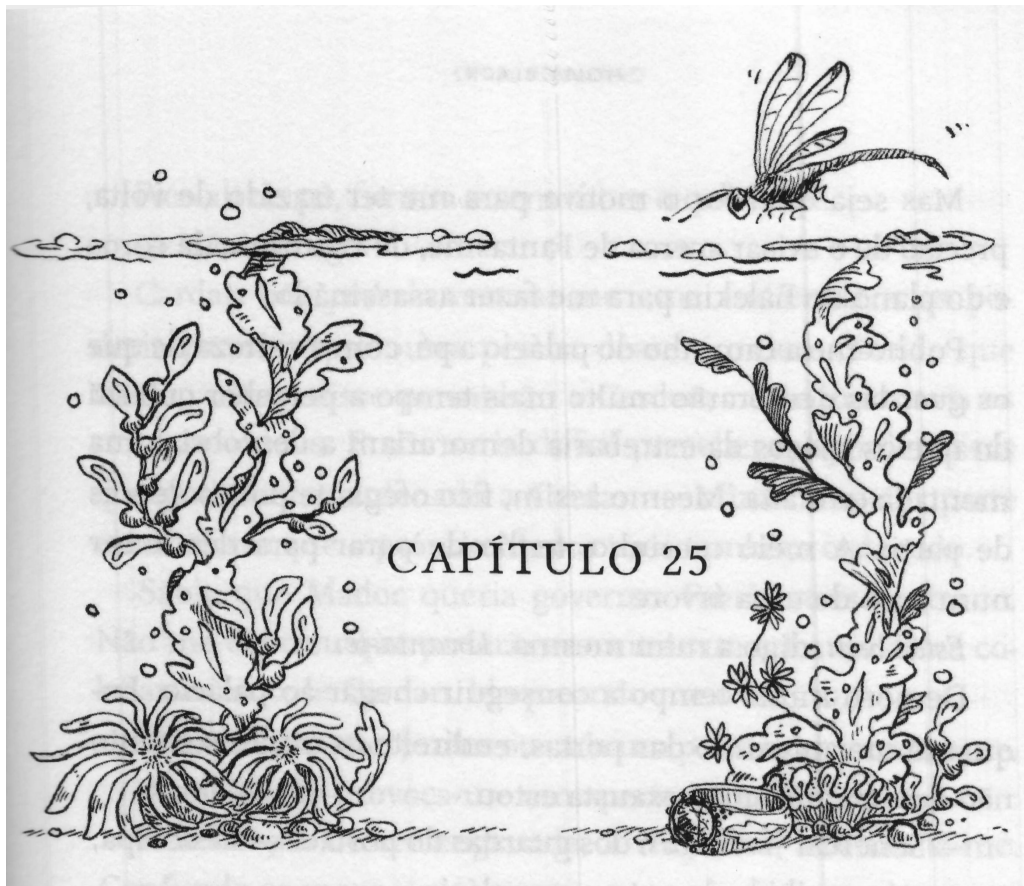
Aproximando-me do espelho, olho para ver se a faca fica escondida debaixo do meu vestido. Por um momento, não reconheço a pessoa que me retribui o olhar. Horroriza-me o que vejo — a minha pele tem uma palidez doentia e perdi peso suficiente para que os meus membros pareçam finos e frágeis, e a minha cara pareça cavada.

Viro as costas, sem querer continuar a olhar.

Depois, saio para a varanda. Em circunstâncias normais, seria simples sair pela janela e descer a parede até ao jardim. Mas assim que ergo uma perna, percebo como as minhas pernas e os meus braços ficaram fracos. Não tenho a certeza de conseguir descer.

Por isso, escolho a melhor alternativa: salto.

Capítulo 25



Levanto-me, com manchas de relva nos joelhos, e as palmas das mãos doridas e sujas. Ainda sinto a cabeça às voltas, como se continuasse a mover-me com a corrente, mesmo que já esteja em terra.

Respirando fundo algumas vezes, aproveito para sentir o vento na cara e ouvir as folhas a dançarem nas árvores. Estou rodeada por cheiros da terra, de Faerie, de casa.

Não paro de pensar no que Dulcamara disse: que Cardan recusou retaliar para garantir o meu regresso. É impossível que isso tenha agradado aos seus súbditos. Duvido que o próprio Madoc considerasse aquilo uma boa estratégia. E é por isso que é difícil imaginar porque terá concordado, sobretudo porque, se continuasse presa nas Profundezas Marinhas, deixaria de conseguir controlá-lo. Nunca acreditei que gostasse o suficiente

de mim para me salvar. E não sei bem se acreditarei nisso a não ser que ouça a explicação saída da sua boca.

Mas seja qual for o motivo para me ter trazido de volta, preciso de o avisar acerca de Fantasma, de Grimsen, da coroa e do plano de Balekin para me fazer assassiná-lo.

Ponho-me a caminho do palácio a pé, com a certeza de que os guardas demorarão muito mais tempo a perceber que saí do que os moços da estrebaria demorariam a descobrir uma montada em falta. Mesmo assim, fico ofegante pouco depois de partir. A meio caminho, tenho de parar para descansar num cepo de uma árvore.

Estás bem, digo a mim mesma. Levanta-te.

Demoro muito tempo a conseguir chegar ao palácio. Enquanto me aproximo das portas, endireito os ombros e tento não demonstrar quão exausta estou.

— Senescal — diz um dos guardas do portão. — Desculpa, mas estás proibida de entrar no palácio.

Nunca poderás negar-me uma audiência ou dar uma ordem para impedir que esteja a teu lado. Por um momento delirante, penso se passei mais tempo nas Profundezas Marinhas do que Taryn me disse. Talvez o ano e um dia tenham chegado ao fim. Mas é impossível. Semicerro os olhos.

— Por ordem de quem?

— Perdão, minha senhora — diz outro cavaleiro. Chama-se Diarmad. Reconheço-o como um cavaleiro que Madoc mantém debaixo de olho, alguém em quem confiaria. — A ordem foi dada pelo general, o seu pai.

— Preciso de ver o Rei Altíssimo — digo, tentando falar num tom autoritário, mas, em vez disso, deixo uma nota de pânico infiltrar-se na minha voz.

— O Grande General disse-nos que lhe chamássemos uma carruagem, se viesse e, se necessário, que viajássemos consigo. Espera necessitar da nossa companhia?

Fico ali de pé, furiosa e sem saber o que fazer.

— Não — digo.

Cardan *não poderia* recusar-me uma audiência, mas poderia *permitir* que outra pessoa desse a ordem. Desde que Madoc não pedisse permissão a Cardan, não contrariaria as minhas ordens. E não seria difícil perceber o tipo de coisas que poderia ter ordenado a Cardan — afinal, a maior parte eram coisas que o próprio Madoc teria também ordenado.

Sabia que Madoc queria governar Faerie atrás do trono. Não me ocorreu que poderia encontrar uma forma de se colocar ao lado de Cardan, bloqueando-me o acesso.

Trapacearam-me. Juntos ou cada um por si, trapacearam-me. A ansiedade provoca-me um aperto no estômago.

A sensação de ser enganada, a vergonha, atormenta-me. Confunde os meus pensamentos.

Recordo Cardan montado num cavalo cinzento malhado na praia, a sua expressão impassível, a capa de pelo e a coroa que sublinhava a sua semelhança com Eldred. Posso tê-lo enganado para o empurrar para o seu papel, mas não enganei o reino para que o aceitassem. Tem poder real e, quanto mais tempo passar no trono, maior se tornará esse poder.

Tornou-se o Rei Altíssimo e fê-lo sem mim.

Tudo o que temia quando concebi este plano estúpido. Talvez Cardan não quisesse aquele poder no início, mas agora que o tem, pertence-lhe.

O pior era que fazia sentido manter Cardan longe do meu alcance, mantê-lo inacessível. Diarmad e os outros cavaleiros a bloquearem-me à porta do palácio concretizam um receio que tenho desde que a coroa foi colocada na cabeça de Cardan. E, por mais terrível que seja, também me parece mais razoável do que aquilo em que tentava acreditar há meses: que sou a senescal do Rei Altíssimo de Faerie, que tenho poder real, que consigo manter aquele jogo.

Só não percebo porque não me deixaram presa no fundo do mar.

Virando as costas ao palácio, atravesso a floresta até uma entrada para a Corte das Sombras. Espero não encontrar Fantasma. Se o encontrar, não sei o que acontecerá. Mas se conseguir chegar até Barata e Bomba, talvez possa descansar um pouco. E conseguir a informação de que preciso E enviar alguém para abrir a garganta a Grimsen, antes de de este terminar a nova coroa.

Mas quando lá chego, percebo que a entrada desabou. Não. Quando olho com mais atenção, percebo que não é exatamente isso — há indícios de uma explosão. O que tiver destruído aquela entrada causou danos maiores.

Não consigo respirar.

Ajoelhando-me sobre as agulhas de pinheiro, tento perceber o que vejo, porque me parece que a Corte das Sombras foi *sepultada*. Só pode ter sido obra de Fantasma... traição sobre traição. Espero que Barata e Bomba estejam vivos.

Que estejam vivos, por favor.

E, no entanto, sem forma de os encontrar, estou mais encurralada do que nunca. Regresso pelos jardins, dormente.

Um grupo de pequenas fadas está reunido à volta de um professor. Um rapaz Cotovia apanha rosas azuis das roseiras reais, enquanto Val Moren deambula a seu lado, fumando um cachimbo longo, com o seu corvo empoleirado num ombro.

Tem o cabelo despenteado, crespo em alguns pontos e entrançado com tecido garrido e guizos noutros. Rugas de riso delineiam-lhe os cantos da boca.

— Consegues pôr-me dentro do palácio? — pergunto-lhe. É uma possibilidade remota, mas a vergonha já não me importa. Se conseguir entrar, poderei descobrir o que aconteceu à Corte das Sombras. Poderei chegar até Cardan.

Val Moren ergue as sobrancelhas.

— Sabes o que são? — pergunta-me, indicando o rapaz com um gesto vago. Este vira-se para nós e fita-nos com um olhar intenso.

— Talvez Val Moren não consiga ajudar-me. Talvez Faerie seja um sítio onde um louco pode fazer-se de tolo e parecer um profeta... mas talvez seja apenas um louco.

O rapaz Cotovia continua a apanhar flores para o seu ramo, cantarolando.

— Fadas...? — pergunto.

— Sim, sim. — Parece impaciente. — O Povo do ar. Insubstanciais, incapazes de manter uma forma. Como as sementes de flores lançadas ao céu.

O corvo guincha.

Val Moren leva o cachimbo à boca por um longo momento.

— Quando conheci o Eldred, montava um cavalo branco como leite, e tudo o que imaginei da minha vida se tornou pó e cinzas.

— Amava-lo? — pergunto.

— Claro que sim — diz-me, parecendo estar a falar de um passado distante, uma velha história que só precisa de contar como já foi contada antes. — Quando o conheci, todo o dever que sentia para com a minha família se tornou débil e gasto como um trapo. E assim que as suas mãos tocaram na minha pele, reduziria a chamas o moinho do meu pai para que me tocasse de novo.

— Isso é amor? — pergunto.

— Se não for amor — diz —, será algo muito parecido.

Recordo Eldred como o conheci, velho e mirrado. Mas também recordo como pareceu mais novo quando a coroa lhe foi tirada da cabeça. Penso se teria rejuvenescido mais ainda se não tivesse sido abatido.

— Por favor — digo. — Ajuda-me a entrar no palácio.

— Quando o Eldred se aproximou no seu cavalo branco como leite — volta a dizer —, fez-me uma oferta. «Vem comigo», disse, «para a terra debaixo da colina e alimentar-te-ei com maçãs, hidromel e amor. Nunca envelhecerás e poderás descobrir tudo o que desejas saber».

— Parece-me bastante bom — admito.

— Nunca faças um acordo com eles — diz-me, pegando-me na mão de repente. — Um acordo sensato ou um acordo mau, um acordo tonto ou um acordo estranho. Mas, acima de tudo, nunca faças um acordo que pareça demasiado bom.

Suspiro.

— Vivi aqui quase toda a minha vida. Sei disso!

A minha voz sobressalta o corvo, que lhe salta do ombro para voar em direção ao céu.

— Então, que saibas isto — diz Val Moren, olhando para mim. — Não posso ajudar-te. Foi uma das coisas de que abdi-quei. Prometi ao Eldred que, depois de me tornar seu, renunciaria a toda a humanidade. Nunca poria um mortal acima de Faerie.

— Mas o Eldred morreu — insisto.

— E, apesar de tudo, a minha promessa persiste. — Põe as mãos à sua frente, manifestando a sua impotência.

— Somos humanos — digo. — Podemos mentir. Podemos faltar à nossa palavra. — Mas o olhar que me dirige é de pena, como se o engano fosse meu.

Vendo-o afastar-se, tomo uma decisão. Só há uma pessoa com motivos para me ajudar. Só há uma pessoa em quem posso confiar.

Virás ao Solar Oco quando puderes, disse-me Balekin. Agora é uma boa altura.

Forço-me a caminhar, mesmo que o caminho que atravessa o Bosque Lácteo não seja direto e passe demasiado próximo do mar para me sentir confortável. Quando olho para a água, sinto

um arrepio. Não será fácil viver numa ilha se as ondas me atormentarem.

Passo pelo Lago das Máscaras. Quando olho para baixo, vejo três sílfides retribuindo-me o olhar com aparente preocupação. Molho as mãos e esfrego a cara com água fresca. Até bebo um pouco, mesmo que seja água mágica e não saiba se é seguro. Mesmo assim, água doce é-me demasiado preciosa para rejeitar uma oportunidade para a beber.

Quando avisto o Solar Oco, hesito por um momento para recuperar o fôlego e ganhar coragem.

Dirijo-me à porta com o máximo de arrojo que consigo. A aldraba da porta é um brinco no nariz de uma sinistra cara esculpida. Ergo a mão para tocar o anel, e os olhos da escultura abrem-se.

— Lembro-me de ti — diz a porta. — A senhora do meu príncipe.

— Enganas-te — digo.

— Raramente. — A porta abre-se com um guincho baixo que indica desuso. — Salvé e bem-vinda.

O Solar Oco está vazio de criados e guardas. Sem dúvida que será difícil para o príncipe Balekin convencer membros do Povo a servi-lo quando é tão evidente que serve as Profundezas Marinhas. E, com as novas regras decretadas por Cardan, a capacidade de Balekin para forçar mortais a uma servidão interminável também foi anulada. Caminho pelas divisões cheias de eco até chegar a um salão, onde Balekin bebe vinho rodeado por uma dúzia de castiçais grossos. Por cima da sua cabeça, traças vermelhas dançam. Deixou-as nas Profundezas Marinhas, mas agora que está de volta, descrevem círculos à volta dele como se fosse a chama de uma vela.

— Alguém te viu? — pergunta.

— Não me parece — digo, enquanto faço uma vénia.

Levanta-se, dirigindo-se até uma mesa comprida e erguendo um pequeno frasco de vidro.

— Suponho que não terás conseguido assassinar o meu irmão?

— O Madoc proibiu-me de entrar no palácio — digo. — Acredito que receia a minha influência sobre o Rei Altíssimo, mas não posso fazer nada ao Cardan se não me permitirem vê-lo.

Balekin bebe mais um trago do seu vinho e aproxima-se de mim.

— Haverá um baile de máscaras em honra de um dos lordes das Cortes menores. Será amanhã e, se encontrares uma forma de te afastares do Madoc, encontrarei uma forma de entrares. Consegues encontrar uma máscara ou também precisas de que faça isso por ti?

— Consigo mascarar-me sozinha — digo.

— Ótimo. — Ergue o frasco. — Um punhal seria muito dramático num acontecimento tão público. O veneno é muito mais fácil. Quero que mantendas isto contigo até teres um momento a sós com ele. Quando acontecer, deves despejá-lo em segredo no seu vinho.

— Assim farei — prometo.

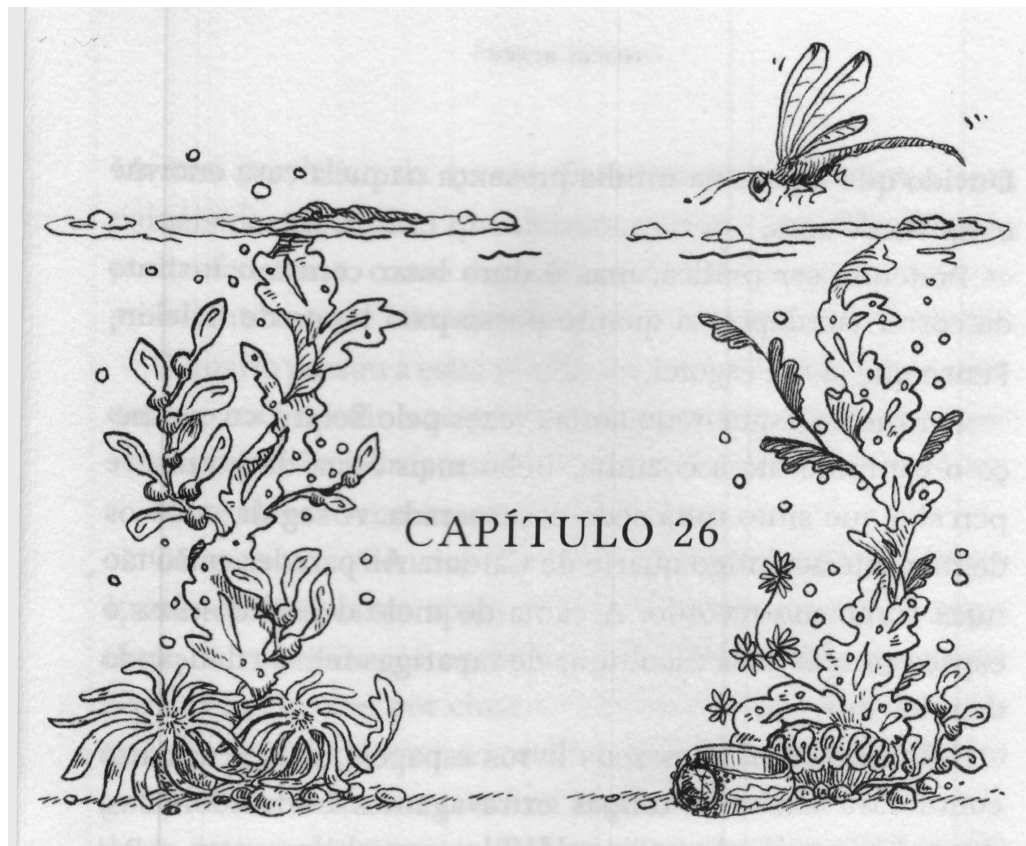
A seguir, segura-me o queixo para me erguer o rosto e fala com voz de encantamento.

— Diz-me que és minha, Jude.

Quando me põe o frasco na mão, os meus dedos fecham-se sobre ele.

— Sirvo-te, príncipe Balekin — digo, olhando-o nos olhos e mentindo com todo o vigor do meu coração partido. — Faz de mim o que quiseres. Sou tua.

Capítulo 26



Quando estou prestes a sair do Solar Oco, sou acometida por uma exaustão repentina. Sento-me nos degraus, zozna, e espero que a sensação passe. Um plano desenvolve-se na minha mente, um plano que exige o encobrimento da escuridão e que eu esteja repousada e razoavelmente bem equipada.

Poderia ir a casa de Taryn, mas Locke estará lá e tentou matar-me da última vez.

Poderia voltar para a casa de Madoc, mas, se o fizer, é provável que os criados tenham recebido instruções para me enrolarem em cobertores felpudos, mantendo-me em cativeiro acolchoado até Cardan deixar de estar às minhas ordens, tendo jurado obedecer ao seu Grande General.

Com horror, percebo que o melhor que posso fazer é ficar *aqui*. Não há criados, não há ninguém para me incomodar além

de Balekin, que está ocupado com outras questões.

Duvido que repare na minha presença naquela casa enorme e repleta de ecos.

Pretendo ser prática, mas é duro lutar contra o instinto de correr tão depressa quanto posso para longe de Balekin. Penso que já me esgotei.

Por me ter esgueirado tantas vezes pelo Solar Oco, conheço o caminho até à cozinha. Bebo mais água da bomba, e percebo que sinto uma sede desesperada. A seguir, subo os degraus até ao antigo quarto de Cardan. As paredes estão tão nuas como me recordo. A cama de meio dossel domina o espaço com as suas esculturas de raparigas felinas dançando de seios nus.

Não havia sinal dos seus livros e papéis, mas o armário continuava cheio de roupas extravagantes e abandonadas. Suponho que já não sejam ridículas que chegue para o Rei Altíssimo. Mas várias são negras como a noite e há calças em que será fácil mover-me. Enfio-me na cama de Cardan e, mesmo receando dar voltas com os nervos, surpreendo-me quando adormeço de imediato, engolida por um sono profundo e sem sonhos.

Depois de acordar com o luar, vou ao seu armário e visto-me com as suas roupas mais simples — um gibão de veludo com gola e punhos de onde tive de arrancar pérolas, e um par de calças simples e macias.

Parto outra vez, sentindo-me menos zozna. Quando passo pela cozinha, encontro pouca comida, mas há um naco de pão duro que roo enquanto caminho pela escuridão.

O Palácio de Elfhame é um monte imenso com a maior parte das divisões importantes — incluindo a enorme sala do trono debaixo de terra. No cume, há uma árvore com raízes profundas como só a magia conseguiria torná-las.

Mesmo por baixo da árvore, ficam as poucas divisões com painéis de cristal fino que deixam entrar a luz. São divisões

pouco faustosas, como o quarto onde Cardan pegou fogo ao pavimento e onde Nicasia saiu do seu armário para o atingir.

O quarto passou a estar selado. As portas duplas foram trancadas para impedir o acesso à passagem que conduz aos aposentos reais. Seria impossível chegar lá do interior do palácio.

Mas subirei o monte.

Começo em silêncio, cravando as duas facas no chão e içando-me enquanto apoio os pés em pedras e raízes, repetindo os mesmos gestos. Subo mais e mais. Vejo morcegos a voar em círculos por cima da minha cabeça e estaco, esperançosa de que não sejam os olhos de ninguém. Um mocho guincha numa árvore próxima e percebo quantas coisas poderão estar a observar-me. Tudo o que posso fazer é apressar-me. Estou quase a chegar ao primeiro conjunto de janelas quando a fraqueza me domina.

Ranjo os dentes e tento ignorar o tremor nas mãos e a insegurança nos pés. A minha respiração é rápida demais e tudo o que quero é descansar. Mas tenho a certeza de que, se o fizer, os meus músculos ficarão hirtos e não conseguirei recomeçar. Continuo, mesmo com dores no corpo todo.

Espeto uma das facas na terra, tentando içar-me, mas o meu braço está fraco demais. Não consigo. Olho do alto da colina íngreme e rochosa, vendo as luzes incertas a dançarem à volta da entrada do monte. Por um momento, a minha visão turva-se e penso no que aconteceria se me deixasse cair.

É um pensamento estúpido. O que aconteceria é que rebo-laria pelo monte abaixo, bateria com a cabeça e ficaria ferida com gravidade.

Seguro-me e subo até às vidraças. Olhei vezes suficientes para a planta do palácio para precisar de espreitar só por três vidraças até encontrar a certa. Vejo apenas escuridão, mas deito mãos à obra, golpeando o cristal com a faca até este estalar.

Enrolo as mãos na manga do gibão e parto alguns pedaços. A seguir, desço para a escuridão dos aposentos que Cardar

abandonou. As paredes e a mobília ainda tresandam a fumo e vinho azedo. Usando o tato, consigo chegar ao armário.

Aí, é fácil abrir a passagem e percorrer o corredor até ao caminho em espiral que dá para os aposentos reais.

Entro no quarto de Cardan. Apesar de ainda não ter amanhecido, tenho sorte. Não há resquícios de festa no quarto. Não há cortesãos a dormir sobre as almofadas ou na sua cama. Dirijo-me até ao sítio onde dorme e cubro-lhe a boca com a mão.

Acorda, resistindo ao meu toque. Pressiono com força suficiente para sentir os seus dentes na minha pele.

Leva a mão ao meu pescoço e, por um momento, temo não ter força suficiente, temo que o meu treino não tenha sido bom que chegue. A seguir, o corpo dele descontraí por completo, como se percebesse quem sou.

Não devia descontraí assim.

— Ele mandou-me para te matar — sussurro-lhe ao ouvido.

Um arrepio estremece-lhe o corpo e leva a mão à minha cintura, mas em vez de me afastar, puxa-me para a cama, colocando o meu corpo sobre o dele e as colchas de bordado rico.

A minha mão escorrega da sua boca, e eu enervo-me por estar ali, na nova cama do Rei Altíssimo — uma cama para a qual continuo a ser demasiado humana, ao lado de alguém que me aterroriza quanto mais aumentam os meus sentimentos por ele.

— O Balekin e a Orlagh planeiam matar-te — digo, ofegante.

— Sim — responde, lânguido. — Então porque acordei?

Confrangida, apercebo-me da fisicalidade dele, do momento em que estava meio desperto e me puxou contra ele.

— Porque sou difícil de encantar — digo.

Aquilo motiva-lhe uma gargalhada suave. Estende a mão para me tocar no cabelo e acariciar a forma da minha maçã do rosto.

— Eu podia ter dito isso ao meu irmão — diz com uma delicadeza na voz para a qual não estou preparada.

— Se não tivesses permitido ao Madoc que me proibisse de te ver, poderia ter-te dito tudo isto antes. Tenho informação que não pode esperar.

Cardan abana a cabeça.

— Não sei do que falas. O Madoc disse-me que estavas a descansar e que devíamos deixar-te recuperar.

Franzo a testa.

— Percebo. E, entretanto, de certeza que o Madoc ocuparia o meu lugar como teu conselheiro — digo a Cardan. — Deu ordens aos teus guardas para não me deixarem entrar no palácio.

— Dar-lhes-ei ordens diferentes — diz Cardan. Senta-se na cama. Está nu da cintura para cima. A sua pele parece prateada com o brilho delicado das luzes mágicas. Continua a olhar para mim daquela forma estranha, como se nunca me tivesse visto ou como se pensasse que poderia não voltar a ver-me.

— Cardan? — digo. Parece-me estranho dizer o seu nome. — Uma representante da Corte das Térmitas veio ver-me. Disse-me algo...

— O que pediram em troca do teu regresso — diz ele. — Sei o que dirás. Que fui tolo por aceitar pagar o preço. Que desestabiliza o meu reinado. Que foi um teste às minhas vulnerabilidades, e que chumbei. Até o Madoc achou que era uma traição dos meus deveres, mesmo que as suas alternativas também não fossem exatamente diplomáticas. Não conheces o Balekin e a Nicasia como eu... É melhor que pensem que és importante para mim do que acreditarem que te poderão fazer qualquer coisa sem sofrerem consequências.

Recordo como me trataram quando acharam que era valiosa e estremeço.

— Pensei e voltei a pensar desde que te foste embora, e há algo que quero dizer. — A expressão de Cardan é séria, quase severa, de uma forma que raramente se permite. — Quando o meu pai me mandou embora, comecei por tentar provar que não era como ele me via. Quando isso não funcionou, tentei, ao invés, ser exatamente aquilo que ele acreditava que eu era. Se achasse que era mau, seria pior. Se achasse que era cruel, seria horrroso. Concretizaria cada uma das suas expetativas. Se não pudesse conquistar o seu apreço, teria a sua ira.

» O Balekin não sabia o que fazer comigo. Obrigou-me a assistir aos seus deboches e a servir vinho e comida para exhibir o seu principzinho amestrado. Quando cresci e o meu temperamento azedou, começou a agradar-lhe ter alguém para disciplinar. As suas desilusões eram os meus açoites, as suas inseguranças eram as minhas falhas. E, no entanto, era a única pessoa que via em mim alguma coisa de que gostava: ele próprio. Encorajou toda a minha crueldade, inflamou toda a minha raiva. E piorei.

» Não fui amável, Jude. Com muita gente. Contigo. Não sabia se te desejava ou se queria que me desaparecesses da frente para deixar de sentir o que sentia, e isso deixou-me ainda mais cruel. Mas, quando te foste, quando desapareceste debaixo das ondas, odiei-me como nunca antes me tinha odiado.

Fico tão surpreendida com as suas palavras que não paro de tentar encontrar o truque. É impossível que seja sincero.

— Talvez seja tolice, mas não sou tolo. Gostas de alguma coisa em mim — diz, com a malícia a iluminar-lhe o rosto, tornando os seus traços mais familiares. — Do desafio? Dos meus belos olhos? Não importa, porque são mais as coisas de que não gostas e sei isso. Não posso confiar em ti. Mesmo assim, quando te foste embora, tive de tomar muitas decisões. E tanto do que fiz bem aconteceu por te imaginar a meu lado, Jude, dando-me um monte de ordens ridículas a que, mesmo assim, obedeci.

Não consigo falar.

Ri-se, cobrindo-me o ombro com a sua mão quente.

— Ou te surpreendi ou estás tão doente como o Madoc disse.

Mas, antes de conseguir dizer mais alguma coisa, antes sequer de perceber o que poderia dizer, uma besta é-me apontada. Atrás dela, está Barata, com a Bomba atrás, segurando adagas gémeas nas mãos.

— Majestade, seguimo-la. Veio da casa do teu irmão e está aqui para te matar. Sai da cama, por favor — diz Bomba.

— Isso é ridículo — digo.

— Nesse caso, mostra-me os talismãs que tens — diz Barata.

— Sorveira? Tens sal nos bolsos? Porque a Jude que conheço não andaria por aí sem nada.

Tenho os bolsos vazios, claro, porque Balekin poderia revistar-me e, de qualquer forma, não preciso. Mas nada disto serve de prova. Podia falar-lhes da geas de Dain, mas não têm motivos para acreditar em mim.

— Sai da cama, Majestade. Por favor — repete Bomba.

— Deveria ser eu a sair... Não é a minha cama — digo, aproximando-me dos pés do leito.

— Fica onde estás, Jude — diz Barata.

Cardan levanta-se. A sua nudez causa um momento de choque, mas logo veste um roupão ricamente bordado, sem aparentar embaraço. A sua cauda de pelo curto abana com irritação.

— Acordou-me — diz. — Se quisesse matar-me, duvido que essa fosse a melhor forma.

— Esvazia os bolsos — diz-me Barata. — Vejamos as tuas armas. Põe tudo na cama.

Cardan instala-se numa cadeira. O roupão envolve-o como uma túnica oficial.

Tenho pouca coisa. O naco de pão roído. Duas facas sujas com terra e relva. E o frasco rolhado.

Bomba ergue-o e olha-me, abanando a cabeça.

— Aqui está. De onde veio isto?

— Do Balekin — digo, exasperada. — Que tentou encantar-me para assassinar o Cardan, porque precisa dele morto para convencer o Grimsen a fazer-lhe uma coroa de Elfhame. E foi isso que vim dizer ao Rei Altíssimo. Ter-vos-ia dito antes, mas não consegui entrar na Corte das Sombras.

Bomba e Barata partilham um olhar incrédulo.

— Se tivesse mesmo sido encantada, ter-vos-ia dito isto?

— É provável que não — diz Bomba. — Mas seria uma manobra de diversão muito inteligente.

— Não posso ser encantada — admito. — Faz parte de um acordo que fiz com o príncipe Dain, em troca dos meus serviços como espia.

Barata ergue as sobrancelhas. Cardan olha-me fixamente, como se tivesse a certeza de que nada relacionado com Dain poderá ser bom. Ou talvez fique só surpreendido por eu ter mais um segredo.

— Questionei-me sobre o que ele te teria dado para te juntares ao nosso bando de imprestáveis — diz Bomba.

— Ofereceu-me, acima de tudo, um propósito — digo —, mas também a capacidade de resistir a encantamentos.

— Mesmo assim, é possível que mintas — diz Barata. Vira-se para Cardan. — Testa-a.

— Desculpa? — diz Cardan, levantando-se. De repente, Barata parece perceber a quem se dirige com tamanha informalidade.

— Não sejas uma rosa tão delicada, Majestade — diz Barata, encolhendo os ombros e sorrindo. — Não estou a dar-te uma ordem. Estou a sugerir que tentes encantar a Jude para descobrirmos a verdade.

Cardan suspira e aproxima-se de mim. Sei que aquilo é necessário. Sei que não pretende magoar-me. Sei que *não consegue* encantar-me. E, mesmo assim, recuo sem pensar.

— Jude? — pergunta.

— Fá-lo — digo.

Ouço o encantamento na sua voz, inebriante e sedutor, mais poderoso do que esperei.

— Rasteja até mim — diz, sorrindo. O embaraço faz-me corar.

Fico onde estou, a olhar para as caras deles.

— Satisfeitos?

Bomba acena com a cabeça.

— Não estás encantada.

— Dizei-me, agora, porque devo confiar em vós — peço a Bomba e a Barata. — O Fantasma veio, com o Vulciber, para me levar até à Torre do Esquecimento. Insistiu que fosse sozinha, levou-me até ao sítio onde esperavam para me capturar e continuo sem saber porquê. Algum de vocês participou nisto com ele?

— Só descobrimos tarde demais que o Fantasma nos tinha traído — diz Barata.

Aceno com a cabeça.

— Vi a entrada para a Corte das Sombras na floresta velha.

— O Fantasma ativou alguns dos nossos explosivos. — Aponta Bomba com a cabeça.

— Fez desabar parte do castelo com o covil da Corte das Sombras, sem referir as velhas catacumbas onde repousam os ossos da Mab — diz Cardan.

— Há algum tempo que planeia isto. Consegui evitar que fosse ainda pior — diz Bomba. — Alguns de nós conseguiram escapar incólumes... O Boca-de-Lobo está bem e viu-te a subir a

colina do palácio. Mas muitos ficaram feridos na explosão. Niniel, a sluagh, ficou queimada com gravidade.

— E o Fantasma? — pergunto.

— Foi-se com o vento — diz Bomba. — Desapareceu. Não sabemos onde está.

Recordo a mim mesma que, se Bomba e Barata estão bem, as coisas poderiam ter sido muito piores.

— Agora que todos sabemos os tristes desenvolvimentos — diz Cardan —, temos de discutir o que faremos a seguir.

— Se o Balekin acredita que consegue garantir a minha entrada no baile de máscaras, que invista todos os seus argumentos nesse objetivo. Finjo que alinho. — Paro e viro-me para Cardan. — Ou posso matá-lo.

Barata bate-me com a mão nas costas e ri-se.

— Safaste-te bem, miúda. Sabias? Saíste do mar ainda mais forte do que entraste.

Tenho de olhar para baixo, porque me surpreende a vontade que tinha de ouvir alguém dizer aquilo. Voltando a erguer o olhar, percebo que Cardan me observa com cuidado. Parece abalado.

Abano a cabeça para o impedir de dizer aquilo em que pensa.

— O Balekin é o Embaixador das Profundezas Marinhas — diz, por sua vez, ecoando as palavras que eu disse a Dulcamara. E fico muito grata por voltarmos ao assunto. — É protegido pela Orlagh, que tem o Grimsen e um enorme e claro desejo de me testar. Se o seu embaixador fosse morto, ficaria muito zangada.

— A Orlagh já atacou a terra — recordo-lhe. — Só não declarou guerra porque procura aproveitar cada vantagem. Mas fá-lo-á. Portanto, que sejamos nós a desferir o primeiro golpe.

Cardan abana a cabeça.

— Ele quer que te *matem* — insisto. — O Grimsen exige-o para fazer a coroa ao Balekin.

— Manda cortar as mãos ao ferreiro — diz Bomba. — Corta-as pelos pulsos para não te causar mais problemas.

Barata concorda com um aceno.

— Vou procurá-lo esta noite.

— Vocês os três têm a mesma solução para todos os problemas. *Homicídio*. Não há uma chave que abra todas as fechaduras. — Cardan olha-nos a todos com severidade, erguendo uma mão de dedos longos com o meu anel de rubi roubado ainda enfiado num dedo. — Alguém tenta trair o Rei Altíssimo, *homicídio*. Alguém vos olha da maneira errada, *homicídio*. Alguém vos desrespeita, *homicídio*. Alguém vos estraga a roupa na lavagem, *homicídio*. Parece-me que, quanto mais ouço, mais me recordo que me acordaram depois de dormir mesmo muito pouco. Vou pedir chá para mim e comida para a Jude, que parece um pouco pálida.

Cardan levanta-se e manda um criado trazer bolos de aveia, queijo e dois enormes bules de chá, mas não permite que mais ninguém entre no quarto. É ele próprio quem traz da porta o enorme tabuleiro de prata e madeira esculpida pousando-o sobre uma mesa baixa.

Estou demasiado faminta para resistir a uma sandes feita com os bolos e o queijo. Depois de comer uma segunda e de a empurrar com três chávenas de chá, sinto-me mais estável

— O baile de máscaras é amanhã — diz Cardan. — Será em honra do Lorde Roiben, da Corte das Térmitas. Veio de muito longe para me gritar, por isso devemos permitir que o faça. Se a tentativa de assassinato do Balekin o mantiver ocupado até depois disso, melhor ainda. Barata, se puderes levar o Grimsen para algum sítio onde não possa causar problemas, isso seria muito útil. Chegou o momento em que terá de escolher um lado e jurar lealdade a um dos intervenientes neste pequeno jogo. Mas não quero o Balekin morto.

Barata bebe um gole de chá e ergue uma sobrancelha farfalhada. Bomba suspira de forma audível.

Cardan vira-se para mim.

— Quando te levaram, li toda a história que encontrei da relação entre a terra e o mar. Desde o momento em que a primeira Rainha Altíssima, Mab, invocou as ilhas de Elfhame das Profundezas, os nossos povos enfrentaram-se algumas vezes, mas parece-me claro que, se nos enfrentássemos sem restrições, não haveria vencedor. Disseste que achavas que a rainha Orlagh esperava um momento de vantagem para declarar guerra. Pelo contrário, parece-me que está a tentar sentar um novo rei no trono; alguém que espera conseguir enganar ou substituir por outro que lhe deva favores. Considera-me jovem e incapaz, e pretende testar-me.

— E então? — pergunto. — Teremos de escolher entre suportar os jogos dela, por mais mortíferos que sejam, ou travar uma guerra que não conseguiremos vencer?

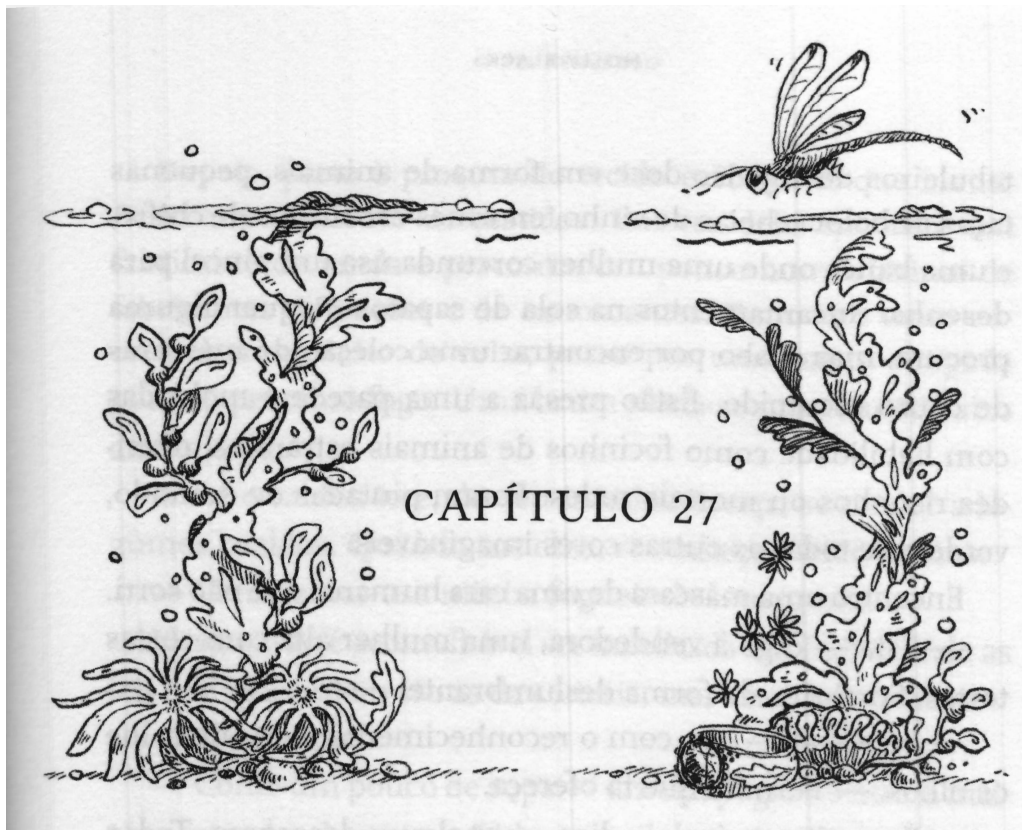
Cardan abana a cabeça e bebe outra chávena de chá.

— Mostramos-lhe que não sou um Rei Altíssimo incapaz.

— E como fazemos isso? — pergunto.

— Com grande dificuldade — responde. — Porque temo que esteja certa.

Capítulo 27



Seria simples tirar um dos meus vestidos dos meus aposentos às escondidas, mas não quero que Balekin adivinhe que estive no palácio. Em vez disso, dirijo-me para o Mercado de Mandrágora, na ponta de Insmoor, para procurar algo adequado ao baile de máscaras.

Estive no Mercado de Mandrágora em duas ocasiões, há muito tempo, a acompanhar Madoc. É o tipo de sítio que Oriana avisou para eu e Taryn nunca frequentarmos — cheio de membros do Povo ansiosos por fazer negócio. Abre apenas em manhãs de nevoeiro, quando a maior parte de Elfhame dorme, mas se não conseguir lá um vestido e uma máscara, terei de roubar um do armário de um cortesão.

Caminho entre as bancas, estonteada com o cheiro a ostras a fumegarem sobre um leito de algas. O cheiro lembra-me, obrigatoriamente, as Profundezas Marinhas. Passo por tabuleiros

de algodão-doce em forma de animais, pequenas taças de bolota cheias de vinho, enormes esculturas de chifre, e uma banca onde uma mulher corcunda usa um pincel para desenhar encantamentos na sola de sapatos. Requer alguma procura, mas acabo por encontrar uma coleção de máscaras de couro esculpido. Estão presas a uma parede e moldadas com habilidade como focinhos de animais estranhos, duendes risonhos ou mortais rudes. Foram pintadas de dourado, verde e de todas as outras cores imagináveis.

Encontro uma máscara de uma cara humana, que não sorri.

— Esta — digo à vendedora, uma mulher alta com costas tortas. Sorri-me, de forma deslumbrante.

— Senescal — diz, com o reconhecimento a iluminar-lhe os olhos. — Permite que ta ofereça.

— És muito amável — digo, com algum desespero. Todos os presentes têm um preço e já me custa pagar as dívidas que tenho. — Mas preferiria...

Pisca o olho.

— E quando o Rei Altíssimo elogiar a tua máscara, deixar-me-ás fazer-lhe uma. — Aceno com a cabeça, aliviada por querer uma coisa tão simples. A mulher tira-me a máscara das mãos, pousando-a na mesa e tirando um frasco de tinta guardado por baixo de uma escrivaninha. — Permite-me fazer uma pequena alteração.

— A que te referes?

Pega num pincel.

— Para se parecer mais contigo. — E, com algumas pinceladas, a máscara fica parecida comigo. Olho-a fixamente e vejo Taryn.

— Recordarei a tua amabilidade — digo, enquanto a embrulha.

Depois, parto à procura do tecido esvoaçante que identificará um vendedor de vestidos. Em vez dele, encontro um

fabricante de renda e perco-me um pouco num labirinto de fabricantes de poções e de cartomantes. Enquanto tento encontrar o caminho de volta, passo por uma banca ocupada por um pequeno fogo. Uma bruxa senta-se num banco baixo diante dele.

Mexe o caldeirão e, do seu interior, escapa-se o odor a legumes cozidos. Quando me olha, reconheço a Mãe Marrow.

— Vens sentar-te à minha fogueira? — pergunta.

Hesito. Não é aconselhável ser indelicada em Faerie, onde as leis que mais valem são as da cortesia, mas estou com pressa.

— Receio que...

— Come um pouco de sopa — diz ela, pegando numa malga e estendendo-ma. — Só leva aquilo que é mais saudável.

— Então porque ma ofereces? — pergunto.

Ri-se com gosto.

— Se não tivesses destruído os sonhos da minha filha, talvez gostasse de ti. Senta-te. Come. Diz-me o que te trouxe ao Mercado de Mandrágora.

— Um vestido — digo, sentando-me diante da fogueira. Aceito a malga, que está cheia de um líquido castanho pouco apetitoso. — Talvez devesse considerar que a tua filha poderia não ter apreciado ter uma princesa do mar como rival. Poupei-a a isso, pelo menos.

Avalia-me com um olhar.

— Acima de tudo, poupaste-a a ti mesma.

— Alguns poderão dizer que essa será uma dádiva sem preço — digo-lhe.

A Mãe Marrow aponta para a sopa e, porque não posso ter mais inimigos ainda, levo-a aos lábios. Sabe a uma recordação que não consigo identificar, a tardes quentes, a saltos em poças

e a brinquedos de plástico pontapeados sobre a relva castanha de jardins no verão. Vêm-me lágrimas aos olhos.

Quero entorná-la no chão.

Quero bebê-la até à última gota.

— Isso vai pôr-te fina — diz ela, enquanto pestanejo para afastar tudo o que senti e a olho fixamente. — Acerca do vestido. Que me darias por um?

Tiro os brincos de pérola das Profundezas Marinhas.

— Que tal isto? Pelo vestido e pela sopa. — Valem tanto como dez vestidos, mas não quero regatear, sobretudo com a Mãe Marrow.

Pega-lhes, raspando os dentes pelo nácar e guardando-os num bolso.

— Serve. — De outro bolso, tira uma noz e estende-ma.

Arqueio as sobrancelhas.

— Não confias em mim, rapariga? — pergunta.

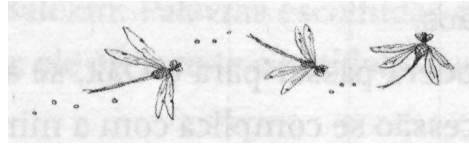
— Nem por sombras — respondo, fazendo-a rir-se.

Ainda assim, há *alguma coisa* na noz e é provável que seja um tipo de vestido *qualquer*, porque, se assim não fosse, não honraria as condições do nosso acordo. E não fingirei que sou uma mortal ingénua, exigindo saber como tudo aquilo funciona. Com isso na cabeça, levanto-me.

— Não gosto muito de ti — diz, o que não me surpreende muito, mesmo que fira. — Mas gosto ainda menos do Povo do mar.

Dispensada dessa forma, levo a noz e a máscara, e percorro o caminho de volta para Insmire e para o Solar Oco. Olho para as ondas que nos rodeiam, para o oceano a alongar-se em todas as direções com as suas ondas constantes, inquietas e coroadas por espuma branca. Quando inspiro, gotículas salgadas chegam-me ao fundo da garganta e, quando caminho, preciso de evitar poças com pequenos caranguejos no seu interior.

Parece inútil lutar contra uma coisa tão vasta. Parece ridículo acreditar que poderemos vencer.



Balekin está sentado numa cadeira perto das escadas, quando entro no Solar Oco.

— Onde passaste tu a noite? — pergunta, insinuante.

Aproximo-me dele e ergo a minha nova máscara.

— A mascarar-me.

Acena com a cabeça, outra vez aborrecido.

— Podes ir preparar-te — diz, apontando as escadas com um gesto vago.

Subo. Não sei que quarto pretende que use, mas volto a dirigir-me ao quarto de Cardan. Tomo banho aí. A seguir, sento-me no tapete diante da lareira apagada e parto a noz. Do interior, sai uma grande quantidade de musselina cor de pêssego. Sacudo o vestido. Tem cintura alta e mangas largas que começam mesmo acima do cotovelo, expondo-me os ombros. Pende até ao chão em pregas.

Quando o visto, percebo que o tecido complementa na perfeição a cor da minha pele, apesar de nada conseguir fazer-me parecer menos faminta. Por mais que o vestido me lisonjeie, não consigo evitar a sensação de que a minha pele não combina comigo. De qualquer forma, servirá para esta noite.

Enquanto o ajeito, percebo que o vestido tem vários bolsos escondidos com astúcia. Transfiro o veneno para um deles e a mais pequena das minhas facas para outro.

A seguir, tento tornar-me apresentável. Encontro um pente entre os pertences de Cardan e tento pentear o cabelo. Não tenho com que prendê-lo, por isso deixo-o solto sobre os ombros. Bochecho com água. Depois, prendo a máscara e volto para onde Balekin me espera.

De perto, é provável que seja reconhecida por aqueles que me conhecem bem, mas penso que conseguirei passar despercebida numa multidão.

Quando me vê, a sua única reação visível é a impaciência. Levanta-se.

— Sabes o que tens de fazer?

Às vezes, mentir é um grande prazer.

Tiro o frasco do bolso.

— Fui espia do príncipe Dain. Fiz parte da Corte das Sombras. Podes confiar em mim para matar o teu irmão.

Aquilo fá-lo sorrir.

— O Cardan foi uma criança ingrata por me prender. Devia ter-me posto a seu lado. Devia ter-me nomeado senescal. Na verdade, acredito que devia ter-me dado a coroa.

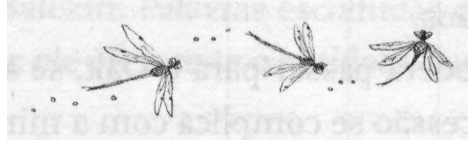
Não digo nada, pensando no rapaz que vi no cristal. O rapaz que continuava a esperar ser amado. A admissão por Cardan quanto ao que ele se tornou ainda me assombra: *Se achasse que era mau, seria pior.*

Como conheço bem aquele sentimento.

— Chorarei o meu irmão mais novo — diz Balekin, parecendo animar-se um pouco quando pensa naquilo. — Posso não chorar os outros, mas mandarei compor canções em honra dele. Só ele será lembrado.

Recordo o pedido de Dulcamara para matar o príncipe Balekin, por ter sido ele a ordenar o ataque à Corte das Térmitas. Talvez tenha sido o responsável pelos explosivos que Fantasma fez detonar na Corte das Sombras. Recordo-o debaixo do mar, exultante com o seu poder. Recordo tudo o que fez e tudo o que pretende fazer, e sinto-me grata por usar uma máscara.

— Vem — diz, e sigo-o porta fora.



Só Locke tomaria a decisão ridícula de organizar um *baile de máscaras* para uma questão de estado tão importante como receber Lorde Roiben depois de um ataque às suas terras. E, no entanto, quando entro no monte, de braço dado com Balekin, vejo que é isso mesmo que está a acontecer. Duendes e *grigs*, sílfides e elfos divertem-se em danças de roda intermináveis. Hidromel flui livremente de chifres e as mesas estão cobertas com cerejas, groselhas, romãs e ameixas maduras.

Afasto-me de Balekin e aproximo-me do estrado vazio, procurando Cardan entre a multidão, mas não o vejo em parte alguma. Em vez disso, capto um vislumbre de cabelo branco. Dirijo-me para o grupo da Corte das Térmitas quando passo por Locke.

Viro-me para ele.

— Tentaste matar-me.

Sobressalta-se. Talvez não se recorde da forma como coxeava no dia do seu casamento, mas devia saber, sem dúvida, que eu veria os brincos nas orelhas de Taryn. Talvez não estivesse à espera das consequências, por terem demorado tanto a chegar.

— Não devia ter sido tão sério — diz, estendendo a mão para a minha, com um sorriso ridículo a formar-se na cara. — Só queria que te assustasses como me assustaste a mim.

Afasto os dedos da mão dele.

— Tenho pouco tempo para ti agora, mas *arranjarei* em breve.

Taryn, num belíssimo vestido de baile azul-claro com armação, bordado com rosas delicadas, e com uma máscara de renda sobre os olhos, vem até nós.

— Arranjarás tempo para o Locke? Para quê?

Locke ergue as sobrancelhas antes de cobrir os ombros da sua mulher com um braço.

— A tua gémea está aborrecida comigo. Planeou um presente para ti, mas fui eu quem to ofereci.

Aquilo era suficientemente exato para tornar difícil contradizê-lo, sobretudo com a forma desconfiada como Taryn me olhava.

— Que presente? — Quer saber. Devia contar-lhe dos cavaleiros, da forma como lhe escondi o confronto na floresta porque não queria que ficasse irritada no dia do seu casamento, da perda dos brincos, da forma como derrubei um dos cavaleiros e atirei uma adaga ao seu marido. Devia contar-lhe que, quer ele me quisesse morta ou não, o seu marido estaria disposto a deixar-me morrer.

Mas se lhe dissesse tudo aquilo, acreditaria em mim?

Enquanto tento decidir como responder, Lorde Roiben atravessa-se à nossa frente, baixando para mim os seus olhos de prata brilhante.

Locke curva-se. A minha irmã recebe-o com uma bela vénia, e eu copio-a da melhor forma que consigo.

— Uma honra — diz ela. — Ouvi muitas das suas baladas.

— Dificilmente serão minhas — contrapõe. — E foram muito exageradas. Mas é verdade que o sangue ressalta no gelo. Esse verso é muito verdadeiro.

Por um momento, a minha irmã parece desconcertada.

— Trouxe a sua consorte?

— A Kaye. É referida em muitas dessas baladas, não é? Não, receio que não tenha vindo desta vez. A nossa última viagem até à Corte Altíssima não foi bem o que lhe prometi que seria.

Dulcamara disse que tinha ficado ferida com gravidade, mas Lorde Roiben evita dizê-lo... É uma cautela interessante. Nem uma única mentira, mas um monte de meias verdades.

— A coroação — diz Taryn.

— Sim — continua ele. — Não foi a pequena pausa que ambos desejámos.

Taryn esboça um pequeno sorriso quando ouve aquilo e Lorde Roiben vira-se para mim.

— Posso roubar-vos a Jude? — pergunta ele a Taryn. — Temos um assunto importante para discutir.

— Claro — diz a minha irmã. Roiben acompanha-me até um dos cantos mais escuros da sala.

— Ela está bem? — pergunto. — A Kaye?

— Sobreviverá — diz, brusco e seco. — Onde está o teu Rei Altíssimo?

Volto a olhar em redor. Os meus olhos fixam-se no estrado e no trono vazio.

— Não sei, mas virá. Ainda na noite passada, expressava a sua mágoa pelas tuas perdas e o seu desejo de falar contigo.

— Ambos sabemos quem esteve por detrás deste ataque — diz Roiben. — O príncipe Balekin culpa-me por te apoiar a ti e ao teu pequeno príncipe quando lhe ofereceste a coroa.

Aceno com a cabeça, satisfeita com a sua calma.

— Fizeste-me uma promessa — diz. — Chegou o momento de determinar se a palavra de um mortal tem algum valor.

— Vou resolver as coisas — prometo. — Encontrarei uma forma de resolver tudo.

A expressão de Lorde Roiben está calma, mas os seus olhos não, e isso força-me a recordar que chegou ao trono por um caminho pejado de cadáveres.

— Falarei com o teu Rei Altíssimo, mas, se a sua resposta não me satisfizer, deverei exigir que a minha dívida seja saldada.

E, com aquilo, parte com um rodopiar da sua longa capa.

Cortesãos enchem a pista, executando passos complicados de uma dança de roda que gira sobre si mesma, dividindo-se em três e voltando a formar-se. Vejo Locke e Taryn juntos, a dançar. Taryn conhece todos os passos.

Terei de lidar com Locke, mais cedo ou mais tarde, mas não esta noite.

Madoc entra na sala de braço dado com Oriana. Está vestido de preto e ela de branco. Parecem peças de xadrez de lados opostos do tabuleiro. Atrás deles, vêm Mikkel e Randalin. Um olhar rápido em redor e avisto Baphen a falar com uma mulher chifruda, que demoro um momento a reconhecer. Quando percebo quem é, sobressalto-me.

A senhora Asha. A mãe de Cardan.

Sabia que tinha sido cortesã antes, vi-o no globo de cristal da mesa de Eldred, mas, naquele momento, é como se a visse pela primeira vez. Traz um vestido curto que lhe expõe os tornozelos e os pequenos sapatos, habilmente feitos para se parecerem com folhas. Todo o vestido tem tons de outono, com folhas e flores de outros tecidos cosidos sobre ele. As pontas dos seus chifres foram pintadas de cobre e usa um diadema de cobre que não é uma coroa, mas faz lembrar uma.

Cardan não me disse nada sobre ela e, no entanto, ter-se-ão reconciliado de alguma forma. Tê-la-á perdoado. Enquanto outro cortesão a leva para dançar, fico desconfortável quando me apercebo de que é provável que conquiste poder e influência com rapidez — e que não os use para bom fim.

— Onde está o Rei Altíssimo? — pergunta Nihuar. Não reparei na representante Seelie até estar a meu lado. Sobressalto-me.

— Como queres que saiba? — pergunto. — Só hoje me deixaram entrar no palácio.

É nesse preciso momento que Cardan entra, por fim, na sala. À sua frente, vêm dois membros da sua guarda pessoal,

que se afastam dele depois de o escoltarem em segurança até ao monte.

No momento seguinte, Cardan cai. Fica estendido no chão com a sua fantástica túnica oficial e começa a rir. Ri e ri, como se aquela fosse a mais espantosa de todas as suas partidas.

É evidente que está bêbedo. Muito, muito bêbedo.

Sinto um aperto no peito. Quando olho para Nihuar, não consigo ler-lhe a expressão. Até Locke, fitando da pista de dança, parece desconcertado.

Entretanto, Cardan levanta-se e tira um alaúde das mãos de um músico duende espantado. Salta com instabilidade para uma longa mesa de banquete.

Dedilhando as cordas, começa a cantar uma canção tão ordinária que a Corte inteira para de dançar para ouvir e rir. Depois, em unísono, juntam-se à loucura. Os cortesãos de Faerie não são tímidos. Recomeçam a dançar, agora ao som da canção do Rei Altíssimo.

Nem sequer sabia que ele sabia tocar.

Quando a canção acaba, cai da mesa, aterrando atabalhoadamente de lado. A sua coroa inclina-se para a frente e cobre-lhe um dos olhos. Os seus guardas correm para o ajudarem a levantar-se, mas ele afasta-os com um gesto.

— Que tal esta apresentação? — pergunta a Lorde Roiben, mesmo que já se tenham conhecido. — Não sou um monarca enfadonho.

Olho para Balekin, que ostenta um sorriso satisfeito. A expressão de Lorde Roiben é como pedra, imperscrutável. Olho para Madoc, que observa Cardan com repulsa enquanto este ajeita a coroa.

Roiben força-se a fazer o que o trouxe ali.

— Majestade, vim pedir-te que me permitas vingar o meu povo. Fomos atacados e desejamos responder. — Já vi muita

gente incapaz de ser humilde, mas Lorde Roiben fá-lo com grande graça.

E, no entanto, olhando para Cardan, percebo que nada daquilo importará.

— Dizem que és um especialista em derramar sangue. Suponho que queiras demonstrar os teus dotes. — Cardan agita um dedo na direção de Roiben.

O rei Unseelie reage àquilo com um esgar. Uma parte dele quer demonstrá-lo *de imediato*, mas não diz nada.

— Porém, deves abdicar disso — diz Cardan. — Receio que tenhas feito uma longa viagem em vão. Pelo menos, há vinho.

Lorde Roiben vira para mim o seu olhar prateado e vejo a ameaça que contém.

Isto não está a correr da forma que esperava.

Cardan indica uma mesa de comida e bebida. As cascas da fruta recuam e alguns globos rebentam, projetando sementes e assustando os cortesãos que estavam mais próximos.

— Tenho praticado um talento próprio — diz, rindo-se.

Aproximo-me de Cardan para tentar interceder, quando Madoc me segura na mão. Arreganha os lábios.

— Isto está a correr de acordo com o teu plano? — pergunta, entre dentes. — Tira-o daqui.

— Vou tentar — digo.

— Passei tempo suficiente à espera — diz Madoc, fixando os seus olhos de gato nos meus. — Faz o teu fantoche abdicar do trono a favor do teu irmão ou enfrenta as consequências. Não voltarei a pedir. É agora ou nunca.

Torno a minha voz grave como a dele.

— Depois de me impedir de entrar no palácio?

— Estavas doente — replica.

— Trabalhar consigo será sempre trabalhar *para* si — digo.

— Portanto, nunca.

— Preferes mesmo *aquilo* à tua família? — troça, olhando Cardan e voltando a olhar para mim.

Estremeço, mas por mais certo que esteja, também está errado.

— Quer acredite ou não em mim, isto é pela minha família — digo-lhe, e pouso a mão no ombro de Cardan, esperando conseguir conduzi-lo para a saída sem que algo mais corra mal.

— Oh — diz. — A minha querida senescal. Vamos dar uma volta pela sala. — Segura-me e puxa-me para uma dança.

Mal consegue manter-se de pé. Tropeça três vezes e, por três vezes, tenho de suportar a maior parte do peso dele para que não caia.

— Cardan — silvo. — Este comportamento não é digno do Rei Altíssimo.

Ri-se. Penso na sua seriedade da noite passada, nos seus aposentos, e em como parece distante dessa pessoa.

— Cardan — tento outra vez. — Não podes fazer isto. Ordeno-te que te recomponhas. Ordeno-te que não bebas mais e que tentes ficar sóbrio.

— Sim, minha doce vilã, minha querida deusa. Ficarei sóbrio como uma estátua de pedra, logo que consiga. — E, com aquilo, beija-me na boca.

Sinto uma cacofonia de coisas. Fico furiosa com ele, resignada por ser um fracasso como Rei Altíssimo, corrupto, caprichoso e tão fraco como Orlagh poderia ter esperado. Depois, há também a natureza pública do beijo. Exibir aquilo diante da Corte é chocante. Nunca quis demonstrar em público que me desejava. Talvez conseguisse voltar atrás, mas, naquele momento, era sabido.

Há também uma fraqueza em mim porque sonhei com o seu beijo durante todo o tempo que passei nas Profundezas

Marinhas. E, agora, com a sua boca a cobrir a minha, quero cravar-lhe as unhas nas costas.

A sua língua roça-me o lábio inferior. O sabor é inebriante e familiar.

Baga-dos-mortos.

Não está bêbedo. Foi envenenado.

Afasto-me para lhe analisar nos olhos. Aqueles olhos familiares, negros com uma orla de ouro. As suas pupilas estão dilatadas.

— Doce Jude. És o meu castigo preferido. — Afasta-se de mim a dançar e volta a cair no chão, rindo e abrindo os braços como se quisesse abraçar a sala inteira.

Olho-o com um horror espantado.

Alguém envenenou o Rei Altíssimo, e ele rirá e dançará até à morte diante de uma Corte que irá oscilar entre o deleite e a repulsa. Julgá-lo-ão ridículo até o seu coração parar.

Tento concentrar-me. Antídotos. Terá de haver um. Água, sem dúvida, para limpar o organismo. Barro. Bomba saberá mais. Procuro-a, mas tudo o que vejo é o frenesim estonteante de cortesãos.

Em vez disso, viro-me para um dos guardas.

— Traz-me um balde, muitos cobertores, dois jarros de água e põe tudo nos meus aposentos. Sim?

— Como deseja — diz, virando-se para dar ordens aos outros cavaleiros. Viro-me outra vez para Cardan, que, de forma previsível, se afastou na pior direção possível. Aproxima-se dos conselheiros Baphen e Randalin, que se erguem com Lorde Roiben e a sua cavaleira, Dulcamara, tentando reparar a situação da forma possível.

Consigo ver as caras dos cortesãos, o brilho nos seus olhos enquanto o observam com uma espécie de ávido desdém.

Observam-no a despejar um jarro de água sobre a boca enquanto se ri até se engasgar.

— Com licença — digo, prendendo-lhe o braço com o meu.

Dulcamara reage a isto com desdém.

— Viemos de tão longe para uma audiência com o Rei Altíssimo. Sem dúvida que ele pretenderá passar mais tempo connosco.

Foi envenenado. As palavras chegam-me à língua quando ouço Balekin dizer-lhes:

— Receio que o Rei Altíssimo não se sinta bem. Receio que tenha sido envenenado.

Compreendo o plano demasiado tarde.

— Tu — diz-me. — Esvazia os bolsos. És a única aqui que não está obrigada a honrar uma jura de lealdade.

Se tivesse sido realmente encantada, teria de mostrar o frasco. E, quando a Corte o visse e encontrasse baga-dos-mortos no seu interior, qualquer protesto seria em vão. Os mortais são mentirosos, afinal.

— Está bêbedo — digo, agradando-me a expressão chocada de Balekin. — No entanto, tu também não estás obrigado a honrar juras de lealdade, Embaixador. À terra firme, pelo menos.

— Bebi demais? Só uma taça de veneno ao pequeno-almoço e outra ao jantar — diz Cardan.

Olho-o, mas não digo mais nada enquanto amparo o Rei Altíssimo cambaleante pela sala.

— Para onde o leva? — pergunta um dos guardas. — Majestade, deseja partir?

— Dançamos todos quando a Jude disser — diz, rindo-se.

— Claro que não deseja partir — diz Balekin. — Ocupa-te dos teus outros deveres, senescal, e deixa-me cuidar do meu irmão. Tem um papel a desempenhar esta noite.

— Serás chamado se fores necessário — digo-lhe, tentando fazer *bluff*. O meu coração acelera. Não sei se alguém ali ficaria do meu lado, se fosse necessário.

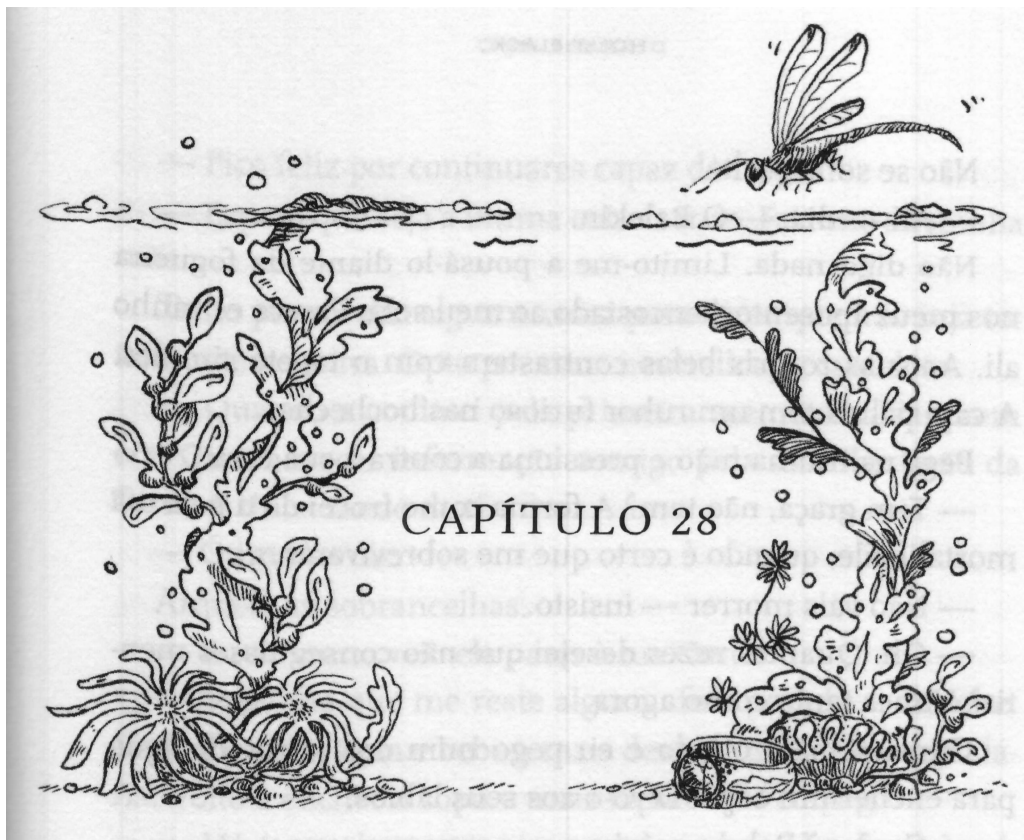
— Jude Duarte, afasta-te do Rei Altíssimo — diz Balekin.

Ouvindo aquele tom de voz, Cardan tenta focar-se. Percebo o esforço para se concentrar.

— Ela não o fará — diz.

Como ninguém pode contrariá-lo, mesmo no seu estado, consigo finalmente conduzi-lo até à saída. Sustento o peso do Rei Altíssimo enquanto nos movemos pelas passagens do palácio.

Capítulo 28



A guarda pessoal do Rei Altíssimo segue-nos a distância.

Passam-me perguntas pela cabeça — como foi envenenado? Quem lhe pôs na mão aquilo que bebeu? Quando aconteceu?

Puxando um criado no corredor, envio mensageiros para chamarem Bomba e, se não conseguirem encontrá-la, um alquimista do reino.

— Vais ficar bem — digo.

— Sabes — diz ele, agarrando-se a mim. — Isso devia ser tranquilizante. Mas quando os mortais o dizem, não querem dizer a mesma coisa do que quando o Povo o diz, pois não? Para vocês, é um apelo. Uma espécie de magia esperançosa. Dizes que vou ficar bem porque temes que não aconteça.

Por um momento, não digo nada.

— Foste envenenado — digo, por fim. — Sabes disso, não sabes?

Não se sobressalta.

— Ah — diz. — O Balekin.

Não digo nada. Limito-me a pousá-lo diante da fogueira nos meus aposentos, encostado ao meu sofá. Parece estranho ali. As suas roupas belas contrastam com o tapete simples. A cara pálida tem um rubor furioso nas bochechas.

Pega na minha mão e pressiona-a contra a sua cara.

— Tem graça, não tem? A forma como trocei de ti pela tua mortalidade, quando é certo que me sobreviverás.

— Não vais morrer — insisto.

— Oh. Quantas vezes desejei que não conseguisses mentir? Nunca tanto como agora.

Curva-se para o lado e eu pego num dos jarros de água para encher um copo. Levo-o aos seus lábios.

— Cardan? Bebe o máximo que consegues.

Não responde e parece prestes a adormecer.

— Não. — Dou-lhe palmadinhas com cada vez mais força até parecer uma estalada. — Tens de ficar acordado.

Abre os olhos. A voz está entaramelada.

— Vou só dormir um bocadinho.

— A não ser que queiras acabar como o Severin de Fairfold, fechado em vidro durante séculos, enquanto os mortais fazem fila para tirar fotografias com o seu corpo, continuarás acordado.

Endireita-se.

— Está bem — diz. — Fala comigo.

— Vi a tua mãe esta noite — digo. — Toda aperaltada. A última vez que a vi foi na Torre do Esquecimento.

— E queres saber se a esqueci? — diz, altivo. Agrada-me que preste atenção suficiente para responder com a sua típica mordacidade.

— Fico feliz por continuares capaz de troçar.

— Espero que seja a última coisa a ir-se. Fala-me da minha mãe.

Tento pensar em alguma coisa para dizer que não seja totalmente negativa. Opto por uma neutralidade cautelosa.

— Quando a conheci pela primeira vez, não sabia quem era. Queria trocar informação comigo pela sua libertação da Torre. E tinha medo de ti.

— Ótimo — diz.

Arqueio as sobrancelhas.

— Então como veio ela parar à tua Corte?

— Suponho que me reste algum afeto por ela — admite. Sirvo-lhe mais água e bebe-a mais devagar do que me agradaria. Volto a encher o copo o mais rápido que consigo.

— Há tantas perguntas que gostava de poder fazer à minha mãe — admito.

— Que perguntarias? — As palavras fundem-se, mas consegue pronunciá-las.

— Porque casou com o Madoc — digo, apontando para o copo, que ele leva à boca, obediente. — Se o amava, porque o deixou, e se era feliz no mundo humano. Se é verdade que assassinou mesmo alguém e escondeu o seu corpo nos restos carbonizados da fortaleza original do Madoc.

Parece surpreendido.

— Esqueço-me sempre dessa parte da história.

Decido que está na hora de mudar de assunto.

— Tens perguntas destas para o teu pai?

— Porque sou como sou? — O tom de voz deixa claro que propõe algo que poderia sugerir-lhe que perguntasse, e não em que estivesse a pensar. — Não existem respostas reais, Jude. Porque fui cruel para o Povo? Porque fui horrível contigo?

Porque podia. Porque gostei. Porque, por um momento, no meu pior, me sentia poderoso enquanto me senti impotente na maior parte do tempo, mesmo sendo príncipe e um filho do Rei Altíssimo de Faerie.

— Isso é uma resposta — digo.

— É? — E a seguir, após um momento, diz: — É melhor ires.

— Porquê? — pergunto, irritada. — Primeiro, estamos no meu quarto. Segundo, estou a tentar mantê-lo vivo.

Olha para mim com solenidade.

— Porque vou vomitar.

Pego no balde e ele tira-mo da mão. O seu corpo inteiro estremece com o esforço do vômito. O conteúdo do seu estômago faz lembrar folhas esmagadas. Estremeço. Não sabia que a baga-dos-mortos tinha aquele efeito.

Alguém bate à porta, vou abrir. É Bomba, sem fôlego. Deixa-a entrar e passa por mim para se aproximar de Cardan.

— Toma — diz, puxando por um pequeno frasco. — É barro. Pode ajudar a extrair e conter as toxinas.

Cardan acena com a cabeça e aceita-o, engolindo o conteúdo com um esgar.

— Sabe a terra.

— É terra — informa-o ela. — E há mais uma coisa. Duas coisas, na verdade. O Grimsen já se tinha ido da forja quando tentámos capturá-lo. Temos de esperar o pior: que está junto da Orlagh. E deram-me isto. — Tira uma mensagem do bolso. — É do Balekin. Palavras escolhidas com astúcia, mas resume-se a isto: ele oferece-te o antídoto, Jude, se lhe levares a coroa.

— A coroa? — Cardan abre os olhos e percebo que os terá fechado sem que eu tivesse reparado.

— Quer que a leves para o jardim, perto das roseiras — diz Bomba.

— Que acontece se ele não tomar o antídoto? — pergunto.

Bomba encosta a mão na bochecha de Cardan.

— Ele é o Rei Altíssimo de Elfhame... Pode canalizar a força da terra. Mas já está muito fraco. E não me parece que saiba fazê-lo. Majestade?

Olha-a com benévola incompreensão.

— De que falas? Acabo de engolir um *punhado* de terra porque me pediste.

Penso nas palavras dela e no que sei dos poderes do Rei Altíssimo.

Decerto terás reparado que, desde o início do seu reinado, as ilhas estão diferentes. As tempestades chegam mais depressa. As cores são mais vivas e os cheiros mais intensos.

Mas fez isso tudo sem tentar. De certeza que não percebeu que a terra mudava para se ajustar a ele.

Olha para eles todos, os teus súbditos, disse-me num festim meses antes. É uma vergonha que nem um deles saiba quem é o seu verdadeiro soberano.

Se Cardan não acredita que é o legítimo Rei Altíssimo de Elfhame, se não se permitir acesso ao seu próprio poder, será culpa minha. Se a baga-dos-mortos o matar, será por culpa minha.

— Vou buscar o antídoto — digo.

Cardan tira a coroa da cabeça e olha-a por um momento, como se, de alguma forma, não conseguisse perceber como lhe chegou às mãos.

— Isto não poderá passar para o Oak, se a perderes. Mas admito que a sucessão se complica com a minha morte.

— Já te disse — digo-lhe. — Não vais morrer. E não levarei essa coroa. — Vou às traseiras e mudo o conteúdo dos meus bolsos. Ponho uma capa de capuz profundo e uma máscara nova. Estou tão furiosa, que me tremem as mãos. Baga-dos-mortos, a que fui imune no passado graças a um mitridatismo cuidadoso. Se tivesse conseguido manter as doses, talvez pudesse ter enganado Balekin como enganei Madoc no passado. Mas, depois da minha prisão nas Profundezas Marinhas, tenho menos uma vantagem e o risco é muito mais elevado. Perdi a minha imunidade. Sou tão vulnerável ao veneno como Cardan.

— Ficarás com ele? — pergunto a Bomba. Acena com a cabeça.

— Não — diz Cardan. — Ela vai contigo.

Abano a cabeça.

— A Bomba percebe de poções. Percebe de magia. Pode garantir que não pioras.

Ignora-me e pega-lhe na mão.

— Lilver, como teu rei, ordeno-te — diz com grande dignidade para alguém sentado no chão. — Vai com a Jude.

Viro-me para Bomba, mas vejo-lhe na cara que não lhe desobedecerá. Fez um juramento e até lhe disse o seu nome. É o rei dela.

— Maldito sejas — sussurro a um deles, ou talvez aos dois. Juro que trarei o antídoto sem demora, mas isso não torna mais fácil deixá-los quando sei que a baga-dos-mortos continua a poder parar-lhe o coração. O olhar cortante dele seguemos até à porta. Tem as pupilas dilatadas e mantém a coroa na mão.



Balekin está no jardim, como prometeu, perto de uma roseira coberta por flores de um azul prateado. Quando lá chego, vejo figuras não muito distantes do local onde estamos, são cortesãos

a darem passeios à meia-noite. Significa que não poderá atacar-me, mas que eu também não posso atacá-lo.

Pelo menos, sem que outros saibam.

— És uma grande desilusão — diz ele.

É um choque tão grande que me rio.

— Porque não fui encantada. Sim, percebo como isso poderá ser muito triste para ti.

Arregala os olhos, mas não tem Vulciber a seu lado para me ameaçar. Ser o Embaixador das Profundezas Marinhas talvez o faça acreditar que é intocável.

Só consigo pensar que envenenou Cardan, que me atormentou, que empurrou Orlagh para atacar a terra. Tremo de raiva, mas tento conter essa fúria para fazer o que precisa de ser feito.

— Trouxeste-me a coroa? — pergunta.

— Tenho-a por perto — minto. — Mas, antes de a entregar, quero ver o antídoto.

Tira um frasco do casaco. É quase igual ao que me deu e que tiro do bolso.

— Ter-me-iam executado se me encontrassem com este veneno — digo, abanando-o. — Era o que querias, não?

— Alguém poderá ainda executar-te — diz.

— Faremos assim. — Tiro a rolha do frasco. — Vou beber o veneno e, depois, vais dar-me o antídoto. Se funcionar comigo, trago a coroa e troco-a pelo frasco. Se não funcionar, suponho que morrerei, mas a coroa ficará perdida para sempre. Quer o Cardan viva ou morra, a coroa está suficientemente bem escondida para não a encontrares.

— O Grimsen pode forjar-me outra — diz Balekin.

— Se isso é verdade, porque estamos aqui?

Balekin responde com um esgar e pondero a possibilidade de o pequeno ferreiro não estar com Orlagh, afinal. Talvez tenha

desaparecido depois de fazer o seu melhor para nos pôr uns contra os outros.

— Roubaste-me essa coroa — diz.

— É verdade — admito. — E entrego-ta, mas não sem receber nada em troca.

— Não consigo mentir, mortal. Se digo que te darei o antídoto, fá-lo-ei. A minha palavra basta.

Franzo a testa da forma mais convincente que consigo.

— Todos sabem que é perigoso fazer acordos com o Povo. Enganam a cada fôlego. Se tens mesmo o antídoto, que mal fará que me deixes envenenar-me? Pensei que fosse um prazer para ti.

Fixa em mim um olhar demorado. Imagino que estará furioso por não estar encantada. Deve ter sido forçado a fugir quando tirei Cardan da sala do trono. Teria o antídoto sempre com ele? Julgar-se-ia capaz de persuadir Cardan a coroá-lo? A sua arrogância chegaria ao ponto de acreditar que o Conselho não se teria oposto?

— Muito bem — diz. — Uma dose de antídoto para ti e o resto para o Cardan.

Tiro a rolha do frasco que me deu e deito-a fora, engolindo o conteúdo com um esgar intenso. Volto a sentir raiva, recordando como me sentia mal quando ingeria doses minúsculas de veneno. Tudo em vão.

— Sentes a baga-dos-mortos no sangue? Será mais rápida em ti do que em nós. E bebeste uma dose tão grande. — Olha-me com uma expressão tão feroz que percebo que gostaria de me deixar morrer. Se pudesse justificar a sua partida naquele momento, fá-lo-ia. Por um momento, penso que poderá fazê-lo.

A seguir, aproxima-se de mim e tira a rolha do frasco na sua mão.

— Por favor, não esperes que to ponha na mão — diz. — Abre a boca como se fosses um passarinho e deixo cair uma

dose. A seguir, dá-me a coroa.

Abro a boca, obediente, e deixo-o verter na minha língua o líquido amargo e espesso como mel. Afasto-me dele, colocando-nos à distância anterior e assegurando que estou mais perto da entrada do palácio.

— Satisfeita? — pergunta.

Cuspo o antídoto para o frasco de vidro que me deu, o que continha baga-dos-mortos e que, poucos momentos antes, enchi apenas com água.

— Que fazes? — pergunta ele.

Volto a pôr a rolha e atiro-o a Bomba, que o apanha facilmente. A seguir, desaparece, deixando-o boquiaberto.

— Que fizeste? — pergunta.

— Enganei-te — digo-lhe. — Um pouco de desorientação. Despejei o teu veneno e lavei o frasco. Como esqueces tantas vezes, também eu cresci aqui e também comigo é perigoso fazer acordos. Como vês, *consigo* mentir. Além disso, como me lembraste há muito, o meu tempo é limitado.

Desembainha a espada. É uma lâmina longa e fina. Não acredito que seja a que usou para lutar com Cardan no seu quarto na torre, mas poderá ser.

— Estamos em público — recordo-lhe. — E continuo a ser a senescal do Rei Altíssimo.

Olha em redor, vendo os outros cortesãos por perto.

— Deixem-nos — grita-lhes. Não me ocorreu que alguém pudesse fazer aquilo, mas está habituado a ser um príncipe. Está habituado a ser obedecido.

E, com efeito, os cortesãos parecem dissolver-se nas sombras, dando espaço ao tipo de duelo que, sem qualquer dúvida, não deveria acontecer. Enfio a mão no bolso, tocando o punho de uma faca. O alcance não se compara ao de uma espada. Como Madoc explicou mais de uma vez: *Uma espada é uma arma de guerra, uma adaga é uma arma de homicídio*. Prefiro ter a faca a

estar desarmada, mas, acima de tudo, gostava de ter a *Anoitecer*.

— Sugeres um duelo? — pergunto. — Decerto não quererás desonrar o teu nome por enfrentares um adversário com uma arma tão desigual.

— Esperas que acredite que tens alguma honra? — pergunta. Infelizmente, é um bom argumento. — És uma cobarde. Uma cobarde como o homem que te criou.

Aproxima-se, preparado para me matar, quer tenha arma ou não.

— O Madoc? — Desembainho a faca. Não é pequena, mas, mesmo assim, tem menos de metade do comprimento da lâmina que me aponta.

— O plano do Madoc era atacar durante a coroação. Depois de eliminado o Dain, o Eldred perceberia que tinha de me coroar. Foi tudo planeado por ele, mas continua a ser o Grande General e eu fui para a Torre do Esquecimento. Ergueu ele um dedo para me ajudar? Não. Curvou-se diante do meu irmão, que despreza. E tu és igual, disposta a suplicar, rastejar e a vergares-te a quem te der poder.

Duvido que sentar Balekin no trono tenha alguma vez feito parte do verdadeiro plano de Madoc — mesmo que ele o tenha deixado acreditar no contrário —, mas as palavras não magoam menos por isso. Passei uma vida inteira a diminuir-me na esperança de encontrar um lugar aceitável em Elfhame, e quando dei o maior e mais grandioso golpe que se pode imaginar, tive de esconder os meus dons mais do que nunca.

— Não — digo. — Não é verdade.

Parece surpreendido. Mesmo na Torre do Esquecimento, quando ele estava preso, *permiti* que Vulciber me golpeasse. Nas Profundezas Marinhas, fingi não ter dignidade nenhuma. Porque acreditaria que a minha opinião acerca de mim própria seria diferente da sua?

— Foste tu quem se curvou diante da Orlagh em vez de o fazeres diante do teu próprio irmão — digo. — És um cobarde e um traidor. Um assassino da tua gente. Mas, pior que tudo isso, és um tolo.

Mostra os dentes à medida que avança para cima de mim e eu, depois de ter fingido subserviência, recordo o meu talento mais problemático: irritar o Povo.

— Vamos — diz. — Foge como a cobarde que és.

Recuo um passo.

Mata o príncipe Balekin. Penso nas palavras de Dulcamara, mas não lhe ouço a voz. Ouço a minha, rouca depois da água do mar, assustada, fria e sozinha.

Recordo as palavras de Madoc, há muito tempo. *Que é o combate senão um jogo de estratégia acelerado?*

O propósito de uma luta não é ter uma boa luta. É ganhar.

Estou em desvantagem contra uma espada. Em grande desvantagem. E continuo fraca como consequência da minha prisão nas Profundezas Marinhas. Balekin poderá conter-se e esperar o melhor momento, e eu não conseguirei passar além da espada. Despedaçar-me-á devagar, corte a corte. A minha melhor hipótese será reduzir a distância sem demora. Preciso de lhe ultrapassar as defesas e, ao contrário dele, não tenho o luxo da contenção. Terei de ser rápida.

Tenho uma oportunidade para fazer isto bem.

O meu coração troveja-me nos ouvidos.

Investe e bloqueio-lhe o punho da espada com a faca na mão direita, segurando-lhe o antebraço com a esquerda. Torço-o como se quisesse desarmá-lo. Resiste. Aproximo-lhe a faca do pescoço.

— Espera — grita Balekin. — Rend...

Um esguicho de sangue arterial atinge-me o braço e a relva. Brilha na minha faca. Balekin tomba para a frente, estendendo-se no chão.

É tudo tão rápido.

É tudo demasiado rápido.

Quero ter alguma reação. Quero tremer ou sentir náusea. Quero ser a pessoa que começa a chorar. Quero ser qualquer pessoa menos a que sou, que olha em redor para se certificar de que ninguém viu, que limpa a faca na terra, limpa as mãos à roupa e sai dali antes que os guardas venham.

És uma pequena assassina competente, disse Dulcamara.

Quando olho para trás, os olhos de Balekin continuam abertos, fitando o vazio.



Cardan está no sofá. O balde desapareceu e Bomba também.

Olha-me com um sorriso preguiçoso.

— O teu vestido. Voltaste a vesti-lo.

Olho-o, confusa. As consequências do que acabo de fazer — e a necessidade de informar Cardan — são difíceis de ignorar. Já usei o vestido antes, é aquele que retirei da noz da Mãe Marrow. Passou a ter sangue na manga, mas continua igual.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto.

— Não sei? — pergunta, intrigado. — Aconteceu? Concedi-te a benesse que querias. O teu pai está seguro?

Benesse?

O meu pai?

Madoc. Claro. Madoc ameaçou-me. Madoc sentia-se enojado com Cardan. Mas que fez ele e que terá que ver com vestidos?

— Cardan — digo, tentando manter-me tão calma quanto possível. Aproximo-me do sofá e sento-me. Não é pequeno, mas

Cardan tem as pernas longas estendidas por cima. Está tapado com um cobertor e tem almofadas atrás das costas. Por mais distante dele que me sente, parece-me sempre demasiado perto. — Tens de me dizer o que aconteceu. Não estive aqui durante a última hora.

A sua expressão torna-se preocupada.

— A Bomba voltou com o antídoto — diz. — Disse que não demoravas. Ainda estava tão zozzo. Depois, um guarda veio, dizendo que havia uma emergência. Ela foi ver. A seguir, *tu* entraste, como disseste que farias. Disseste que tinhas um plano...

Olha-me como se esperasse que contasse o resto da história, a parte que recordava. Mas claro que não o faço.

Após um momento, fecha os olhos e abana a cabeça.

— A Taryn.

— Não percebo — digo, porque não quero perceber.

— O teu plano era que o teu pai levasse metade do exército, mas, para agir de forma independente, precisava de ser libertado das suas juras à Coroa. Tinhas um dos teus gibões vestidos — um daqueles que vestes sempre. E uns brincos estranhos. Uma lua e uma estrela. — Abana a cabeça.

Sinto um arrepio.

Quando éramos crianças no mundo mortal, Taryn e eu trocávamos de lugar para pregar partidas à nossa mãe. Mesmo em Faerie, às vezes fingíamos ser a outra para perceber o que conseguiríamos fazer antes que se apercebessem. Um professor perceberia a diferença? Ou Oriana? Ou Madoc? Oak? E o grande e poderoso príncipe Cardan?

— Mas como conseguiu que concordasses? — questiono. — Ela não tem poder. Pode passar-se por mim, mas não poderia forçar-te...

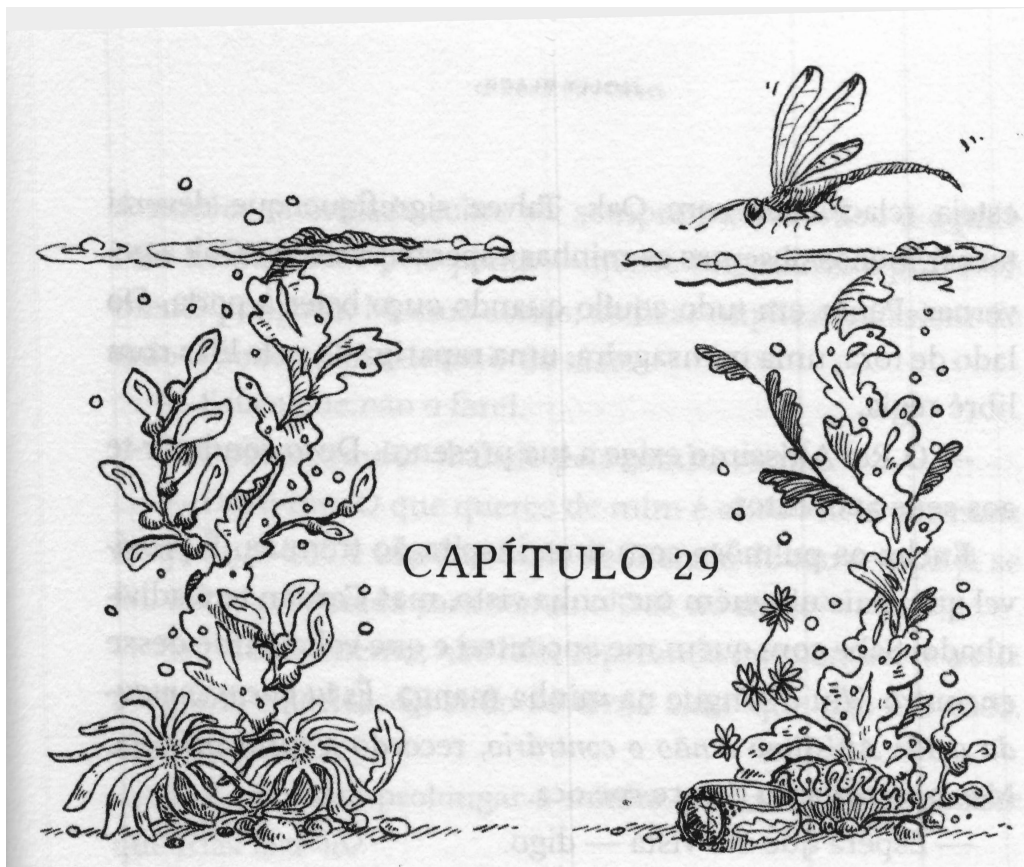
Apoia a cabeça nas mãos de dedos longos.

— Não precisou de me dar uma ordem, Jude. Não precisou de usar magia. Confio em ti. Confiei em ti.

E eu confiei em Taryn.

Enquanto assassinava Balekin, enquanto Cardan estava envenenado e desorientado, Madoc avançou contra a Coroa. Contra mim. E fê-lo com a sua filha Taryn a seu lado.

Capítulo 29



O Rei Altíssimo foi levado para os seus aposentos para poder descansar. Atiro o meu vestido manchado de sangue ao fogo, visto um roupão e começo a planear. Se nenhum dos cortesãos tiver visto a minha cara antes de Balekin os mandar embora — até porque tinha a capa vestida —, poderei não ter sido identificada. E posso sempre mentir. Mas a negação da culpa pelo homicídio do Embaixador das Profundezas Marinhas perde importância quando confrontada com a forma de lidar com Madoc.

Se Orlagh decidir atacar com meio exército a acompanhar o general, não sei como repeli-la. Cardan terá de escolher depressa outro Grande General.

E terá de informar as Cortes menores da deserção de Madoc, para garantir que se saiba que não fala pelo Rei

Altíssimo. Poderá haver uma forma de trazer Madoc de volta para a Corte Altíssima. É orgulhoso, mas pragmático. Talvez a resposta esteja relacionada com Oak. Talvez signifique que deverei tornar menos obscuras as minhas esperanças de ver Oak a governar. Penso em tudo aquilo quando ouço bater à porta. Do lado de fora, uma mensageira, uma rapariga de pele lilás com libré régia.

— O Rei Altíssimo exige a tua presença. Devo conduzir-te aos seus aposentos.

Encho os pulmões com uma inspiração trémula. É possível que mais ninguém me tenha visto, mas Cardan terá adivinhado. Sabe com quem me encontrei e que voltei tarde desse encontro. Viu o sangue na minha manga. *És tu quem comanda o Rei Altíssimo e não o contrário*, recordo a mim própria. Mas a recordação parece-me oca.

— Espera que me vista — digo.

A mensageira abana a cabeça.

— O rei deixou claro que devia dizer-te que viesses sem demora.

Quando chego aos aposentos reais, encontro Cardan sozinho, vestido de forma simples e sentado numa cadeira semelhante a um trono. Parece pálido e os seus olhos ainda brilham demasiado, como se talvez o veneno lhe permanecesse no sangue.

— Por favor — diz. — Senta-te.

Faço-o, receosa.

— Uma vez, fizeste-me uma proposta — diz. — Agora, tenho uma para ti. Devolve-me a minha vontade. Devolve-me a minha liberdade.

Sustenho a respiração. Não consigo evitar a surpresa, mesmo sabendo que não devia senti-la. Ninguém quer ser controlado por outra pessoa, mesmo que o equilíbrio de poder entre nós, na minha opinião, tenha oscilado, apesar da sua jura.

A minha autoridade sobre ele sempre me recordou o equilíbrio de uma faca pela ponta — quase impossível e provavelmente perigoso. Mesmo assim, abdicar implicaria desistir de todo o poder. Seria desistir de *tudo*.

— Sabes que não o farei.

Não parece muito abalado pela minha recusa.

— Ouve-me. O que queres de mim é obediência por mais do que um ano e um dia. Mais de metade do teu tempo já se foi. Estás preparada para sentar o Oak no trono?

Por um momento, não falo, esperando que considere a sua pergunta retórica. Quando se torna claro que não é o caso, abano a cabeça.

— E pensaste prolongar a minha jura. Como imaginaste que irias fazê-lo?

Volto a não ter resposta para lhe dar. Nenhuma resposta válida, pelo menos.

É a sua vez de sorrir.

— Pensaste que não tinha nada com que negociar.

Subestimá-lo foi um problema que tive antes e que receio voltar a ter agora.

— Que negociação é possível? — pergunto. — Quando o que quero é que repitas a jura, durante pelo menos mais um ano ou mesmo uma década? E quando o que tu queres é que anule a jura por completo?

— O teu pai e a tua irmã enganaram-me — diz Cardan. — Se a Taryn me tivesse dado uma ordem, teria percebido que não eras tu. Mas estava doente e cansado, e não queria dizer-te que não. Nem sequer perguntei porquê, Jude. Queria mostrar-te que podias confiar em mim, que não precisavas de me dar ordens para fazer coisas. Queria mostrar-te que acreditava que tinhas pensado bem no assunto. Mas isso não é forma de governar. E nem sequer é mesmo confiança quando alguém te pode ordenar que o faças, de qualquer forma. Faerie sofreu por nos

enfrentarmos. Tentaste obrigar-me a fazer o que achavas que precisava de ser feito e, se discordássemos, não poderíamos fazer nada além de nos manipularmos um ao outro. Não estava a funcionar, mas ceder não é solução. Não podemos continuar assim. Esta noite é prova disso. Tenho de tomar as minhas próprias decisões.

— Disseste que não te incomodava muito obedecer às minhas ordens. — É uma tentativa miserável de humor, e ele não sorri.

Em vez disso, afasta o olhar, como se não conseguisse enfrentar-me.

— Mais um motivo para não me permitir esse luxo. Criaste o Rei Altíssimo, Jude. Deixa-me *ser* o Rei Altíssimo.

Cruzo os braços sobre o peito num gesto protetor.

— E que serei eu? Tua serva? — Odeio que faça sentido, porque é impossível que lhe dê o que pede. Não posso afastar-me, não com Madoc por aí, não com tantas ameaças. E, apesar disso, não consigo impedir-me de recordar o que Bomba disse sobre Cardan não saber invocar a sua ligação à terra. Ou o que disse Barata acerca de Cardan se considerar um espião que fingia ser rei.

— Casa comigo — diz. — Torna-te a rainha de Elfhame.

Sinto um choque frio espalhar-se por mim como se alguém tivesse contado uma piada especialmente cruel, e eu fosse o alvo. Como se alguém tivesse olhado para o meu coração e tivesse visto aí o desejo mais ridículo e infantil, usando-o contra mim.

— Mas não podes.

— *Posso* — diz. — É verdade que os reis e as rainhas não se casam com frequência por algo além de uma aliança política, mas considera que isto será uma versão de uma aliança. Se fosses a rainha, não precisarias da minha obediência. Poderias dar as tuas próprias ordens. E eu seria livre.

Não consigo deixar de pensar que, poucos meses antes, lutei por um lugar na Corte, desesperada para ser armada cavaleira, e nem isso consegui.

A ironia de ser Cardan, que insistiu que não pertencia em Faerie, a oferecer-me *isto* torna tudo mais chocante.

Continua.

— Além disso, não ficaríamos casados para sempre. Os casamentos entre reis e rainhas terão de durar enquanto reinarem, mas, no nosso caso, não será muito tempo. Só até o Oak ter idade para reinar, supondo que é isso que deseja. Poderias ter tudo o que queres apenas pelo preço de me libertares da minha jura de obediência.

O meu coração bate tão depressa que temo que pare.

— Estás a falar a sério? — consigo perguntar.

— Claro que sim. E sou sincero.

Procuro a manha, porque só pode ser um daqueles acordos de fadas que parecem uma coisa, mas revelam ser outra.

— Deixa-me adivinhar. Queres que te liberte da tua jura em troca da promessa de casares comigo? Mas, depois, o casamento acontecerá no dia de São Nunca à tarde.

Abana a cabeça, rindo-se.

— Se concordares, caso contigo esta noite — diz. — Agora mesmo. Aqui. Trocamos votos e fica feito. Não é um casamento mortal, que exija ser presidido e testemunhado. Não posso mentir. Não posso contrariar-te.

— Não falta muito para acabar a tua jura — digo. A possibilidade de aceitar o que oferece... a possibilidade de, além de fazer parte da Corte, ser a sua chefe... é tão tentadora que é difícil não concordar, quaisquer que sejam as consequências. — Sem dúvida de que mais alguns meses preso a mim não pode ser assim tão difícil que queiras prender-te a mim durante anos.

— Como disse antes, muito pode acontecer num ano e num dia. Muito aconteceu em metade desse tempo.

Sentamo-nos em silêncio por um momento, enquanto tento pensar. Nos últimos sete meses, a questão do que aconteceria após um ano e um dia assombrou-me. Esta é uma *solução*, mas não me parece nada prática. É um sonho absurdo, imaginado durante uma sesta num campo coberto de musgo, demasiado embaraçoso para poder confessá-lo às minhas irmãs.

Raparigas mortais não se tornam rainhas da Terra das Fadas.

Imagino como seria ter a minha própria coroa, o meu próprio poder. Talvez não tivesse de recear amá-lo. Talvez não houvesse problema. Talvez não precisasse de ter medo de todas as coisas que me assustaram durante toda a minha vida, de ser diminuída, fraca e inferior. Talvez me tornasse um pouco mágica.

— Sim — digo. A minha voz fraqueja. Sai-me rouca. — Sim.

Inclina-se para a frente na cadeira, erguendo as sobrancelhas, mas não tem a arrogância habitual na cara. Não consigo ler-lhe a expressão.

— Estás a concordar com o quê?

— Está bem — digo. — Aceito. Caso comigo.

Dirige-me um sorriso malicioso.

— Não sabia que seria um sacrifício assim tão grande.

Frustrada, deixo-me cair no sofá.

— Não era isso o que queria dizer.

— O casamento com o Rei Altíssimo de Elfhame é visto por quase todos como um prémio, uma honra de que poucos serão dignos.

Sabia que a sua sinceridade não podia durar por muito mais tempo. Reviro os olhos, grata por ele voltar ao seu eu antigo e, assim, conseguir fingir melhor que não fico demasiado espantada com o que está prestes a acontecer.

— Então, o que fazemos?

Penso no casamento de Taryn e na parte da cerimônia que não testemunhámos. Penso também no casamento da minha mãe, nos votos que terá trocado com Madoc. De repente, sinto um arrepio que espero que não seja premonitório.

— É simples — diz ele, colocando-se na ponta da cadeira. — juramos a nossa fidelidade. Primeiro eu... a não ser que queiras esperar. Talvez tenhas imaginado alguma coisa mais romântica.

— Não — apresso-me a dizer, não querendo admitir que imaginei qualquer coisa relacionada com um casamento.

Tira o meu anel de rubi do seu dedo.

— Eu, Cardan, filho de Eldred, Rei Altíssimo de Elfhame, recebo-te, Jude Duarte, filha adotiva mortal de Madoc, como minha esposa e rainha. Que fiquemos casados até desejarmos o contrário e até a coroa sair das nossas mãos.

Enquanto fala, começo a tremer com algo entre esperança e medo. As palavras que diz são tão tremendas que se tornam surreais, sobretudo ali, nos aposentos do próprio Eldred. O tempo parece alongar-se. Por cima de nós, os ramos começam a florir, como se a própria terra tivesse ouvido as palavras que disse.

Pegando na minha mão, enfia-me o anel no dedo. A troca de anéis não é um ritual entre as fadas, e surpreende-me.

— É a tua vez — diz ele, preenchendo o silêncio. Sorri-me. — Confio que honrarás a tua palavra e me libertarás da minha jura de obediência depois disto.

Retribuo o sorriso, o que talvez compense a forma como fiquei paralisada quando acabou de falar. Continuo sem acreditar por inteiro que aquilo está a acontecer. A minha mão aperta a dele enquanto falo.

— Eu, Jude Duarte, aceito Cardan, Rei Altíssimo de Elfhame, como meu marido. Que fiquemos casados até desejarmos o contrário e até a coroa sair das nossas mãos.

Beija a cicatriz na palma da minha mão.

Ainda tenho o sangue do seu irmão debaixo das unhas.

Não tenho um anel para ele.

Por cima de nós, as flores abrem. O quarto inteiro cheira a flores.

Recuando, volto a falar, repelindo os pensamentos acerca de Balekin e do futuro em que terei de lhe contar o que fiz.

— Cardan, filho de Eldred, Rei Altíssimo de Elfhame, abduco de toda a minha autoridade sobre ti. Estás livre da tua jura de obediência, agora e para sempre.

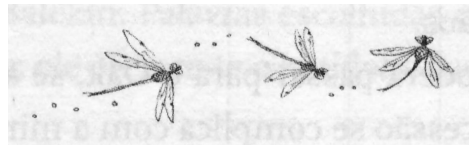
Expira e levanta-se, um pouco instável. Não consigo aceitar que estou... Nem sequer consigo pensar nas palavras. Aconteceram demasiadas coisas esta noite.

— Parece que mal descansaste. — Levanto-me para assegurar que, se ele tombar, consigo agarrá-lo antes que caia no chão, mesmo sem ter grande certeza também.

— Vou deitar-me — diz, deixando-me conduzi-lo para a sua enorme cama. Quando lá chegamos, não me larga a mão. — Se te deitares comigo.

Sem motivo para me opor, faço-o, com a sensação de irrealidade a intensificar-se. Enquanto me deito sobre a colcha de bordado intrincado, percebo que encontrei uma coisa muito mais blasfema do que deitar-me na cama do Rei Altíssimo, e muito mais blasfema do que enfiar o anel de sinete de Cardan no meu dedo, ou do que sentar-me no próprio trono.

Tornei-me a rainha de Faerie.



Trocamos beijos no escuro, com os nossos movimentos arrastados pela exaustão. Não esperava dormir, mas durmo, entrelaçando os membros nos dele. É o primeiro sono des-

cansado que tenho desde que regressei das Profundezas Marinhas. Acordo com batidas violentas na porta.

Cardan já está de pé, a brincar com o frasco de barro que Bomba trouxe, atirando-o de uma mão para a outra. Continua vestido. O seu aspeto amarrotado fá-lo parecer apenas distraído. Aperto bem o roupão. Envergonha-me ser tão óbvio que dormi na sua cama.

— Majestade — diz o mensageiro, um cavaleiro. — O teu irmão está morto. Houve um duelo, pelo que conseguimos determinar.

— Ah — diz Cardan.

— E a rainha das Profundezas Marinhas. — A voz do cavaleiro treme. — Está aqui. Exige justiça pelo seu embaixador.

— Aposto que sim. — A voz de Cardan é seca e brusca. — Não podemos mantê-la à espera. Tu. Como te chamas?

O cavaleiro hesita.

— Rannoch, Majestade.

— *Sir* Rannoch, reúne um grupo de cavaleiros para me escoltarem até à água. Espera no pátio.

— Mas o general... — começa.

— Não está aqui agora — conclui Cardan por ele.

— Obedecerei — diz o cavaleiro. Ouço a porta fechar e Cardan dobra a esquina com uma expressão altiva.

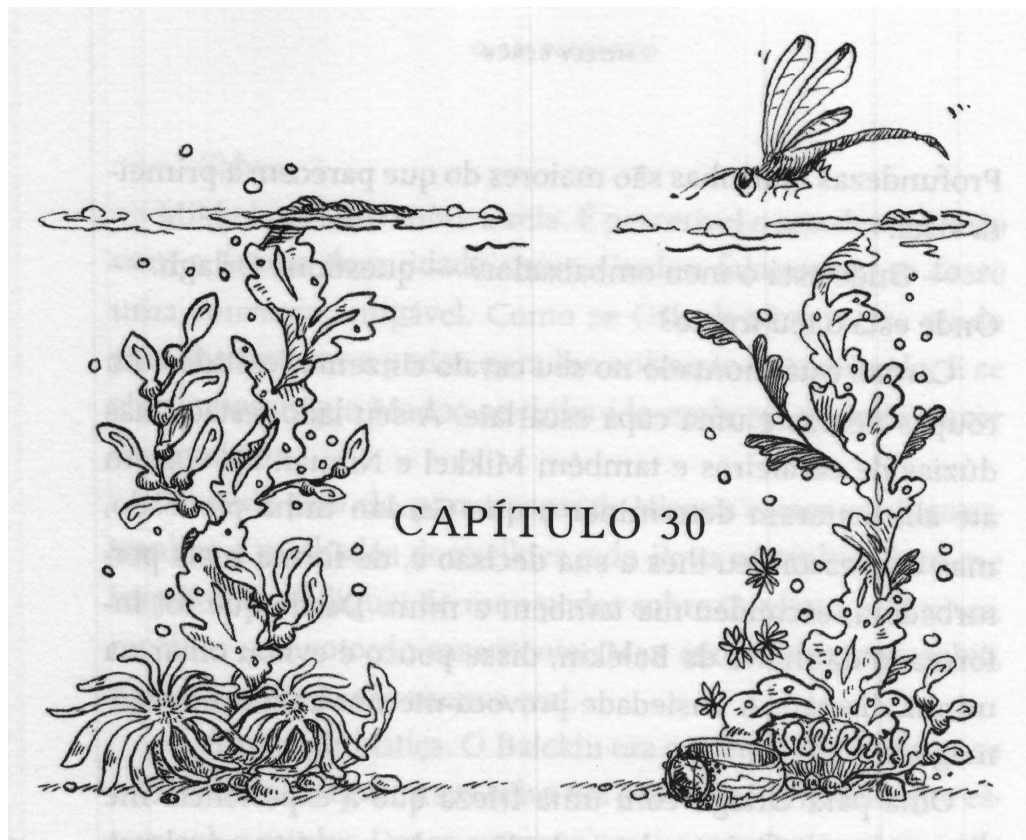
— Bem, esposa — diz-me com voz fria. — Parece-me que houve pelo menos um segredo que não incluístes no teu dote. Vem, devemos vestir-nos para a nossa primeira audiência conjunta.

Sinto um aperto no coração, mas não há tempo para explicar e também não há uma explicação válida.

Corro pelo corredor de roupão. De volta aos meus aposentos, peço a minha espada e visto os meus veludos, sem deixar

de pensar no significado do meu novo estado e no que Cardan fará sem ser controlado.

Capítulo 30



Orlagh espera-nos num oceano agitado, acompanhada pela sua filha e por um grupo de cavaleiros montados em focas, tubarões e em toda a espécie de criaturas marinhas de dentes afiados. A rainha monta uma orca e está vestida como se fosse para a batalha. Tem a pele coberta com escamas prateadas brilhantes, que parecem ser tanto metálicas como brotadas da sua pele. Um elmo de osso e dentes esconde-lhe o cabelo.

Nicasia está a seu lado, sobre um tubarão. Não tem cauda naquele dia. As suas pernas longas estão cobertas por uma armadura de concha.

Ao longo da praia, há amontoados de algas, arrastadas para ali como se tivesse havido uma tempestade. Parece-me que vejo outras coisas na água. O dorso de uma criatura grande a nadar logo abaixo das ondas. O cabelo de mortais afogados a flutuarem

como sargaço. As forças das Profundezas Marinhas são maiores do que parecem à primeira vista.

— Onde está o meu embaixador? — questiona Orlagh. — Onde está o teu irmão?

Cardan está montado no seu cavalo cinzento, vestido com roupas negras e uma capa escarlate. A seu lado, estão duas dúzias de cavaleiros e também Mikkell e Nihuar. Na viagem até ali, tentaram determinar o que Cardan tinha planeado, mas este escondeu-lhes a sua decisão e, de forma mais perturbadora, escondeu-ma também a mim. Desde que foi informado da morte de Balekin, disse pouco e evitou olhar na minha direção. A ansiedade provoca-me um aperto no estômago.

Olha para Orlagh com uma frieza que a experiência me diz resultar de fúria ou de medo. Naquele caso, é provável que resulte das duas coisas.

— Como bem sabes, está morto.

— Era tua responsabilidade mantê-lo em segurança — diz ela.

— Era? — pergunta Cardan, com espanto exagerado, levando uma mão ao peito. — Pensei que a minha obrigação fosse não agir contra ele. Não jurei protegê-lo das consequências dos riscos que correu. Teve um pequeno duelo, pelo que sei. Os duelos, como bem saberás, são perigosos. Mas nem o matei nem o encorajei a travar este duelo. Na verdade, *desencorajei-o* bastante.

Tento não permitir que qualquer emoção se note na minha cara.

Orlagh inclina-se para a frente, como se sentisse sangue na água.

— Não devias permitir tal desobediência.

Cardan encolhe os ombros, parecendo indiferente.

— Talvez.

Mikkel move-se sobre a sela. É perceptível o seu desconforto com a forma descuidada como Cardan fala, como se fosse uma conversa amigável. Como se Orlagh não tivesse vindo para lhe fraturar o poder, para lhe enfraquecer o reinado. E se ela soubesse que Madoc se tinha ido embora, poderia atacar de imediato.

Olhando para ela, para o esgar de Nicasia e para os olhos estranhos e molhados dos selkies e do Povo marinho, sinto-me impotente. Abdiquei do meu poder sobre Cardan e, em troca, recebi o seu voto de casamento. Mas como ninguém sabia, parecia-me cada vez menos real.

— Vim exigir justiça. O Balekin era o meu embaixador e, se não consideras que estava sob a tua proteção, considero que estava sob a minha. Deves entregar a sua assassina ao mar, onde não encontrará perdão. Dá-nos a tua senescal, Jude Duarte.

Por um momento, sinto que não consigo respirar. É como se estivesse outra vez a afogar-me.

Cardan ergue as sobrancelhas. A sua voz mantém-se num tom calmo.

— Mas ela acabou de regressar do mar.

— Então não questionas a sua culpa? — pergunta Orlagh.

— Porque o faria? — pergunta Cardan. — Se o duelo foi com ela, estou certo de que venceria. O meu irmão considerava-se um perito com a espada; um grande exagero das suas capacidades. Mas pertence-me para a punir ou não, como eu entender.

Odeio ouvi-lo falar de mim como se não estivesse *ali mesmo*, quando me fez um voto de casamento. Mas a morte de um embaixador às mãos da sua rainha parece um problema político pior.

O olhar de Orlagh não se fixa em mim. Duvido muito que se preocupe com alguma coisa além da grande oferta de Cardan pelo meu regresso e da possibilidade de conseguir mais, se me ameaçar.

— Rei da terra firme, não vim para enfrentar a tua língua afiada. O meu sangue está frio e prefiro lâminas. Outrora, considerei-te como parceiro para a minha filha, a coisa mais preciosa no mar. Teria assegurando uma paz verdadeira entre nós.

Cardan olha para Nicasia e, apesar de Orlagh lhe dar a palavra, não fala por muito tempo. Quando fala, diz apenas:

— Tal como tu, não tenho talento para o perdão.

Algo muda na disposição da rainha Orlagh.

— Se queres guerra, não seria sensato declará-la numa ilha. — À sua volta, as ondas tornam-se mais violentas e a espuma que as coroa torna-se mais abundante. Remoinhos formam-se ao largo da ilha. São pequenos, mas ganham profundidade, extinguindo-se à medida que novos remoinhos se formam.

— Guerra? — Olha-a como se tivesse dito alguma coisa particularmente intrigante, e isso irrita-o. — Esperas que acredite que queres mesmo lutar? Desafias-me a *mim* para um duelo?

É evidente que a provoca, mas não consigo imaginar com que fim.

— E se o fizer? — pergunta ela. — Que acontecerá então, rapaz?

O sorriso que lhe curva o lábio é voluptuoso.

— Por baixo de cada palmo do teu mar, há terra. Terra inquieta e vulcânica. Enfrenta-me e mostrar-te-ei o que este rapaz fará, minha senhora.

Estende a mão e algo parece erguer-se das águas à nossa volta, algo como um turbilhão pálido. Areia. Areia flutuante.

A seguir, à volta da Corte das Profundezas Marinhas, a água começa a agitar-se.

Fito-o, esperando captar-lhe a atenção, mas concentra-se. Qualquer que seja a magia que opera, seria àquilo que Baphen se referia quando disse que o Rei Altíssimo estava ligado à terra, que era o coração palpitante e a estrela sobre a qual o futuro de

Elfhame se escrevia. Aquilo é poder. E ver Cardan empunhá-lo é compreender quão inumano é, a que ponto se transformou e a que ponto se afastou do meu controlo.

— Para! — grita Orlagh enquanto a agitação nas águas se torna ebulição. Uma faixa de oceano borbulha e ferve, enquanto o Povo das Profundezas Marinhas grita e se dispersa, nadando para longe. Várias focas sobem para as rochas pretas perto da terra, chamando-se umas às outras na sua língua.

O tubarão de Nicasia vira-se de lado, atirando-a à água.

Vapor tórrido emana das ondas. Uma enorme nuvem branca bloqueia-me a visão. Quando se dissipa, vejo que nova terra se consolidou desde as profundezas, com a pedra quente a arrefecer no momento em que a olhamos.

Nicasia ajoelha-se sobre a ilha que cresce e a sua expressão oscila entre o espanto e o terror.

— Cardan? — chama.

Um canto da boca dele ergue-se num pequeno sorriso, mas o seu olhar permanece desfocado. Acreditou que precisava de convencer Orlagh de que não era incapaz.

Percebo, agora, que planeou aquilo. Tal como planeou libertar-se do jugo do meu controlo.

Durante o mês que passei nas Profundezas Marinhas, Cardan mudou. Começou a fazer esquemas. E o talento que descobriu para o fazer é perturbador.

Penso naquilo enquanto vejo a vegetação crescer entre os dedos dos pés de Nicasia, com flores silvestres a brotarem ao longo das colinas de elevação suave. Reparo também que árvores e espinheiros despontam e que o tronco de uma árvore começa a formar-se à volta do corpo de Nicasia.

— Cardan! — grita, à medida que uma casca de árvore a envolve, fechando-se sobre a sua cintura.

— Que fizeste? — grita Orlagh, enquanto a casca de árvore sobe mais e enquanto os ramos crescem, cobrindo-se com folhas

e botões perfumados. Pétalas caem sobre as ondas.

— Inundarás a terra agora? — pergunta Cardan a Orlagh, com calma total, como se não tivesse acabado de fazer uma quarta ilha erguer-se do mar. — Enviarás terra salgada para corromper as raízes das nossas árvores e tomarás os nossos ribeiros e lagos salobros? Afogarás as nossas bagas e enviarás o teu Povo para cortar as nossas gargantas e para roubar as nossas rosas? Fá-lo-ás se significar que a tua filha sofrerá o mesmo? Vem, desafio-te.

— Liberta a Nicasia — diz Orlagh, com a derrota a arrastar-lhe a voz.

— Sou o Rei Altíssimo de Elfhame — recorda-lhe Cardan. — E não aprecio ouvir ordens. Atacaste a terra firme. Raptaste a senescal e libertaste o meu irmão, que estava preso pela morte do nosso pai, Eldred, com quem tinhas uma aliança. Outrora, respeitámos os nossos respetivos territórios. Permittede demasiado desrespeito e exageraste na manobra.

» Agora, rainha das Profundezas Marinhas, teremos uma trégua como a que tiveste com o Eldred, como a que tiveste com a Mab. Teremos uma trégua ou teremos uma guerra e, se combatermos, não te pouparei. Nada e ninguém que amas ficará a salvo.

Orlagh hesita e eu sustenho a respiração, não sabendo o que virá a seguir.

— Muito bem, Rei Altíssimo. Tenhamos uma aliança. Entrega-me a minha filha e partiremos.

Expiro. Foi sensato pressioná-la, mesmo que tenha sido aterrador. Afinal, quando soubesse de Madoc, poderia sentir-se em vantagem. O melhor seria levar este momento até ao seu ponto de maior tensão.

E funcionou. Olho para baixo para esconder o meu sorriso.

— Que Nicasia fique e seja o teu embaixador em vez do Balekin — diz Cardan. — Cresceu nestas ilhas e muitos que a amam estão aqui.

Aquilo tira-me o sorriso da cara. Na nova ilha, a casca de árvore afasta-se sobre a pele de Nicasia. Tento perceber o seu jogo, trazendo-a de volta para Elfhame. Será inevitável que traga sarilhos.

E, no entanto, talvez seja o tipo de sarilhos que deseja.

— Se o desejar, poderá ficar. Ficas satisfeito? — pergunta Orlagh.

Cardan inclina a cabeça.

— Fico. Não serei governado pelo mar, por mais grandiosa que seja a sua rainha. Como Rei Altíssimo, devo liderar. Mas também devo ser justo.

Faz uma pausa. A seguir, vira-se para mim.

— E, hoje, farei justiça. Jude Duarte, negas ter assassinado o príncipe Balekin, Embaixador das Profundezas Marinhas e irmão do Rei Altíssimo?

Não sei o que quer que diga. Ajudaria negar? Se assim fosse, sem dúvida que não me diria aquilo daquela forma — de uma forma que deixa claro que acredita que matei Balekin. Cardan sempre teve um plano. Tudo o que posso fazer é confiar que continuará a ter um plano.

— Não nego que tivemos um duelo e que venci — digo, com a minha voz a soar mais insegura do que me agradaria.

Todos os olhos do Povo se fixam em mim e, por um momento, enquanto olho para as suas expressões impiedosas, sinto com intensidade a ausência de Madoc. O sorriso de Orlagh está cheio de dentes afiados.

— Ouçam a minha decisão — diz Cardan, com a autoridade a ecoar-lhe na voz. — Exilo a Jude Duarte para o mundo mortal, se e até ser perdoada pela Coroa... que não ponha um pé em Faerie, ou será punida com a vida.

Abro a boca de espanto.

— Mas não podes fazer isso!

Olha-me durante um longo momento, mas o seu olhar é sereno, como se esperasse que aceitasse o exílio. Como se fosse apenas uma das suas súbditas com uma súplica. Como se não fosse nada.

— Claro que posso — responde.

— Mas sou a rainha de Faerie — grito e, por um momento, faz-se silêncio. A seguir, todos à minha volta começam a rir.

Sinto as bochechas quentes. Lágrimas de frustração e fúria fazem os meus olhos arder. Um instante mais tarde, Cardan ri-se com eles.

Nesse momento, cavaleiros fecham as mãos sobre os meus pulsos. *Sir Rannoch* puxa-me do cavalo. Por um momento insano, penso em enfrentá-lo como se não estivéssemos rodeados por duas dúzias de cavaleiros.

— Então, nega — grito. — Nega-me!

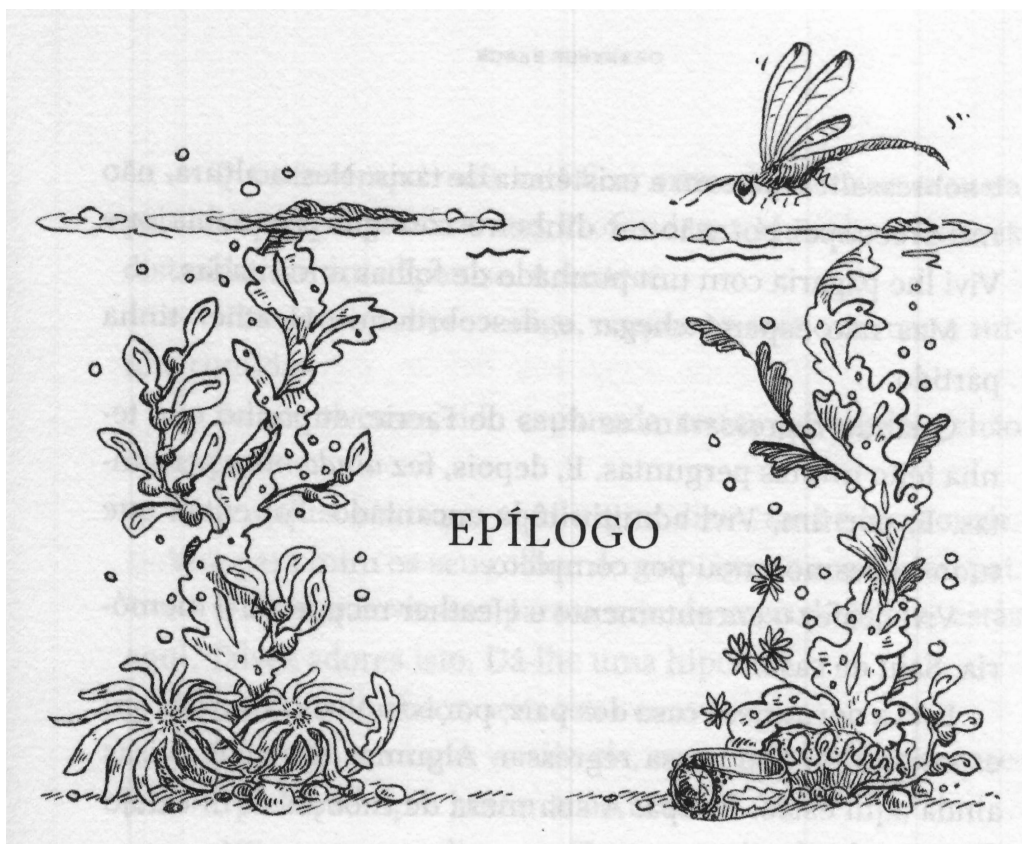
Não pode, claro. E não o faz. Os nossos olhares fixam-se e não há dúvida de que o sorriso estranho na cara dele me é destinado. Recordo como foi odiá-lo com todo o meu coração, mas recordei tarde demais.

— Venha comigo, senhora — diz *Sir Rannoch*, sem haver nada que possa fazer além de ir com ele.

Mesmo assim, não resisto a olhar para trás. Quando o faço, vejo Cardan a dar o primeiro passo na nova ilha. Assemelha-se ao seu pai enquanto rei, e ao monstro que o seu irmão se quis tornar. Cabelo negro como asas de corvo a adejar ao vento, capa escarlate a esvoaçar à sua volta e olhos a refletirem o vazio cinzento do céu.

— Se *Insweal* é a Ilha da Mágoa, *Insmire*, a Ilha do Poder e *Insmoor*, a Ilha de Pedra — diz, com a voz a ecoar sobre a terra recém-formada —, que esta seja *Insear*, a Ilha da Cinza.

Epílogo



Estou deitada no sofá à frente da televisão. Um prato de douradinhos feitos no micro-ondas arrefece à minha frente. No ecrã, um patinador no gelo amua num desenho animado. *Não é grande coisa como patinador, penso. Ou talvez seja um excelente patinador.* Estou sempre a esquecer-me de ler as legendas.

É difícil concentrar-me no que seja, nos últimos dias.

Vivi entra na sala e deixa-se cair no sofá.

— A Heather não me responde às mensagens — diz.

Apareci à porta de Vivi uma semana antes, exausta e com os olhos vermelhos de tanto chorar. O grupo de Rannoch transportou-me pelo céu num dos seus cavalos e largou-me numa rua aleatória de uma cidade aleatória. Caminhei e caminhei, até ficar com bolhas nos pés, e comecei a duvidar da

minha capacidade de me orientar pelas estrelas. Por fim, encontrei uma estação de serviço onde um táxi reabastecia, e sobressaltei-me com a existência de táxis. Nessa altura, não me preocupei por não ter dinheiro comigo, pois sabia que Vivi lhe pagaria com um punhado de folhas encantadas.

Mas não esperei chegar e descobrir que Heather tinha partido.

Quando regressaram as duas de Faerie, suponho que tenha feito muitas perguntas. E, depois, fez *ainda mais* perguntas. E, por fim, Vivi admitiu tê-la encantado. Foi então que tudo se desmoronou por completo.

Vivi desfez o encantamento e Heather recuperou a memória. Saiu de casa.

Está a dormir em casa dos pais, por isso Vivi continua com esperança de que possa regressar. Algumas das suas coisas ainda aqui estão. Roupa. A sua mesa de esboços. Um estojo de tintas de óleo por usar.

— Vai enviar-te uma mensagem quando estiver pronta — digo, mesmo sem ter a certeza se acredito. — Está só a tentar pôr as ideias em ordem. — É verdade que estou ressentida com o amor, mas os outros não precisam de estar.

Durante algum tempo, ficamos sentadas no sofá, a ver o patinador dos desenhos animados falhar saltos e perder-se num amor irresistível, e provavelmente não correspondido, pela sua treinadora.

Em breve, Oak regressará da escola e fingiremos que está tudo normal. Vou levá-lo para a parte arborizada do complexo de apartamentos para o instruir no manejo da espada. Não se importa, porque para ele é só brincadeira. Não tenho coragem para o obrigar a ver a esgrima pelos olhos do medo.

Vivi tira um douradinho do meu prato e mergulha-o no *ketchup*.

— Quanto tempo mais vais ficar amuada? Estavas exausta pelo tempo que passaste nas Profundezas Marinhas. Estavas

distraída. Ele antecipou-se. Acontece.

— Não quero saber — digo, enquanto a vejo comer a minha comida.

— Se não tivesses sido capturada, terias esfregado o chão com ele.

Nem sequer sei o que aquilo quer dizer, mas é bom ouvir. Vira para mim os seus olhos de gato, iguais aos do seu pai.

— Queria que viesses para o mundo mortal. Agora, estás aqui. Talvez adores isto. Dá-lhe uma hipótese.

Aceno com a cabeça, sem estar convencida.

— E, se não adorares — diz ela, erguendo uma sobrancelha —, podes sempre juntar-te ao Madoc.

— Não posso — digo. — Tentou muitas vezes recrutar-me, mas rejeitei-o sempre. Esse navio zarpou.

Encolhe os ombros.

— Ele não... Está bem. É *verdade* que se importaria. Ia obrigar-te a rastejar muito e iria tocar no assunto de maneira embaraçosa em conselhos de guerra durante as próximas décadas. Mas aceitar-te-ia.

Olho-a com severidade.

— E depois? Unimo-nos para sentar o Oak no trono? Depois de tudo o que fizemos para o manter em segurança?

— Unam-se para magoar o Cardan — diz Vivi, com uma luz feroz no olhar. Nunca foi especialmente misericordiosa.

Neste momento, isso agrada-me.

— Como? — pergunto, mas a parte estratégica do meu cérebro volta a funcionar aos poucos. O Grimsen continua a fazer parte da equação. Se podia fabricar uma coroa para Balekin, que poderia fazer por mim?

— Não sei, mas não te preocupes com isso para já — diz Vivi, levantando-se. — A vingança é doce, mas o gelado é mais. — Vai ao congelador e tira uma caixa de gelado de menta com

pedaços de chocolate. Trá-la para o sofá com duas colheres. — Por agora, aceita este deleite, mesmo que seja indigno da rainha de Faerie exilada.

Sei que não quer troçar de mim, mas ouvir o título magoa, mesmo assim. Pego na colher.

Terás de ter força suficiente para golpear e golpear e tomar a golpear, sem te cansares. A primeira lição será tornares-te assim tão forte.

Comemos iluminadas pela luz inconstante do ecrã. Sobre a mesa de apoio, o telemóvel de Vivi está em silêncio. A minha cabeça ferve num turbilhão.

Agradecimentos



Terminar o segundo livro desta série teria sido muito mais difícil sem o apoio, incentivo e crítica de Sarah Rees Brennan, Leigh Bardugo, Steve Berman, Cassandra Clare, Maureen Johnson, Kelly Link e Robin Wasserman. Obrigada, meu bando dissoluto.

Obrigada aos meus leitores que vieram ver-me em digressão, aos que me contactaram para me dizerem como gostaram de *O Príncipe Cruel* e aos que enviaram desenhos das personagens.

Um enorme agradecimento à Little, Brown Books for Young Readers, que apoiou a minha estranha visão. Um agradecimento especial à minha espantosa editora, Alvina Ling, e a Kheryn Callender, Siena Koncsol, Victoria Stapleton, Jennifer McClelland-Smith, Emilie Polster, Allegra Green e Elena Yip,

entre outros. E, no Reino Unido, agradeço à Hot Key Books, particularmente a Jane Harris, Emma Matthewson e Tina Mories.

Obrigada a Joanna Volpe, Hilary Pecheone, Pouya Shahbazian e a todos na New Leaf Literary por tornarem fáceis as coisas difíceis.

Obrigada a Kathleen Jennings, por todas as suas ilustrações maravilhosas e evocatórias.

Obrigada, acima de tudo, ao meu marido, Theo, por me ajudar a perceber as histórias que quero contar, e ao nosso filho, Sebastian, por ser, ao mesmo tempo, uma distração e uma inspiração.